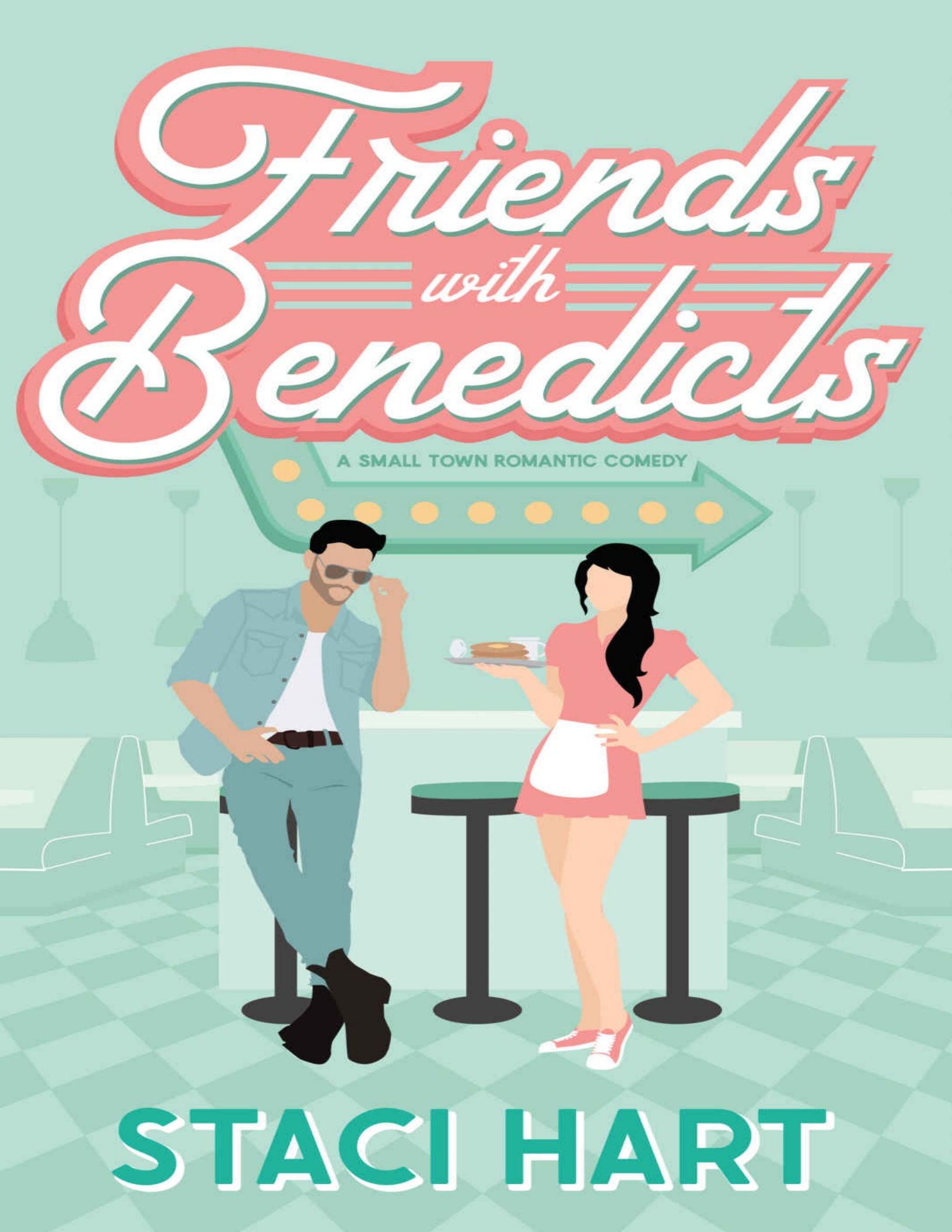
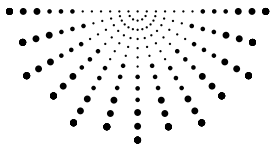
Friends with Benedicts

A SMALL TOWN ROMANTIC COMEDY



STACI HART

FRIENDS WITH BENEDICTS



STACI HART



TEA & HONEY BOOKS

AVISO

Nosso grupo traduz voluntariamente livros sem previsão de lançamento no Brasil com o intuito de levar reconhecimento à obra para que futuramente seja publicado. O *Tea & Honey Books* não aceita doações de nenhum tipo e proíbe que suas traduções sejam vendidas. Também deixamos claro que, caso o livro seja comprado por editora no Brasil, retiraremos de todos os nossos canais e proibiremos a circulação através de gds e grupos, descumprindo, bloquearemos o responsável. Nosso intuito é que os livros sejam reconhecidos no Brasil e fazer com que leitores que nunca comprariam a obra em inglês passem a conhecer. Nunca diga que leu o livro em português, alguns autores (e eles estão certos) não entendem o motivo de fazermos isso e o grupo pode ser prejudicado. Não distribua os livros em grupos abertos ou blogs. Além disso, nós do grupo sempre procuramos adquirir as obras dos autores que traduzimos e também reforçamos a importância de apoiá-los, se você tem condições, por favor adquira a obra também. **Todos os créditos à autora e editora.**

Para aqueles de vocês
agarrados aos seus sonhos.
Não os deixe ir.

PLAYLIST

Disponibilizada pela autora
Disponibilizada pelo Tea & Honey Books

Todas as músicas aqui são do Elvis Presley
1. All Shook Up
2. Stuck On You
3. Let It Be Me
4. By and By
5. The Eyes of Texas
6. Little Darlin'
7. It's Now or Never
8. It's Only Love
9. Little Girl
10. Kiss Me Quick
11. Separate Ways
12. Catchin' On Fast
13. Steamroller Blues
14. Fools Rush In
15. C'mon Everybody
16. Blowin' In The Wind
17. Promised Land
18. Blue River
19. Dirty, Dirty Feeling
20. Almost Always True
21. Baby, What You Want Me To Do
22. Easy Come, Easy Go
23. Always On My Mind
24. Don't Be Cruel
25. Hard Knocks
26. Moody Blue
27. Return To Sender
28. For The Heart
29. A Little Less Conversation
30. Can't Help Falling In Love
Música Bônus do Epílogo: Pocket Full Of Rainbows

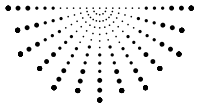
CONTEÚDO

1. All Shook Up
2. Stuck On You
3. Let It Be Me
4. By and By
5. The Eyes of Texas
6. Little Darlin'
7. It's Now or Never
8. It's Only Love
9. Little Girl
10. Kiss Me Quick
11. Separate Ways
12. Catchin’ On Fast
13. Steamroller Blues
14. Fools Rush In
15. C'mon Everybody
16. Blowin' In The Wind
17. Promised Land
18. Blue River
19. Dirty, Dirty Feeling
20. Almost Always True
21. Baby, What You Want Me To Do
22. Easy Come, Easy Go
23. Always On My Mind
24. Don't Be Cruel
25. Hard Knocks
26. Moody Blue
27. Return To Sender
28. For The Heart
29. A Little Less Conversation
30. Can't Help Falling In Love

Epílogo [Bônus]
Sobre a autora

1

ALL SHOOK UP



PRESLEY

A quantidade de café que os texanos tomavam em um clima de 38 graus me surpreendia.

Dei minha décima primeira volta no restaurante, com o bule de café fumegante na mão, sorrindo como se dissesse “Me dê uma gorjeta”, rezando para os deuses da gordura para que o bule reserva, que eu tinha acabado de colocar para preparar, estivesse pronto quando eu voltasse para atrás do balcão. Este já estava quase acabando.

Não era natural, sério. Como alguém poderia beber qualquer coisa além de água, cerveja ou chá doce neste calor estava além de mim, mas lá estavam todos eles, sentados, bebendo sua droga de escolha mais rápido do que a ciência deveria ter permitido.

Ding.

— Pedido pronto!

— Na hora certa — eu disse para o meu bule vazio, enquanto corria para a janela onde os pratos do café da manhã esperavam para serem levados para suas mesas de sempre.

Segundos depois, os pratos estavam empilhados em um braço e eu me virava de volta para a distribuição.

Era o meu terceiro dia de trabalho na Biscoitos da Bettie, na movimentada metrópole de Lindenbach, Texas, com mil cento e dois habitantes. Mil cento e cinco desde a semana passada, quando minha mãe, minha filha, nosso cachorro e eu chegamos à cidade depois de três difíceis dias dirigindo. No calor. Sem ar condicionado.

Foi um verdadeiro prazer, deixe-me contar. Minha filha de apenas quatro

anos, Priscilla, já era pegajosa em um dia normal, mas depois de oito horas sem ar condicionado e nada além de lanches de posto de gasolina para comer? Esqueça isso. A criança tinha comido tantos pirulitos que conseguiria grudar na parede como uma daquelas aranhas gelatinosas. Não que eu fosse colar minha filha na parede. Quero dizer, não na maioria dos dias, de qualquer maneira.

Enquanto eu distribuía panquecas e ovos, ouvi o sotaque de Hill Country na voz de todos, achando-o encantador e familiar. Eu passei os verões aqui quando criança, com meus primos, correndo pela fazenda de abelhas de mil acres da cidade, mas eu não voltava há quase cinco anos.

Não sei quando teria visitado novamente se não tivéssemos perdido nossa casa no norte da Califórnia. Eu certamente nunca pensei que viveria no Texas sob nenhuma circunstância. Mas aqui estávamos nós, agradecidamente aceitando a esmola do lado Blum da família, até nos reerguermos.

Perguntei-me se a prima da minha mãe, Dottie, sabia que nunca estivemos de pé com isso e decidi não ser a pessoa a contar a ela.

Eram nove da manhã, mas imaginei que já estivessem 50 graus lá fora. Talvez um exagero, mas, para uma garota da Califórnia, acostumada com a brisa costeira, essa paisagem infernal sem litoral era uma abominação da natureza.

E mesmo assim, o café fluía como vinho.

— Posso conseguir algo mais para vocês? — Eu perguntei, esperando que eles dissessem não.

— Mais café, por gentileza — disse um homem com o rosto enrugado e chapéu de caubói, com um sorriso que me fez pensar em avós e no cheiro doce de tabaco e sorvete nas noites de verão.

— Absolutamente — eu respondi.

Era a minha resposta de garçonete para qualquer pergunta. Cada funcionário tinha uma. Algumas pessoas dizem "*pode apostar*", ou "*com certeza*", ou "*volto já com isso*", mas eu achei que "*absolutamente*" realmente soava como se fosse uma prioridade. Ninguém diria "*absolutamente*" e depois não faria o que prometeu.

Quero dizer, exceto garçons, mas só quando eles estavam *realmente* ocupados. Ou quando seus clientes eram idiotas. Os idiotas tomavam café por último.

O homem de Marlboro conseguiria o seu imediatamente.

Eu corri ao redor da sala pegando pratos no meu caminho para os fundos, cantarolando "All Shook Up". A Biscoitos da Bettie era um clássico dos anos 50, em rosa pastel e aquele tom mentolado de azul esverdeado da Tiffany que os pervertidos da Crayola chamavam de "Verde Espuma do Mar".

Aggie, a outra garçonete que eu decidi que seria minha esposa do trabalho,

estava na frente da janela da cozinha com o lábio apertado, no estilo clássico de Elvis, os quadris balançando para frente e para trás. Ela não desistiu até que os caras atrás estavam rindo, e então voltou ao trabalho, pegando o bule de café fresco.

— Ei — eu chamei, por cima do ombro, enquanto me dirigia para a parte de trás — Você atingiria a mesa doze com isso?

— Eu não vou bater no Sr. Hersch com a cafeteira, Presley Hale. Você deveria ter vergonha.

— Obrigado — eu disse em uma risada.

Despejei minha carga na estação de pratos, tomando cuidado para não sujar meu lindo uniforme rosa ou o branco imaculado do meu avental. As chances de eu conseguir almoçar sem xarope e ketchup em cima de mim eram quase nulas e eu só tinha dois uniformes. A garota não era fã da lavanderia e muito menos de passar roupa.

Eu imaginei momentaneamente quantos anos a Priscilla precisava ter para aprender a passar roupa. Provavelmente quando estivesse no jardim de infância, pelo menos.

Irritante.

Quando as minhas mãos estavam lavadas, eu voltei ao serviço, checando as máquinas de café, certificando-me que algo estava sendo preparado em todas elas. Meu braço estava afundado até o cotovelo em uma manga de filtros quando ouvi uma voz que deslizou sobre mim como seda.

— Bem, olhe para isso. Os rumores são verdadeiros.

Um relâmpago me atingiu no local, choque, percebi distantemente. A sensação foi seguida pela fritura dos meus ovários como dois ovos desavisados.

Sebastian Vargas sempre teve esse efeito em mim e em meus ovários.

Eu me virei, sorrindo através da minha surpresa. E lá estava ele, alto, moreno e sorrindo para mim daquele jeito que fazia todas as garotas jogarem suas calcinhas nele.

As memórias eram engraçadas, o que eu lembrava vividamente e com certa clareza era uma versão triste e diluída da coisa real. Eu não me lembrava dele ser tão alto, embora eu chegasse até seus ombros desde que tínhamos dezessete anos. E eu não me lembrava do quão forte era o corte de sua mandíbula, ainda mais nítido por sua nuca limpa. Ou a linha masculina de seu nariz elegante, a abundância de seus cabelos pretos, tão espessos que não dava para ver seu couro cabeludo, mesmo com as mechas de ébano cortadas com sulcos de seus dedos. Não me lembrava do âmbar dourado de sua pele, a cor tão rica que parecia engolir a luz do sol com sede.

Essa não era a única coisa sedenta em sua aparência no geral.

Ele era construído como um corredor, longo e magro, com ombros fortes e músculos ondulantes. Notei cada curva, desde seu peitoral até a sua camisa, que estava muito frouxa para contar os músculos abdominais, que eu sabia que estavam ali, perseguindo um ao outro em pares, em direção aos seus quadris estreitos.

Caí no negro de seus olhos, um tom de marrom tão profundo que você só podia ver suas pupilas em uma certa inclinação de luz. Aqueles olhos que eu lembrava, delineados por cílios negros invejáveis. Aquele sorriso nos lábios largos e cheios, eu conhecia. O flash de dentes brilhantes quando ele ria tinha sido apenas para mim por alguns verões perfeitos, apesar de sempre terminarmos quando eu voltava para casa na Califórnia.

Nenhum de nós era burro o suficiente para pensar que poderíamos continuar a longa distância, éramos inteligentes o suficiente, mesmo quando adolescentes, para saber melhor.

— Seb — eu disse, com um sorriso que eu esperava que não fosse muito óbvio para o fato de que eu gostaria de escalar o balcão e pular em cima dele, como se boas maneiras e regras sociais não fossem uma coisa.

— Venha aqui — ele disse, com um sorriso de estrela de cinema, se é que eu já vi um. Ele caminhou para a cozinha e eu parei, indecisa por uma fração de segundos.

E então eu quase corri para ele, rindo como a adolescente que eu era quando me apaixonei por ele um milhão de anos atrás.

Ele me pegou com uma risada que retumbou por todo o meu corpo. E por um segundo, ele apenas me segurou lá.

Eu o respirei, ele tinha o mesmo cheiro, um tempero terroso que eu lembrava acima de tudo. Um sopro provocou uma reação biológica que fez minhas mãos apertarem a parte de trás de sua camisa, onde eu me pendurei nele.

Eu relaxei meu aperto e ele aproveitou a deixa para me colocar no chão. Mas ele não se afastou, em vez disso, colocou as mãos nos meus quadris para que pudesse olhar para o meu rosto.

Sempre foi assim conosco. Fácil.

— Porra, Pres. Quanto tempo faz, cinco anos?

Eu ri para não ter que responder a pergunta diretamente. Porque foi algo em torno de quatro anos e nove meses, se estivéssemos contando.

— O que você está fazendo aqui? — Eu perguntei estupidamente.

— Eu estava procurando por donuts sem buracos. É desumano o que vocês fazem com eles, desfigurando-os assim.

— Tentei fazer uma petição a Bettie sobre isso, mas ela riu, deu uma tragada no cigarro e me disse para me foder.

— Selvagem.

Por um momento, ficamos em silêncio, apenas parados olhando um para o outro com sorrisos estúpidos em nossos rostos.

Ao mesmo tempo que perguntei:

— O que você tem feito? — Ele perguntou: — Onde você esteve? E uma cliente disse: — Com licença!

Sebastian sorriu para mim. Eu sorri para ele.

— Posso ver você hoje à noite? — ele perguntou.

— Só se você me trouxer donuts sem buracos.

— Pedido pronto! — Frankie chamou da janela da cozinha. Eu o ignorei.

— Quero dizer, por que eu deveria pagar separadamente pelo donut e pelo buraco? — ele perguntou — É uma besteira, francamente.

Enquanto eu ria, ele pegou um guardanapo e roubou uma caneta do meu avental.

— Com licença! — a senhora disse novamente com muito menos paciência e um olhar grosseiro em seu rosto.

— Já irei aí — eu assegurei a ela.

Aggie balançou as sobrancelhas, por trás da senhora, antes de entrar para ajudá-la em meu lugar.

Sebastian me entregou o guardanapo com seu número nele, os números quadrados e suas letras escritas em maiúsculas iguais e oblíquas.

— Meu novo número. Me mande mensagem mais tarde.

— Agora você me fez querer donuts, então ou traga alguns ou nenhum acordo — apontei para ele e abaixei o queixo.

Deus, seu sorriso poderia ter energizado metade da cidade.

— Você vai me fazer dirigir até Austin, não vai?

Dei de ombros.

— Faça o que você tem que fazer, Vargas. — Quando ele deu um passo para trás, eu chamei: — Espere!

— Sim?

— Você precisava pedir alguma coisa? — Peguei meu bloco de notas.

— Não.

— Então por que você entrou?

— Para te ver.

— *Pedido pronto!* — Frankie tocou a campainha umas nove vezes.

Olhei para ele e mostrei minha língua quando o peguei me vigiando — Eu provavelmente não deveria ser demitida no meu terceiro dia.

— Não por minha conta, pelo menos. Continue. Vejo você mais tarde.

— Tudo bem — eu respondi com as bochechas quentes e um sorriso

verdadeiramente ultrajante no meu rosto. Por um segundo, eu o observei se afastar.

E então Frankie enlouqueceu novamente.

Eu levantei minhas mãos em rendição.

— Tudo bem, tudo bem, estraga prazeres. Deus proíba alguém de ter uma conversa por aqui, Frankie. Vou me lembrar disso da próxima vez que ouvir você falando com os molhos de salada quando achar que ninguém está ouvindo.

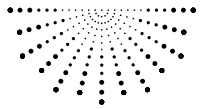
Ele revirou os olhos, mas estava sorrindo um pouco. Eu considerei uma vitória.

Enquanto eu empilhava os pratos no meu braço novamente, e minha dopamina era metabolizada, o pavor tomou o lugar da minha excitação vertiginosa. Porque eu tinha um segredo, um que eu estava tentando contar a ele por quatro anos e aproximadamente nove meses desde que o vi pela última vez.

E o nome desse segredo era Priscilla Marie.

2

STUCK ON YOU



SEBASTIAN

Eu me lembrei da primeira vez que vi Presley Hale.

Foi há doze anos e era cerca de mil graus celsius, um dia muito parecido com hoje, pensei enquanto saía da Bettie com um sorriso no rosto. Naquele dia, uma parte do grupo tinha descido até a curva do rio onde estava o melhor balanço de corda, apenas para descobrir que metade dos alunos do ensino médio da cidade tiveram a mesma ideia.

Eu imediatamente avistei as irmãs Blum sentadas do outro lado do rio, tomando sol em uma rocha. Elas eram impossíveis de não perceber. Uma delas poderia mudar a gravidade de uma sala, mas as três juntas poderiam perturbar o equilíbrio do sistema solar. Cabelos escuros, olhos azuis elétricos, lábios exuberantes e completamente inatingíveis. Eu já vi caras suficientes tentarem para saber melhor do que colocar qualquer fé nesse esforço em particular.

O que eu não sabia era quem era a quarta garota. Levando seu cabelo e olhos em conta, ela poderia ter sido outra irmã Blum, mas eu nunca tinha visto ela antes.

Se as irmãs Blum poderiam perturbar o equilíbrio do sistema solar, Presley poderia ter engolido o universo com a voracidade de um buraco negro. Eu não sei se a ouvi rir ou se imaginei, mas a visão de seu rosto inclinado para o sol fez algo em minhas entranhas. Eu não tinha percebido que eu parei até Wyatt Schumacher bater em mim e quase mandar nós dois para baixo pela trilha.

Ela olhou para nós enquanto as irmãs Blum conversavam ao seu redor e eu acho que soube no segundo em que nossos olhos se encontraram que eu ia me apaixonar por ela.

Foi então que decidi que ia descobrir exatamente quem era ela antes de

proclamar minha reclamação.

Nós tínhamos quinze anos. Aquele primeiro verão foi todo de beijos roubados e segunda base. Mas quando ela apareceu no próximo verão, nos conectamos no segundo em que ficamos sozinhos. Eu imaginei que ela estivesse pensando em mim o ano todo, como eu tinha pensando nela. E todo verão por três anos foi feito para eu e Presley Hale.

Era doentio que ela morasse tão longe. Longa distância nunca iria funcionar e nós dois sabíamos disso. E depois que me formei no ensino médio, parti para a faculdade em Austin e deixei Presley no meu passado, o destaque dos meus anos do ensino médio, a primeira garota que eu amei. Meu “e se”.

Passamos mais um verão juntos, o verão antes de eu partir para o Corpo da Paz e a última vez que a vi. Depois disso, perdemos o contato – eu estava virtualmente inacessível na minha estação na Zâmbia, onde trabalhei ajudando a fazer um aglomerado de aldeias sustentáveis, e, apenas algumas semanas depois que eu cheguei em casa, nós soubemos que o câncer da mamãe havia voltado. Então fomos para nossa casa em Houston, onde ela poderia obter os melhores cuidados possíveis, primeiro por meio de quimioterapia, em seguida, uma mastectomia dupla, e então, a luta para evitar a propagação em seus pulmões. Estávamos de volta a Lindenbach há apenas um mês, tempo suficiente para ter certeza que mamãe e Abuela estavam felizes, saudáveis e estabelecidas antes de sair para outra viagem ao Corpo da Paz à Zâmbia no final do verão.

Um verão que seria abençoado com Presley.

Nunca existiu um homem mais sortudo.

Atravessei a rua principal até o Abuelita's, nosso restaurante familiar, em busca de comida. O sino sobre a porta soou, embora ninguém pudesse ter ouvido sobre “Hermoso Cariño”. Ou sobre Abuela cantando por trás da bancada da hostess.

Ela também não parou quando me viu. Em vez disso, ela realmente colocou seu peso por trás disso, o que era leve, considerando que ela pesava sólidos quarenta quilos com o casaco e alguns rolos de moedas nos bolsos. Quando ela levantou a mão, a palma primeiro, eu a enchi com minha mandíbula pelo seu pedido não dito, e ela fez uma serenata para mim, apenas parando para beijar minha bochecha.

— Com fome, *mi hijo*? — ela perguntou.

— Um cara não pode simplesmente vir dizer olá para sua abuela?

— Sí, mas você está aqui para sopapillas.

— Sopapillas e um beijo.

— Bem, você tem seus *besos*, então vá pegar sua comida. Diga a Manny que eu disse para fazer seus rellenos de abacate.

Uma das minhas sobrancelhas se ergueu.

— Fora do menu às nove da manhã? Você quer que eu apanhe?

— Ele não vai bater em você — disse ela com o aceno de sua mão nodosa. — Ele tem muito medo de mim.

Eu ri.

— Ele tem medo de *la chancla*[1].

— E quem joga *la chancla*? — ela perguntou. A sandália dela já estava na mão, o movimento tão fluido, eu nem a vi fazer.

— Justo — eu disse com as mãos para cima em rendição.

Quando eu passei, ela me deu um tapa na bunda com a sandália como um lembrete de seu poder.

— Wyatt está na cabine perto da cozinha tentando fazer com que Manny note ele, se quiser companhia.

— Você não vem sentar comigo?

— Estou ocupada trabalhando.

— Ocupada trabalhando no sudoku.

Ela bateu a sandália na palma da mão e me deu um olhar.

— Eu estou indo, estou indo — eu disse, com as mãos para cima novamente enquanto me virava para a sala de jantar.

O restaurante estava lotado, mesmo tão cedo. Abuela's tinha um café da manhã para rivalizar com a Bettie do outro lado da rua, uma competição amistosa entre velhas amigas. Na parte de trás, onde ela disse que ele estaria, Wyatt estava muito ocupado olhando para a cozinha para me perceber chegando.

— Você vai torcer o pescoço tentando dar uma boa olhada.

Assustado, ele se endireitou, encontrando meus olhos com um sorriso fácil. — Se Manny comprasse camisas que servissem, eu não olharia tanto.

Entrei na cabine em frente a ele e pendurei meu braço nas costas.

— Você vai convidá-lo para sair ou está apenas planejando ansiar indefinidamente em sua cabine?

— Farei o que bem entender, Bastian. — Ele apontou o garfo para mim antes de voltar para seus *huevos rancheros*.

Wyatt Schumacher tinha dois metros de altura, um peão de fazenda bem constituído, completo com um chapéu Stetson queimado, um jeans Wranglers mais apertados do que eu imaginava ser confortável e um armário cheio de botas de cowboy. Ele poderia amarrar um novilho em alguns segundos do lombo de um cavalo, ganhou troféus de rodeio suficientes para atravessar uma parede e era tão gay quanto o dia era longo.

— Presley está de volta — eu disse com aquele maldito sorriso que pertencia apenas a ela no meu rosto.

— Eu sei — disse ele com a boca cheia — Você esquece que fui eu quem te contou que ela estava aqui.

— Eu vou vê-la hoje à noite.

Ele mastigou por um segundo, me observando.

— Marnie não vai gostar disso.

Com isso, meu sorriso se foi.

— Bem, Marnie não tem uma palavra a dizer ou ela tem?

— Quero dizer, alguém quer que suas ex-esposas tenham uma opinião? Com toda certeza elas dão a sua opinião, quer você goste ou não.

— Ela me deixou. Não o contrário. Eu realmente não vejo como isso dá a ela seu poder de opinião.

— Ela deixou você porque você não queria ter filhos, não porque ela não te amava.

A culpa retumbou através de mim.

— Ela sabia que eu não queria filhos desde que estávamos no primeiro ano do ensino médio, então não tenho certeza de como isso é minha culpa.

Com um suspiro, ele revirou os olhos.

— Porra, os homens são densos.

— De qualquer forma, quem está contando para Marnie?

Isso me rendeu um olhar

— Engraçado. Se você não acha que toda a cidade saberá no minuto em que ver Presley Hale, você é mais burro que a maioria.

— Foda-se, então. Mais uma razão para eu fazer o que eu quero. Dar a eles algo para falar e tudo mais.

— Seu divórcio ainda não é definitivo…

— Droga, Wyatt… de que lado você está?

— Bem, o seu, obviamente. Marnie é uma idiota.

— Então aqui é onde você diz: *Muito maneiro você conseguir ver Presley já que está com saudades dela há mil anos*.

— Carente.

Peguei um salgadinho da cesta entre nós e enfiei na gema de um de seus ovos fritos, sorrindo enquanto a gosma amarela sangrava no prato.

— Sério? — ele perguntou categoricamente.

Dei de ombros.

— Tudo bem, eu vou morder. O que vocês dois vão fazer esta noite? Além do que você sempre faz.

Uma risada saiu de mim.

— Eu nem me importo com o que faremos. Eu só quero conversar com ela.

Ele me nivelou com um olhar.

— Não me entenda mal, eu só... — Suspirei. — Cinco anos. Tanta coisa aconteceu que eu quero contar a ela. Eu não sei quando vai ter tempo para beijar.

— Ah, acho que você vai encontrar tempo — ele empurrou a gema para um canto e cobriu com arroz — De qualquer forma, você não teria que recuperar o tempo perdido se entrasse nas redes sociais como o resto do mundo.

— Depois de tudo o que aconteceu no Corpo da Paz, parecia inútil, vazio. Eu terminei com as redes sociais quando saí e, quando voltei, não me importei em retornar para elas. Eu estava muito ocupado com mamãe, de qualquer maneira. Quando todos os dias são gastos lidando com a vida e a morte, esse é o único espaço que você tem. Para qualquer coisa.

— Você encontrou tempo para Marnie — ele observou.

Eu suspirei novamente. Marnie e eu namoramos de vez em quando no ensino médio – mais não do que sim, e mais brigando do que amando – e quando eu voltei da Zâmbia, ela estava aqui, trabalhando como enfermeira na oncologia em San Antonio. E isso foi provavelmente a cola que nos mantinha juntos – ela entendia. Ela era familiar para mim, para minha família. Segura. Confortável. Quando minha mãe ficou doente, Marnie estava aqui, não só cuidando da mamãe, mas cuidando de mim. Quando nos mudamos para Houston, ela veio conosco, Abuela também. Pela primeira vez, as coisas comigo e com ela estavam bem, firmes, provavelmente porque nós dois estávamos focados na mamãe e não um no outro. A próxima coisa que eu sabia, estávamos no tribunal nos casando.

Eu não sei por que nós sempre voltávamos a ficar juntos. Sempre houve uma faísca entre nós, mas não era calorosa, não era convidativa. Era devoradora. Isso nos consumia até que não restasse nada além de cinzas e desapontamentos. Mas ainda assim, eu a amava. Mais do que nunca, no início de nosso casamento.

Mas ela acabou apostando no cavalo errado.

Marnie sabia que eu não queria filhos – todo mundo sabia. Abuela teve câncer de ovário e acabou precisando de uma histerectomia quando mamãe era pequena. A primeira luta da mamãe contra o câncer de mama quando eu tinha dezessete anos foi difícil o suficiente... a segunda vez quase a matou. Eu passei muito tempo segurando a mão dela, vendo-a murchar, sem saber se ela viveria para ver outro Natal, outro aniversário, outro nascer do sol.

E eu carregava o gene que tinha cinquenta por cento de chance de passar esse destino para uma criança.

Eu não aguentaria isso. Não depois de ver o que mamãe passou e certamente não depois de quase perdê-la novamente alguns anos atrás.

— Marnie foi boa para nós quando mais precisávamos dela — eu finalmente disse. — ela cuidou da mamãe, deu banho nela, mudou suas fraldas, consolou

ela. Consolou-me — eu engoli em seco —, mas não fomos feitos um para o outro e, no fundo, nós dois sabíamos disso. Ela queria ser destinada a mim, mas eu... eu não podia amar ela como ela precisava e eu não podia dar a ela o que ela queria. Eu não percebi que estava me aproveitando e nunca serei capaz de fazer as pazes com ela, não depois de tudo que a fiz passar.

— Ela ainda é uma idiota — ele disse, rindo quando joguei uma tortilha em seu rosto — Quero dizer. Deus, ela era insuportável na escola. Má pra caralho, manipuladora como o diabo e bonita o suficiente para ver a quilômetros de distância que ela era problema. Não consigo imaginar que seu jeito seja nada menos como a Enfermeira Ratched[2].

— Você ficaria surpreso.

Ele me olhou.

— Vamos lá, todos nós crescemos, incluindo Marnie. Nós éramos todos idiotas no ensino médio.

— Claro, mas ela era uma enorme idiota.

— Gostaria de pensar que as pessoas não me julgam pelas merdas que fiz quando tinha dezesseis.

— Você espera que Presley seja a mesma.

— Isso é diferente.

— Você tem certeza disso? Se sua lógica se mantiver, Presley não é nada como ela era naquela época.

— Você esquece que eu a conheci quando adulta.

— Conhecia no sentido bíblico, talvez.

Eu fui pegar outra tortilha para jogar nele, mas ele deu um tapa na tampa do aquecedor e deixou sua mão em cima.

— Ela está diferente, com certeza — eu disse — Nós crescemos. Mas ela também é a mesma. Eu não sei… não posso explicar. Mas vê-la foi como voltar atrás no tempo. O sentimento era tão forte.

— Que sentimento?

— Como se eu fosse jovem de novo. Antes que eu descobrisse que o mundo iria me mastigar e me engolir. Eu era um adolescente novamente, me apaixonando por uma garota que eu não poderia ter.

— As coisas não mudaram muito, eu vejo.

— Tenho certeza que posso ter Presley.

Ele encolheu os ombros em seu prato. — Não para sempre. Você está indo embora. De novo.

Meu estômago afundou.

— Parece que não conseguimos mudar essa parte. Mas para nossa sorte, somos muito bons em uma aventura de verão, desde que ela esteja interessada.

Quando isso vem até nós, você aprende rápido que você tem que pegar o que conseguir e deixar o resto.

— Parece ser o seu lema de vida.

— O que isso deveria significar?

— Ah, nada. Só que você é um corredor.

Meu rosto achatou.

— Eu larguei tudo para ficar com a mamãe. Eu cuido da minha própria merda, Wyatt.

— Claro. E então você foge. Não fique tão na defensiva, esta cidade sempre foi muito pequena para você. Te dá coceira. Eu só não sei o que você está procurando, isso é tudo.

Em vez de discutir, ele não estava errado, eu disse:

— Nem eu. Mas vou deixar você saber quando eu encontrar.

Aparentemente satisfeito, ele mudou de assunto.

— Encontrei Poppy Blum no KwickyMart e ela disse que eles estão tentando fazer alguma coisa para Presley. Algum tipo de festa surpresa.

— Quando?

— Quem sabe? Ela falou tão rápido, acho que peguei cerca de um terço do que ela disse.

Uma ideia me ocorreu com meu sorriso.

— Mande uma mensagem para ela e diga que é hoje à noite. Dê a ela o meu número, eu vou organizar tudo.

— Você vai adicionar o contato dela ao seu celular flip? — Babaca sarcástico.

— Para que diabos eu preciso de um telefone que faça qualquer coisa além de ligar para as pessoas?

— As pessoas não usam mais seus telefones para ligar umas para as outras. Novidade: não é 1998.

— Tem certeza? Eu estava pensando em comprar um bipe.

Ele bufou.

— Você iria.

— Não quero estar online mais do que já estou.

— Você não está online.

— Exatamente.

Ele me inspecionou.

— Então você realmente não quer que seja apenas vocês dois esta noite? Tirar toda essa angústia do seu sistema?

— Ah, eu quero. Mas temos todo o verão para isso e, esta noite, eu quero surpreendê-la. De qualquer forma, quem pode dizer que não haverá tempo

depois?

— Para conversar? — ele disse com desafio em seu rosto.

— Ei, enquanto estivermos usando nossos lábios para alguma coisa, estou feliz. — eu deslizei para fora da cabine com meu cérebro zumbindo, mastigando um plano.

— Você não vai comer? — ele perguntou com as sobrancelhas arqueadas.

— Sabe, de repente eu tenho muita coisa para fazer. Mas eu vou levar isso para a viagem.

Abri a tampa do aquecedor antes que ele pudesse me parar, pegando uma tortilha para mim e usando a outra mão para amassar o café da manhã do Wyatt e, com a impressão da minha palma, seu café da manhã ficou achatado.

— Seu filho da…

— Vejo você hoje à noite — eu gritei por cima do meu ombro. — Vou garantir que Manny vá com uma camiseta minúscula.

Wyatt me ignorou e eu ri, beijando Abuela na bochecha enquanto ela cantou "Volver, Volver", acenando para mim até que eu estava fora da porta da frente do restaurante e pensando em tudo o que eu poderia fazer para que Presley Hale sorrisse.

Começando com donuts.

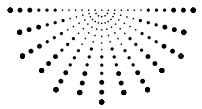
---

1. Sandália ou chinelo.

2. Principal antagonista do livro de Ken Kesey, no filme de Miloš Forman, Um Estranho no Ninho e mais recentemente na série de Ryan Murphy, Ratched.

3

LET IT BE ME



PRESLEY

Com muito cuidado, sombreei o rosto de Úrsula, a bruxa do mar, desejando poder usar essa cor roxa para minha base.

Priscilla sentou-se ao meu lado na grande ilha da cozinha com balcões de madeira, rabiscando a Ariel com um olho em minhas primas.

As Blums estavam como em uma linha de produção, da mais velha à mais nova. Dottie no balde de cinco galões de mel com uma torneira na base. Daisy Mae estava encarregada do dessorador de queijo e das tampas dos potes de conserva. Poppy Lee com os rótulos e Iris Jo – Jo, se preferir – com a parte de escrever os números do lote nos rótulos e empilhar os potes em um caixote de madeira.

Todas as quatro estavam cantando “Why Can't This Be Love” do Van Halen a plenos pulmões. Mamãe, que estava sentada do outro lado de Priscilla, havia abandonado o cabelo sedoso do príncipe Eric em favor de assistir ao show, quando Jo ocupava-se dos vocais da ponte e tocava uma guitarra imaginária no que deveria ser quatro potes de mel.

Ela voltou ao trabalho assim que o Foreigner entrou.

— Eu posso ajudar agora — disse Priscilla, empurrando sua página para mim antes de subir na ilha.

Eu a peguei pela cintura e a puxei para o meu colo, levando um momento para soprar em seu pescoço até que ela gritasse. Ela cheirava a sabonete e doces, com um toque de geleia de uva. — Espere, pequenina. Mostre-me seu desenho.

— Está bem aí, mamãe.

Eu peguei e avaliei seu trabalho, que consistia em um monte de rabiscos aleatórios, um dos quais era um rabisco vermelho brilhante bem onde a vagina

de Ariel estaria se ela não tivesse quadris de peixe.

— E o que é isso? — Eu perguntei com uma risada.

— Um peixe a mordeu. Ela precisa de um band-aid.

— Era um peixe menina ou um peixe menino?

Mamãe me deu uma cotovelada.

— É uma pergunta válida.

Priscila se mexeu.

— Me deixa descer, mamãe. Eu posso ajudar agora.

Tia Dottie riu e arrancou a criança polvo do meu colo.

— Venha aqui, bebê. Quer segurar o pote para mim?

— Sim, por favor.

— Que boas maneiras — observou Dottie.

Eu bufei uma risada.

— Só porque ela quer algo de você. — Voltei para Úrsula e seu decote impressionante.

Mamãe começou a rir, mas o som quase imediatamente se dissolveu em uma tosse. Seu tanque de oxigênio estava no chão ao seus pés, os tubos em seu nariz uma companhia constante. Aquele tanque era a única coisa que a mantinha viva e era a razão pela qual ela não conseguia trabalhar há anos. Sua DPOC[3] atingiu níveis insustentáveis e, embora ela tenha parado de fumar e começado a se exercitar da melhor maneira possível, ela apenas retardou um pouco a progressão da doença.

— Ouvi dizer que Sebastian veio ver você hoje — disse Poppy com um pequeno sorriso inteligente no rosto.

Eu balancei minha cabeça.

— Vocês, pessoas de cidade pequena, eu juro.

Daisy revirou os olhos.

— Oh, por favor. Como se Maravillo, Califórnia, fosse uma metrópole movimentada. Vocês só tem um semáforo.

— Vocês só tem dois — eu notei.

— E como se você ver Sebastian não fosse digno de fofoca — Jo adicionou com um movimento de suas sobrancelhas.

Coisas que minhas primas sabiam: eu era secretamente apaixonada por Sebastian Vargas e desde a adolescência.

Coisas que minhas primas não sabiam: Sebastian era o pai de Priscilla.

Em minha defesa, eu teria dito a elas no segundo em que descobri se: a) eu tivesse conseguido rastrear Sebastian onde quer que ele estivesse na Zâmbia, b) minhas primas soubessem como encontrá-lo e c) eu estava completamente certa de que se elas descobrissem a verdade, Sebastian não ouviria as notícias de mim.

A cidade inteira saberia em quatro vírgula dois segundos, e não achei que uma ligação raivosa da abuela dele do outro lado do mundo fosse a maneira de contar isso a ele.

Seu número mudou quando ele foi embora. Suas redes sociais não eram atualizadas há cinco anos. Eu cometi o erro uma vez de pedir a Poppy para rastreá-lo, e não só ela falhou, mas a crítica-barra-provocação-barra-desaprovação que eu recebi apenas reforçou a teoria de que contar a elas seria um desastre absoluto. Eu tinha o e-mail dele, mas tudo o que enviei ficou sem resposta, eventualmente retornando como não entregue – *o endereço de e-mail não existe*, dizia o aviso de erro.

A primeira coisa que fiz quando voltei, alguns dias atrás, foi perguntar por ele, e ao descobrir que ele estava na cidade, fiquei uma pilha de nervos. Ele tinha ido a Houston para cuidar de alguns negócios e estaria de volta em alguns dias, eles disseram, o que era irritantemente inespecífico. E então lá estava ele, parado na lanchonete como se estivesse lá o tempo todo.

Eu vou contar a ele esta noite.

Meu estômago subiu sobre meu coração e entre meu esôfago.

Porque como diabos você diria a um homem que ele tem uma criança em idade pré-escolar que ele não conhecia?

Eu observei Priscilla por um momento, seu lábio entre os dentes e seus olhos estreitados em concentração enquanto ela segurava o pote sob a torneira com um foco completamente focado. Ela era, por falta de um termo melhor, uma mini-eu. Se você segurasse uma foto minha na idade dela, só saberia quem era quem por conta do tom néon dos anos 90. E se você conseguisse um vídeo meu quando criança, veria que temos o mesmo nível de atrevimento, teimosia e irreverência. Geneticamente, era muito satisfatório. Como mãe? Bem, vamos apenas dizer que eu tive um trabalhão à minha espera.

Ela teve sorte que era fofa literalmente como o inferno.

E esta noite, Sebastian saberia que ela era dele. Eu só esperava que ele a amasse tanto quanto eu a amava.

Eu esperava que ele me perdoasse o suficiente para tentar.

Meu coração deu um aperto tão forte que doeu.

Ninguém conseguiu encontrá-lo na África e, ao voltar para casa, ele imediatamente partiu novamente com sua mãe e avó para Houston para o tratamento de Mercedes. Minhas primas não conseguiam obter respostas sólidas e eu não conseguia falar com Abuela ou sua mãe. Eu nem consegui que alguém do restaurante me ligasse de volta. Não de propósito, eu tinha certeza – uma das namoradas do ensino médio de Sebastian procurando por ele não poderia ter sido uma prioridade quando eles tinham um câncer para enfrentar. Em algum

momento, devo ter soado como uma perseguidora. Mas não era como se pudesse pegar a lista telefônica e procurá-lo. E eu não podia pagar um investigador particular.

Agora, aqui estava eu prestes a mudar sua vida. Eu só esperava que ele não me odiasse. Nas profundezas do meu coração, não reconhecia o desejo secreto de que ele dissesse que me amava e queria uma família.

Ele decidiu aos dezessete anos que não queria filhos, não depois do que aconteceu com sua abuela e sua mãe. Em vez disso, ele queria sair e salvar o mundo. O que ouvi através de minhas primas fofoqueiras, ele estava prestes a sair para fazer de novo.

— Ouvi dizer que você vai vê-lo esta noite — disse Daisy.

— Sério, há um grupo de fofoca que eu deveria saber?

— O que vocês vão fazer? — perguntou Poppy.

— Ir na casa dele, eu acho.

— O rancho Vargas — Daisy disse com um suspiro, eles estavam entre as famílias mais ricas da cidade e seu rancho era uma maravilha. — Eu não sei em quantas festas na piscina eu fiquei bêbada por lá.

— Mais perto de cem do que de setenta e cinco — Jo arriscou.

Dottie deu-lhes um olhar.

— Alguém pensaria que você foi criada por lobos e não por uma devotada mãe solteira.

— Você pensaria, não é? — disse Jo.

Os olhos de Dottie focaram no teto, provavelmente pedindo força a Jesus com o movimento.

— Vocês todas precisam encontrar namorados. Ou namoradas. Ou aqueles... amigos.

— Você conhece o acordo, mamãe — disse Poppy. — Nós não iremos namorar até você namorar.

— É uma regra estúpida e é injusto com vocês. Não há um homem nesta cidade com quem eu gostaria de me aconchegar — Dottie respondeu.

— Prometa nunca mais dizer aconchegar — disse Jo.

— Se você não vai se *aconchegar* com ninguém na cidade, teremos que lançar uma rede maior — sugeriu Poppy.

O lábio de Jo se curvou.

— Você também não.

— É divertido dizer isso — Poppy disse com um encolher de ombros. — Especialmente se isso te irrita.

— Ainda acho que o namoro pela internet é a resposta — observou Daisy. — Especialmente depois daquele encontro com Jeremiah Higgens.

As Blums coletivamente gemeram.

— Eu apenas não sei se eu poderia estar com um homem que tem um vinco tão profundo em seus jeans Wranglers — disse Dottie. — Os jeans poderiam ter se levantado e saído andando pela cidade por conta própria.

Jo bufou uma risada.

— Porque isso era de alguma forma pior do que o tabaco de mascar preso em seus dentes.

— Ou o fato de que ele pegou na bunda da mamãe no Abuelita's na frente de Deus e todo mundo — Poppy observou.

Priscilla se iluminou como uma árvore de Natal e estendeu a mão.

— Palavrões! Pague.

Poppy enfiou a mão no bolso por uma moeda – todas nós tínhamos, embora minhas primas tivessem sorte que suas vidas só foram arruinadas pelo jarro de palavrões por alguns dias. Assim que o dinheiro foi trocado, Priscilla sorriu com um prazer não natural.

— Talvez devesse ser o contrário — Dottie sugeriu. — Eu não deveria namorar até que todos vocês estejam juntas e estabelecidas.

— Boa tentativa, mamãe — disse Daisy.

Dottie bufou.

— Falando em namoro, Seb veio aqui perguntando por você no segundo em que voltou. — As sobrancelhas de Poppy fizeram um pequeno movimento. — Marnie descobriu e veio fazer cinquenta perguntas.

Jo bufou uma risada.

— Mais como mil.

Meu desconforto se intensificou com a menção da ex de Sebastian e então se multiplicou com o pensamento de que ele saberia sobre Priscilla. Em breve. Assim como a cidade e minhas primas e sua família e *todo mundo*.

Eu suspeitava que nada poderia me preparar para isso, especialmente porque a única pessoa que sabia todo esse tempo era minha mãe, que por acaso estava me observando de canto enquanto coloria os olhos de Eric daquele azul que fazia todos no desenho animado ter as calcinhas derretidas.

— Bem, Marnie é uma garota crescida. Tenho certeza que ela vai…

— Queimar um coelho na sua cozinha? — perguntou Jo.

O rosto de Priscilla se curvou em uma carranca, seus resplandecentes olhos brilhando.

— Ela mata coelhos? — ela sussurrou.

— Iris Jo — Dottie começou enquanto confortava Priscilla — Pare com isso.

— O quê? Marnie é uma psicopata de classe mundial. Eu não sei como Seb acabou com ela.

— Ela sempre foi assim ou Sebastian a deixou louca? — perguntou Daisy.

Suas irmãs pareciam horrorizadas.

— Como você pode sugerir uma coisa dessas? — perguntou Jo.

— Não quero dizer que ele fez isso de propósito, mas você tem que admitir que era fácil ver que ela sempre investiu mais no relacionamento do que ele — disse Daisy. — Você pode culpá-la por enlouquecer quando ele inevitavelmente terminasse com ela? Ou quando Presley veio para o verão?

Jo deu uma olhada em Daisy.

— Você esqueceu que eu estava na série dela? Ou que ela me intimidou até eu fazer terapia na escola primária?

— Claro que não — respondeu Daisy. — Eu não estou dizendo que ela é um anjo, mas você não pode dizer que Sebastian não a fez pior. Além disso, ela era apenas uma criança. Ela é enfermeira agora. Certamente ela é compassiva.

— Ou ela gosta da ideia de espetar as pessoas com agulhas — Jo disse baixinho.

Daisy mordiscou o lábio.

— De qualquer forma, eu entendo. Ela era familiar para ele, segura. E quando você está de luto, é difícil saber se o que você sente é real. Há *tanto* sentimento, descobrir o que é o que não é tão fácil.

A sala ficou em silêncio por um segundo com a lembrança do namorado de escola de Daisy que morreu em um acidente de carro no último ano. Dottie tinha um olhar semelhante de tristeza, tendo perdido meu tio antes que Jo pudesse andar.

— Bem — Poppy disse com um pouco de alegria exagerada — Não há nada com o que se preocupar. Os dois provavelmente terminaram antes mesmo de começarem. Não tem a ver com você e tenho certeza que ela não vai se envolver.

Todos nós compartilhamos um olhar, mas deixamos para lá.

Mamãe se mexeu para sair do banco e eu desci rapidamente para poder ajudá-la.

— Obrigado, querida. Você me acompanha de volta para casa?

Dottie franziu a testa.

— Você está bem, Birdie?

— Ah, estou bem, só um pouco cansada — disse ela com um sorriso encorajador.

— Posso deixar Cilla aqui? — Eu perguntei enquanto eu pegava o braço de mamãe.

— Claro — Dottie respondeu, sorrindo para Priscilla. — Não posso perder minha ajudante ou nunca vou terminar.

Priscilla se endireitou orgulhosamente.

— É, mamãe. Eu estou ajudando.

— Continue com o bom trabalho, garota — eu disse, ajudando minha mãe com seu cilindro de oxigênio antes de conduzi-la em direção à porta. — Volto logo.

Fomos para fora, o calor instantaneamente sufocante. Cigarras chacoalharam longos e lentos assobios enquanto nos dirigimos para nossa casa nos fundos da propriedade.

A casa da fazenda onde minhas primas moravam foi construída como uma pequena cabana na década de 1830 por nossos ancestrais alemães, ampliada no início de 1900 e totalmente remodelada na década de 1950, mantendo o máximo possível da estrutura original. Ele cresceu para os lados e não para cima, ao longo das décadas, e nesta fase era um complexo de 1.500 metros quadrados com um pátio cheio de árvores antigas no meio e passagens ao longo do interior.

A casa nos fundos onde estávamos hospedados foi um dia para parte da família – ninguém costumava ir embora, apenas ficavam e trabalhavam na fazenda geração após geração. Dottie o tinha refeito para nós quando vínhamos para o verão – o pequeno chalé de dois quartos e um banheiro tinha todo o charme e lembranças que eu podia suportar.

Era perfeito. E se não fosse por Dottie, eu não sabia para onde teríamos ido quando perdemos a casa em Maravillo.

Meu pai nos deixou antes do meu décimo aniversário e minha mãe sempre lutou para manter a hipoteca com apenas uma única renda. Mas logo depois que Priscilla nasceu, ela pegou uma pneumonia que quase a matou, e eles descobriram sua DPOC. Foi isso que finalmente a convenceu a parar de fumar, mas o estrago já estava feito – o estado de seus pulmões se deteriorou ao ponto de ela precisar de uma máquina de oxigênio pelo resto de seus dias.

Depois disso, ela não foi capaz de trabalhar. Então, peguei mais turnos na lanchonete em Maravillo e vendi minhas velas, loções e sabonetes como complemento, esperando que um dia essa renda ofuscasse o que eu ganhava como garçonete. Mas mesmo com os cheques de invalidez da mamãe, não conseguimos ganhar o suficiente para cobrir a hipoteca e os impostos, que eram mais de mil dólares por mês.

Quando o banco pegou a casa, Dottie nem hesitou em se oferecer para nos receber.

E graças a Deus. Nisso, pelo menos, as estrelas finalmente se alinharam, trazendo-me de volta a Lindenbach e a Sebastian.

— Então você vai vê-lo esta noite? — Mamãe perguntou. Eu não podia dizer pelo tom dela como ela se sentia sobre isso.

— Sim.

Uma pausa.

— Você está bem?

— Se eu dissesse sim, você acreditaria em mim?

— Sem chance.

— Eu imaginei isso um milhão de vezes em um trilhão de variações. Como você pode dizer algo assim? Apenas desabar tudo? Existe uma maneira de quebrá-lo suavemente?

— A palavra “quebrar” implica que provavelmente não. O melhor que você tem é: notícia boa ou má notícia primeiro.

— Priscilla é a boa ou a má notícia?

— Uma boa notícia. A má notícia é que você não contou a ele.

— Porque eu não consegui encontrá-lo.

— Você não tem que se justificar para mim, querida. Só estou dizendo que não vai ser fácil.

— Nem ser mãe solteira.

— Não, eu entendo isso muito bem. É a nossa maldição. Nossos homens morrem jovens ou vão embora. Então, certifique-se de que ele é saudável e de que não vai a lugar nenhum.

— Sebastian? Ficar parado? Tudo o que ele sempre fez foi tentar sair desta cidade. E de qualquer forma, eu não acho que vamos dar certo no tipo de relacionamento juntos para sempre.

— Por que não?

— Porque eu não contei a ele sobre Cilla. Porque ele nunca quis filhos. Porque agora, neste momento, ele não é pai. Em algumas horas, ele será. Tudo por minha causa. E isso em cima de seu divórcio. O momento é péssimo. É sempre uma merda.

— Esse é o espírito — ela brincou.

— É muito complicado ter ilusões sobre o que virá para nós. Minha preocupação atual é que ele não me odeie quando descobrir.

— Oh, eu não acho que ele poderia te odiar. Não é da natureza dele.

— Sim, bem, estou prestes a testar essa teoria.

Ficamos em silêncio por um momento enquanto nos aproximávamos da casa. Eu a ajudei a subir os degraus da frente, meus pensamentos um turbilhão.

— Depois de todo esse tempo — disse ela. — Ele finalmente vai saber esta noite e você vai poder ir dormir com a consciência limpa.

— Eu não tenho certeza se ela vai ficar limpa.

Ela me cutucou e entrou pela porta que eu mantinha aberta.

— Talvez ele fique feliz. Talvez tudo dê certo. E se isso não acontecer, bem... você já está fazendo isso sozinha há tanto tempo.

— Eu realmente sou uma mãe foda, não sou?

— A julgar pela pequena fortuna no pote de xingamentos, eu discordo.

Quando eu ri, ela se virou para mim, seus olhos e sorriso suaves.

— Você sabe ficar sozinha.

— Eu sempre tive você, mamãe. Eu nunca estive sozinha.

Seus olhos eram um espelho dos meus, seu cabelo escuro com mechas grisalhas. Mas aqueles olhos sabiam o que significava estar sozinha mais do que eu jamais saberia.

— Nem eu, porque sempre tive você. Mas sou uma péssima substituta para Sebastian. Talvez você não precise mais fazer isso sozinha.

Eu a puxei para um abraço para que ela não pudesse ver meu rosto. Ela não conseguia ver a esperança ou a dor que vinha com o pensamento de Sebastian e eu fazendo isso juntos.

Mas isso não passava de um sonho.

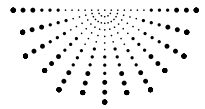
E eu não era o tipo de garota cujos sonhos se tornavam realidade.

---

3. Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica que obstrui as vias aéreas, tornando a respiração difícil. Os principais sintomas da DPOC são: falta de ar aos esforços, que pode progredir até para atividades corriqueiras como trocar de roupas ou tomar banho; pigarro, tosse crônica, tosse com secreção e que piora pela manhã são sintomas comuns.

4

BY AND BY



PRESLEY

Eu nunca estive tão nervosa como agora, parada na varanda da frente da mansão Vargas, com uma confusa mistura de certeza de que estava prestes a ser banida permanentemente juntamente com a esperança que me inspirou a raspar todo o meu corpo.

Poderia realmente ir em ambas as direções.

Respirei fundo e repassei meu plano novamente. Eu tinha encenado dezenas de conversas em minha mente desde que eu o vi hoje mais cedo, reduzindo a uma em particular, à uma explicação concisa e simples. Isto é, assumindo que eu não deixesse escapar como uma idiota.

Há minutos de descarregar o meu segredo. Chega de contar a Priscilla que seu pai estava ocupado lutando contra o crime em Metrópoles ou que ele estava em uma estação lunar coletando amostras de rochas. Não se preocupe – ela não acreditou em mim. Era uma piada recorrente em nossa família. Às vezes, ele engolia facas no circo. Outras, ele era um jogador de beisebol do hall da fama. Só dependia do meu humor.

Mas as piadas finalmente acabariam. Supondo que ele gostaria de conhecer Priscilla. E assumindo que ele queria estar envolvido em sua vida.

Caso contrário, ele estaria travando uma batalha espacial intergaláctica no Quadrante Gama indefinidamente.

Eu só tinha que sobreviver aos próximos minutos e…

A porta se abriu com um assobio e, apoiado na soleira, estava Sebastian Vargas, sorrindo como se fosse o homem mais feliz do mundo.

Fiquei sem fôlego, pega em uma tempestade de emoção.

Antes que eu pudesse falar, eu estava em seus braços.

Mil anos poderiam passar e eu me lembraria de como seus lábios se sentiam contra os meus. Sempre houve essa coisa entre nós, essa faísca de reconhecimento. Como se a essência de quem éramos conhecesse o outro, e quando nos beijávamos, as peças se encaixavam com precisão. Sem hesitação, sem dúvidas. Era elementarmente certo, mesmo pega de surpresa. Mesmo quando eu sabia que deveria impedi-lo. Naquele momento, que poderia ser o último momento perfeito, eu me deleitei com esse sentimento.

A torção no meu coração comprimiu mais forte. Seu aperto aliviou. Nossos lábios se separaram. Ele sorriu.

— Você está aqui — disse ele.

— Fui convocada por Sebastian Vargas. Claro que estou aqui. Mas você me prometeu donuts sem buraco, então espero que tenha cumprido ou então estou indo embora.

Com um sorriso, ele agarrou minha mão, me puxou para dentro e me colocou na frente da mesa do corredor onde estava uma caixa de padeiro.

— Vá em frente, abra.

Suprimindo um sorriso, eu fiz. Mas não foram os donuts que me fizeram suspirar.

— Você comprou kolaches?

— Seu favorito: queijo e jalapeño.

Eu sorri para ele com fome estampada no meu rosto. E não de massas.

Se meu estômago não estivesse com um monte de nós, eu teria inalado pelo menos dois pastéis de salsicha e um donuts. Mas não havia como eu manter a comida no estômago agora e eu não era sacrílega o suficiente para desperdiçar tal presente de uma maneira tão imprópria.

Mais uma vez, ele agarrou minha mão e me rebocou para dentro de casa.

— Ei, e as minhas guloseimas? — Eu perguntei.

— Estou pensando em te beijar muito esta noite, então estava esperando que você adiasse os jalapeños por um segundo.

Eu ri, minhas bochechas quentes.

— Uau, você não costumava ser tão fresco sobre me beijar.

— As coisas mudam quando você cresce. Como higiene dental.

Ele estava brincando, mas as palavras tiraram o sorriso do meu rosto.

— Bastian, espere. Podemos conversar um minuto?

— Claro — disse ele, ainda caminhando pela enorme casa em direção ao quintal. — Vamos, podemos sentar perto da fogueira e conversar sobre o que você quiser.

Suspirei, incapaz de fazer muito além de segui-lo.

Saímos para o cheiro de velas de citronela, e ele parou, virando-se para mim

com aquele maldito olhar apaixonado no rosto. Respirei fundo para me equilibrar, levantei o queixo e abri a boca para falar quando...

— *Surpresa!*

Luzes amarradas acenderam e eu pulei no ar como um gato, apenas para ser pega pela cintura por Sebastian quando metade da cidade pulou de trás de móveis e arbustos. Enquanto eu estava lá boquiaberta, notei todos os rostos, incluindo minhas primas, aquelas traidoras. E Sebastian estava atrás de mim, rindo com o braço em volta da minha cintura e os lábios perto da minha orelha.

— Surpresa — disse ele, pressionando um beijo no meu cabelo.

Eu estava oficialmente ferrada, e não apenas pela diminuição das chances de desabafar o segredo queimando um buraco no meu bolso. Mas porque tudo que eu queria eram os braços de Sebastian em volta de mim e seus lábios no meu cabelo para sempre.

E essa era provavelmente a última coisa que eu poderia ter.

Horas depois, uísque flutuava rios abaixo até que quase todo mundo estava bêbado. Bem, todos os outros estavam bêbados. Eu não conseguia ficar embriagada, não importava o quanto eu bebesse. E eu realmente tentei uma vez que percebi que Sebastian estava bem bêbado e as chances de dizer a ele esta noite eram quase nulas.

Eu não sabia que tinha tantos amigos em Lindenbach até esta noite, embora imaginasse que pelo menos metade deles estava aqui por Sebastian. Eu não era a única recém-chegada à cidade e, por mais profundas que fossem suas raízes aqui, era fácil ver que ele havia sentido falta. Eu assisti minhas primas mandarem caras embora a noite toda – não conseguia descobrir por que algum dos pobres otários ainda se incomodavam, embora eu admirasse a tenacidade deles. Todos os homens elegíveis na área do Tricounty sabiam que as irmãs Blum não namorariam até que a mãe delas o fizesse, mas ainda assim, eles tentaram. O que os tornava campeões ou idiotas. A linha entre os dois era tênue.

Eu me vi no colo de Sebastian em uma das cadeiras do pátio agrupadas ao redor da fogueira, o que por si só era uma loucura, considerando que ainda estava 23 graus à meia-noite. Eu não tive a intenção de acabar com meu braço em volta do pescoço dele, sua mão na minha coxa e sua voz retumbando em seu peito e no meu. Mas toda vez que eu me movia mais do que alguns centímetros de distância, ele me puxava de volta por meio da minha mão ou da minha cintura ou com beijos na minha testa.

Não havia como dizer a ele e não havia como fugir. E ainda mais importante, eu não estava dando a ele esta notícia em particular com uma centena de pessoas em sua casa e meio litro de uísque em seu sistema.

A multidão havia diminuído e a conversa na roda se dividiu em diferentes direções, com a gente no meio, longe demais para contribuir ativamente. Ele se mexeu para que pudéssemos nos ver melhor, seu sorriso quente como o uísque na minha corrente sanguínea.

— Não posso acreditar que você está bem aqui na minha frente — disse ele.

— Tecnicamente, eu estou em cima de você.

Um risinho.

— Melhor ainda.

— Como sua mãe está se sentindo?

— Bem. — disse ele com um tipo de alívio fácil. — Ela voltará a Houston a cada seis meses para exames, mais se for sintomática. Mas ela está livre do câncer. E sua mãe? Ouvi dizer que ela está usando oxigênio agora.

Eu balancei a cabeça.

— Tem sido… — Um suspiro. — Tem sido difícil. Graças a Deus por Dottie nos acolher quando perdemos a casa. Por mais brutal que tenha sido, foi um alívio não ficar para trás. Não importa o quanto eu trabalhei, nós nunca conseguimos economizar e é só... é tão bom não ter que se preocupar mais com isso. É terrível dizer isso?

— De jeito nenhum. Estou feliz que isso trouxe você aqui.

Meu coração torceu.

— Eu também. — *Não diga a ele agora, Presley. Não diga a ele agora.* — Fale-me sobre a África. O que você fez lá?

Seu rosto se iluminou.

— Foi... foi uma loucura, Pres. Nosso objetivo era liderar o desenvolvimento rural sustentável – recuperação de água, agricultura sustentável, piscicultura, gestão do uso da terra. Quatro aldeias em dois anos deram uma reviravolta na qual eu não acreditaria se não tivesse visto pessoalmente.

— Então foi um sucesso. Ensiná-los a pescar, alimentá-los para sempre?

Ele assentiu, mas sua alegria diminuiu com a menção.

— Embora não tenha sido sem sua parcela de falhas. Havia uma quinta aldeia que não conseguimos decolar. Muitas poucas coisas se comparam à dor no rosto de um agricultor quando suas colheitas são destruídas por insetos ou os terrenos de pesca que cavamos à mão secam. Eles estão famintos e têm tão pouco. Gastei uma pequena fortuna em sapatos, bicicletas, colchões... não conte ao meu chefe.

— Seu segredo está seguro.

— Eu só... eu poderia ajudar lá de uma maneira que nunca experimentei antes. Eu poderia dar, usar o excesso da minha vida para dar uma chance a outra pessoa. É tudo que eu quero fazer para o resto da minha vida.

Meu coração deslizou em meu estômago, embora eu sorrisse com profunda e sincera admiração.

— Você encontrou sua vocação.

Um sorriso melancólico roçou seus lábios.

— Acho que sim. E você?

— Quero dizer, eu não sei se você poderia contar a fabricação de velas como uma vocação, mas é o que eu quero fazer. Se eu pudesse, teria minha própria marca, talvez minha própria loja. Mas, por enquanto, apenas atendo pedidos de atacado para lojas, geralmente sob a marca deles. Foi onde ganhei mais dinheiro em Maravillo. Eu fiz sabonetes e loções de leite usando laticínios de uma leiteria local que um dos meus melhores amigos administrava.

— Você deveria abrir sua própria loja.

Eu ri.

— Porque é fácil assim.

— Pegue um empréstimo para pequenas empresas.

Eu dei a ele um olhar.

— Eu trabalho em uma lanchonete.

— Eu posso ajudar.

Meu olhar se aprofundou.

— Claro, você poderia me comprar um caminhão novo também? Ou talvez iate, já que está fazendo isso.

— Está dentro das minhas possibilidades — ele brincou. — Embora eu não saiba o que você faria com um iate.

— Comer caviar no convés com fio dental e ouvir Yacht rock[4], obviamente.

— Quem não ama Steely Dan? — ele perguntou em uma risada.

— Pessoas sem iates, mas estão apenas com inveja.

— Deus, eu senti sua falta — disse ele com aquele olhar em seus olhos que uma vez me engravidou.

Porra, não diga a ele, Presley!

Sorri e disse:

— Também senti sua falta.

Antes que ele pudesse fazer algo estúpido como me beijar, olhei ao redor e percebi que minhas primas e eu éramos as únicas que restavam. Poppy bocejou tão grande e alto, bocejos em resposta ondularam através de nós.

— Devemos ir — Jo disse, levantando-se, o que parecia precisar de uma tremenda quantidade de energia para conseguir, com seus dramáticos rangidos e

gemidos.

— Vou chamar um Uber — Daisy ofereceu, já desbloqueando seu telefone.

— Vocês têm Uber? — Eu perguntei, surpresa pelo uso casual da palavra. Este lugar sempre evoluiu rápido.

— Uber é realmente apenas o velho Stan — esclareceu Poppy.

— Stan? Com os suspensórios?

— E o boné de jornaleiro — ela confirmou. — Alguns anos atrás, ele largou o emprego de vendedor de jornais da HEB para conduzir as pessoas pela cidade.

— E ninguém mais teve a mesma ideia? Não consigo imaginar ter apenas uma opção no aplicativo.

— Oh, ele não está no aplicativo — disse Jo. — Você apenas manda uma mensagem para Stan de onde você está e ele vem e te pega. Ele até descobriu como usar o Venmo[5] depois de fazer uma aula de tecnologia para idosos no centro comunitário.

Eu ri enquanto nos levantamos, mas quando minhas primas saíram, Sebastian pegou minha mão.

— Ei — ele disse com aquele sorriso, me puxando para ele. Ele cheirava a uísque e problemas. — Alguma chance de eu convencê-la a ficar esta noite?

— Eu trabalho às seis da manhã e Bettie vai arrancar minha pele se eu me atrasar.

— Shhh, você a manda para mim. Vou lidar com Bettie e os biscoitos dela.

— Tenho certeza de que não há nada que Bettie gostaria mais do que você lidando com os biscoitos dela.

Ele riu, mas se aproximou até que nossos narizes roçaram.

Eu me segurei antes que deixasse ele me beijar, fechando meus olhos, abaixando o queixo. Ele pressionou sua testa na minha.

— Você está bem? — ele perguntou.

Temos um bebê. O nome dela é Priscila. Você quer amá-la? Você quer me amar?

Eu balancei minha cabeça.

— Eu só sei que se você me beijar agora, eu não vou a lugar nenhum.

— Não entendi a parte em que isso é um problema.

Com um tipo de risada triste e meus pulmões como um punho em volta do meu coração, eu dei um passo para trás.

— Me liga amanhã. Eu quero ver você, só nós. Sem surpresas. — *A minha vai ser enorme comparada a essa.*

— Mesmo que a surpresa seja outra caixa de kolaches?

— Eu vou permitir isso.

Ele me observou por um minuto com uma felicidade suave em seu rosto que

me matou.

— Amanhã então.

— Amanhã — eu repeti com um sorriso, um coração partido e a esperança de que a antecipação não me matasse.

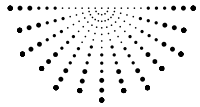
---

4. Estilo de música ampla e estética comumente associada ao soft rock, um dos gêneros de maior sucesso comercial de meados dos anos 1970 a meados dos anos 1980. Presley faz uma brincadeira com o nome do gênero, já que em inglês Yacht pode ser traduzido como iate.

5. Aplicativo de pagamentos móvel de propriedade do PayPal.

5

THE EYES OF TEXAS



PRESLEY

Na manhã seguinte, o ritmo acelerado do café da manhã finalmente diminuiu o suficiente para recuperar a noção do tempo e eu passei pelas mesas e pelas cabines cantando Elvis um pouco alto demais, instigada pelos clientes sorridentes.

Nada me impulsionava mais do que uma plateia.

“It's Now or Never” tocava na jukebox e eu fiz o meu melhor para ignorar a ironia da letra como um reflexo da minha situação pessoal. Porque se não contasse a Sebastian logo, eu iria implodir.

Eu conhecia cada palavra da música e sabia de cor desde os oito anos de idade quando me convenci de que Elvis era meu avô.

É claro que era matematicamente impossível, como minha mãe aproveitou todas as oportunidades para apontar. Mas como uma garotinha, parada na frente do gabinete de curiosidades da minha avó dedicado ao Rei, eu decidi que esse era o fato da questão, e eu não estaria convencida do contrário – por que outro motivo eu me chamaria Presley? Meu cérebro de menina não conseguia imaginar outra resposta. Não havia homens na minha vida e Elvis parecia o substituto absolutamente perfeito.

Meu avô morreu antes de eu nascer, então nunca o conheci como nada além de uma história. Elvis só fazia mais sentido – não só minha mãe e eu conseguiamos cantar enquanto minha avó era desafinada, mas também tínhamos a aparência. Cabelo de corvo, olhos azuis, lábios carnudos e tudo. Então, todo domingo à tarde, eu me estendia no chão da sala para assistir a filmes antigos de Elvis. Vovó tinha todos eles em fita VHS e me deu todos os álbuns que ele já fez em cassete. Ela me sentava em seu colo e me contava histórias sobre ele, sobre

os shows que ela tinha ido, os filmes que ela viu com seus amigos. Com isso, eu estava obcecada. Encontrei posters e camisetas e todo tipo de coisa que me fizeram ser considerada a criança mais esquisita da terceira série.

E eu deixei minha bandeira de aberração hasteada, certificando-me de lembrá-los de que eles não tinham avós famosos. Eu até cantava para eles para provar meu ponto de vista.

Isso não ajudou minha causa.

Mas hoje, enquanto eu chacoalhava pelo restaurante com um braço cheio de pratos sujos, isso me rendia todas as gorjetas. Meu, como os tempos tinham mudado.

Quando a música terminou, fiz uma reverência sob aplausos dispersos.

— Cante "Jailhouse Rock"! — alguém gritou.

— Coloque uma moeda na jukebox e temos um acordo — eu disse à caminho dos fundos.

— Sim, senhora! — Ouvi enquanto empurrava a porta vaivém e ia descarregar meu fardo.

— Se você continuar assim, vamos ter que começar a cobrar a entrada ou pagar os direitos autorais de Presley — disse Bettie, saindo do escritório com um sorriso nos lábios vermelho-rubi.

A ícone de 90 anos de idade era tudo o que eu queria ser quando crescesse. Seu cabelo prateado na altura do queixo era perfeitamente encaracolado sem parecer que ela se incomodava em tocá-lo, e ela sempre usava óculos malucos e peculiares para emoldurar seus olhos brilhantes. Hoje, eles eram grandes, redondos e rosa choque para combinar com o texto em sua camiseta preta que dizia "*Não morreu ainda"*. Estava amarrado em sua cintura como se ela tivesse vinte e cinco anos e suas calças de cintura alta e pernas compridas varriam o chão, cobrindo tudo, exceto os dedos dos pés de seu Converse.

— Você tem que sair e cantar comigo. Eu te ajudo a subir no bar.

— Querida, se as minhas cordas vocais não tivessem se transformado em uma lixa grão 80, você não seria capaz de me impedir. Como está o andar?

— Desacelerando.

— Bem, quando você limpar o restaurante, faça o que for necessário e pode ir.

— Obrigado, Betty.

— Tudo certo. Acho que você tem um menino Vargas para ver. — Ela deslizou os óculos pelo nariz para que pudesse me dar um olhar lascivo.

— Vocês precisam de hobbies — eu disse enquanto lavava minhas mãos.

— Oh, não se preocupe com isso. Nada mais acontece por aqui. Não pode nos culpar por sermos intrometidos. É um amável passatempo de Lindenbach.

— Ainda assim é irritante — Eu disse em um tom cantante.

— Fique lisonjeada. Poderia ter sido muito…

Olhei para ela quando ela parou, mas seus olhos estavam fixos na janela de aço da cozinha e no restaurante. Quando eu segui seu olhar, minha boca ficou seca.

Porque Marnie Mitchell-Vargas acabara de se sentar no balcão e não parecia feliz.

Tudo bem que Marnie nunca parecia realmente *feliz*. Como a filha mimada do prefeito acabou sendo enfermeira estava além da minha compreensão. Eu queria ser uma pessoa melhor e dizer que ela devia ter um coração bondoso e generoso – ela era uma cuidadora e Sebastian se casou com ela, então ela não poderia ser assim tão ruim –, mas quando você era o alvo favorito dela para rumores, brincadeiras e brigas ocasionais, não havia muito encanto sobrando.

Os olhos dela se viraram para nós e Bettie e eu desviamos o olhar rápido demais. Bettie riu como se eu tivesse acabado de dizer algo histérico, falando:

— Não dê a ela satisfação — através de seu sorriso antes de me dar um tapinha no braço e gentilmente me empurrar em direção à porta.

Com uma respiração profunda, coloquei meu melhor sorriso de garçonete, esperando que Aggie estivesse por perto para ajudar Marnie, mas, infelizmente, a sorte não estava do meu lado – Aggie foi pega em uma das grandes cabines de canto, recebendo os pedidos de um grupo de adolescentes barulhentos. Eu não sabia quem estava pior, ela ou eu.

Quando fui forçada a fazer contato visual com Marnie novamente, decidi que definitivamente seria eu.

Eu coloquei um porta guardanapos na frente dela com aquele sorriso ainda colado no meu rosto.

— Oi, Marnie. O que posso fazer por você?

Ela usava um sorriso entediado em resposta.

— Posso ver o menu?

Procurei embaixo da caixa registradora um como deveria, mesmo que ela não precisasse dele – todo ser humano em um raio de 50 quilômetros conhecia o cardápio de cor, já que não havia mudado em trinta anos. A missão pessoal na vida de Marnie era foder comigo e a melhor maneira de revidar era não lutar.

— Aqui está. Eu vou ficar bem al…

— O que você recomenda? — ela perguntou, percorrendo o menu. — Merengue de limão ou torta de pêssego?

— Eu acho que qualquer coisa com limão seria perfeito para você.

— Pêssego então. — Ela dobrou o cardápio e o devolveu. — À moda. E uma xícara de café com duas porções de cremes.

— O creme está no balcão…
— Aggie sempre me dá creme recém-saído da geladeira.
— Absolutamente — eu disse com um sorriso falso.
Uma falsa palavra doce e o rosto dela azedou.
Billy Pruitt, que havia pedido por “Jailhouse Rock”, disse:
— Você está pronta?
— Me dê uns minutos, sim, Billy?
Ele piscou-me e colocou sua moeda na mesa.

Eu me virei para a caixa da torta e cortei um pedaço generoso para ela, esperando que ela comesse cada mordida e não pudesse caber em suas calças amanhã. Levei para o micro-ondas e, enquanto o relógio diminuia, eu servi seu estúpido café e peguei duas porções de cremes frescos para ela no pequeno refrigerador embaixo do balcão. Durante todo o tempo, especialmente enquanto escavava o sorvete de um pote de três galões de Blue Bell, eu repassei todas as coisas que ela poderia dizer e como eu responderia. Em algumas delas, esmagava torta quente na cara dela. Em outra, pegava uma bola de baunilha com a mão nua e jogava em seu cabelo loiro perfeito.

Mas Marnie não jogaria limpo comigo, não se eu a conhecesse. Nós sofreriamos com essa dança desconfortável e nos separariamos nos odiando como de costume.

Se Bettie sabia sobre a festa na noite passada, Marnie provavelmente esteve sentada em sua garagem no escuro, alternando entre gritar a plenos pulmões e chorar com Adele.

Seja legal, eu disse para mim mesma. Eu poderia odiá-la, mas não tinha pouca empatia por sua situação, alimentada em parte pela culpa pelo papel que eu tinha desempenhado. Mas ela e Sebastian nunca foram bons juntos, nunca ficando juntos por mais de alguns meses antes de se separarem novamente. Eles brigavam feito cães e gatos, mas se você perguntasse a Marnie, Sebastian era dela, ponto final – o fato de ela o ter deixado era discutível. Como tal, o alvo nas minhas costas era maior do que o próprio Texas.

Ele deve tê-la amado para continuar voltando, mesmo que eles parecessem tóxicos do meu ponto de vista. Como eles acabaram casados era um mistério para mim, mas que eles estavam no meio de um divórcio me surpreendeu zero por cento. Mas não podia ignorar o fato de que ela o amava e o perdeu. Tinha que ser incrivelmente doloroso. Especialmente quando ela descobrisse que eu tive uma filha com ele, uma filha que ele não daria a ela.

Ainda assim, eu não aceitava bem ser intimidada. Uma vez em uma festa depois do último ano, ela me encurralou e começou uma briga verbal que se transformou em uma briga física. Eu não estava orgulhosa por ter acertado ela no

olho – eu nem mesmo percebi que sabia como dar um soco em alguém até aquele momento – mas não pude negar a satisfação quando a vi andando com seu olho roxo pela cidade.

Nós fomos separadas e levadas como um casal de gatos selvagens, ela por Wyatt e eu por Sebastian. Ele praticamente me jogou por cima do ombro e me colocou em sua caminhonete, me levando para longe da festa e para o rio. Sentamos na saliência da rocha e conversamos a noite toda. A saúde de sua mãe estava em declínio e ela estava definhando com a quimioterapia e, naquela noite, ele me disse que nunca teria filhos. Essa leveza despreocupada que apenas os adolescentes podem alcançar o pesou, o deixando sóbrio. Envelheceu-lhe. Ele se tornou um adulto naquele verão, muito antes de qualquer um de nós.

Foi também quando ele me disse que queria sair de Lindenbach, queria ver o mundo e mudá-lo para melhor.

Ele sempre foi muito grande, muito inteligente para esta cidade.

Mas de alguma forma, ele acabou acorrentado a Marnie. Por um minuto, pelo menos.

Com o sorriso renovado, me virei para ela com seu pedido, colocando o café e a torta no balcão entre nós.

— Algo mais?

Ela pegou o garfo e cortou um pedaço, levando-o aos lábios perfeitos. Marnie era uma maravilha, do tipo americana, líder de torcida, torta de maçã. O tipo de garota que ninguém recusava, uma característica criada por seu pai e pela posição de sua família. Na verdade, eu estava disposta a apostar que a única pessoa que já disse não a ela foi Sebastian, a única pessoa de quem ela queria ouvir um sim.

Viu? Seja legal. Ela ama Seb.

Outra parte de mim bufou. *Entre na fila, irmã.*

— Está fria — ela disse categoricamente e empurrou na minha direção.

— Você sabe o quê? Deixe-me pegar outra. Por conta da casa.

Seus olhos se estreitaram um pouco.

— Como foi a festa ontem a noite?

Aí está.

— Boa. Você sabe como é. As pessoas de sempre.

— Bastian sabe como dar uma festa, não é?

É uma armadilha! Eu ouvi a voz do General Ackbar[6] na minha cabeça.

— Claro — eu respondi evasivamente. — Deixe-me pegar aquela torta…

— Ainda estamos casados, você sabe.

Eu não consegui segurar o sorriso.

— Eu sei.

— Só queria confirmar. Eu odiaria que você fosse pega no boato sobre transar com um homem casado.

Ela tomou um gole de café e eu mascarei meu choque ao vê-la soltando isso com o pastor Coleburn dentro do alcance da sua voz.

— Devidamente anotado. — Felizmente, Aggie voltou atrás do balcão. — Ei, Ag, Marnie aqui precisa de um pedaço de torta bem quente, por favor? Meu turno acabou.

— Com todo prazer — disse Aggie com um sorriso tão falso quanto o meu, usando sua frase de garçonete sem sentido de escolha sobre o pior tipo de idiota que já comeu torta.

— Obrigado — eu respondi docemente. — Tenha um bom dia, Marnie, tudo bem? Eu vou deixar Seb saber que você passou por aqui.

O olhar em seu rosto era impagável. Essa mistura de choque, ofensa e pura fúria era realmente uma mistura inebriante.

Antes que ela pudesse responder, eu me virei e fui para os fundos, minhas mãos tremendo enquanto eu jogava um pedaço de torta perfeitamente bom no lixo. Quando cheguei aos armários ao lado do escritório, Bettie apareceu no batente da porta e encostou-se na soleira.

— Foda-se ela — disse Bettie. — Marnie Mitchell tem sido uma criança mimada desde que entrou de cabeça neste mundo. Então, quando você sair daqui, será com um sorriso no rosto e o queixo erguido. Ela não merece nada mais do que sua pena. Porque por tudo que ela tem, ela nunca vai conseguir o que quer. Mas você? Você, Presley Hale, pode ter o mundo inteiro, se você pedir gentilmente.

Eu relaxei, uma risada saindo de mim.

— Vou começar com Lindenbach, se estiver tudo bem.

— Como eu disse… — ela empurrou o batente da porta — tudo o que você precisa fazer é pedir.

— Obrigado, Betty.

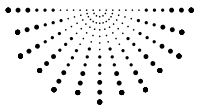
— A qualquer hora, garota. Agora vá se agarrar com o garoto Vargas enquanto pode.

— Sim, senhora — Eu respondi e saí pela porta da frente para encontrá-lo.

---

6. Personagem de Guerra nas Estrelas – O Retorno de Jedi.

6
LITTLE DARLIN'



SEBASTIAN

O sol banhava a grama estendida diante de mim, o calor pegajoso e a brisa eram boas-vindas enquanto eu me sentava em um banco do parque esperando o turno de Presley terminar.

Eu estava sentado longe o suficiente das pessoas no parque para observá-los desobstruídos, principalmente famílias com crianças corajosas o suficiente para arriscar escaldar suas bundas no equipamento do playground, junto com alguns moradores sem filhos que passeavam para desfrutar um pouco do ar livre.

Uma das crianças chamou minha atenção – um garotinho estava correndo sem medo no equipamento, das barras de macaco até a tirolesa, subindo as escadas, descendo o escorregador e dando a volta para fazer isso de novo, gritando intermitentemente *Guerreiro Ninja!* A mulher que presumi ser sua mãe tinha um livro no colo e parecia estar desfrutando de um momento de silêncio para si mesma.

Eu não conseguia parar de rir, ocasionalmente jogando pipoca na minha boca enquanto contava suas voltas.

Ele estava na volta de número doze. Eu me perguntei quantas ele poderia aguentar antes de desmaiar, embora ele não mostrasse sinais de que iria parar. Ele dormiria como um bebê esta noite.

Quando percebi que era provavelmente o que sua mãe pretendia, elogiei sua engenhosidade.

Às vezes eu me perguntava como seria ter filhos. Imaginei estar casado com alguém com quem não briguei e que não brigou comigo. Alguém que eu não queria mudar e que me amava por quem eu era. Eu imaginava tardes assim, algumas réplicas genéticas correndo por aí gritando *Guerreiro Ninja!* Pequenos

abraços, histórias de ninar. Manhãs de Natal e fogos de artifício de Quatro de Julho.

E, inevitavelmente, eu pensava em ver aquelas crianças crescerem, apenas para murcharem da quimioterapia ou coisa pior.

O número de funerais que imaginei em minha vida era obsceno.

Eu nunca tinha realmente pensado sobre a morte até que mamãe ficou doente pela primeira vez. Eu tinha dezessete anos, bem no final do primeiro ano. Quando Presley chegou à cidade naquele verão, eu quase desmaiei nela depois de aguentar por semanas. Ela era meu porto seguro, o lugar onde eu sabia que poderia ficar assustado, vulnerável e honesto. Eu tinha sido destruído e a presença dela era a única coisa que me mantinha de pé na maioria dos dias. Ela conhecia cada pensamento, cada medo. Me ajudou a carregar esse fardo com o cuidado altruísta de uma santa – uma santa com uma boca espertinha que lidava com a dor com uma saudável dose de leviandade, mas que estava sempre preparada para ficar quieta e abrandada para suportar o impacto da minha dor.

Não sei como teria sobrevivido sem ela.

Foi naquele verão que decidi que não poderia – não teria – filhos. Por mais impossível que fosse lidar com a doença da mamãe, a ideia de fazer isso com uma criança – minha filha, uma criança que eu trouxe ao mundo propositalmente, uma criança cuja segurança e bem-estar eram meu único trabalho – era inconcebível.

E assim, uma linha foi traçada entre o que eu queria e o que eu tinha medo. Nisso, eu tinha uma certa quantidade de controle. Então a decisão foi tomada. Por mais que eu quisesse ser pai, não queria ter filhos. Porque saber o que eu sabia, ter filhos parecia egoísta. Frívolo. Moral e eticamente errado.

Então eu tentei fazer o que era certo, fosse o que eu queria ou não.

Mas logo eu estaria longe daqui, em um país onde eu tinha preocupações muito maiores do que genética. Tantas pessoas neste mundo precisavam de ajuda e eu não tinha nada me segurando. Minha família estava finalmente saudável e segura. O negócio da família estava crescendo. Com o fim iminente do meu casamento com Marnie, eu estava livre, livre para ir a qualquer lugar que quisesse.

Eu queria ir onde fosse necessário. E Lindenbach não precisava tanto de mim.

Eu peguei um flash de rosa na minha periferia e virei para a visão de Presley andando em minha direção.

Como ela ficou mais bonita à medida que envelhecemos estava além de mim. Seu rosto mais comprido, mais fino, sua mandíbula com a forma perfeita para caber na palma da minha mão. Seus lábios mais largos, uma versão mais

leve do beicinho natural que ela costumava usar. Aquele beicinho estava sempre sorrindo, seus lábios curvados nos cantos mesmo em seu estado de repouso. Quantas noites eu sonhei com ela? Ela era tudo que eu sempre quis, embora eu tenha aceitado que nunca a teria há muito tempo. Quando a tive por um momento, aproveitei cada segundo que me foi dado.

Ela ainda estava de uniforme e tênis branco. Algo nela era incerto, apenas um tremor sob seu rosto feliz. Um vislumbre de preocupação por trás de olhos brilhantes.

— Ei — ela disse enquanto se sentava ao meu lado, colocando sua bolsa no chão.

— Pipoca? — Inclinei o saco de papel listrado em sua direção.

— Obrigada. Estou morrendo de fome. — Ela enfiou um punhado de pipoca na boca.

— Você trabalha na Bettie's, ela deixa você comer qualquer coisa no menu, exceto bisteca.

— Sim, bem… — Ela disse com a boca cheia — Marnie foi lá.

Só com isso, a alegria se esvaiu de mim.

— O que ela fez?

Presley suspirou e sentou-se no banco.

— Nada. Enviou uma torta perfeitamente boa de volta. Me disse que você ainda era casado. Você sabe, o de sempre.

— Quero dizer que estou feliz que você não arrancou os olhos dela, mas eu não a culparia.

— Nah, acabei de fazer minhas unhas. Ela não vale a pena para estragar uma manicure perfeitamente boa.

— Esse é o espírito.

Depois de um momento de silêncio, seu sorriso caiu. Ela estava nervosa.

Eu fiz uma careta.

— Tem certeza que é tudo? Você está bem?

— Eu... estou feliz que você veio hoje.

— Claro que vim. Embora, eu tenha que ser honesto, eu estava esperando um lugar mais privado — Eu brinquei.

Suas bochechas queimaram com uma risada nervosa. Ela mudou de assunto.

— Eu tentei te encontrar depois que você partiu para a Zâmbia, alguém te contou?

— Suas primas mencionaram isso, mas eu pensei que elas estavam apenas brincando comigo.

— Seu telefone, seu e-mail, suas redes sociais… você desapareceu.

— Eu sei. Eu sinto muito. Se eu soubesse que você estava realmente

procurando por mim, eu teria encontrado você. Você sabe disso, certo? — Eu perguntei seriamente.

Ela sorriu. Era um pequeno sorriso, mas eu mereci.

— Eu sei. E se eu pudesse ter encontrado você, eu teria.

Minhas sobrancelhas arquearam enquanto eu tentava descobrir se perdi alguma coisa. — Claro. Sobre o que é isso, Pres?

Ela olhou para suas mãos, seu rosto tenso. Minha frequência cardíaca dobrou.

— Está tudo bem. — Eu cobri suas mãos em seu colo com uma das minhas. — Você pode me dizer qualquer coisa.

Quando ela encontrou meus olhos, fiquei estupidamente impressionado com a emoção crua que encontrei.

— Sebastian, eu…

Meu telefone tocou no meu bolso. Eu ignorei.

Ela olhou na direção do som.

— Pres, qual é o problema?

Mas o momento parou, talvez tenha passado.

— Responda — ela disse. — Pode ser importante.

Eu xinguei baixinho e puxei meu telefone do bolso, irritado ao encontrar o nome da minha mãe na tela.

Com um bufo, eu abri o telefone e coloquei no meu ouvido.

— Mãe, eu não posso falar agora…

— Não entre em pânico, mas a Abuela caiu.

Eu entrei em pânico.

— O quê? Como? Onde? Ela está bem? Onde você está?

— No restaurante e eu não sei se ela está bem. A ambulância está a caminho.

Eu pulei do banco, esquecendo da minha pipoca, que acabou espalhada na grama. Imediatamente um esquilo disparou para aproveitar o derramamento.

— Eu estarei aí em um minuto. Vamos segui-los até o hospital.

— Tudo bem, bebê.

Fechei meu telefone e olhei para Presley, esquecendo por um segundo que ela estava prestes a me dizer algo que a abalou.

— Abuela caiu — eu disse. — Eu tenho que chegar ao restaurante. Venha hoje à noite e podemos conversar, ok? Eu sinto muito.

Ela fez uma cara corajosa.

— Ok.

Inclinei-me para beijá-la rapidamente.

— Continuamos essa conversa depois.

Ela assentiu com a cabeça, e assim, eu saí correndo para minha caminhonete

com o som de sirenes à distância.

Cheguei ao restaurante para encontrar Abuela em uma maca fazendo piadas enquanto os paramédicos a preparavam para viajar. Brincando ou não, seu rosto estava cinza, o restaurante movimentado parado enquanto todos observavam, prendendo a respiração.

Mamãe estava ao seu lado, as sobrancelhas juntas. Elas apenas começaram a crescer novamente, o cabelo dela também. Mas ela não usou um lenço para encobrir, em vez disso decidiu lançar o que parecia ser um grande Foda-se para o universo. A mão de Abeula estava na de mamãe e eu podia dizer pelo branco dos nós dos dedos de Abuela que ela estava com mais dor do que estava deixando transparecer.

Caminhei para o lado de mamãe, alimentado pela preocupação.

Elas me deram sorrisos pálidos. Abuela estendeu a mão livre.

— Mi hijo, você não precisava vir.

— Boa tentativa. — Inclinei-me para dar um beijo em seu cabelo enquanto os paramédicos faziam viagens de ida e volta para a ambulância e preenchiam os papéis. — O que está machucado?

— Achamos que é o quadril dela — mamãe respondeu gravemente.

— Não me olhe assim — Abuela brincou. — Estou velha, mas se você acha que não estarei dançando na cozinha novamente em breve, você está louco.

— Você estava *dançando*? Naquela cozinha? — Apontei para os fundos da casa.

Abuela revirou os olhos.

— "Amor Mio" começou e a próxima coisa que eu percebi, Alberto e eu estávamos dançando.

— Eu vou matá-lo. — Examinei o grupo de caras da cozinha do lado de fora da boca da cozinha até que cruzei os olhos com Alberto.

Ele corou e voltou para a cozinha.

— Não, você não vai — disse Abuela. — Se você encostar um dedo no nosso melhor cozinheiro, é você que estará na ambulância depois. — Ela estremeceu, seu rosto ficando cinza. Ela engoliu em seco.

— Você deu a ela alguma coisa para a dor? — Perguntei ao paramédico com a prancheta.

— Aplicaremos morfina.

— Bom.

— Tudo bem — disse outro paramédico quando ela se aproximou. — Prontos para ir?

— Se há morfina como ele disse, eu nasci pronta.

Com uma risada, ela se moveu para a parte de trás da maca. Mamãe e eu

recuamos.

— Estaremos logo atrás de você, mãe — mamãe disse.

Virei-me para a equipe da cozinha e os garçons.

— Gina, você pode trabalhar na porta? — Ela assentiu. — Bom. Ligue-me se precisar de alguma coisa. E diga ao Berto que ele deve continuar se escondendo se quiser manter os dentes. — Uma risada contida nos rostos preocupados. — Não se preocupe. Uma queda não vai parar Abuela. Manterei vocês informados, ok?

Eles assentiram e se dispersaram. Dei a volta na sala de jantar o mais rápido que pude, confortando qualquer um que estivesse lá enquanto mamãe esperava por mim na frente. E então eu a levei para minha caminhonete.

Estávamos a caminho por alguns minutos em silêncio antes de eu olhar para mamãe.

De alguma forma, ela era ainda mais bonita sem cabelo. Você não podia deixar de notar seus olhos, grandes e escuros e delineados com cílios pretos grossos, que voltaram com força. Depois foi o sorriso dela, que nunca parecia estar longe de seus lábios, mesmo agora com a mágoa de Abuela. Mesmo quando ela estava ligada à radioterapia, incapaz de comer, definhando com olhos e bochechas encovados, aquele sorriso estava sempre esperando para aparecer como o sol por trás de uma nuvem.

— Você está bem?

Ela soltou um suspiro que eu suspeitava que estava segurando.

— Mamãe é indestrutível. Eu não deveria estar com tanto medo, mas odeio vê-la com dor.

Eu balancei a cabeça.

— Além disso, hospitais.

— Eu não sei... eles não me incomodam. Passei muito tempo lá para ter medo deles.

— Pelo menos um de nós — eu brinquei um pouco.

— Pense nisso como um…

— Lugar de cura. Eu sei.

— E eles vão cuidar de Abuela.

— Se é o quadril dela, isso não é ruim?

— Na idade dela, sim. A cirurgia é perigosa. O tempo de recuperação é longo e ela ficará imóvel por um longo tempo. Ela vai deixar todos nós loucos.

— Ou nos fazer levar uma cama de hospital para o saguão do restaurante para que ela não perca nada.

Uma risada. Aquele aguardado sorriso — Me parece bom. — Ela relaxou um pouco, sentada em seu assento. — Onde você estava quando eu liguei? Eu não

esperava ser despachada quando você atendeu.

— Sinto muito. Presley e eu estávamos no parque e ela estava tentando me dizer algo.

— Soa preocupante.

— Parecia preocupante. Ela está vindo hoje à noite. Achei que Abuela iria nos expulsar do quarto dela em algum momento.

— Provavelmente mais cedo do que mais tarde. Ela vai acabar assistindo compulsivamente às novelas e ninguém tem permissão de falar quando ela está tão focada nelas. — Ela se inclinou na porta e passou a mão pela curva de seu crânio distraidamente. — O que você acha que está acontecendo com Presley?

— Não sei. Ela estava me procurando enquanto eu estava na Zâmbia. Você sabia?

— Não. — Uma pausa. — Você acha que ela quer dizer que tem sentimentos por você?

— Eu sei que ela tem sentimentos por mim. Isso não seria uma surpresa.

Ela revirou os olhos.

— Quis dizer que ela te ama.

Minha mente estava em branco de quaisquer respostas. Fazia muito tempo para algo tão sério e tão cedo. Fazia quase cinco anos que não nos falávamos ou nos víamos. Quero dizer, eu não teria ficado tão surpreso – eu estava apaixonado por ela desde sempre e sempre tive a impressão de que ela sentia exatamente o mesmo por mim. Nós nunca dissemos as palavras. Mas não precisávamos.

O problema era que não havia nada que pudéssemos fazer a não ser o que sempre fazíamos: passar um tempo juntos e dizer adeus novamente. Este verão não era diferente de nenhum dos outros.

— O que você diria se ela dissesse? — Mamãe perguntou.

— Que eu senti o mesmo. Mas isso não muda a circunstância. Estou indo embora. Um de nós sempre está.

Ela suspirou.

— Sempre gostei dela. Marnie, nunca entendi direito.

— Às vezes eu também não a entendia.

— Vocês *pareciam* errados juntos. Não sei por quê.

Eu lancei um olhar em sua direção.

— Você nunca me disse isso.

— Você nunca perguntou. — Ela riu quando viu o olhar no meu rosto. — Eu amo Marnie e nunca esquecerei o que ela fez por mim. Para nós dois. Mas acho que todos sabíamos que não era certo.

— Você poderia ter avisado esse cara — eu brinquei.

— Esse não era o meu lugar, Bastian. E de qualquer forma, você acha que

isso teria impedido você?

Eu nem precisei pensar nisso.

— Não.

— Não — Ela repetiu. — Acho que Marnie precisava acontecer. Não sei exatamente por que, mas acho que você precisava dela. E acho que você aprendeu muito. Ou pelo menos eu espero que você tenha. Seria bom se a próxima desse certo, no entanto.

— Se houver uma próxima. — Quando ela franziu a testa, eu esclareci: — A vida que eu quero não é algo que eu possa pedir para outra pessoa se inscrever, mãe. Quem pode deixar tudo para trás para dormir em camas em cabanas de barro em um país que exige uma lista de vacinas maior do que meu braço só para sobreviver? Mas você está certa, eu aprendi. Um dos pontos mais valiosos, as pessoas não podem se afastar do desejo de ter filhos e eu não deveria esperar que o fizessem. Não importa o quanto eles amem você, não importa o quanto eles tentem se convencer de que está tudo bem, é um pedido muito grande.

Seu rosto estava triste.

— A culpa é minha.

— Não é culpa de ninguém. Apenas uma sorte de merda.

— Se você não tivesse passado por tanta coisa comigo, você se sentiria diferente.

— Você não sabe disso. Não se torture.

— A coisa mais significativa que já aconteceu comigo é você. Eu quero isso para você.

— Mesmo que essa criança tenha que suportar o que você fez? — Eu contra-ataquei.

Ela ficou quieta por um momento.

— Acho que Deus tem um plano para cada alma nesta Terra, incluindo a sua. Eu acho que se você escolher nunca ter um filho, isso é por desígnio Dele. E se você fizer isso, é por uma razão, e Ele proverá para você.

Eu balancei minha cabeça. Eu havia desistido de qualquer fé em Deus há muito tempo, embora ainda tivesse profundo respeito por ela e Abuela no que dizia respeito ao assunto.

— Não posso fazer essa escolha com a consciência limpa. Não posso apostar na saúde de uma criança. Eu só... eu não posso fazer isso.

— Eu entendo. Sério. Isso só me deixa triste, só isso. Talvez só porque eu sobrevivi e mamãe também. Acredito que somos fortes o suficiente. Eu acredito que você é forte o suficiente para arriscar. Eu imagino se mamãe decidisse não me ter ou se eu decidisse não ter você. Não consigo imaginar que eu teria sido feliz. Verdadeiramente feliz.

— Mas você não saberia como seria.

Outro suspiro. Uma tentativa de sorriso.

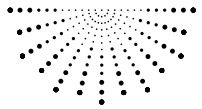
— Não, suponho que não. Mas estou feliz por saber agora.

Entrei no estacionamento do hospital com um buraco no peito que geralmente fazia o possível para ignorar. Mas hoje, depois dessa conversa, o buraco se abriu na escuridão ecoando, se fazendo conhecer.

E eu fiquei na beirada, desejando que as coisas fossem diferentes.

7

IT'S NOW OR NEVER



SEBASTIAN

Meu único consolo ao deixar mamãe e Abuela no hospital naquela noite foi saber que Presley estaria me esperando quando eu chegasse em casa.

Mandei uma mensagem para ela quando saí do hospital e a lembrei onde a chave reserva do bangalô em nossa propriedade estava escondida. Quando entrei na garagem e encontrei sua caminhonete vazia, respirei aliviado pela primeira vez no que pareceram dias.

Eu não pude deixar de sorrir enquanto fazia meu caminho para dentro, embora eu estivesse atormentado por nossa conversa desde que a deixei. Ainda que eu não pudesse abandonar a esperança de que ela *iria* dizer que me amava. Eu queria dizer a ela desde que ela me ensinou o que a palavra significava.

Eu só desejava poder levá-la comigo quando partisse.

— Pres? — Eu chamei, fechando a porta atrás de mim.

— Aqui — Disse ela da sala de estar.

Quando eu virei a esquina, a encontrei ali como se ela estivesse esperando lá toda a minha vida. Seu cabelo escuro caía em ondas sobre seus ombros, seus olhos tão azuis, seus lábios tão cheios. Ela usava um pequeno vestido de verão com alças finas e botões na frente, justo no corpete e saindo para uma saia curta e esvoaçante. Suas mãos se torciam na frente dela.

— Como está a Abuela? — ela perguntou.

— Ela vai ficar bem. Ela quebrou o quadril, mas os médicos decidiram que ela está elegível para cirurgia. Mamãe ainda está lá com ela.

Seus ombros relaxaram um pouco.

— Ela está com muita dor?

— Não, eles a ataram bem para que ela não possa se mover muito e a

doparam. Você deveria tê-la ouvido falando sobre as muitas atrocidades sobre as gelatinas. Como a comida não deve ser comida com um canudo e que a única coisa para a qual gelatina serve é para shot de gelatina. Eu gostaria de ter gravado isso. — Quando eu fiz meu caminho até ela, eu segurei seu braço, beijei sua têmpora. — Lamento que tenha demorado tanto tempo.

— Está tudo bem. Podemos sentar?

— Claro.

Nós nos sentamos no sofá, sentando-se lateralmente para que pudéssemos nos ver. Ela não conseguia encontrar meus olhos. Seu olhar estava firmemente travado em suas mãos em seu colo.

— Não sei por onde começar. — Disse ela.

— A maioria das pessoas diz que o começo é um bom lugar.

— O fim pode ser mais fácil.

Minhas sobrancelhas se juntaram. Eu não a pressionei, apenas esperei.

— Eu tentei te encontrar quando você foi embora.

— Você mencionou isso antes.

— Eu sei. Apenas... deixe-me divagar por um segundo, se estiver tudo bem.

Eu balancei a cabeça. A antecipação formigante subiu pela minha pele – um alerta.

— Você não estava em lugar nenhum. Todas as maneiras que eu tinha para falar com você desapareceram. E quando você voltou, partiu para Houston. Pedi às minhas primas que te encontrassem, mas sem lhes dizer o porquê, elas não me levaram a sério, apenas me provocaram. Elas procuraram, mas não com seriedade. Eu não poderia dizer a elas por que, não até encontrar você. Mas não consegui te encontrar.

— Eu estou aqui agora.

Ela arriscou um olhar para mim, seu rosto em forma de emoção. Ela tentou sorrir.

— Eu sei. — Seu olhar caiu de volta para suas mãos. — A última vez que nos vimos parece muito tempo atrás.

— Cinco anos.

— Quatro anos e nove meses.

Eu fiz uma careta, sem saber o que ela queria dizer. O único momento em que alguém diria nove meses era…

Meus pulmões esvaziaram.

Ela não podia estar prestes a dizer o que eu achava que ela estava prestes a dizer. Era impossível. Insondável.

O olhar em seu rosto dizia muita coisa.

— Presley…

Ela engoliu em seco. Encontrou meus olhos.

— Temos uma menininha.

Minha visão escureceu, exceto por um pequeno buraco pinhole, meus ouvidos zumbiam alto demais para ouvir qualquer outra coisa. Mas ela não falou. Ela se sentou lá me observando com medo escrito em cada linha dela enquanto meu mundo parava completamente e totalmente.

Eu não poderia tê-la ouvido direito.

Um bebê. Uma criança. Eu tenho uma filha. Uma garota. Eu sou pai.

Eu sou pai.

Eu não conseguia respirar, meus pulmões travados, a pontada da dor me alertando para abri-los. Uma respiração profunda que foi muito rápida me fez engolir outra, mais lenta desta vez.

Uma garotinha minha.

Imaginei uma coisinha que parecia Presley definhando em uma cama de hospital, mesmo que ela não ficasse doente até que fosse muito mais velha. Eu podia vê-la esquelética com fios e tubos saindo dela como tentáculos.

Pare. Não. Você não pode mudar isso. Você não pode evitar isso.

Está feito.

Visões de Presley passaram pela minha mente. Eu a imaginei grávida e procurando por mim. Pensei nela sozinha e solitária, carregando tudo isso sem contar a ninguém. Ela não poderia. Eu teria descoberto. E ela sabia o que eu queria. Ela sabia que não era isso.

Não é à toa que ela estava com medo.

Ela não era a única.

— Eu… — Minha voz falhou, minha garganta muito seca. Eu tentei engolir. — Eu não sei como... eu não posso...

Mais uma vez, ela tentou sorrir, desta vez através de um abismo de dor. Uma lágrima escorreu de seu olho e sobre a curva de sua bochecha.

— Está bem. Você não precisa fazer nada. — Sua respiração engatou, mas ela quis dizer o que ela disse. — Você precisava saber. Eu não espero nada de você, eu sei como você se sente sobre isso.

— Presley…

— Não, está tudo bem. — Suas lágrimas fluíam livremente agora, seu sorriso corajoso. — Nós estivemos passamos por tudo sozinhas. Ela não sabe quem você é – ninguém sabe, e não precisamos contar a ninguém. Mas eu tinha que te dizer agora que te encontrei. Eu sinto muito. Eu sinto muito. — As palavras quebraram sua compostura e ela olhou de volta para suas mãos enquanto tentava se controlar.

E eu não podia suportar vê-la quebrar, nem por um maldito minuto.

Ela estava em meus braços no momento seguinte. Seu corpo enrolado no meu, sua cabeça dobrada na curva do meu pescoço e sua palma no meu peito. E por um minuto, eu a deixei chorar. Meus pensamentos pingaram ao redor do meu cérebro como uma bola de pinball, aquele buraco negro sem fundo em mim esperando para me engolir.

Como isso aconteceu?

Lembrei-me do nosso último verão vividamente, a memória desgastada pelo uso. Estávamos protegidos ou eu achei que estivessemos. Algumas vezes, ficamos impacientes, eu não coloquei uma camisinha até que fosse quase tarde demais.

Uma criança.

Uma filha.

Eu sou pai.

Eu tinha perdido aquilo.

Ela deveria ter me encontrado. Ela poderia ter feito isso, se ela tivesse revelado o segredo.

Mas eu joguei fora. Imaginei as irmãs Blum contando para alguém, mesmo que fosse só a mamãe. Imaginei ouvir isso dela. De Abuela. De rumores.

— Você deveria ter me encontrado.

Sua respiração engatou, seu corpo estremeceu em meus braços. Beijei o topo de sua cabeça e fechei os olhos.

— Eu não acho que você gostaria que alguém soubesse. Você não queria ser um... um pai.

— Eu não queria filhos. Nunca disse que não queria ser pai.

Uma nova onda de lágrimas a abalou, mas depois de um momento, ela se sentou e saiu do meu colo para o sofá.

— O que você teria feito? — Ela enxugou as bochechas. — Se você tivesse descoberto na Zâmbia, o que você teria feito?

— Eu teria voltado para casa.

Ela balançou a cabeça.

— Você teria sacrificado o que queria. Nenhum de nós iria querer isso.

— Nenhum de nós queria isso também.

O silêncio pairou entre nós.

— Do que você desistiu para que eu pudesse ter meu sonho? — Eu perguntei. — Escola? Uma vida social? O que você não tem por causa disso?

— Não havia sentido em nós dois fazermos o sacrifício. — Ela balançou a cabeça. — Não importa. Eu não iria a lugar nenhum, Bastian. Mamãe estava muito doente para trabalhar. Eu tive que cuidar da hipoteca dela para manter o teto sobre nossas cabeças sem um emprego de verdade.

— Servir mesas é um trabalho real.

Ela me deu um olhar.

— Você sabe o que eu quero dizer. E eu tinha Priscilla para cuidar.

Meu coração deu uma guinada, mas um sorriso roçou meus lábios.

— Priscilla, hein?

Ela deu de ombros, sorriu pequeno, seus olhos varrendo o teto.

— Você me conhece.

— Posso... você tem fotos?

— Eu posso ter uma ou duas — disse ela, alcançando sua bolsa no chão para pegar seu telefone. Por um segundo, ela o folheou antes de entregá-lo.

A foto em seu telefone me atingiu em cheio no estômago. Seu cabelo era preto como a meia-noite, longo o suficiente para me perguntar se já tinha sido cortado. Bochechas redondas, um queixo pequeno e forte, um sorriso nos lábios rosados. E olhos de um tom de azul tão profundo que pareciam sem fundo.

Ela se parecia com Presley. A julgar por seu tutu, tênis desgastados e sua camiseta que dizia “Preciso de atenção”, eu suspeitava que ela também agia como Presley.

Eu deslizei. Então eu deslizei novamente. Eles tinham corações – seus favoritos – e eu voltei no tempo. Através de Natais e bolos de aniversário, através de playgrounds e selfies com Presley. Às vezes, eu via minha mãe em Priscilla, algo em seu sorriso ou no formato de seus olhos que me despertava uma certa familiaridade. Eu conhecia essa criança. Eu a conhecia desde as fotos quando ela era apenas um pacote nos braços de Presley. De volta a um momento no hospital quando eles se conheceram, o vestido de hospital de Presley pendurado em seu ombro e seu cabelo em um coque bagunçado, lágrimas nos olhos e queixo inclinado.

E então foram as fotos de sua barriga que encolheram a cada deslize. E o último deslize foi para uma foto nossa, uma selfie que ela havia tirado. Lembrei-me do dia, lembrei-me dela sentada entre minhas pernas na caçamba da minha caminhonete com as costas contra o meu peito, nós dois rindo. Fui eu quem quis tirar a foto – ela estava tentando tirar o telefone de mim. Só ganhei porque a enganei e fiz cócegas nela.

Por um tempo, eu estava muito sobrecarregado para falar.

— Eu perdi tudo isso — eu disse finalmente.

— Eu... eu entendo se você me odeia. Mas por favor saiba, eu tentei te encontrar. Eu até dirigi até aqui uma vez, mas ninguém falava com você há meses. Pedi que dissessem que estava procurando por você, mas não consegui... não consegui dizer por quê. Não com você do outro lado do mundo sem nenhum acesso a nós.

— Eu não odeio você. Estou... bem, não sei como estou.

Ficamos em silêncio novamente.

— O que eu posso fazer? — ela perguntou. — O que você precisa? Tempo? Existem, não sei... perguntas que eu possa responder?

— Tenho um milhão de perguntas, mas não sei se posso fazê-las esta noite.

— Eu entendo — ela respondeu calmamente. — Eu... eu deveria ir. Dar-lhe um tempo. — Ela se levantou, mas eu agarrei sua mão antes que ela se afastasse.

— Você a testou para o gene?

Ela balançou a cabeça.

A torção no meu peito aliviou um pouco. Eu não estava pronto para saber. Ainda não. Parte de mim não queria saber, percebi. O resto de mim precisava.

Aquela linha que tracei para demarcar o que eu queria e o que era certo foi apagada com uma frase. *Temos uma menininha*. Todo esse tempo pensei que a linha era intransitável e aqui estava eu do outro lado sem saber que estava aqui o tempo todo.

E eu não podia voltar.

— Tempo — eu comecei, meus olhos em sua mão na minha, pegando um delicado anel de ouro em seu dedo indicador. — Há algumas coisas para as quais preciso de tempo, com certeza. Mas não preciso de tempo para saber que quero conhecê-la. Eu quero que minha família seja a família dela. Eu... eu quero que ela seja minha. Eu nunca poderia fingir que ela não existe. Eu nunca poderia mentir para o mundo sobre isso, Pres. Não importa o que eu pensei que queria, já passamos disso. E é maior do que isso.

A emoção me venceu, uma emoção profunda e elementar que eu nunca havia experimentado. Quando olhei para ela, fui varrido pela ternura. Estávamos presos da forma mais inquebrável e o assombro e a maravilha de tudo isso enviou um raio de possessão por mim. Presley sempre tinha sido minha e esse simples fato nos trouxe até aqui.

Eu teria para sempre um pedaço dela em nossa criança.

Eu sou pai.

Eu me levantei, deslizei minha mão na curva de seu pescoço, pressionei meus lábios nos dela com um profundo desespero para consumi-la, para respirá-la até que não houvesse distinção entre nós. Ela me deu outro sonho, um que eu nunca pensei que teria. Um que eu não teria por um plano, exceto assim. Meu medo e confusão se acalmaram em um sussurro, varridos pela corrente da minha emoção. Essa emoção guiou meus lábios, minhas mãos em exaltação e admiração, procurando se conectar de uma forma que tinha menos a ver com desejo do que com o coração dela e o meu.

Foi um regresso a casa de tal magnitude, não houve palavras. A única

maneira de se comunicar era com nossos corpos.

Por um longo e quente momento aquele beijo foi tudo o que havia ou seria. Mas então ela se separou.

— Bastian — ela disse sem fôlego, olhando para baixo, fechando os olhos.

Eu beijei sua testa.

— O que fazemos agora? — ela perguntou.

Eu queria que ela ficasse. Mas as coisas já eram complicadas o suficiente.

— Quando eu posso conhecê-la?

— Amanhã, se você quiser.

— Eu quero.

Ela assentiu. Olhou para baixo.

— E quanto a... bem, e quanto a nós?

— Podemos deixar isso para amanhã?

Ela pareceu aliviada. Eu não tinha certeza de como me sentir sobre isso.

— Claro — ela respondeu.

— Você trabalha amanhã?

— Não na Bettie, mas vou pegar meus suprimentos e começar a fazer velas de novo.

— Você tem acesso a toda essa cera.

Ela riu.

— Adoro que você queira ter seu próprio negócio.

— Isso é o que eu quero fazer — disse ela com orgulho.

— Isso faz mais sentido para mim do que ser uma garçonete.

— Eu sou uma garçonete muito boa, muito obrigado.

— Você é. Você simplesmente não gosta que lhe digam o que fazer.

— Bom ponto.

Sorrimos um para o outro por um momento. Tudo parecia grande demais para lidar, tudo menos o que estava bem aqui na minha frente.

— Venha pela manhã. Vou fazer o café da manhã e podemos conversar.

Ela recuou.

— Ok.

— Ok.

Quando ela pegou sua bolsa, eu a acompanhei até a porta, pegando a caixa de doces que ela havia deixado ontem à noite no caminho para a porta, feliz por ter algo em minhas mãos para não estragar tudo, mantendo-a aqui a noite toda.

— Obrigada — disse ela quando passei por ela e abri a porta. Ela deu um passo para fora. Parou. Voltou-se para mim. — E obrigado por tudo isso. Eu sinto muito.

— Pare de se desculpar, Pres. Estou feliz por você estar aqui agora.

Ela sorriu e acenou com a cabeça para seus sapatos, seus olhos subiram rapidamente para encontrar os meus mais uma vez quando ela disse:

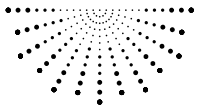
— Boa noite.

Eu a observei até que suas lanternas traseiras desapareceram. Quando a porta foi fechada, eu me inclinei contra ela e fechei meus olhos, imaginando o que significava ser um pai, esperando que eu descobrisse.

Esperando que eu não fodesse com tudo.

8

IT'S ONLY LOVE



PRESLEY

Certamente eu estava sonhando.

Eu escutei pela metade Sebastian enquanto ele falava sobre a Zâmbia, não porque não fosse fascinante, mas porque eu não conseguia entender que eu estava sentada aqui em sua cozinha vendo ele fritar ovos com meu segredo a céu aberto e batendo as asas ao vento.

Outra realidade era a dor sempre presente no meu peito que eu viria a associar estreitamente com Sebastian.

O que ele não queria falar na noite passada teria que ser abordado hoje. E eu sabia que algumas coisas importantes eram verdade.

A primeira era que eu estava irrevogavelmente apaixonada por ele.

A segunda era que ele estava indo embora.

E a terceira – e mais importante – era que este era o momento errado para começarmos algo sério.

Uma grande parte de mim não conseguia acreditar que ele não me expulsou da cidade ontem à noite. Por mais que tenha imaginado como isso aconteceria, eu realmente não esperava que desse certo. Talvez eu estivesse fazendo isso sozinha por muito tempo para me permitir imaginar como seria ter um parceiro. O resultado lógico era que eu continuaria a fazer isso sozinha.

Em vez disso, ele nos aceitou. Ele me perdoou. Ele decidiu que queria encontrá-la, conhecê-la.

Eu não sabia exatamente o que isso implicava. Mas eu *sabia* que ele não poderia estar interessado em começar algo comigo. Não agora, no meio de um divórcio com uma passagem de avião para a Zâmbia no bolso.

Mesmo que ele *tenha* me beijado pra caralho na noite passada. Se eu

duvidasse que ele queria estar comigo, ele teria apagado o pensamento ali mesmo.

A boa notícia era que Sebastian e eu éramos profissionais na coisa de *amigos com benefícios*. E apesar do conhecimento de que essas coisas nunca funcionavam quando uma das partes (eu) tinha sentimentos, era um sacrifício que estava disposta a fazer. Contanto que concordássemos em mantê-lo casual, tudo ficaria bem. Provavelmente.

Outra coisa que eu sabia, algo que mal podia reconhecer, era que eu não podia deixá-lo ficar por nós. Por mais que quisesse, eu não conseguia ver uma maneira de darmos certo a longo prazo. Um dia ele se arrependeria de ficar se fizesse isso por mim e/ou por Priscilla.

Eu tinha visto o olhar em seu rosto quando ele falou sobre seu tempo no Corpo da Paz – o mesmo olhar que ele tinha em seu rosto naquele exato momento em que sua história continuava. Era onde ele queria estar. Esse era o seu futuro.

Prefiro ansiar por ele do outro lado do mundo do que viver com a possibilidade dele se ressentir de nós por roubar a vida que queria. Ele terminou um casamento por causa disso e eu não me tinha em tão alta estima ao ponto de pensar que estaria isenta do mesmo destino que Marnie. Claro que seria diferente, mas a base ainda seria a mesma.

Se eu tocasse no assunto, ele negaria a possibilidade. Ele argumentaria. Mas ele não podia apagar mais de uma década de insistência firme de que esta não era a vida que ele queria. E eu não queria estar no caminho quando ele descobrisse.

Mais do que isso, eu não queria que Priscilla suportasse aquela rejeição.

Ele não podia ficar aqui por obrigação ou nós dois nos arrependeríamos.

Então eu tinha que mantê-lo à distância, sabendo que não poderia tê-lo, não como eu queria. Mas isso acabou por ser a minha especialidade.

— Estou feliz que você não tenha trabalho esta manhã — disse ele, colocando batatas fritas.

— Eu também.

— E que por sua mãe estava tudo bem em cuidar de Priscilla.

O som dele dizendo o nome dela fez algo curioso para o meu útero.

— Você conhece mamãe, ela é sempre a primeira a ajudar. Além disso, as duas amam seu tempo de Nonnie.

— Nonnie, hein?

— Não sei de onde veio, mas é como as avós são chamadas na minha família desde sempre. Acho que pode ser italiano.

— Imagino como minha mãe vai se sentir por ser chamada de Abuela — ele

meditou.

— Tenho a sensação de que ela vai gostar.

— Eu também. — Uma vez que os ovos e o bacon estavam prontos, ele se aproximou e colocou um dos dois pratos na minha frente. — A que horas devo ir?

Meu coração batia descompassado.

— Bem, eu preciso chegar em casa e preparar minha família… era muito tarde ontem à noite e muito cedo esta manhã, mas a qualquer momento depois disso.

— Você vai dizer a ela antes de eu chegar lá?

— Eu não sei — eu respondi. — O que você acha?

Uma pausa. — Acho que não tenho a menor ideia de como lidar com isso. Tenho que depender de você neste caso.

Pensei por um momento, ignorando aquele sentimento triste, afundando o que ele havia dito.

— Talvez fosse mais fácil se eu contasse a ela primeiro e depois que você está vindo. Assim, posso responder as perguntas dela primeiro e você pode entrar assim que ela se acalmar e simplesmente aproveitar.

— Funciona bem para mim. — Ele salgou seus ovos e se aconchegou.

Fale. Fale e ponha um fim à antecipação.

— Então, eu estava pensando em nós — comecei.

Mas antes que eu pudesse continuar, ele disse:

— Eu também.

Sorri tristemente para ele.

— Nossa sincronia é péssima.

Ele sorriu tristemente de volta.

— De fato.

— Mas eu... bem, eu não sei como estar aqui com você sem estar com você.

— Nem eu.

Oh, que alívio. Eu sorri.

— Como de costume, se queremos ficar juntos, tem que ser temporário. Nada sério. Então, se você estiver interessado, acho que devemos fazer o que sempre fazemos. Amigos com benefícios.

Algo em seu rosto mudou com um leve arqueamento de uma de suas sobrancelhas, mas eu não conseguia lê-lo. Ele estava pensando em uma centena de coisas, mas apenas disse: — Por quê?

Eu respirei dolorosamente, mas fiz o que sempre fazia quando as coisas ficavam reais, eu contei uma piada.

— Para começar, Marnie pode realmente jogar um balde de sangue de porco

em mim na praça da cidade quando descobrir sobre nós.

Isso me rendeu uma risada, mas ele ainda tinha aquele olhar em seu rosto.

— Eu estaria mais preocupado com uma maldição vodu do que com sangue de porco.

— Vou garantir que tenhamos um galo preto e muitas cabras na fazenda, só por precaução.

— Você sabe que está acabado entre ela e eu, certo?

— É claro. Mas… como ela fez questão de apontar, você tecnicamente ainda está casado. E você vai embora em alguns meses.

O olhar curioso se transformou em carranca.

— Eu não tenho mais certeza sobre isso.

Senti o calor em meu rosto e engoli em seco, mas coloquei aquele sorriso como a maldita profissional que eu era.

— Vamos lá, Bas, você não vai jogar fora o Corpo da Paz e seu sonho. Isso é loucura. — Ele não parecia convencido, então continuei. — Você tem que ir.

— Eu não *tenho* que fazer nada — ele respondeu.

— Tudo bem, mas você *deveria* ir.

Ele me observou por um minuto.

— Você quer que eu fique?

— Eu quero que você seja feliz e partir vai te fazer feliz.

— E se houver outras coisas que me farão feliz aqui?

A vibração em minhas costelas não eram borboletas – era um caldeirão de morcegos assustados.

— Você não sabe quanto tempo ficar aqui vai te fazer feliz. O que você sabe é que ir vai. Estaremos aqui quando você voltar.

— Você pensou muito nisso.

— Bem, eu tive um pouco mais de tempo do que você para processar. Lembra que você confiou na minha opinião a respeito de Cilla?

Ele assentiu.

— Confie em mim nisso também. E vamos passar tanto tempo juntos neste verão que iremos querer sufocar um ao outro quando você tiver que ir embora.

Quando ele riu, eu respirei um pouco mais fácil.

— Eu não odeio a ideia de passar todo o meu tempo com você. E com Priscila também. — Ele fez uma pausa. — Ela vai para a cama cedo, certo?

— Sim — eu disse em uma risada.

— Perfeito – as noites são minhas.

Ele se inclinou para um beijo e foi quase tão doce quanto o da noite passada, agora que os negócios desagradáveis do futuro ficaram para trás.

Quando ele se afastou, foi para me olhar com olhos sem profundidade. Ele

varreu uma mecha de cabelo sobre meu ombro.

— Amigos com benefícios, hein?

— Melhor do que apenas amigos, certo?

— Se essas são minhas opções, então sim.

Eu sorri, deslizando para mais perto. — Vai ser um verão digno de livro.

— Não esperaria nada menos, não quando se trata de você.

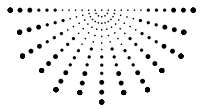
Eu não sabia mais o que dizer, então eu o beijei para cobrir minha mágoa.

É melhor assim, você vai ver.

Eu só esperava estar certa.

9

LITTLE GIRL



PRESLEY

Priscilla me olhou.

— Você está brincando comigo, mamãe?

Eu ri, embora meus olhos estivessem marejados.

— Eu não estou brincando com você, bebê.

— Eu tenho um pai?

— Você tem. Claro que você tem um pai. Você sabe disso. Lembra como um bebê é feito?

Ela levantou as mãos, fazendo uma mão em um círculo e os outros dedos girando em sua direção.

— O esperma do papai nada até o óvulo da mamãe e entra lá dentro — ela diz, sua voz ficando baixa e alta com o balançar, que ela exibiu cuidadosamente com as mãos em um gesto adulto levemente perturbador. — E isso faz um bebê. — Ela fez um gesto "ta dã" com a mão.

— Certo. E você não pode fazer um bebê sem a parte do esperma e só os papais têm isso.

Ela assentiu pensativa.

— Ele é legal?

— Ele é muito legal.

— Ele é bonito?

Outra risada.

— Ele é muito bonito.

Ela sorriu.

— E ele vai morar conosco?

Meu sorriso caiu.

— Não, bebê. Por enquanto, seremos todos amigos.

— Você não é amiga dele?

— Eu sou, mas você ainda não é, joaninha. — Eu belisquei sua barriga.

Ela riu, afastando minha mão. Mas ela ficou séria.

— Ele vai gostar de mim, mamãe?

Peguei suas pequenas mãos e a puxei para mais perto.

— Ele vai te amar.

— Promete?

— Eu prometo. Não sei se você sabe disso, mas é impossível não te amar.

Ela segurou meu rosto em suas mãozinhas gordinhas e disse:

— Você também.

Eu a peguei e a beijei cerca de vinte vezes até que ela percebeu e tentar se afastar de mim se tornou um jogo.

— Pare com isso, mamãe.

— Ok, tá bom — eu me queixo.

— Quando o papai vem?

Essa vibração aconteceu novamente. Era como se um bando de pombos tivesse fixado residência permanente em meu torso.

— Você quer vê-lo hoje?

Ela assentiu com grande entusiasmo.

— Quer conhecê-lo daqui a pouco?

— Quero conhecê-lo agora! — Eu a empolguei tanto que ela estava pulando.

— Ok. Deixe-me enviar uma mensagem para ele.

Peguei meu telefone e ela pairou no meu cotovelo, me observando enquanto eu mandava uma mensagem para ele.

— Posso ver uma foto?

Abri o contato dele e mostrei a ela minha foto favorita de nós, a mesma que ele passou tanto tempo olhando na noite passada.

Seus olhos se arregalaram de admiração. Depois de um segundo, ela apontou para o sorriso dele.

— Esse é o papai?

— Esse é o seu pai — eu confirmei. Minhas entranhas estavam todas retorcidas em nós, feitas de nervos, alívio e um monte de amor.

— Ele vai ler livros para mim?

— Eu aposto que ele vai. Quer escolher um para quando ele vier?

Ela assentiu e agarrou minha mão, me puxando em direção ao nosso quarto.

— Eu quero usar um vestido. Um que rodapia.

— Certo. — Levantei-me e deixei que ela me arrastasse para o armário.

— Você vai usar um vestido também — disse ela, vasculhando o armário

como se fosse a selva.

Inspecionei meu short jeans e regata.

— O que, isso não está bom?

Ela revirou os olhos.

— Não. Este. — Ela puxou um vestido brilhante que usei na véspera de Ano Novo, provavelmente há cinco anos.

— Que tal algo mais assim? — Tirei um vestido de verão.

Priscilla me avaliou, batendo no lábio. Levou toda a minha força de vontade para não rir.

— Gire — ela comandou.

Eu girei.

— Não. Precisa girar mais.

— E esse? — Troquei por um vestido vermelho com saia rodada. Quando eu girei, ela aplaudiu.

— Girandooo — ela disse e girou em um círculo, parando um instante quando ela completou uma volta com seu quadril e seu rosto de Beyoncé.

Com uma risada, me ajoelhei com seu vestido na mão e fiz menção de ajudá-la, mas ela afastou minhas mãos.

— Não, mamãe. Eu faço.

— Tudo bem, senhorita independente. — Entreguei seu vestido e me levantei para me trocar, tentando não rir enquanto ela lutava para tirar sua camiseta.

Eu esqueci momentaneamente o que aconteceu nas últimas dezoito horas, e isso me atingiu como um tapa na cara. Sebastian estava a caminho agora para encontrar Priscilla e eu não sabia o que aconteceria. Ficaria tudo bem, isso eu sabia. Mas não estava preparada para como me sentiria. Oprimida, isso era um dado. Isso definitivamente me atingiria na máquina de fazer bebês, mas aquele era um dia normal com Sebastian. Nada mais importava do que ele com nossa filha.

Nossa filha. Agora que eu estava aqui, a realidade dessa declaração era demais para processar. Ele sempre foi inalcançável – literalmente – uma verdade distante, uma história que eu contei a mim mesma. E agora ele estava bem aqui na minha frente depois de cinco longos anos. Eu mal sabia o que fazer comigo mesma.

Eu tinha certeza que minhas primas ainda estavam de pé na cozinha onde eu as deixei com suas mandíbulas no chão. Elas se revezaram fazendo perguntas, piscando boquiabertas como trutas. Houve também abraços, algumas lágrimas e muitos castigos por não pressioná-las a ajudar a encontrar Sebastian.

Isso me deixou com uma culpa incontrolável. Por tanto tempo, eu estava sozinha nisso, além de mamãe. E agora tantas pessoas que amavam Priscilla

sabiam a verdade que eu tinha escondido delas. E a família de Sebastian tinha crescido em um – dois, se você contar comigo. O que eu não fiz.

Eu senti que devia a todos um pedido de desculpas por um pecado que eu nunca poderia expiar completamente. Por não encontrá-lo. Por não ter certeza que Priscilla conhecia seu pai, sua família. Por inadvertidamente mantê-la longe deles sob o que parecia ser uma desculpa de má qualidade não querer que ele descobrisse de ninguém além de mim.

Mas eu poderia lidar com isso mais tarde.

Hoje seria sobre minha filha e seu pai.

SEBASTIAN

O sol escaldante não tinha nada a ver com o suor das minhas mãos segurando o volante.

Entre Priscilla e Abuela, eu tinha acabado de experimentar um dos trechos de vinte e quatro horas mais fodidos da minha vida, e eu não podia ter certeza de como me sentia sobre isso.

Fiquei feliz por Presley e eu termos esperado para falar sobre o futuro do nosso relacionamento. Porque se ela tivesse me dito ontem à noite que não queria ficar comigo, não sei como teria lidado com isso. Pelo menos assim eu a teria para o verão, mesmo que ela não me quisesse por mais do que isso.

A verdade era que eu realmente tinha que me submeter a ela sobre o que deveríamos fazer, pelo menos até me orientar. Eu poderia ter contribuído biologicamente, mas Presley era a mãe de Priscilla. Eu tinha muito a aprender a resistir, e se Presley não quisesse ficar comigo a longo prazo, eu sabia que não deveria tentar convencê-la do contrário. Era uma característica genética que ela compartilhava com suas primas, sustentando uma longa linhagem de mulheres que não saberiam o que fazer sob nenhuma circunstância.

E aqui eu pensei que ela ia me dizer que me amava. Em vez disso, ela me disse que não poderíamos ficar juntos.

Havia alguns pontos que eu sabia que ela estava certa. Tecnicamente, eu ainda estava casado, embora estivéssemos separados por mais de meio ano – seis meses de casamento não eram nada, mesmo que fosse um quarto do nosso casamento. E Marnie não era um conceito distante, uma mulher sem rosto em outra cidade. Ela estava bem aqui em Lindenbach, certificando-se de encontrar o caminho para o espaço de Presley.

Estremeci ao pensar no que ela faria quando descobrisse sobre Priscilla.

Percebi então que eu precisava ser o único a dizer a ela, e o pensamento fez meu estômago revirar. Eu faria isso sem questionar, mas não ia ser bonito. E as consequências afetariam Presley de uma forma ou de outra. Eu simplesmente não podia contar como. O próprio futuro que acabou com meu casamento era agora uma realidade. Uma realidade que eu compartilhei com Presley em vez de Marnie.

Eu estaria mentindo se não admitisse que Presley foi uma presença silenciosa no meu casamento. O nome dela não deveria ser falado – eu suspeitava que Marnie sabia que parte de mim sempre seria de Presley. E agora Presley e eu tínhamos um vínculo que eu havia negado a Marnie, e essa conexão era inquebrável.

Ao contrário do meu casamento.

Eu contei à minha mãe sobre Cilla esta manhã depois que Presley foi para casa, e ela chorou tanto que não conseguia falar. Ela deu o crédito a Deus, lembrando-me do que ela disse ontem – Deus proverá.

Eu gostaria de ter esse tipo de fé, do tipo que te dava a certeza de que as coisas simplesmente dariam certo. Mas a ciência ditava que havia uma chance de cinquenta por cento que Priscilla carregaria o marcador genético também, multiplicando suas chances de ter câncer para um número com o qual eu não podia fazer as pazes.

Mas mamãe estava certa sobre uma coisa: o que estava feito estava feito.

Minha culpa por estar animado e grato pela chance de ser pai era pesada e profunda. Porque eu poderia tê-la condenado a um destino que me assombrava. Era quase egoísta demais para reconhecer. Mas estava lá, uma atração forte e constante em direção a uma vida que eu só imaginava.

Eu não sabia como eu deveria sair no final do verão. Eu já tinha perdido muito, e perder mais parecia errado. Mas, novamente, um ponto que Presley fez era inerentemente verdadeiro – tudo que eu sempre quis foi sair daqui, mas o dever continuou me chamando para casa. E isso, de certa forma, não foi diferente. Não tinha como saber se eu seria feliz aqui, mas isso nunca era uma garantia. Eu poderia ir para a Zâmbia – um lugar que uma vez me preencheu como apenas um chamado pode fazer – e ficar infeliz deixando minha filha que eu mal conhecia para trás.

Nada nele era preto e branco, apenas tons indistinguíveis de cinza. A discussão era cíclica, com uma resposta esbarrando em outra pergunta, repetidas vezes. Era muito novo para decidir de uma forma ou de outra, então disse a mim mesmo o que vinha dizendo desde esta manhã.

Veremos.

Eu não tinha que decidir. Ainda não.

Eu tinha alguém para conhecer primeiro.

Alguns minutos depois, desci o caminho sinuoso e salpicado de sol para a fazenda de abelhas dos Blum. A fazenda estava aqui há mais tempo do que minha família estava vendendo Tex Mex. Minha bisavó e suas irmãs faziam parte do original Chili Queens, vendendo chile com carne e tamales no El Mercado, em San Antonio, no início de 1900. Abuela adorava contar histórias sobre como uma irmã ficava na frente e cantava enquanto outra tocava violão e o resto cozinhava e servia. Abuela e seus primos corriam pelo mercado e brincavam o dia todo, o que durou até que as Chili Queens começaram a abrir restaurantes. Em vez de competir, Bisabuela mudou-se com a família para cá, para Lindenbach, e abriu o Abuelita's.

Foi Abuela quem pensou em iniciar a produção do molho de salsa, tomatillo e carne de nossa família, que se espalhou para incluir tortilhas, batatas fritas e queijo em conserva, tornando-se um item básico nos supermercados do Texas, graças a um contrato fortuito com a HEB.

A fazenda Blum já funcionava muito antes disso. Nos anos 1800, eles viajavam de carroça para cidades vizinhas para vender o mel e as flores de seus campos e, na época em que a Abuelita's foi fundada, os Blums decidiram abrir a produção também. Eles tinham uma pequena operação de conservas em sua propriedade, bem como vários hectares de campos de flores para alimentar suas abelhas. Flores que abasteciam vários floristas da região.

Eu estive aqui muitas vezes ao longo dos anos, mas desta vez, o extenso rancho me intimidou de uma maneira que eu não esperava. Dentro daquela casa estava minha filha. Quando eu entrasse por aquela porta, eu seria o pai de alguém.

Com esse pensamento aterrorizante, parei na frente da casa. Fechei meus olhos. Firmei minha respiração. Encontrei o lugar quieto e silencioso no centro do meu peito.

E quando abri os olhos, Presley e Priscilla já estavam lá, paradas na varanda.

Minha garganta se fechou. Peguei a maçaneta e abri a porta com os olhos na garotinha ao lado de Presley. Quando ela saltava na ponta dos pés das sapatilhas brilhantes, seu vestido abria e fechava como uma água-viva.

— Ele está aqui, mamãe! — ela praticamente gritou.

Uma risada saiu de mim enquanto as pernas dormentes me carregavam em direção a elas.

Presley sorriu e segurou sua mão, me observando com uma estranha mistura de alívio e medo em seu rosto. Priscilla tentou correr em minha direção, mas Presley segurou sua mão para me dar aquele último segundo que eu não sabia que precisava. Quando cheguei aos degraus do pátio, a excitação de Priscilla se

transformou em timidez, suas bochechas corando enquanto ela se aproximava de Presley, com o queixo para baixo. Ela deitou sua bochecha contra o quadril de sua mãe.

Eu me agachei sobre os joelhos trêmulos para ficar no nível dos olhos dela.

Priscila não disse nada.

— Cilla, este é Sebastian — disse Presley, ajoelhando-se. Ela me lançou um olhar encorajador.

Estendi a mão, sem saber mais o que fazer.

— Oi, Priscila.

Ela olhou para minha mão, então encontrou meus olhos.

— Você é meu pai?

O chute no meu peito roubou minha respiração. Mas eu mantive meu sorriso e assenti.

— Você é minha filha.

— Eu sou sua Cilla.

Eu ri, e meu peito que estava vazio ferveu com calor. Eu peguei minha mão de volta.

— Você é.

— Mamãe disse que eu tenho outra Nonnie.

— Você tem, mas acho que ela vai querer que você a chame de Abuela.

— Abuela. — Ela testou a palavra. — Mamãe disse que você faz tacos.

Presley e eu compartilhamos um sorriso.

— Isso é verdade. Veja, minha abuela tem um restaurante, então ela faz todo tipo de coisa.

— Eu gosto de tacos.

— Eu também. Crocante ou macio?

Seu nariz enrugou.

— Os crocantes quebram e eu fico brava.

— Bom ponto.

— Podemos ir comer tacos?

— Talvez outro dia, bichinho — Presley respondeu. — Quer entrar? Você pode pegar o livro que queria mostrar a Sebastian.

Priscilla sorriu e partiu para a porta da frente.

— Pete o gato! Pete o gatooo! Ela parou na soleira com a porta de tela contra sua mão. — Vamos, papai!

Eu não entendia muito bem como eu podia sentir como se tivesse levado um soco no estômago e mostrado algum tipo de segredo para o universo. Engoli. Sorri. Assenti, embora ela já tivesse ido embora.

Presley me observou enquanto estávamos de pé, e eu subi os degraus.

Quando cheguei ao pátio, ela pegou minha mão e olhou para mim com preocupação e curiosidade em seu rosto.

— Você está bem?

— Eu não faço ideia.

— Bem-vindo à paternidade — brincou ela. Mas seu sorriso desapareceu. — Você... você quer ficar sozinho com ela?

— Deus não. Preciso de um observador, Pres. Não me abandone agora.

Quando ela riu, eu cometi o erro de olhar para ela. Eu me impedi de beijá-la no último segundo. Porque isso ia ser confuso o suficiente para Priscilla sem ela nos pegar nos beijando.

— Maaaammãee — sua voz cantou através da porta de tela enquanto ela se aproximava. — Papaaaaaaaiiii!

Eu me perguntei brevemente quantas vezes eu teria que ouvir isso antes de parar de me tirar o fôlego.

— Indo — disse Presley, soltando minha mão para ir até a porta.

Priscilla nos encontrou no meio do caminho com um livro na mão com um gato azul em um par de Converse.

— Aqui. — Ela empurrou o livro para mim, então pegou minha mão em uma das dela e a de Presley na outra, e nos arrastou para o pátio no meio da casa.

Sua mão estava quase tão suada quanto a minha, um apêndice pequeno, macio e gorducho com um aperto considerável. Mais uma vez, Presley e eu trocamos um olhar.

De repente, entendi a diretriz de amigos com benefícios de uma nova maneira.

Não era apenas meu coração e o dela em jogo. Era o bem-estar e a visão de mundo de uma garotinha. Meus sentimentos não eram tão importantes quanto os de Priscilla.

E isso significava que tínhamos que ser muito, muito cuidadosos.

Quando chegamos lá fora, sentamos em um banco sob as árvores, cercados por palmeiras atarracadas e pássaros do paraíso com Priscilla rabiscada entre nós.

— É hora de ler — ela ordenou, entregando-me o livro.

— Pete O Gato: Eu adoro meus sapatos brancos — eu disse antes de abrir. Antes que soubesse o que estava acontecendo, ela pulou em meu colo.

Ela se aconchegou contra mim, de costas para o meu peito e sua cabecinha no oco da minha garganta, exatamente onde meu coração tinha morado. Quando eu a circulei com meus braços, ela colocou sua pequena mão no meu antebraço.

E comecei a ler.

Foi muito engraçado. Pete ganhou alguns novos chutes, mas eles

continuaram a ficar confusos e se transformaram em cores diferentes. Teve uma musiquinha que ele cantou quando seus sapatos mudaram de cor, mas na primeira vez que eu cantei, Priscilla colocou a mão na costura do livro e me disse que eu estava fazendo errado.

Uma vez corrigido, continuamos.

A certa altura, olhei para cima para encontrar Presley com um olhar no rosto, o olhar que as meninas tinham quando viam um cachorrinho. Sentindo mais olhos em mim, olhei para a janela para ver todas as mulheres Blum e a mãe de Presley com a mesma expressão enquanto eu tentava não rir. Os voyeurs se dispersaram ao serem pegos.

Quando o livro terminou, ela o fechou, proclamando:

— Fim! Agora eu leio para você.

Por um minuto, eu a ouvi recontar a história de memória, já que ela não sabia ler, mas eu tinha que admitir, sua interpretação era melhor.

Os sapatos de Pete estavam vermelhos quando as irmãs Blum irromperam no pátio com rostos vermelhos. O telefone de Poppy estava em sua mão.

Presley franziu a testa.

— Qual é o problema?

— Sinto muito interromper — Poppy começou, mas mordiscou o lábio, olhando para Priscilla. — Posso pegar emprestado vocês dois por um segundo? Lá dentro?

Presley franziu a testa.

— Poppy, esse não é realmente um bom momento.

— Eu sei. É importante.

Agora eu estava franzindo a testa também.

— O que aconteceu?

— O prefeito Mitchell está tentando trazer um Goody's para a cidade — Jo respondeu sombriamente.

— O quê? — Eu congelei. — Goody's? Não há como esta cidade deixar aqueles ladrões de caixas grandes arruinarem a Main Street.

Daisy balançou a cabeça.

— Mitchell já concordou com isso. Haverá uma reunião na prefeitura em algumas horas.

Minha mente cambaleou. Goody's dizimaria esta cidade. A loja de ferragens de Blankeship funcionava há quase cem anos. A mercearia de Mariel iria falir, e o que os bisnetos de Mariel fariam? E isso era só o começo. Perderíamos uma dúzia de negócios em meio ano.

Eu já podia ouvir Mitchell cuspindo a mesma velha merda que todo mundo dava por deixar o Goody's entrar em suas cidades. Isso geraria empregos! Traria

produtos mais acessíveis para a cidade! Mas o que Mitchell estava procurando era a receita. Ele queria o dinheiro dos impostos, e eu não ficaria surpreso se ele recebesse uma propina no aperto de mão e na gorjeta do chapéu.

Um homem de Mitchell, vestido de Stetson e vestido de Wrangler, tinha sido o prefeito desta cidade por setenta anos, o legado passado de um filho para o outro por sete décadas. Claro, houve eleições. Mas a família Mitchell era poderosa demais e havia ganhado muito dinheiro com Lindenbach para ser derrotada em uma eleição. Eles eram geneticamente predispostos ao direito, e eu deveria saber.

Eu casei com a filha dele. Que era onde esse legado poderia terminar.

E que alívio, se ele ia acabar com todos nós abrindo a porta para o Goody's.

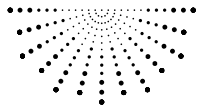
— O que vamos fazer? — Daisy não perguntou a ninguém.

— Nós vamos lutar — eu disse sem hesitar.

E juntamos nossas cabeças para descobrir como.

10

KISS ME QUICK



SEBASTIAN

A prefeitura estava cheia de vozes ininteligíveis e raivosas.

A minha foi uma delas.

Mike Stoffel, chefe do conselho, bateu seu martelo, o rosto vermelho e a veia na testa tão pronunciada que eles podiam vê-la pulsando nas costas.

— Calma! Terei ordem, ou adiaremos essa reunião agora. — Isso foi o suficiente para acalmar as vozes em um murmúrio. Lentamente, tomamos nossos lugares.

— Agora, eu entendo que muitos de vocês têm coisas a dizer, e nós vamos falar com vocês quando pudermos, mas será de forma ordenada. Chad, se você continuar. — Chad Kuster ajustou os óculos e se inclinou para o microfone.

— Vou pedir a vocês para dar uma chance. Não só trazer Goody's aqui criaria centenas de empregos através da construção e abertura, mas também traria pessoas de outras cidades menores para fazer compras em Lindenbach. A Goody's contribuirá para a comunidade através de vários projetos, sem mencionar a receita tributária que poderemos devolver à cidade. Isso é uma coisa boa, não ruim. E depois há a seleção e os preços baixos.

— Eles vão nos subjugar, e você sabe disso — gritou Brian Buchanan, que administrava nossa loja de artigos esportivos.

Chad dá uma olhada em Brian.

— Vamos, Buchanan. Não vamos ser dramáticos.

— Ninguém vai pagar pelos meus preços quando conseguir descontos tão profundos em outro lugar. Não posso competir com o poder de compra dessa loja. E se você me chamar de dramático de novo, eu vou até aí e...

Rich Harris, o farmacêutico, salvou Brian o interrompendo.

— Ele não está errado. Eles vão minar cada um de nós e transformar a Main Street em uma cidade fantasma. É isso mesmo que você quer?

Chad tirou os óculos.

— Com a receita tributária, podemos colocar o dinheiro de volta na Main Street.

— Exceto que não haverá ninguém lá para se divertir — acrescentou Rich.

Eu me levantei, meus olhos se estreitaram na fileira de bajuladores de Mitchell.

— Vocês já viram isso acontecer em cidades de todo o país – shopping centers e grandes lojas aparecem e, em dez anos, também não há mais ninguém para fazer compras lá. A Main Street é o coração desta cidade, e trazer a Goody's para a nossa cidade colocará uma aposta nisso.

— Filho! — Mike começou, aquele fodido condescendente. — Eu não sei se você notou, mas a Main Street não é o que costumava ser. Sem mais receita, vai morrer de qualquer maneira.

— Então talvez nosso orçamento precise ser revisto. Há dinheiro lá, ele simplesmente não está sendo usado onde deveria estar.

Um zumbido de aprovação rolou sobre a multidão.

— Bem, você está convidado a vir à nossa próxima reunião de orçamento para que você possa ver que não é tão simples. De quem você vai tirar dinheiro, das escolas? Os parques? E o corpo de bombeiros? Ou o departamento de polícia? Você quer ser o único a dizer ao xerife Baker que ele não consegue o equipamento de que precisa?

— Eu não disse que seria fácil. Mas há uma solução que não envolve destruir quase todos os negócios da cidade.

Mike quebrou o contato visual para varrer o olhar pela sala.

— Suas opiniões são importantes para nós, para o prefeito Mitchell e para esta cidade, e faremos o possível para honrá-las enquanto fazemos o melhor para Lindenbach.

Sentei-me descontente com a dispensa. Mamãe estava sentada de um lado meu, Presley e os Blums do outro, parecendo preocupada. Bem, exceto por Jo. Ela estava tão louca, ferida e tão apertada que uma brisa suave teria soltado um tigre em todo o conselho.

Deveria cutucá-la e desfrutar da carnificina. Mas, em vez disso, escutei enquanto as pessoas da cidade deixavam suas vozes serem ouvidas. Eles também não eram todos contra – muitas pessoas achavam que era uma campainha e não conseguiam ligar os pontos sobre como isso afetaria a cidade a longo prazo.

A conversa levou três horas para morrer, provavelmente por pura exaustão e não por falta de coisas para dizer. Mas nós ficamos. Conversamos entre nós.

Bem, nós conversamos. Jo gritou. Juntamente com alguns outros empresários, decidimos nos encontrar amanhã cedo no Abuelita's para traçar um plano.

O sol de verão ainda estava alto, embora estivesse perto do jantar, e quando saímos, paramos antes de nos dispersar, os Blums conversando enquanto mamãe se virava para mim.

Ela tocou meu braço e tentou sorrir.

— Estou indo ao restaurante para fazer o check-in, ou mamãe não me deixará entrar no quarto do hospital.

— Ela pode realmente parar você com um quadril quebrado?

Ela me deu um olhar.

— Desde que ela tenha pleno uso de sua boca, ela pode impedir qualquer um de fazer qualquer coisa. Ela provavelmente está muito mal-humorada sabendo que vai fazer uma cirurgia amanhã. Se eu não tiver um relatório completo sobre o restaurante, estarei encrencada.

— Quer que eu vá com você?

— Talvez venha ao hospital mais tarde, mas vou te mandar uma mensagem depois de ver como ela está se sentindo.

Eu balancei a cabeça.

— Você vai contar a ela?

Ela ouviu a parte não dita daquela pergunta – sobre Priscilla.

— Acho que devemos esperar até depois da cirurgia. Presley, você acha que Priscilla gostaria de conhecer sua Abuelita no hospital? Não quero assustá-la, podemos esperar se você achar melhor.

Presley riu.

— Nada pode assustar aquela criança. Confie em mim, eu tentei.

— Então ela vai se encaixar muito bem com a mamãe.

— Quando você quer conhecê-la? — perguntou Presley. Eu me perguntei se mais alguém notaria a incerteza em sua voz ou se eu a conhecia tão bem.

— Assim que vocês estiverem prontos — mamãe respondeu, mal escondendo sua alegria. — Nós oramos por isso, por ela. Então é só dizer a palavra, Presley.

— Nós não temos nenhum compromisso, mas você está ocupada Então você me diz.

— Podemos mandar mensagem amanhã? Tenho a sensação de que mamãe vai dormir a maior parte do dia, mas não saberei até o último minuto. Talvez eu possa fugir um pouco.

— É claro.

Mamãe assentiu. Eu pensei que ela ia dizer adeus, mas em vez disso, ela se lançou em Presley para envolvê-la em um abraço.

— Estou tão feliz. Obrigado por nos dar um sonho que não acreditávamos que veríamos se tornar realidade.

— Desculpe não ter vindo antes — ela disse suavemente.

— Você está aqui agora. Isso é tudo que importa. — Com um aperto final, mamãe a soltou. Ela fungou e pressionou o dedo no canto do olho. — Ok, podem ir. Te mando uma mensagem mais tarde, Bastian. Tchau, meninas. — Ela girou os dedos para as Blums, que acenaram de volta.

Todo mundo tinha aqueles olhares excessivamente *sentimental* em seus rostos. Provavelmente eu também tinha um e não sabia.

Presley sorriu para mim.

— Quer sair daqui? — Eu perguntei.

— Eu realmente quero.

— Priscilla está bem com sua mãe? Eu quero te levar a algum lugar.

— Ela prefere minha mãe a mim. Nonnies são criaturas sem lei com um suprimento inesgotável de doces. Confie em mim, ela é boa. Então para onde?

Eu peguei a mão dela.

— Venha, e eu vou te mostrar.

Quando partimos para a minha caminhonete, ela acenou por cima do ombro para suas primas. Uma rápida olhada para trás revelou que suas expressões safadas haviam se transformado em lascivas.

— Não se importe conosco — Poppy cantou. — Vocês dois se divertam agora, ouviu?

— Não se meta em encrenca — Jo avisou. — A indecência pública é um crime.

— Iris Jo — Dottie repreendeu. — Cuidado com a boca.

— Minha boca não é aquela com a qual você deveria se preocupar.

— Tchau — Presley disse com uma risada antes de caminhar ao meu lado. — Ignore-as.

— As irmãs Blum fizeram da provocação um esporte olímpico. Aprendi a ignorá-las no ensino médio.

Eu andei até o lado do passageiro da minha caminhonete e abri a porta para ela, oferecendo uma mão para ajudá-la a entrar, curtindo muito suas bochechas coradas.

Essa era realmente a razão para qualquer comportamento cavalheiresco. Era totalmente egoísta, motivado puramente pelo olhar no rosto de uma mulher quando ela era tratada como deveria ser.

Uma vez que ela estava dentro, eu andei para o meu lado e subi, ligando o motor, descansando minha mão na parte de trás de seu assento enquanto eu olhava por cima do ombro para voltar.

— Que dias estranhos — disse ela.

— Isso é colocar as coisas de forma leve. — Virei na Main Street.

Presley observou pela janela os prédios pelos quais passamos.

— Não consigo imaginar como seria o mundo sem esta cidade nele.

— Não quero nem pensar nisso. Maldito Mitchell. Ele não vai se safar. Eu não dou a mínima para quantos de sua espécie comandaram esta cidade. Somos mais fortes do que ele se ficarmos juntos.

— Você acha que pode realmente detê-lo?

— Eu sei que podemos. Ainda não sei como, mas faremos. Eu não ficaria triste em vê-lo partir. Esta cidade poderia ter um novo prefeito. Setenta anos são sessenta anos demais para estar sob o controle de uma família.

— Eu espero que você esteja certo. — Ela brincou com as saídas de ar antes de perguntar: — Podemos abaixar as janelas?

— Nada me agradaria mais.

Uma de suas sobrancelhas se ergueu com um canto de seus lábios.

— Nada?

— Não me tente, Presley Hale. — Desliguei o ar condicionado e, um segundo depois, as janelas estavam abaixadas.

O ar quente do verão chicoteou ao redor do carro, levantando mechas do cabelo de Presley enquanto ela sorria pela janela. Ela parecia em casa em Lindenbach de uma forma que eu não poderia imaginar que ela fizesse na Califórnia. Algo sobre este lugar trouxe algo nela – ela se encaixava perfeitamente enquanto também conseguia flutuar um pouco mais alto do que todos os outros.

Quando Patsy Cline tocou o rádio, ela se inclinou, aumentou o volume e cantou “I Don’t Wanna” com expressões exageradas enquanto me dizia que não queria andar a menos que fosse comigo, não queria falar a menos que fosse comigo, tudo ao som de uma batida de honky-tonk saltitante que me fez rir e desejar ter um banco para que ela pudesse ser dobrada ao meu lado em vez de ficar do outro lado da caminhonete.

Quando Elvis veio depois de Patsy, Presley bateu palmas e se lançou em “Jailhouse Rock”, de alguma forma conseguindo balançar os quadris enquanto estava sentada. Anos de prática, imaginei.

Era a coisa mais divertida que eu tinha visto em anos.

Em minha defesa, foram dois anos difíceis.

Estávamos a alguns minutos em uma estrada rural quando ela se acalmou, se animou e olhou para mim como se tivesse descoberto para onde estávamos indo.

Eu balancei a cabeça com um sorriso preguiçoso no meu rosto.

— O Rio?

— O Rio.

— Nosso lugar?

— Onde mais?

Eu pensei que ela ia explodir, ela estava tão animada. Por um segundo, eu apenas a observei rir e falar e sorrir e pular, lembrando daquela garota que eu conhecia. Eu pude ver aquela garota que conheci em um verão há muito tempo, claro como o dia, especialmente quando ela recitava uma história que contávamos com frequência – Wyatt e o balanço de corda que quebrou no ar. Ele de alguma forma conseguiu escapar da provação, então perdeu seus calções no rio e ninguém lhe deu uma toalha.

Tínhamos descido a trilha para o rio quando ela terminou, nosso riso desaparecendo, embora nossos sorrisos não fossem a lugar nenhum. Lancei olhares aqui e ali enquanto rastejamos em direção ao rio, pegando-a olhando pela janela com o rosto brilhando de admiração, o braço estendido para escovar os galhos das árvores. Patsy estava de volta a cantar “Always”, e tudo que eu conseguia pensar era que Presley era o verso vivo, de cada acorde assombroso a cada palavra. Eu a amaria sempre.

Mas ela estava certa. Nosso timing sempre foi uma merda.

Entrei na clareira na margem do rio e virei o caminhão para que a cama ficasse de frente para a água. Esta trilha era menos usada do que a maioria, a margem aqui muito rochosa para mais de duas pessoas de cada vez. A floresta era densa o suficiente em ambos os lados do rio para ser isolada, silenciosa, além do som da água corrente.

Ela saltou para fora antes que eu estacionasse, chutando seus chinelos para caminhar descalça.

— Porra, isso está frio! — Ela disse entre guinchos e guinchos enquanto eu desempacotava meus travesseiros de chão e cobertores mexicanos, jogando-os na cama antes de soltar a tampa traseira e subir atrás deles. Seu olhar vagou até as árvores antigas que pairavam sobre o rio. Através da água cristalina, pontilhada de pedras. Para a margem escarpada do outro lado, e de volta para a fatia de céu azul e nuvens rosa, coloridas pelo sol poente.

— Deus, eu amo este lugar — disse ela com um suspiro satisfeito. — Eu não venho aqui desde o ensino médio.

— Achei que você ia gostar.

Ela se virou com um sorriso, seu vestido preso em suas mãos, expondo suas coxas sem intenção, apenas a simples verdade da ação. Quando ela viu minha situação, seu sorriso se transformou em uma risada.

— Bem, você não tem certeza de si mesmo.

— Cite uma vez que este lugar não me fez transar — eu provoquei.

— Não posso. Não existe — ela disse com uma risada, voltando para seus chinelos para que seus pés não ficassem sujos.

Quando ela chegou à porta traseira, eu ofereci minha mão e a ajudei a se levantar. Em meio minuto, estávamos encostados no carro, Presley debaixo do meu braço, nossos tornozelos cruzados à nossa frente, o rio em nossos ouvidos.

Por um tempo, isso era tudo que qualquer um de nós precisava.

— Você está bem? Depois de tudo isso? — ela finalmente perguntou. — Com Cilla, quero dizer.

Eu a puxei para mais perto.

— Eu sabia o que você queria dizer. Eu não sei como estou. Enlouquecido, talvez? Ela é outra coisa. Como à mãe.

— Então, uma bagunça.

— O melhor tipo de bagunça. Mas... não sei. Há uma... desconexão. Como se meu cérebro estivesse tentando encontrar a ponte entre quem ela é, quem eu sou e o que somos um para o outro. Eu não sei como ser pai. — eu admiti.

— Ninguém sabe o que está fazendo, se serve de consolo.

— Isso é. Mas se eu estivesse lá desde o início, teria uma ideia melhor do que fazer agora. — Ela ficou quieta.

— Está tudo bem, Pres. Tudo bem que eu não estava lá.

— Eu não sei se isso é inteiramente verdade, mas obrigado.

Ela parecia tão cansada. Eu me perguntei como tinha sido para ela, fazendo tudo isso sozinha. Eu gostaria de tê-la poupado disso tanto quanto gostaria de ter conhecido Priscilla antes de hoje.

Havia muita culpa por isso aqui, agora. Então mudei de assunto.

— O que ela disse sobre mim?

Uma pequena risada saiu dela.

— Que você é alto, que ela está feliz por você ser legal e que você é o melhor pai de todos os tempos, independente de você aprender a cantar a música do Pete O Gato corretamente.

— Melhor pai de todos? Isso é um grande elogio para um novato.

— Bem, ela já fez uma caneca para você, então não havia nada a fazer além de se comprometer.

— O que você disse a ela sobre mim? Tipo, quando ela perguntou sobre o pai dela, quero dizer.

— Eu inventava algo diferente o tempo todo. Que você estava no circo e conseguia alimentar todos os macacos. Ou que você era um cientista de foguetes trabalhando em um motor de nave. Havia muitas referências de super-heróis também.

— Então você define a fasquia baixa.

— Tão baixo. Totalmente alcançável. Pressão zero.

— Eu deveria aprender a fazer malabarismos.

— E talvez conhecer um macaco.

— E provavelmente descobrir a física quântica.

Ela riu.

— Senti a sua falta. Não sei quantas vezes sonhei em vir a este lugar com você, assim.

— Você não é a única. Por que acha que trouxe você aqui na primeira chance que tive?

— Porque você é um cachorro querendo pontuar.

— Ei, você é quem me rotulou de amigo com benefícios. Estou apenas jogando o cartão de benefícios — brinquei, mesmo que este não fosse o rótulo que eu teria escolhido.

— Nós provavelmente deveríamos colocar alguns limites — ela disse com uma cadência em sua voz que me disse que ela não estava falando sério. Quando ela se sentou e subiu no meu colo, seu sorriso apoiou a teoria. — De mãos dadas em público?

Minhas mãos deslizaram por suas coxas.

— Não tem como esperar que eu não toque em você quando estiver perto de mim, seja em público ou não.

— Então vamos deixar beijos e outras demonstrações públicas na mesa também. E as datas?

— Esta manhã, me prometeram tempo suficiente com você para querer estrangulá-lo quando o verão acabar.

Ela riu, olhando para mim com os olhos mais azuis que eu já tinha visto.

— Está soando menos como amigos com benefícios e mais como namoro.

— Chame como quiser, eu sei o que quero. — Seu vestido ficou preso em meus pulsos enquanto minhas mãos se moviam para seus quadris, depois para sua bunda.

— Eu sempre gostei disso em você. — A nitidez em sua voz se foi. Suas mãos deslizaram sob minha camisa.

— O que mais você sempre gostou em mim?

— Você é alto, legal e o melhor crush de todos os tempos. — Ela puxou minha camisa, e eu me sentei o suficiente para chegar atrás de mim e puxá-la.

— Melhor Crush de todos os tempos? Grande elogio. — Suas mãos estavam quentes contra meu peito. A minha encontrou calor em outro lugar, acariciando o vale entre suas coxas quando ela ficou de joelhos.

— Tenho que dar crédito onde é devido. — Lábios sorridentes inclinados para os meus.

E de jeito nenhum eu recusaria o presente.

Eu tinha perdido esses lábios.

Em uma respiração, o beijo foi profundo e pesado e com intenção depois de muito tempo separados, depois de muita espera, nossos corpos corados e famintos. Cinco anos foi a muito tempo, e percebi com Presley em meus braços que cada caminho da minha vida me trouxe de volta para ela. Eu sempre lutei contra meus sentimentos por ela – eu não podia me permitir encarar o que ela significava para mim, sem saber que a perderia novamente. Mas repetidamente, fomos colocados na órbita um do outro, e todas as vezes, era uma questão de ciência. A física de nós era tão simples e honesta quanto a força vezes velocidade.

Não haveria como ir devagar. Nós éramos uma enxurrada de mãos e respirações pesadas, seus quadris abaixando para encontrar os meus com uma longa e luxuosa moagem. Eu a agarrei pela cintura e a deitei, o frenesi nunca parando enquanto ela desabotoava minha calça e eu enganchava sua saia, livrando-a de sua calcinha. Não quando sua mão me acariciou, não quando a minha testou o calor dela, achando-a querendo. Não até que minha coroa estivesse a uma polegada de rompê-la.

Eu quebrei o beijo em uma névoa, meu nariz roçando o dela.

— Precisamos... de um preservativo.

A menor risada dela, um sorriso muito brilhante, seus olhos mal abertos. — Se você acha que eu não tranquei meu útero como Fort Knox, você está louco. Coloquei um DIU no segundo em que fui liberada.

Eu ri de volta para ela, depois em sua boca, e então não houve risada, apenas um beijo prolongado e deliberado. Uma mudança de meus quadris. A sensação de seu calor na minha ponta, depois ao meu redor, depois me esmagando.

Nossos lábios se separaram, nossos corpos pendurados no limbo da sensação enquanto sentíamos cada centímetro um do outro. Fiquei parado, saboreando aquela sensação, ouvindo sua respiração superficial, traçando as linhas de seu rosto, o rubor de suas bochechas, seus lábios à espera.

E não haveria mais espera.

O tempo se esticou, puxado pelo lento recuo e avanço dos meus quadris. Eu conhecia esse corpo, conhecia cada curva. Eu conhecia cada pedacinho do espaço que preenchia, cada pico que lhe traria prazer. Eu sabia onde pressionar, quando liberar, meu conhecimento recompensado com suspiros e choramingos. Muito rápido, estávamos muito perto, mas não havia como fazer isso durar, não desta vez. Não quando eu estava faminto por cinco longos anos e a tinha aqui, agora, onde eu poderia devorá-la. Haveria tempo para isso.

Mas agora não.

O rubor se espalhou de seu peito e até seu pescoço, os tendões tensos, seu rosto virou-se para pressionar em travesseiros, seus lábios se abrindo, se abrindo mais. Seu corpo se apertando ao meu redor, seus quadris não rolando mais, mas ainda, as costas arqueadas, oferecendo seu corpo. Um impulso duro a sacudiu. Outro, suas unhas cravando em minhas costas para se estabilizar. Um terceiro e ela choramingou, e com mais um, ela congelou por um segundo e veio como um trovão.

Tudo o que eu queria era observá-la, mas meus olhos se fecharam. Eu não podia ver nada além de rajadas de luz enquanto eu vinha logo atrás dela para a pulsação de seu corpo me puxando mais fundo, mais fundo, tão fundo dentro dela que não havia mais nada.

Talvez tenha sido ela quem me devorou, e não o contrário. Mas eu não me importei. Não essa noite.

Eu a beijei no segundo que pude, um beijo contundente, um beijo de marca. Um beijo que me deixou imaginando tantos futuros, tantos outros beijos. O medo me atravessou como um meteoro, mas deixei-o passar sem me segurar nele.

Eu não deixaria o amanhã me parar hoje.

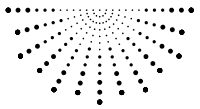
Porque hoje, ela era minha da maneira mais elementar. Não havia nada entre nós neste lugar simples. Só eu e ela.

E eu aproveitaria cada minuto que pudesse.

Enquanto eu podia.

11

SEPARATE WAYS



SEBASTIAN

Presley sufocou um bocejo enquanto fazia seu caminho ao redor do Abuelita's em um uniforme rosa da Bettie com um bule de café, completando a caneca de todo mundo.

Mal havia clareado naquela manhã, o que foi apenas uma das muitas razões pelas quais fiquei surpreso com o comparecimento das pessoas da cidade que se reuniram para descobrir o que fazer em relação ao Goody's, e por procuração, sobre Mitchell.

Bettie trouxe doces e nós fornecemos bandejas de bufê com ovos, bacon, chouriço e tortilhas e salsa suficientes para abastecer um exército. E enquanto todos comiam, eu estava na frente deles, o líder acidental do movimento.

Os rostos preocupados olharam para mim. Aqueles que vieram eram principalmente os donos dos negócios que seriam afetados pela Goody's. Se as fofocas fossem verdadeiras, havia muitos negócios que apoiavam Mitchell, independentemente do que isso pudesse fazer com o resto de nós. Como a pista de boliche de Bob Thatcher e o salão de Sandra Flores, para citar alguns. Mas eu poderia ter adivinhado quem nunca entregaria Mitchell muito antes de hoje, e parecia que eu estava certo.

Mas também havia muitas pessoas aqui que não tinham nenhum cão na luta além de seu amor por esta cidade, e era isso que eu esperava que a salvasse. Como as Blums. Wyatt, que administrava uma pequena fazenda de gado nos arredores da cidade. Evan Banks, o mais jovem dos dois advogados da cidade – o mais velho vivia no bolso de Mitchell.

Estávamos nisso há tempo suficiente para que a multidão tivesse terminado seus segundos.

Rich, o farmacêutico, estava em lágrimas.

— Mantivemos a linha por quarenta anos contra esse tipo de invasão, e eu estava esperando que Mitchell honrasse isso como seu pai fez. — Ele balançou sua cabeça. — Eu odeio estar errado, especialmente sobre isso. Eu simplesmente não sei o que fazer sobre isso.

Evan chamou minha atenção, e eu balancei a cabeça para lhe dar a palavra. Ele se levantou, alisando a gravata. Todas as mulheres solteiras do prédio voltaram sua atenção para ele com interesse além de qualquer coisa que tivesse a ver com a cidade. Até mesmo Betty.

Evan não pareceu notar.

— A melhor coisa que podemos fazer é nos unir e usar o sistema legislativo para revidar. O que isso vai significar é organização. Petição. Protestando. Precisamos que a prefeitura e o prefeito prestem atenção. No final do dia, o destino deles está em suas mãos. Nós só temos que ter certeza de lembrá-los. Se ficarmos juntos e tomarmos uma posição, eles vão ouvir.

— O que podemos fazer do ponto de vista legal? — Eu perguntei.

— Podemos pressionar contra o conselho de zoneamento. Estou revisando os códigos da cidade para ver se consigo encontrar alguma violação ou permissão lá. A Goody's já apresentou uma proposta à cidade. Podemos pedir uma moratória de desenvolvimento para ganharmos tempo, e estou trabalhando para montar um referendo eleitoral para proibir superlojas – precisaremos de assinaturas, mas da multidão esta manhã, não parece ser um problema, tenho mais pesquisas a fazer antes de ter respostas definitivas. Há uma maneira de revidar. Nós só temos que encontrar o ponto fraco e pressionar.

— Qual é o nosso primeiro passo? — eu instiguei.

— Para formar uma coalizão. Vamos precisar de voluntários para escrever cartas, fazer e distribuir cartazes e panfletos, recrutar membros de todos os segmentos da comunidade, desde empresários, ativistas, cidadãos, líderes religiosos – todas as pessoas influentes da cidade que conseguirmos. E então precisamos ter uma reunião oficial no centro comunitário. Vou trabalhar para ter tudo pronto antes disso. Vamos precisar de um slogan. Um cronograma de campanha. Comitês. E voluntários para administrar tudo.

— Nós vamos ajudar — disse Poppy. O resto das Blums assentiu.

Mais vozes ecoaram, mãos encontrando seu caminho no ar. Evan sorriu.

— Bom. Vocês venham me encontrar depois disso e certifiquem-se de que tenho seus e-mails.

— O que isso vai nos custar? — Brian Buchanan perguntou.

Evan balançou a cabeça.

— Nada. A última coisa que quero é ver esta cidade estripada para encher os

bolsos de Mitchell, então considere este pro bono.

Agora as solteiras não estavam apenas olhando. Elas estavam desmaiando. Bettie se abanou com um cartão laminado de margarita.

— Por que não paramos aqui por hoje e juntamos alguns voluntários para montar um plano. Antes de sair, faça-me um favor e assine esta folha com suas informações de contato. — Eu levantei uma prancheta. — Nós vamos descobrir o que fazer, mas vamos precisar de todos vocês e muito mais. Portanto, comece com a divulgação em seus círculos. Veja quem você pode conseguir para apoiar a causa. E vamos organizar uma luta que Mitchell nunca verá chegando.

Sons de aprovação rolaram pela sala e, com o zumbido subsequente da conversa, coloquei a prancheta na mesa e fiz meu caminho em direção a Presley. Suas mãos estavam cheias de pratos, então ela apontou para a grande máquina de café que tínhamos colocado no chão para a reunião.

— Ajude-me a voltar com isso, sim?

— Você dá conta.

Ela sorriu de lado para mim.

— Essa é a sua resposta de garçom?

— Minha o quê? — Eu perguntei quando peguei a máquina de café e fomos para os fundos.

— Você sabe. Todo garçom tem uma resposta enlatada quando alguém lhe pede alguma coisa.

— Faz tanto tempo que não atendo mesas aqui, nem sei. Mas provavelmente. Qual é a sua?

— Absolutamente. E a quantidade certa de entusiasmo, eu acho. — Ela parou na estação do prato para descarregar seu fardo. — É uma declaração. Um contrato verbal. Uma afirmativa dura.

— Uma afirmativa dura, hein? — Lancei-lhe um olhar de lobo, e ela riu.

— Não pode em sã consciência ignorar uma afirmativa dura, pode? Quero dizer, desde que ambas as afirmativas sejam difíceis.

Coloquei a máquina de café no balcão e estava preparando um novo lote. Uma vez que as mãos de Presley foram lavadas, ela se aproximou e se inclinou contra o balcão de frente para mim.

— A reunião foi promissora.

— Graças a Deus por Evan. Acho que vou pagar alguma coisa a ele, quer ele queira ou não. Ele pode usar o dinheiro para alugar parte do trabalho – vai haver muitas horas de trabalho para ele fazer isso de graça e conseguir fazer seu trabalho para qualquer outra pessoa. Não seria realmente bom que ele falisse tentando impedir que todos os outros falissem, não é?

— Não, isso não serviria de jeito nenhum. — Ela suspirou. — Quando você

vai para o hospital?

— Abuela entra às oito, então eu vou lá em cima em um minuto para sentar com mamãe até Abuela sair da cirurgia. Dizem que ela vai ficar fora pelo resto do dia. Eu posso passar por aqui para sair com você e Cilla mais tarde, se estiver tudo bem.

— Claro que está tudo bem. Vou te mandar uma mensagem quando estiver fora do trabalho esta tarde. Eu ia fazer velas, mas posso esperar até depois que você for embora.

— Quem disse que estou planejando ir embora?

Ela riu.

— Quero dizer. Eu gostaria de declarar novamente que você me prometeu literalmente todo o seu tempo livre. Espero que você não esteja brincando.

Quando ela riu de novo, eu disse:

— Estou levando isso como um sim. Então acho melhor você me ensinar a fazer velas, porque vou ficar muito por aqui.

— Que tal eu te ensinar e então você pode reavaliar essa promessa. Acha que vai ficar no hospital o dia todo?

— Não. Tenho que falar com Marnie hoje.

Presley ficou séria.

— Acha que ela já ouviu alguma coisa?

— Espero que não. Suas primas pareciam estar falando sério sobre manter tudo em silêncio por um minuto, mas não vou correr nenhum risco. Melhor tirar isso do caminho agora.

— Eu sinto muito.

— Por que? Você não fez nada de errado.

— Não, mas sinto muito que você tenha que ter essa conversa com ela.

— Bem, você sabe como é. Arrume a cama, deite-se nela.

— Espero que não seja tão ruim.

— Eu tenho que fazer velas para esperar. As coisas poderiam ser piores.

— Você está realmente se preparando para a decepção – não é tão emocionante.

Eu me aproximei, deslizando um braço ao redor de sua cintura e a outra mão em seu cabelo.

— Você realmente acha que ainda estamos falando sobre fazer velas?

Ela sorriu para mim.

— Quero dizer, há muita cera quente.

— Isso é tudo que estou dizendo.

Aproveitei para beijá-la, desejando que isso fosse a extensão do meu dia em vez da cirurgia de Abuela, organização de um golpe, e Marnie. Mas a verdade

era que a perspectiva de hoje era mais fácil sabendo o que eu ganharia depois.

E esse foi o pensamento que eu coloquei no meu tanque para me fazer passar.

Infinitas horas depois, eu me encontrei sentado na varanda da família Mitchell ao lado de Marnie em silêncio. Meu olhar estava atento. O dela era vingativo.

Abuela tinha conseguido sair da cirurgia, e mamãe respirou fundo pela primeira vez em três dias, usando isso para alimentar o riso quando Abuela acordou falando bobagem em espanhol. Eu não conseguia nem repetir metade disso, era tão inapropriado. Ninguém quer ver o dia em que sua avó os fará corar. Então deixei esse assunto para mamãe e mandei uma mensagem para Marnie, perguntando se ela poderia me encontrar.

Enquanto eu me sentei silenciosamente ao lado dela, eu reproduzi a conversa. Nada sobre isso tinha sido fácil, a revelação lodosa e constrangedora de que eu tinha uma filha com outra pessoa quando eu não daria um a ela.

Que era Presley aumentou o calor em cem graus.

— Um bebê — ela disse, sua voz crua e sobrancelhas desenhadas. — Você... tem um bebê. Com ela.

— Não é um bebê. Ela acabou de fazer quatro anos.

— De que forma isso é melhor? — ela estalou.

— Acabei de descobrir. Vim para cá assim que pude.

— Eu duvido muito disso — ela disse com uma risada seca. — Todo mundo na cidade viu vocês dois juntos. Você já está dormindo com ela, não está?

— Isso não é da sua conta.

— Deus, você é previsível. Ela mentiu para você todo esse tempo. Ela poderia ter encontrado você, mas não o fez. Ela escondeu isso de você, e quando você descobre, você transa com ela. Você nem está bravo com ela, está?

— Isso também não é da sua conta.

Ela balançou a cabeça com um sorriso estranho no rosto, os olhos brilhando com lágrimas furiosas.

— Se fosse eu, você teria me deixado no local.

— Você não sabe disso. Eu nem sei disso. Mas eu gostaria de pensar que sou um homem melhor do que deixá-la por algo que você não fez de propósito. *Supondo que você não faria isso de propósito*.

— Você gostaria de pensar.

Eu balancei minha cabeça para as tábuas da varanda.

— Eu queria que você ouvisse isso de mim. Não vim aqui para brigar com

você.

— Bem, isso é muito ruim, não é, Sebastian? Você não pode decidir como me sinto sobre isso. Você não pode me dizer que eu não posso estar magoada e brava e apenas... — Ela fez um ruído frustrado e furioso. — Eu simplesmente não consigo acreditar em você.

— Eu não estou dizendo a você como se sentir. Eu só não quero brigar. Já fizemos o suficiente para durar.

— Você não quer brigar? — ela zombou. — Claro que não. Você nunca faz nada de errado, não é? É apenas a Marnie louca, agindo como uma psicopata e inventando problemas onde não existem. Não, você lida com tudo direitinho – é todo mundo que está errado.

— Se você acha que há certo e errado aqui, você não está ouvindo. Nada sobre isso é preto e branco. Nada disso é fácil. Ninguém se afasta do que passamos se sentindo bem com isso, Marnie. E eu não te culpo pelo que aconteceu conosco, *nós* somos culpados. Eu mais do que você, só para constar. — Passei a mão pelo meu cabelo. — O que você passou deve ser difícil o suficiente sem isso.

— Você não tem ideia — ela disse, sua voz tremendo. — Achei que já tinha passado pelo pior, e agora você está me dizendo que tem uma filha. Se você acha que tem um mínimo de compreensão de como me sinto, pense novamente. — Antes que eu pudesse falar, ela se levantou. — Você precisa sair. Agora mesmo.

Eu balancei a cabeça. Permaneci em pé. Desci as escadas da varanda. Parei para olhar para trás.

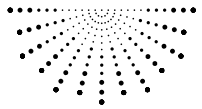
— Eu sei que não significa muito, mas sinto muito, Marnie.

— Você tem razão. Não significa muito.

Com uma tragada dura, frustração profunda e uma quantidade insustentável de culpa, eu me afastei dela, como sempre fiz.

12

CATCHIN’ ON FAST



PRESLEY

— Papai!

Meu coração parou, assim como acontecia toda vez que Priscilla dizia essa palavra. Olhei para a soleira do galpão naquela tarde para encontrar Sebastian sorrindo para ela enquanto ela o atacava com Elvis – nosso cachorro louco – em seus calcanhares. Mas por trás de seus olhos estava a mesma estranha surpresa e esperança que senti ao ouvir aquela palavra da boca de nossa filha.

Nossa filha.

Isso também fez.

Ele se ajoelhou e a pegou.

— Oi, Cilla. O que está fazendo?

— Fazendo velas com a mamãe. — Ela sorriu para ele. — Quer fazer velas também?

— Eu não sei como. Você vai me ensinar?

Ela assentiu enfaticamente antes de se virar para mim.

— Olha, papai está aqui!

— Eu posso ver — eu disse em uma risada.

Sebastian entrou e chegou em mim antes de se lembrar de si mesmo. Deus, eu desejava que ele pudesse ter me beijado.

— Ei — ele disse antes de colocar Priscilla em um banquinho na minha frente.

— Ei — eu repeti com um sorriso.

Antigamente, este galpão era usado para enlatar, mas estava abandonado há tanto tempo que tivemos um pouco de trabalho antes que eu pudesse usá-lo. Mas

com um pouco de graxa, nós o transformamos em um boticário virtual de guloseimas, de perfumes engarrafados a pacotes de ervas e flores secas a enormes potes de favo de mel cru para cera alinhados nas prateleiras. As janelas não eram grandes, mas eram suficientes para que o interior ficasse bem iluminado, e eu as abri para estimular uma brisa cruzada. Abaixo do piso de tábuas de madeira havia um porão onde eu podia curar velas e armazenar cera sem que derretesse com o calor. Com a adição de um fogão de propano compacto, eu tinha tudo o que precisava.

Eu teria prometido às minhas primas meu primogênito por tudo que elas fizeram por nós, mas eu era um pouco apegada a Priscilla.

— Então o que é tudo isso? — ele perguntou, olhando por cima da velha mesa de contra-altura no meio da sala que, no momento, estava coberta de suprimentos.

Antes que eu pudesse responder, Priscilla se endireitou e disse:

— Estes são os pavios e aquelas são as tesouras, e aquele é o pote com as ceras. Poppy nos trouxe as ceras de abelha, viu? — Ela dobrou e colocou os braços em volta de um dos grandes potes, grunhindo com esforço enquanto tentava pegá-lo.

Rindo, Sebastian interveio, aproximando o frasco para poder espiar dentro.

— Não se machuque.

Ela fez uma careta para ele.

— Eu posso carregá-lo, papai.

— Eu aposto que você consegue. Você é bem forte. Mostre-me seus músculos.

Seu rosto se contorceu em concentração enquanto ela fazia o gesto internacional para muque, flexionando seu pequeno braço magro.

Sebastian testou sua densidade com o polegar e o indicador e assobiou.

— Você malha?

Ela riu.

— Não bobo. Eu como meu brócolis. — A palavra soava mais como blo-co-lis do que a pronúncia correta. — Mostre-me seus músculos, papai.

Em um grande show, ele deu um tapa no rosto arrogante, levantou a manga de sua camiseta e flexionou.

Os olhos de Priscilla quase saltaram de sua cabeça. Sua pequena mão gordinha se estendeu para tocar o terreno montanhoso de seu bíceps.

— Você pode pegar um carro? — ela respirou.

Ele riu.

— Acho que não, mas posso te pegar bem fácil. — E assim ele fez, agarrando-a para deitá-la em seus braços antes de enrolá-la em seu rosto para

soprar cócegas em sua barriga exposta. Um tumulto de rosnados e risadinhas encheu o galpão.

— Faça na mamãe! — ela gritou quando ele a colocou no chão.

Com um olhar malicioso em seu rosto, ele caminhou ao redor da mesa em minha direção.

— Ah, não, você não… — eu disse, me afastando dele.

Priscilla riu como uma hiena.

— Pegue ela!

Ele disparou para mim, e eu decolei, mas não rápido o suficiente. Antes que eu percebesse, ele me tinha em um aperto de princesa, agora soprando cócegas no meu pescoço, o que era de alguma forma irritante e estranhamente erótico.

Realmente, foi totalmente inapropriado e uma violação direta das nossas regras reconhecidamente vagas de Priscilla.

Eu gostaria de me importar. Meu instinto primário era me envolver em torno dele como uma jiboia, mas de alguma forma eu me dominei o suficiente para que quando ele me colocasse no chão, eu não me lançasse de volta para ele.

— Você é perturbador — eu disse, apontando para ele apenas no caso de meu rosto não ser autoritário o suficiente.

Ele deu de ombros e puxou um banquinho ao lado de Priscilla.

— O que Cilla quer, Cilla consegue.

Quando eles compartilharam um sorriso conspiratório, eu sabia, sem dúvida, que eles estavam enrolados nos dedos um do outro.

Tentei não pensar no que isso significaria no final do verão.

— Tudo bem, bobos… temos trabalho a fazer. O que devemos mostrar a ele primeiro, Cilla?

— Limpe a cera!

— Ok. Bas, encha esta panela com água, ok? — Acenei com a cabeça para a pia e passei a ele um caldeirão.

— Feito. — Ele enfiou a panela sob a torneira filtrada e a ligou.

Priscilla subiu no banquinho ao lado do fogão onde um caldeirão de cera já havia esfriado, e eu peguei o pedaço de cera que flutuava em cima da água e o coloquei em um pedaço de papel encerado no balcão.

— Troque comigo — eu disse, e Sebastian pegou o outro em minhas mãos antes de me trazer o pote fresco.

Ele observou por cima do meu ombro enquanto eu colocava a panela nova, acendi o queimador e coloquei a cera.

— Quantas vezes você faz isso? — ele perguntou.

— Três ou quatro, até que esteja limpo. Vê as imperfeições aí? Quando todas acabarem, está pronto para ser usado. Tudo, menos a cera, afunda, mas leva

algumas vezes para pegar tudo. — Virei-me para Priscila. — Ok, o que vem a seguir, bichinho?

— Derretendo e fedendo!

— Sim! Mostre ao papai onde fica o porão.

— Ok — ela disse enquanto descia e pegava a mão de Sebastian. — Está aqui, papai. Cheira nojento, mas os vermes estão lá. Nós somos amigos. Eu te mostro.

— Vermes, hein?

— Sim. Fred, Sally e Bárbara. — A energia que ela levou para divulgar o nome Bárbara me divertiu e ao Sebastian. Ela apontou para a alça de corda da escotilha no chão. — Lá embaixo.

Ele a abriu e desceu a escada. Suas mãos apareceram para agarrar Priscilla, e eu os ouvi conversando enquanto ela lhe mostrava vários vermes e o direcionava para os potes de cera raspada que eu havia medido previamente.

Eu tinha imaginado muito ao longo dos anos sobre como isso seria – uma família – e quase não era justo que ele fosse tão bom, tão perfeito. Não facilitou a situação. Isso tornou muito mais difícil. Porque eu conhecia as chances disso durar, e elas não eram boas. Eu não deveria ter ficado surpresa com sua habilidade natural – Sebastian historicamente tinha feito tudo certo, com exceção de nossa impermanência. E eu não poderia nem dizer que ele tinha feito isso errado. Só não exatamente do meu agrado.

Eu fiz o meu melhor para não insistir na impermanência disso também. Disse a mim mesma que conhecer o pai dela era bom para Priscilla, mesmo que ele fosse embora. Encontraríamos uma maneira de explicar a ela. Ela não entenderia, mas nós tentaremos. Isso tinha que ser o que as pessoas faziam quando eram pais, mas não estavam juntos. Tinha que ser melhor para ela ter alguma instabilidade do que não conhecê-lo.

Mas oh, como seria bom ser uma família assim sempre.

Enquanto trabalhávamos, nos movemos como uma máquina bem lubrificada. Ele antecipou o que eu precisava, participando do trabalho sem precisar ser solicitado ou instruído. Quando Priscilla ficou barulhenta, ele interveio antes que eu pudesse. Eu me perguntava sobre a extensão recém-descoberta de nosso estado natural e familiar. Sempre fomos fáceis, trabalhando juntos sem nenhum obstáculo. Mas a maneira como ele se importava tão naturalmente com Priscilla e pulava para o trabalho – qualquer que fosse o trabalho – sem tropeçar me surpreendeu.

Apenas mais um exemplo da magia que sempre tivemos. Mas desta vez, perdê-lo seria mais difícil do que nunca. E tudo que eu podia fazer era me preparar para isso.

Não havia nada mais inebriante do que ver Sebastian segurando Priscilla em seu quadril enquanto eu derretia cera e ela falava com Perséfone, a minhoca em sua mão, enquanto ela contava a história de vida da minhoca Sebastian. Ou vê-lo mergulhar a aba de metal de um pavio em cera e enfiá-la no fundo de um dos muitos vasos cor-de-rosa sobre a mesa sob a direção de Priscilla. Ela derramou o perfume enquanto Sebastian se mexia – ela decidiu que hoje era dia de creme de morango – e então ela supervisionou seu derramamento, dando-lhe dicas como só um pré-escolar sabe-tudo pode.

Mal estávamos no segundo lote quando ela perdeu o interesse de fazer velas em favor de Elvis, que estava roendo um enorme pedaço de pau que ele havia arrastado, até Priscilla o interromper para brincar de cachorrinho. Quando ela o perseguiu porta afora, latindo, Sebastian não conseguia parar de rir. Eu apenas balancei minha cabeça e suspirei, mas era um som feliz e satisfeito.

Eu mexi. Sebastian derramou o óleo perfumado – eu ganhei desta vez com uma combinação de figo/âmbar/sândalo que sempre me lembrava Sebastian. Eu me perguntei se ele sabia.

Uma batida no limiar revelou Jo. Priscilla pendia de seu quadril como um macaco, e Elvis estava ofegante e pulando para beliscar seus pés pendurados.

— Vamos para os campos de flores, se estiver tudo bem — disse Jo. — Cilla quer margaridas.

— Vamos fazer uma tiara, um colar e uma pulseira. — Ela tocou em cada lugar correspondente à corrente de margaridas, como ela disse.

— Ok. Bem, Cilla, Jo é a chefe, então faça o que ela diz.

— Isso mesmo — Jo disse. — Faça sons de galinha.

Priscilla deu uma risadinha e disse có-có-có.

— Bom, agora toque sua língua no nariz.

Ela tentou tanto, seus olhos vesgos e o rosto contorcido.

— Isso vai ser divertido. — Jo balançou as sobrancelhas para nós. — Divirta-se fazendo as velas. Eu vou fechar isso para você.

— Você não precisa...

A porta já estava fechada. Ouvimos tchau mamããee e papaaaii antes que elas se fossem.

— Ela é outra coisa — disse ele.

— Jo? É verdade. Dottie teve seu trabalho cortado para ela. — Olhei para ele e brinquei: — Ah, você quer dizer Cilla. Eu não sei o que é essa outra coisa, mas ela definitivamente é isso.

— Não, Pres. Ela é incrível. Você fez isso. Você a fez o que ela é, e eu não posso imaginar como você fez isso. Mas ela é toda você. Você fez bem.

Minhas bochechas estavam quentes, assim como meu sorriso. Engoli o nó na

minha garganta.

— Obrigada.

— Sou eu quem deveria estar lhe agradecendo. Eu imaginei como seria ter um filho muitas, muitas vezes, mas todas essas velhas ideias se foram. Agora não consigo imaginar nenhum filho meu como ninguém além dela.

— Volte quando ela pular a soneca e me diga se você ainda tem certeza sobre isso — eu brinquei, estava ficando muito real.

— Tenho certeza de que isso não vai me fazer mudar de ideia.

— Isso é porque você não viu aquele espírito que você admira usado para o mal.

Uma risada.

— Sei que nada é perfeito e não tenho medo de coisas difíceis.

— Não, você nunca teve. — Eu o admirei por um momento. — Você é natural nisso.

— Tive muita prática na Zâmbia. A vila estava cheia de crianças, assim que elas aprendiam a andar, elas seguiam as crianças maiores até minha cabana. Principalmente para me pedir para dar a eles minha bicicleta. — Quando eu pareci preocupada, ele acrescentou: — Uma piada recorrente. Mas aqueles garotos eram... bem, eles eram uma das melhores coisas da viagem. Eles queriam saber tudo, qualquer coisa. Devorei as terríveis aulas de inglês que dei e comi cada doce que minha mãe mandava. Sempre havia uma pergunta a ser respondida, sempre mais a saber. Desenhei diagramas na terra mostrando a eles como funcionavam os sistemas de recuperação de água que eu estava adicionando às suas casas, como manter as plantações de peixes irrigadas, esse tipo de coisa. E eles me ensinaram mais do que eu jamais poderia listar. Mais importante, quais aranhas me matariam.

Um estremecimento passou por mim.

Ele riu um pouco.

— Isso não é nada comparado às doenças esquisitas. Levei meses para me adaptar à comida e à água – mesmo filtrada, era difícil. Mas quando você tem uma erupção cutânea e febre, o primeiro pensamento é sempre *É isso. É assim que termina.*

— O que foi isso? A erupção?

— Uma reação à profilaxia da malária. Super raro. Eu estava convencido de que tinha malária, não uma reação do remédio projetado para me manter a salvo dela. Feito para uma semana interessante.

— Eu não posso acreditar que você está brincando sobre isso — eu disse em uma risada.

Ele deu de ombros, ficando um pouco sério.

— É a única maneira de passar por isso. Você não pode ver tanta dor e pobreza sem armadura. E de alguma forma, eles encontraram alegria todos os dias. Aquelas crianças estavam sempre sorrindo. Os aldeões me receberam em suas casas e compartilharam a pouca comida que tinham. Se a América se transformasse nesse mundo, seria pior que *The Walking Dead.*

— Deve ter sido difícil voltar para casa.

— Isso me derrubou. Ver tanto excesso, tanta riqueza e saúde e *tal*. Tentei me apegar a esse sentimento, lembrar dessa divisão, mas ficou cada vez mais difícil com o passar dos meses. É por isso que eu não vou ter um celular. É uma das minhas últimas resistências. — Ele ficou quieto por um momento. — Estar lá solidificou minha crença de que eu não queria trazer crianças para este mundo. Mas agora... bem, agora posso dizer com absoluta certeza que estava errado. Porque agora posso ensiná-la a cuidar, a dar, a amar. Não consigo imaginar uma contribuição mais valiosa para o mundo do que isso. E não consigo pensar em outra pessoa na face da terra com quem eu gostaria de criá-la.

Eu cobri a dor no meu peito com um sorriso, dizendo levianamente:

— Se você não tivesse passado tanto tempo do outro lado do mundo, eu diria que você precisa sair mais para descobrir se é comigo que você quer fazer isso.

— Não faça isso — ele disse suavemente, virando-me para encará-lo. A expressão séria em seu rosto me desarmou. — Não brinque, não sobre isso. Quero dizer o que digo.

— Eu sei que você quer — eu admiti.

— A ideia de ter um filho com Marnie acabou com um casamento. Mas com você... — Ele balançou a cabeça e olhou para o chão. — Isso não me assusta. Não com você aqui comigo.

— Bas, isso é fácil de dizer agora. Você não estava lá durante as noites sem dormir, crescimento dos dentes, crupe ou cólica. Ela é uma pessoa pequena agora. É fácil imaginar ser a mãe dela porque ela está sorrindo e mandando em você e dando a você a genealogia das minhocas.

— Não é isso não. — Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo, deixando sulcos nas mechas densas. — Eu não sabia que amar Cilla poderia dominar meu medo. Mas quando se trata de Marnie... acho que tudo se resume à confiança. Era impossível não imaginar, mesmo que eu nunca o fizesse. Eu sabia, sem dúvida, que se tivéssemos um filho, Marnie e eu nunca concordaríamos em como criá-lo, não conseguimos concordar em nada. E então havia o medo de que, se as coisas dessem errado, ela usaria uma criança como vantagem. Mas eu quero acreditar que você fez o que eu teria feito. Que teríamos trabalhado juntos de uma maneira que Marnie e eu nunca fizemos.

Eu não respondi imediatamente, em vez disso, levei um momento para me

mover para a mesa onde os recipientes que preparamos para este lote esperavam. Enquanto eu derramava através das aberturas dos suportes de pavio, eu disse:

— Você não pode saber disso, não com certeza. Ela nunca teve essa chance. E nós também não. — E então mudei de assunto. Por enquanto, pelo menos. — O que aconteceu hoje?

— Foi tão ruim quanto eu esperava. Ela está magoada e com raiva. Eu não a culpo.

— Nem eu — eu disse baixinho, tristemente.

— Eu fiz mal a ela — ele admitiu. — Eu sabia que no fundo não daria certo. Eu sabia que ela realmente não entendia que eu falava sério sobre não ter filhos. Mas me casei com ela de qualquer maneira e a machuquei mais do que jamais teria feito de outra forma. E agora, isso. É a torção de uma faca.

— Por que você fez isso? Se casar com ela.

Ele nem precisou pensar, ele deve ter feito o suficiente por conta própria.

— Porque minha mãe estava morrendo e Marnie era a única coisa sólida em toda a minha vida. Ela era a bóia em que nos agarramos durante o furacão. Eu a amo e sempre a amei. Acho que parte de mim acreditava que tínhamos crescido, crescido fora da merda que fazíamos um ao outro quando estávamos no ensino médio. Mas nós não. Eu não acho que eu sabia que você poderia amar alguém com quem você era incompatível. Ou talvez eu apenas pensei que o casamento resolveria alguma coisa. Mudar algo. Mas eu estava errado, e ela pagou o preço. Não é justo. Nada disso é justo, e nunca serei capaz de compensá-la.

— Não. Você e eu seremos os vilões da história dela. Nada vai mudar isso. Quer dizer, eu sempre fui o vilão da história dela, mas você conquistou seu lugar ao meu lado.

— Mas não é apenas terminar ou discordar. Ela não entende por que eu não estou... eu não sei. Pirando. Ou bravo com você.

— Por que você não está?

— Bravo com você? — Uma pausa. — Eu não acho que sou capaz de ficar bravo com você.

Eu ri.

— Porque você nunca esteve comigo por mais de alguns meses por ano. Admita… você é um grande e mole mingau que me construiu em sua memória, assim como eu fiz com você. Por mais real que seja, não é nada real. — Ele não parecia convencido. — Confie em mim. Um dia você vai ficar tão bravo comigo, e eu vou te dizer que eu avisei.

Outra batida de silêncio.

— Eu respeitosamente discordo. Você é uma das coisas mais reais que já aconteceram comigo, Presley.

Eu não conseguia olhar para ele – eu desmoronaria.

— Então você também não está surtando?

— Ah, estou enlouquecendo. Só por dentro.

Eu ri enquanto derramava a última vela.

— Quando você quer fazer o teste genético dela?

O cabelo da minha nuca se arrepiou – essa não era uma conversa que eu estava esperando ansiosamente.

— O que você diria se eu lhe pedisse para esperar?

— Por quanto tempo?

— Me ouça — eu comecei, evitando seus olhos, mantendo minhas mãos ocupadas com a limpeza. — Se ela tem… se sabemos que ela tem… vamos viver todos os dias com medo de um talvez, um dia. E se ela sabe que tem, ela também saberá. Ela nunca vai viver uma vida normal.

— Eu preciso saber, Pres — disse ele sombriamente.

— Você precisa? Quero dizer, realmente? Tem certeza de que não é mais fácil para você manter a esperança?

— Mas se ela não tem isso…

— Mas se ela *tiver*? Vai mudar tudo, e não para melhor. E não apenas para você. Mas para mim e nossas famílias e todos que a amam. E acima de tudo, ela.

— Então não contaremos a ela.

Eu balancei minha cabeça.

— Não podemos esconder algo assim dela.

— Claro que podemos. Nós somos os pais dela.

Abandonei minha tarefa e encontrei seus olhos.

— Eu não quero esconder algo tão sério dela.

— Você *me* escondeu dela.

Eu vacilei com a frase que eu estava temendo de sua boca.

— Você está certo, mas eu não deveria. Eu não quero fazer isso de novo. E não sei se posso lidar com isso se ela tiver o marcador. — Minha voz vacilou. — Por favor, pense em deixá-la decidir quando ela for mais velha. Ela ainda é um bebê. Podemos apenas deixá-la ser uma criança sem isso pairar sobre nós?

— Está pairando sobre nós se a testamos ou não — observou ele, mas suspirou. — Ei — ele começou suavemente — venha aqui.

E então eu estava enterrada em seu peito, trancada em seus braços.

Ele beijou o topo da minha cabeça.

— Vamos conversar a respeito disso. Pouco a pouco, como agora, se for mais fácil. Eu te escutarei. Mas passei quase dez anos pensando nisso, temendo. Construindo uma vida para garantir que eu não tivesse que enfrentar essa escolha. Eu não posso simplesmente deixar pra lá.

— Eu sei.

Ele se inclinou para trás, segurou meu rosto em suas mãos.

— E é por isso que eu não estou bravo e não estou pirando. Porque estamos juntos nisso. E não há mais ninguém com quem eu prefira estar nisso.

Antes que eu pudesse falar, ele me beijou brevemente, profundamente. Eu senti o beijo nos cantos escuros do meu coração, ansiando para que isso fosse para sempre, sabendo que não poderia ser.

Para sempre não estava nas cartas para nós.

E talvez isso fosse o melhor. Poderíamos nos apegar à magia de nossos verões perfeitos e deixá-los perfeitos para sempre sem o problema da realidade. A realidade sugava. A realidade era um esmagador de sonhos e uma chatice. Ninguém gostava da realidade.

Então seria o mundo dos sonhos.

Ele sorriu para mim.

— Quanto tempo você acha que eles vão embora?

— Bem — comecei, jogando meus braços ao redor de seu pescoço — Se elas forem andando, temos uns vinte minutos. Levando em consideração a fabricação de correntes de margaridas e a capacidade de atenção de Cilla, fico com quarenta e cinco. Mas essa porta não tranca por dentro.

Sua mão deslizou sobre meu quadril para pegar minha saia em seus dedos.

— Então você está dizendo que eu deveria ser rápido?

— Por mais que eu gostasse de dizer não, eu fico com provavelmente.

— Então venha aqui — ele disse contra meus lábios.

E então eles eram dele.

Em segundos, minha bunda estava no balcão e minha calcinha no chão. Mas apesar da necessidade de eficiência, Sebastian bateu os joelhos, deslizando as mãos pelas minhas coxas, até meus quadris, e com um puxão, minha bunda estava pendurada na borda com seu hálito quente contra a minha pele. Sua língua escorregadia traçou a carne ondulante antes de se prender à ponta dolorida de mim.

Eu sufoquei um gemido, mordendo meu lábio inferior, minhas coxas se espalhando mais. Uma perna pendurada em seu ombro enquanto ele usava seus lábios, sua língua, para me puxar para mais perto, para me persuadir a ele. Ele sabia o que fazer, sabia onde tocar, onde beijar, quando acelerar, quando desacelerar. Ele me conhecia. Ele conhecia meu corpo. Ele conhecia cada clímax que ele me dava porque cada um era dele, e ele sabia como ganhar outro para nós dois.

Minha mão deslizou em seu cabelo e apertou, segurando-o onde eu o queria enquanto meu pulso acelerou, cada nervo correndo para o lugar onde nos

conectamos. Minhas costas arqueadas, peito arfando.

E ele desapareceu.

Eu choraminguei minha decepção, abrindo meus olhos para encontrá-lo de pé diante de mim, fechando-os novamente quando ele me beijou, o sal do meu corpo em sua língua. Eu estava tão preocupada, a sensação de sua glande roçando o mergulho quente entre minhas coxas quebrou o beijo com um suspiro. Mas ele já estava me beijando de novo, deslizando meus quadris para mais perto enquanto flexionava os dele, não parando até que estivesse enterrado em mim.

Um gemido ecoou com outro gemido, um recuo e um avanço. E não foi como ele me tocou que me levou ao limite. Não era a forma como nos encaixamos, não era na forma dele, provocando meu corpo.

Era o som de sua voz quando ele disse meu nome. Foi a visão dele, sobrancelhas escuras desenhadas, olhos encapuzados com cílios pretos arrebatadores. A visão de seus lábios largos, separados de prazer, esperando por algo – um beijo, uma palavra, liberação.

Aqueles lábios foram a última coisa que vi antes de gozar em uma corrida de batimentos cardíacos e músculos travados, pulsando ao redor dele, implorando com meu corpo para vir comigo.

Ele ouviu o grito silencioso, batendo em mim quando eu desci. E eu o embalei quando ele chegou ao topo, senti a batida de seu coração em seu peito, deleitei-me com o conhecimento de que seu prazer era meu, assim como o meu era dele.

E então ele estava me beijando novamente. No que me dizia respeito, ele poderia me beijar para sempre.

Nossos quadris ainda estavam travados quando nossos lábios se separaram. Meu rosto estava em sua palma, inclinado para cima para que ele pudesse olhar para baixo. Sua expressão dizia mais do que as palavras jamais poderiam – um fantasma de um sorriso, o calor de seus olhos, a suavidade que só vem quando você conhece alguém tão bem, não há nada entre vocês além da verdade de quem você é, quem eles são, quem você é um para o outro.

— Acho que gosto de fazer velas — disse ele.

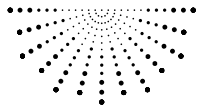
— Eu faria uma piada sobre mergulhar no pavio, mas que tal você me beijar em vez disso?

Com uma risada, ele fez.

E eu suspirei para ele, memorizando o momento para sonhar quando ele se fosse novamente.

13

STEAMROLLER BLUES



SEBASTIAN

Flutuei até o hospital com um sorriso no rosto, aproveitando a alegria persistente que apenas uma tarde perfeita poderia proporcionar.

Quando terminamos o lote de velas em que estávamos trabalhando, saímos para os campos de flores para colher buquês. Priscilla tinha me ajudado a fazer um para Abuela, que ela conheceu no hospital ontem, e depois dividimos um pacote de biscoitos Goldfish, ela tirou uma soneca que ela não queria, e eu fui para casa, o buquê acabando no banco do passageiro da minha caminhonete onde eu queria que Presley estivesse sentada.

Mas ela tinha mais trabalho a fazer, e eu não podia ser uma distração. Eu tinha algum trabalho a fazer no protesto do Goody de qualquer maneira através de uma lista de verificação que recebi do Evan. Mamãe também queria ajudar, então pensei que faríamos uma noite disso quando chegássemos em casa do hospital.

Até que vi a Marnie pela janela da Abuela.

Com um palavrão, agarrei o buquê de Priscilla um pouco mais apertado e fiz meu caminho para dentro.

A cadência feliz e fácil de vozes femininas flutuou em minha direção. Era um som familiar, um que viveu em minha casa e família durante os anos que Marnie e eu estávamos juntos. E ao entrar na sala, uma visão familiar me cumprimentou.

Perto de Abuela estavam minha mãe e Marnie, xícaras de café e os restos de algumas sobremesas do refeitório que haviam demolido. Na minha aparição, elas se aquietaram de surpresa.

Mamãe se conteve primeiro e sorriu, levantando-se para me cumprimentar.

— Oi, querido. O que você está fazendo em casa? Achei que você ia demorar mais algumas horas.

— Eu também, mas tinham algumas coisas acontecendo — eu disse, não querendo ser específico pelo bem de Marnie.

Mamãe se aproximou, pegando as flores com um sorriso. — Essas são lindas. Elas são das Blums?

— Cilla os escolheu para você, Abuela.

Mamãe praticamente se dissolveu em uma poça com um sorriso.

— Aquela garotinha — foi tudo o que ela disse, e baixinho. E então ela estava a caminho para mostrá-los a Abuela.

— Desculpe interromper — eu disse, dando um passo em direção à saída. — Vocês tomem seu café. Vou voltar mais tarde.

Mas Marnie se moveu para ficar de pé.

— Não, está tudo bem. Eu estava prestes a sair de qualquer maneira.

Abuela ergueu as mãos.

— *Vienas aquí, mija… abrazame.*

Com um sorriso carregado de amor e saudade, Marnie fez o que Abuela havia pedido, dando-lhe um abraço.

— Não espere tanto para vir me ver novamente. — Abuela disse, segurando Marnie como refém por um minuto com seus braços musculosos e assustadoramente fortes.

— Eu prometo — disse Marnie.

Desviei os olhos, virando-me para sair enquanto ela se despedia de mamãe, não querendo me intrometer mais do que já tinha feito. Porque quando Marnie me deixou, ela também deixou minha família. E concordassem ou não com ela, e por mais complicadas que fossem as coisas, nunca deixaram de amá-la. Nem eu suspeitava que ela deixou de amá-los.

— Eu poderia... falar com você? — Marnie perguntou atrás de mim, embora não parasse de andar, apontando para o corredor.

Eu peguei a deixa. Quando estávamos fora do alcance da voz, ela se virou para mim, encontrou meus olhos, respirou fundo para alimentar o que quer que ela estivesse prestes a dizer.

Ela era tão familiar para mim, uma mulher que eu conhecia toda a minha vida. Uma mulher que eu amei. Uma mulher que eu machuquei. Uma mulher que me machucou. Seu rosto era um que eu conhecia melhor do que o meu. O azul de seus olhos, pontilhado com cacos de verde. A forma de sua mandíbula, a menor covinha em seu queixo, o rubor de suas bochechas que eu tinha visto em circunstâncias de amor, luxúria, fúria.

— Meu advogado os trouxe depois que você saiu. Eu precisava vir ver

Abuela, ter certeza que ela estava bem, e eu ia deixar isso com sua mãe, mas já que você está aqui... — Ela enfiou a mão em sua bolsa enorme e me ofereceu um fólio. — Os papéis do acordo.

Eu a peguei com um aceno mudo. Abri. Caminhei até a mesa do corredor e peguei uma caneta de uma das gavetas. Sem ler, rubriquei onde indicado, assinei onde deveria.

— Você não vai ler?

— Já discutimos o conteúdo e li antes das revisões. Você não me faliu aqui, não é?

— Não. Mas se eu soubesse que você não ia olhar para ele, eu teria escrito a casa em Houston nele. — Era uma piada, embora afiada e irônica.

— Mamãe não ficaria triste em vê-la ir. Eu acho que ela nunca mais vai querer pisar lá novamente depois do que ela passou lá. — Fechei o fólio e ofereci a ela.

Ela o recebeu com uma espécie de tristeza pesada, do tipo que só se encontra depois de um sofrimento prolongado.

— Vou enviar isso, e então tudo o que teremos são os papéis finais para assinar.

— E quanto ao comparecimento ao tribunal?

— Apenas um de nós precisa estar lá. Eu ia fazer isso.

Mas eu balancei minha cabeça.

— Deixe-me fazer.

— Não importa quem vai. Não sei se você estará aqui.

O pensamento enviou um flash de ansiedade através de mim. Mas Marnie não precisava saber dos meus planos futuros. Inferno, eu nem tinha certeza. Então eu disse:

— Se estou aqui, por favor, deixe-me. Você já passou o suficiente.

— Eufemismo.

Um longo período de silêncio se passou.

— Eu não esperava ver você aqui hoje — eu disse estupidamente.

— Eu não vim por você. Tudo em você me machuca — ela disse calmamente, dolorosamente. — Mas elas também são minha família.

— Eu sei. Estou feliz que você veio. Desculpe por ter encurtado. Eu só... sinto muito, Marnie.

Ela fez uma pausa.

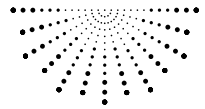
— Eu sei. Mas isso nunca foi suficiente.

Eu queria dizer um milhão de coisas, mas não conseguia agarrar uma com força suficiente para falar antes que ela se virasse para caminhar em direção ao elevador, deixando-me na beira do amplo espaço vazio entre a vida que eu tinha

com ela e a que eu estava vivendo.

14

FOOLS RUSH IN



PRESLEY

Uma semana passou voando em um borrão quente e ensolarado.

Meus dias eram passados na Bettie's, no galpão fazendo velas e sabonetes da marca Blum, e com Sebastian, mobilizando uma parte sólida da cidade contra a invasão dos Goody's. Minhas primas assumiram o papel de marketing, criando um slogan, uma marca e panfletos, e nosso primeiro encontro foi um enorme sucesso. Combinamos um calendário não apenas para reuniões semanais, mas também para marchas, redação de cartas e angariação de votos, e Evan tinha o referendo pronto para rolar e coletar assinaturas entre despejar documentos legais e regulamentos do condado procurando uma brecha para parar – ou, pelo menos atrasar – o processo.

O site estava no ar e já havíamos feito uma quantia substancial de dinheiro vendendo adesivos, camisetas, placas de jardim e todos os tipos de brindes com a frase *Mantenha o local*, *Lindenbach* em tudo e qualquer coisa que pudéssemos imprimir. Stan, nosso motorista de "Uber", havia colocado um grande adesivo '*Mantenha o local'* na janela traseira de seu antigo Suburban, bem ao lado da placa falsa do Uber que ele havia feito. Sabe, só para ter certeza de que ninguém entraria no carro errado.

Abuela chegou em casa alguns dias depois da cirurgia perguntando quando seria sua festa de boas-vindas. Então aqui estávamos nós com uma parte sólida da cidade, reunidos no quintal dos Vargas, pulando na piscina e o cheiro de carne fumegante no ar. Depois que Wyatt finalmente convidou Manny para sair, eles se tornaram inseparáveis, e estavam tomando banho de sol do outro lado da piscina, olhando um para o outro com olhos arregalados que teriam chifres de demônios de tão apaixonados que estavam.

Mas eu parei de cobiçá-los há algum tempo em favor de assistir Sebastian e Priscilla brincarem na piscina.

Eles estavam brincando por tempo suficiente para que eu esperasse que Sebastian não desse certo hoje – seus braços e ombros estavam pagando suas dívidas enquanto ele jogava Priscilla no ar, alto o suficiente para fazer meu estômago revirar. Ela gritava todo o caminho para cima, depois todo o caminho para baixo com sua pequena bóia amarrada em volta do peito e um par de óculos de snorkel. Ele tinha acabado de começar a nadar debaixo d'água com ela pendurada em seu pescoço quando Poppy me deu uma cotovelada.

— Hum? O quê? Você disse alguma coisa?

Mas ela riu.

— Deus, você é tão otária por ele.

— Não conte a ninguém — eu disse com um sorriso.

— Oh, ninguém precisa de sua confirmação. Está escrito em você maior do que aqueles adesivos que criamos — Ela tomou um gole de sua cerveja. — Eu não sei como ele está jogando ela no ar como uma bola de futebol na última meia hora. É uma verdadeira prova de sua resistência.

— Você não tem ideia.

Ela bufou.

— Como está indo a mesa de ganhos? — Eu perguntei.

— Bem. Estamos perto de assinaturas suficientes no referendo para forçar uma votação. Contanto que possamos nos agarrar a todos, estaremos *derrubando* esses filhos da mãe.

— Você parece terrivelmente segura de si mesma.

— Eu pareço, não é? É difícil não ficar depois de conversar com Evan sobre isso por uma semana seguida.

— Sim, e o que é isso? Fale sobre esse ‘escrito’ em cima de você. Você tem uma queda por ele.

— Confie em mim, ele não tem ideia de que qualquer um de nós existe. E mesmo que ele tenha notado que eu era uma solteira elegível, há o problema do irmão dele.

Por um momento, ficamos sóbrias. Poppy namorou o irmão de Evan por tempo suficiente, e terminou difícil o suficiente para que Evan provavelmente estivesse fora da mesa indefinidamente.

— De qualquer forma — disse ela —, há também o pacto.

Suspirei.

— Você nunca vai casar Dottie. Ela mesma disse, ninguém aqui faz cócegas em sua fantasia.

Poppy fez uma careta.

— Você acabou de arruinar essa frase para mim, então obrigada por isso.

— Quero dizer. Vocês não podem ficar solteiras para sempre.

— Claro que podemos. Presley, o que ela vai fazer quando todas nós nos formos? Ela dedicou toda a sua vida a nós. Deixá-la sozinha parece uma blasfêmia. Nenhuma de nós tem estômago para isso, a menos que ela tenha outra pessoa para amar.

— Ela pode ficar com Elvis XIV. Teremos que adotar Elvis XV. Mantenha a linhagem viva.

— De preferência alguém que não esteja coberto de pelos.

— Que exigente.

— Esse é o problema, não é? — Ela suspirou. — Se a fazenda não estivesse em nosso sangue, eu diria que deveríamos nos mudar. Recomeçar. Muito da fazenda, desta cidade, a lembra de papai, eu acho. Se estou olhando para minha bola de cristal, acho que é por isso que ela não encontrou ninguém. Não porque não há ninguém, mas porque papai está em todos os cantos desta cidade.

— Nada disso está soando propício para você namorar Evan Banks.

Ela me deu uma cotovelada forte o suficiente para me fazer oof. Confusa com seu sorriso estranho, olhei para a piscina para encontrar Evan andando em nossa direção.

— Ei, Evan — eu disse com entusiasmo. — Como vai?

— Muito bem, Presley. Obrigado por perguntar. Posso pegar Poppy emprestada por um minuto?

— É claro. — Eu praticamente a empurrei em sua direção.

Ela fez o menor guincho quando entrou em seu espaço.

— Você tem mais camisetas? — ele perguntou. — Estamos quase sem adesivos de para-choques também.

— Claro. Eles estão no caminhão, deixe-me ir buscá-los.

— Eu vou com você.

Eu acenei para eles.

— Tchau, crianças. Sejam bonzinhos.

A confusão passou pelo rosto de Evan. Poppy tentou me incendiar com seus olhos. E eu ri como uma idiota.

Eu ouvi Priscilla antes de vê-la – o som da risadinha que ela estava fazendo o dia todo era uma revelação infalível. Quando olhei em sua direção, encontrei-a enrolada em uma toalha de melancia rosa quente como um burrito nos braços de Sebastian. Ele estava pingando, o sol pegando gotas de água em sua pele dourada, seus músculos à mostra, e seus calções grudados nele em todos os lugares certos.

— Trouxe algo para você — disse ele com um sorriso de mil watts antes de

jogar Priscilla em meus braços.

— Gah, ela está toda molhada.

— Agora você também está. — E ele sacudiu o cabelo como um cachorro, jogando água em cima de mim.

Eu gemi e ri e o empurrei no peito o melhor que pude com meus braços cheios de Priscilla.

— Você é o pior.

— Você tem sorte que eu não joguei você lá.

— Não — eu avisei.

Ele deu de ombros e me lançou um sorriso.

— Vou verificar a carne e, depois, é melhor você se livrar de qualquer coisa que não queira molhar.

— Estou falando sério, Bas. Não.

— Faça isso! — Priscila gritou.

— Ei, de que lado você está? — Eu perguntei enquanto fazia cócegas nela.

— Do papai! — ela respondeu de alguma forma como uma risadinha.

— Traidora.

Sebastian piscou para mim e caminhou em direção a fogueira. Eu gostaria de ter dito que não o observei, mas não sou tão forte quanto deixo transparecer.

— Mamãe, onde está a Abuela?

— Sentada na sombra ali.

— Podemos ir vê-la?

— Claro.

Ela se mexeu como Perséfone, o verme.

— Deixe-me descer.

— Ok, ok, caramba, garota. — Eu a coloquei no chão conforme solicitado. — Ande como uma princesa para não tropeçar.

— Eu sei! — ela disse, levantando a toalha como saias antes de sair na direção de Abuela.

— Merda — eu disse baixinho, correndo atrás dela enquanto eu me lembrava. A última coisa que Abuela precisava era Priscilla pulando em seu colo com um quadril em recuperação. — Cilla, espere!

Cilla não esperou.

Mas Abuela a viu chegando e de alguma forma se manobrou para aguentar o impacto sem nenhum problema. A mulher era uma profissional.

— *Sim, mijita*… eu vi você voando na piscina. Onde estão suas asas? — Ela moveu Priscilla pelos ombros para fingir olhar para trás.

— Sem asas! Papai me jogou!

— Ah, ele jogou? Seu papai, ele é forte.

— Ele pode pegar um carro.

Uma das sobrancelhas de Abuela se ergueu.

— Ele te disse isso?

Priscilla assentiu enquanto eu balançava a cabeça, sentando na cadeira ao lado dela.

— Isso não foi o que ele disse — eu repreendi.

Ela parecia um pouco tímida, mas depois disse:

— Ele pode pegar a mamãe.

— Você está dizendo que eu peso tanto quanto um carro, fedorenta?

Ela deu de ombros, a pequena tola.

Sebastian correu para a piscina, pulou, chamou Priscilla e caiu na água. Ela riu e bateu palmas e saltou até que ele ressurgiu.

— Vamos — ele gritou, estendendo as mãos.

Sua toalha estava amontoada no chão, e ela estava fora do meu alcance antes que eu pudesse agarrá-la.

— Proibido correr! — Chamei inutilmente por ela, suspirando quando ela deu um salto voador em seus braços.

Abuela apenas riu.

— Ela não está com medo, está?

— De nada, nunca.

— Bom. Ela vai longe com esse gene. Eu diria que era um traço de nossa família, mas conheço o seu bem o suficiente para saber que ela estava destinada a conseguir o que queria da vida. A cidade também a ama. Acho que ninguém mais sai de casa sem doces no bolso para ela.

— O dentista dela ficará emocionado — eu disse com um sorriso. — Como você está se sentindo?

Ela zombou, revirou os olhos.

— A Mercedes não me deixa fazer nada sem ela. Eu a amo, mas não gosto que me digam o que fazer.

— Quem, você? Não.

Ela riu de novo, aquele som adorável e rouco.

— *Y tu*. Bastian faz boas escolhas.

O rosto de Marnie veio à mente.

— Talvez nem sempre.

Abuela balançou a cabeça.

— Talvez não fosse bom, mas certo. Ele precisava de Marnie. Mercedes precisava de Marnie. Mas... ela queria algo que não podia ter. Ou talvez houvesse outro motivo, *no entiendo*. Só sei que Deus a enviou para nós quando precisávamos dela.

— Você a ama.

— *Sí,* todos nós a amamos. Mas isso não significa que ela era para sempre. — Ela mudou seu peso, seus olhos escuros afiados com conhecimento, seu sorriso de uma cartomante. — *Mira*, *cariño* tudo o que nos acontece, todo bem, todo mal, é uma dádiva. Podemos aprender, ou podemos lutar. Às vezes um é o outro. E às vezes, o que achamos que é para sempre é apenas mais uma lição. *Pero* aprender, ferir, sobreviver nos aproxima do amor e da alegria que passamos a vida procurando. Não, Marnie não era para sempre. Deus tinha outros planos para ela e para Bastian, planos que nem Bastian conhecia. — Ela acenou para ele e Priscilla antes de encontrar meus olhos novamente. — Talvez ele ainda não saiba. Ou talvez sim.

— Seria bom se as coisas fossem mais simples.

— Mas isso é a vida, não? Se é fácil, você é mimado, cruel. Você espera tudo e não trabalha por nada. Isto? É assim que aprendemos a ser gentis. Amar. Caso contrário, você ama apenas a si mesmo, e isso não é vida para se viver. Então *entiendo es complicado*. *Pero*, eu prometo que está certo. Você e Bastian estão onde deveriam estar. Então aprendam uns com os outros. — Com um sorriso, ela deu um tapinha na minha mão, mas seus olhos cortaram atrás de mim.

— Mamãe — Priscilla chamou.

— Pres você pode vir buscá-la? — disse Sebastian.

— Sim — eu respondi, pegando sua toalha antes de ir para a beira da piscina, onde ela esperava com os braços para cima. — Tudo bem, venha aqui, fedorenta — eu disse, estendendo a mão para ela. Mas em uma graciosa façanha de habilidade, Sebastian jogou Priscilla para Wyatt, me pegou pelo pulso e puxou.

Com um grito, me joguei na piscina, totalmente vestida. Com a intenção total de bater em Sebastian, eu chutei o fundo e respirei, apenas para ser puxada de volta para baixo. E eu não conseguia nem ficar brava, não quando vi a pura felicidade em seu rosto.

E especialmente não quando ele me beijou com a mais doce brevidade, me deixando querendo mais.

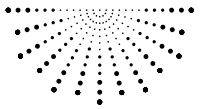
Como sempre.

Estamos onde deveríamos estar, disse a mim mesma.

E quase me convenci de que era o suficiente.

15

C'MON EVERYBODY



SEBASTIAN

— Sorvete! — Presley gritou na direção do parque algumas semanas depois. — Pegue seu sorvete grátis! *Mantenha o local, Lindenbach!*

As Blums, Presley e eu tínhamos acabado de montar uma mesa cheia de produtos da *Mantenha o Local*, e a família Bromberg cuidava de um carrinho de sorvete com um guarda-chuva rosa e branco no topo e o logotipo do salão na frente da caixa cromada.

Até agora, o verão foi um sucesso.

Nunca poderia imaginar que este verão seria agraciado por Presley. Que eu descobriria que era pai. Que eu adoraria tanto o trabalho. Ou que esmagaríamos os planos de Mitchell em pedacinhos com a eficácia de um rebatedor de Louisville.

A mãe de Dottie e Presley estava conversando em um banco do parque enquanto Priscilla corria o circuito do playground em círculos. Tudo o que faltava era um grito de guerra do *Guerreiro Ninja.*

Eu era pai há apenas um mês e não conseguia me lembrar do que tinha feito com toda a minha vida antes dela. Presley disse que eu estava na fase de lua de mel e que as coisas mudariam se eu a tivesse em tempo integral. Nós não dormimos juntos ainda – tentamos uma vez, mas Priscilla nunca tinha dormido em qualquer lugar sem Presley ou sua Nonnie. E embora eu tenha ficado feliz em ter Presley passando a noite também, ela foi inflexível sobre nos manter em segredo de Priscilla.

Presley foi inflexível sobre muitas coisas. Como sua certeza de que eu me arrependeria de ficar, e sua insistência de que eu deveria ir. Ou seu constante encaminhamento ao nosso estado temporário. Eu não me lembrava de concordar

com nada disso. Mas a verdade era que eu não tinha a sensação de que ela queria que eu ficasse.

E se eu não pudesse tê-la, seria melhor ir embora de qualquer maneira. Eu não podia suportar o pensamento dela me dizendo que ela não me queria. A pena em seu rosto quando ela tentou me decepcionar fácil. Sabendo que teríamos uma filha, mas separados, comigo sempre desejando que ela me amasse como eu a amava.

Então eu alegremente fingiria que ela era minha durante o verão e deixaria a decisão de ficar ou ir pairando no ar como uma moeda lançada.

As pessoas haviam entrado no parque da Main Street, vindo em nossa direção. Alguns com sorrisos, alguns passando com carrancas. Mitchell tinha o controle desta cidade para o bem ou para o mal e, no final das contas, um grupo de pessoas sempre se opunha a qualquer reação. Eles não podiam – ou não iriam – pensar a longo prazo, convencidos de que Mitchell era a autoridade e sabia melhor. Eles gostaram da ideia de um Goody's estar a menos de meia hora de distância, gostaram da ideia de comida barata e preços de supermercado. E eles escolheram ignorar os rostos dos empresários que mantiveram nossa cidade em atividade, alguns por cem anos.

Eu não conseguia entender. Eu não conseguia entender o interesse próprio que colocaria os desejos deles acima das necessidades dos outros. A injustiça disso me iluminou como uma fogueira.

Mas nós íamos ganhar. Salvaremos a Main Street de uma morte rápida por Big-Box e foderíamos Mitchell se ele entrasse em nosso caminho.

Eu não pude deixar de notar durante a primeira meia hora que estávamos lá fora, que havia um ar de indecisão sobre algumas das pessoas que eu pensei que tínhamos na bolsa. Como o pastor Coleburn, que parecia arisco e evasivo quando acabara de fazer um sermão na cidade que os incitou por nossa causa de uma maneira que só ele podia.

Quando Evan entrou no parque, eu sabia que estava prestes a descobrir o porquê.

— Qual é o problema? — Poppy perguntou quando ele se aproximou.

Evan olhou para as pessoas da cidade reunidas ao redor e empurrou o queixo em direção às árvores atrás de nós. Quando estávamos agrupados longe o suficiente para eles não ouvirem, ele nos deu a pior notícia que tivemos desde que começamos.

— O Goody's está revidando.

— O que aconteceu? — perguntou Jô.

— Enquanto falamos, malas diretas estão sendo entregues em toda a cidade apresentando um estudo econômico tendencioso e de merda que mina tudo o que

fizemos. Já ouvi do treinador de futebol, de um punhado de empresas e do pastor que eles não têm mais certeza do que é melhor. Essa maldita mala direta diz que eles vão *ajudar* as empresas e citou estudos mais tendenciosos de pequenas cidades de todo o país. E isso é apenas o começo.

— Como assim? — Eu perguntei.

— Eles têm seu próprio slogan, e a gangue de Mitchell já está distribuindo placas de gramado, adesivos e panfletos. *Vamos Crescer*. Apenas no meu caminho para cá, vi três de nossas placas de janela na Main Street substituídas por Goody's.

Os olhos de Presley estavam arregalados.

— O que vamos fazer?

Evan balançou a cabeça.

— Não sei. Precisamos fazer uma reunião juntos. Esta noite, se conseguirmos. Se tivermos alguma chance de aguentar, temos que nos mobilizar. Agora. — Ele jurou baixinho. — Eu sabia que tinha sido fácil demais.

— Ainda podemos vencer — disse Poppy com tanta determinação que era quase impossível não ter esperança. — Evan, você se lembra quando Goody's veio para Kneller e eles perderam a Main Street?

— A única coisa que resta lá é um Flying J e um Buc-ees — observei.

— Acha que podemos chamar o velho prefeito para falar com a cidade? — perguntou Poppy.

— Boa ideia — Evan respondeu. — Podemos pensar em fazer um estudo próprio de um terceiro. Mas vai demorar. Eles provavelmente estão trabalhando nisso há semanas, esperando a votação para lançar a bomba. Maldito Mitchell.

— Nós vamos descobrir isso — eu prometi, meu olhar varrendo os rostos preocupados ao meu redor. — De jeito nenhum vamos perder essa luta, não se eu tiver algo a ver com isso. Daisy, você fica e cuida da mesa com Jo. Poppy, Evan – que tal você, Presley e eu nos separarmos e irmos atrás da equipe de Mitchell? Podemos começar com a Main Street. Podemos divulgar a reunião de hoje à noite também.

Todos assentiram e, com uma breve explicação para os Brombergs e Dottie, partimos.

Nossos grupos se separaram quando chegamos à Main Street – Presley e eu pegamos um lado da rua, e Evan e Poppy pegaram o outro. Por um minuto, Presley e eu caminhamos em silêncio.

— Isso é ruim — ela finalmente disse. — Isso é tão ruim.

— Se eu achasse que Mitchell poderia ser raciocinado, eu diria que fizemos campanha direto para ele. Mas eu não acho que ele iria me entreter por muito mais do que um olho roxo. E ele se decidiu sobre isso, até investiu seu próprio

dinheiro, aposto.

— Você acha que a propaganda não é só de Goody?

— Mitchell está motivado, ele tem um legado a defender. Cada Mitchell que ocupou esse cargo trouxe algo para esta cidade, exceto ele. Então eu suspeito que ele pensa que esta é sua marca a fazer. E todos nós sabemos que Mitchell consegue o que quer. No momento, é Goody's, e ele tem dinheiro para bancar uma campanha além do que Goody's está investindo nela. Mas eu também. Tenho um amigo da UT que pode ajudar a montar um estudo em tempo real.

— Esta cidade tem sorte de ter você, Bas. Todos nós temos.

Atirei-lhe um sorriso.

— Por que, por causa do meu amigo da UT?

Ela esbarrou em mim enquanto caminhamos.

— Porque quando algo que você ama é desafiado, você age. Você faz. E você coloca todo o seu coração por trás disso. Acho que você não sabe o quão raro isso é.

— Quer saber a verdade?

Uma de suas sobrancelhas se ergueu.

— Não é tanto altruísta, mas uma forma de agir no impulso de nocautear alguém.

Ela riu.

— Quero dizer, o que quer que seja feito. — Ela ficou em silêncio novamente. — Você acha que vai ser resolvido antes de você ir?

— Eu não sei — eu disse, não querendo mencionar que eu realmente não queria ir embora.

Eu não queria que ela me dissesse para ir de novo também.

— Isso vai nos atrasar, embora eu não saiba quanto — eu disse. — Mas temos muitos truques na manga. Não está nem perto de acabar.

— Eu só não sei se podemos fazer isso sem você.

Eu parei.

— Pres, eu não consigo descobrir se você quer que eu fique ou vá.

Sua cabeça se inclinou em confusão.

— Eu quero que você seja feliz.

— Então como você acha que sabe o que vai me fazer feliz?

— Eu... eu não acho.

— Você acha.. Quantas vezes você me disse que ficar seria um erro?

Ela balançou a cabeça para a calçada.

— Você vai se arrepender.

— Você não sabe disso melhor do que sabe se eu vou ser feliz do outro lado do planeta. Você não sabe. Nem eu.

— Você realmente quer ficar?

— Não sei. Você quer que eu fique?

Uma guerra travada por trás de seus olhos.

— Eu não sei.

Lá estava. Essas três pequenas palavras me cortaram. Mas tentei sorrir. Puxei-a para o meu peito. Fechei meus olhos. Fiz o que sempre fiz.

Evitei o que doía para não quebrar a ilusão. Então eu não perderia a felicidade que encontrei desenterrando verdades feias que nenhum de nós queria enfrentar.

— Vamos falar sobre isso mais tarde. — *Ou nunca*. — Uma coisa de cada vez.

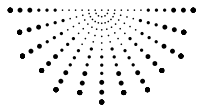
Ela assentiu.

Quando nos separamos, eu peguei a mão dela.

— Agora vamos. Temos uma cidade para salvar.

16

BLOWIN' IN THE WIND



PRESLEY

Deus, precisávamos de um dia como hoje.

O sol batia no rio, e os sons alegres dos moradores bêbados da cidade e da música country enchiam o ar acima do zumbido constante da água corrente. Eu deitei em um tubo rosa quente, a parte de cima de mim assando e minha bunda congelando na água gelada da nascente. Minha bóia macarrão estava amarrada a um grupo de outros, o nó ancorado em estacas na margem do rio. Acima de mim estava a rocha onde passei tanto tempo tomando sol ao longo dos anos, e do outro lado do rio havia o balanço de corda e a praia onde duas dúzias de toalhas estavam estendidas e ocupadas.

Foi ideia de Jo – uma recompensa por passar a semana lutando para organizar nossa defesa contra Mitchell – e dentro de três horas, todos os adultos entre vinte e um e trinta e cinco fizeram planos para estar aqui. Mitchell realizou uma reunião na prefeitura ontem, repleta de desinformação e besteira, incluindo entregar o microfone a vários porta-vozes da Goody divulgando todos os tipos de propaganda. Fiquei surpresa por Sebastian não ter entrado em combustão espontânea na cadeira dobravel onde estava sentado, ardendo de raiva. Ele fez perguntas com uma compostura impressionante, considerando.

Isso por si só teria garantido um dia designado para nada além de diversão.

O amigo de Sebastian apareceu – a firma de consultoria em administração pública montou um novo estudo às pressas, e as evidências eram contundentes. Evan conseguiu falar com o prefeito de Kneller, e na próxima semana faríamos outro empurrão com nossas novas armas em mãos. O próximo fim de semana foi para protestar.

Sem querer, Sebastian se tornou nosso líder destemido, e ele não se esquivou

do título. Na verdade, ele parecia estar em casa ajudando a organizar a campanha e mobilizando a cidade pela causa.

Embora não estivesse ajudando as cidades rurais africanas, ele estava fazendo a diferença aqui em casa. Eu me perguntei se isso significava tanto para ele, mas decidi que não podia. Mesmo que ele estivesse ajudando as pessoas e o lugar que ele amava.

Poppy chutou água para mim de sua bóia, e eu gritei.

— Idiota. — Eu espirrei nas costas dela, o que não a impediu de rir.

Daisy respirou fundo pelo nariz ao acordar.

— Hmm. Me dê uma cerveja.

— Sim, senhora — respondeu Poppy, pegando o cooler em sua bóia oval no centro das nossas.

Daisy protegeu os olhos e examinou o rio.

— Onde está Jo?

Um grito da rocha acima precedeu uma sombra em forma de Jo passando sobre nós. Ela atingiu a água com um estalo e um respingo que se espalhou até o leito do rio.

Quando ela emergiu, foi aos gritos e respingos de retaliação. Quando ela tentou pegar minha bóia, eu bati em sua bunda.

Ela veio rindo, esquivando-se de mim antes de subir em uma bóia vazia.

— Merda, isso está gelado.

Era uma loucura quantas pessoas tinham aparecido. Esta parte do rio era mais lenta e mais profunda do que o resto, e nós de bóias flutuavam em suas próprias âncoras em ambos os lados do rio. A cada dois minutos era marcado por um grito e um splash enquanto os caras se revezavam no balanço da corda.

— Onde está Sebastian? — perguntou Poppy.

Olhei para o balanço de corda, sorrindo quando o vi balançando em direção ao meio do rio. Eu apontei.

— Ali.

Na deixa, ele soltou um flip e mergulhou na água como um maldito profissional.

Nós aplaudimos.

Havia algo sobre estar neste lugar. Isso me lembrou de todos aqueles verões em que a pior coisa que acontecia a qualquer um de nós era uma questão de quem fofocava sobre quem e quem beijava o namorado de quem. Mas agora éramos adultos. Poderíamos vir aqui e esquecer nossas responsabilidades por um dia, saborear um gostinho daqueles dias mais fáceis quando éramos livres. Quando não tínhamos coisas como filhos, contas e sonhos fracassados. Quando não havia uma cidade para salvarmos ou um amor perdido para os poucos

sonhos que ainda tínhamos.

Tinha sido estranho com Sebastian a semana toda. Não estranho – estranho, apenas pesado com as coisas que não estávamos dizendo.

Você quer que eu fique?

Não sei.

Eu não sabia mais o que dizer. Eu queria que ele ficasse? Cem por cento, absolutamente, sim. Eu queria que ele ficasse para mim? Dez mil por cento não. E se eu dissesse sim, ele faria isso. Ele estava em lua de mel com Priscilla, e comigo também. Em algum nível, ele tinha que saber disso.

Acreditei que poderíamos ser felizes. Eu acreditei que ficaríamos juntos. Mas eu também acreditava que um dia não muito longe de agora, era muito possível que ele acordasse ao meu lado e desejasse ter ido embora. Priscilla e eu não bastaríamos – ele era um devorador de mundos, um homem que devorava a experiência. E ele fez tudo nesta cidade que havia para fazer pelo menos uma dúzia de vezes.

Se ele nos deixasse com o coração cheio de arrependimento, realmente seria para sempre. Pelo menos assim, ele poderia ir e ter certeza.

Então evitamos falar sobre isso durante toda a semana, por muito tempo. E me senti aliviada e desapontada por ele não ter discutido comigo. Mas essa conversa estava chegando, querendo ou não. Estávamos no fundo demais para evitá-lo por muito mais tempo, mesmo com os negócios da cidade para tratar.

Sebastian emergiu e veio em nossa direção, seus longos braços cortando a água, os músculos de seus ombros rolando e se contraindo enquanto ele comia a distância entre nós. Quando ele me alcançou, ele enganchou os braços na minha bóia e quase nos afundou tentando me beijar.

Senti minhas bochechas ficarem mais quentes do que o calor que o sol havia deixado lá. Porque eu sabia que todo mundo estava assistindo. Incluindo Marnie, que estava deitada na praia com suas amigas.

— Você tem um ar sério nisso — eu notei.

A bóia rangeu quando ele ajustou o aperto.

— Você nunca vai tentar?

— Se eu não fiz isso aos dezesseis anos antes de saber como temer pela minha vida, o que faz você pensar que eu faria isso agora?

— Oh vamos lá. Você nem precisa virar nem nada.

— Bem, isso muda tudo.

Ele riu e olhou ao redor.

— Cara, está lindo hoje. Eu meio que gostaria que Cilla estivesse aqui. Tenho certeza que ela ficaria impressionada com minhas habilidades de balanço de corda. Quero dizer, noventa por cento dos saltos de aprendizado eram para

impressionar as garotas, afinal.

— Ela está impressionada com tudo que você faz. Não posso dizer que a culpo.

Alguém gritou do outro lado do rio:

— Idiota!

Todos – literalmente todos – olharam na direção da praia de onde a palavra tinha vindo. O grupo de mulheres perto de Marnie era o único que olhava em nossa direção. Marnie estava fazendo o possível para desaparecer na sombra de seu grande chapéu flexível. Não tinha sido ela, seu estilo era muito mais sutil. Um de seus amigos fez um gesto obsceno em nossa direção.

— Que porra é essa? — Sebastian começou a empurrar na direção deles, mas eu o detive com minha mão em seu antebraço.

— Deixe. E talvez vamos reservar qualquer beijo até que não estejamos na linha dos olhos da sua ex.

Seus olhos se estreitaram com descontentamento, mas ele escutou.

— Isso é péssimo para ela — eu notei. — E desfilar na frente dela deve machucá-la mais do que qualquer coisa.

— Você é a mãe da minha filha. Eu deveria ser capaz de te beijar quando eu quiser.

— Isso é parte do problema, porém, não é?

Ele balançou a cabeça, ainda tentando defender seu descontentamento.

— Ela tinha que saber que estaríamos aqui, Pres.

— Metade da cidade está aqui. Não é justo que ela tenha que ficar em casa. Não faríamos o mesmo por ela, faríamos?

E então o atingiu com força suficiente para suavizar sua raiva. A culpa em seu rosto doía em tantos níveis.

— Não. Você tem razão. Deus, nós costumávamos fazer isso com ela no ensino médio também.

— Não se culpe, seu lobo frontal era subdesenvolvido aos dezesseis anos.

— E qual é a minha desculpa agora?

— Provavelmente algo a ver com meus peitos.

— Isso foi definitivamente um problema quando tínhamos dezesseis anos.

Eu ri.

— Vá balançar a corda um pouco mais para não ficar tentado.

— Só se você prometer dormir em casa esta noite.

— Tudo bem. Agora vá.

— Se eu fizer um double flip, recebo um prêmio?

— Não, mas se você der uma cambalhota — eu me inclinei e sussurrei — eu vou te conceder *um desejo sexual*.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Nada se consegue sem trabalho?

Dei de ombros.

— Esses são os intervalos, garoto.

— Desafio aceito. — Com uma piscadela, ele empurrou na direção do balanço da corda, e eu o observei ir com meu sorriso desaparecendo.

— Deus, eles estão certos. Nós somos idiotas — eu disse a ninguém.

— Bem — Daisy começou —, você meio que é, e meio que não é. Ele não está totalmente errado… eles estão separados.

— Mas não divorciado — observou Poppy.

— Ainda — Jo adicionou.

— E ela *sabia* que você estaria aqui — disse Poppy.

— Mas não é justo. — Suspirei. — Eu deveria enviar cupcakes anônimos para ela. E uma caixa de vinho.

— Provavelmente. — Daisy suspirou e jogou água em mim com o pé no momento em que Jeremy Winthrop gritou *Ei, Daisy!* do balanço de corda arqueado, voando para fora dele assim que ele teve a atenção dela para fazer um salto que acabou em um canivete. Ele acenou todo o caminho para baixo.

Todos riram, até mesmo Daisy, embora suas bochechas estivessem vermelhas como maçãs de outono enquanto ela afundava um pouco mais na bóia.

— Eles são implacáveis — eu notei. — Eu realmente não entendo como vocês não têm pelo menos uma ou duas aventuras acontecendo.

— Porque as aventuras nunca são apenas aventuras, Presley. Você sabe disso — Daisy disse com um olhar aguçado em minha direção.

— Além disso — Jo disse alegremente — namorar conosco é basicamente uma passagem para fora daqui. Ou pior. Veja nosso histórico. Seu pai foi embora, o meu morreu. O pai de Priscilla partiu para a África quando ela ainda era um zigoto. Poppy e Brent Banks estavam destinados um ao outro, juraram que voltaria, mas nunca deixaram Nova York depois da faculdade. E Daisy... bem, você sabe o que aconteceu.

— E qual é a sua reivindicação sobre a maldição? — Eu me atrevi.

Jo deu de ombros.

— Eu fui inteligente o suficiente para nunca me envolver com ninguém. Mas todos os caras com quem namorei acabaram com um osso quebrado, um carro destruído ou uma passagem só de ida para Lindenbach. É apenas o que é. Eu decidi não lutar contra isso – estou abraçando isso. Vou manter lances casuais e envelhecer com mamãe. Podemos conseguir gatos. Eu continuo dizendo a ela que precisamos de alguns caçadores de ratos, mas ela está convencida de que vai fechar seu caixão em toda a situação de Old Widow Blum.

— Então você não está de acordo com a coisa toda de 'armar para sua mãe?' — Eu perguntei.

As outras duas irmãs Blum olharam para ela em advertência.

— No que me diz respeito, mamãe e eu podemos ser hippies loucas. Mas sim — ela admitiu. — Estou de acordo com isso. Quero que mamãe seja feliz e adoraria mandar minhas irmãs embora. Imagine o silêncio.

Poppy pegou um punhado de gelo do refrigerador semi-aberto e o jogou no colo de Jo. Ela saiu da bóia tão rápido que mal a ouvimos gritar.

Quando Jo estava amaldiçoando seu caminho de volta a bóia parecendo um felino molhado, meu olhar vagou de volta para Marnie e seus amigos. A culpa tomou conta de mim.

— Não é sua culpa — Poppy disse ao me ver. — Como ela se sente.

— Tem certeza disso?

— Eu estou. Não faz com que seja menos chato, mas não é sua culpa. Não é culpa de Sebastian. Também não é dela. É uma merda, e esta cidade não é grande o suficiente para se esconder de ninguém.

— Bem, o desconforto dela será de curta duração — eu disse. — Ele está saindo em breve, e então ela vai ter que lidar comigo, eu acho. Mesmo que eu seja provavelmente o pior dos dois para ela.

— Ele ainda está saindo? — perguntou Poppy. — Eu juro que pensei que ele ia ficar agora que... bem, ser pai e tudo mais.

— Você não quer que ele fique? — perguntou Jô.

— Claro que sim. Só não quero que ele fique por mim.

— Certo, mas tipo... que melhor razão ele poderia ter? — ela adicionou.

— Mas isso é tudo, não é? Ele ficou quando sua mãe ficou doente. Além do Corpo da Paz, ele sempre esteve perto de sua família. Há sempre uma razão nobre para ficar. Mas e os nobres motivos para ir? Ficar é para seu próprio senso de dever para com sua família. Ir é para algo muito maior do que isso. Eu não quero ser outra razão pela qual ele não conseguiu viver seus sonhos.

— Os sonhos mudam — disse Poppy.

— Mas como eu sei se ficar é realmente o que ele quer?

— Você não sabe. Ele também não pode saber, já que ele não tem uma bola de cristal nem nada — Jo observou.

— Tenho tentado convencê-lo a ir porque não quero ser o motivo de tudo dar errado.

— Não seria sua culpa, Presley. Não mais do que como Marnie se sente é culpa sua. Isso é apenas a vida, sabe? Você não é responsável pelas escolhas de ninguém além das suas. Sebastian é um homem adulto. Acho que é seguro assumir que ele sabe o que é melhor para ele melhor do que você. — Jo estava

me dando uma olhada por cima de seus óculos de sol.

— Você se acha tão inteligente, Iris Jo — eu brinquei, não querendo reconhecer a verdade de suas palavras.

— Eu sou inteligente. Eu sou esperta pra caralho. Você deveria seguir meu conselho.

Todas nós descansamos em silêncio por um momento, e eu me permiti imaginá-lo ficando. Imaginei ele nos escolhendo, e nós três vivendo felizes para sempre.

Foi tão bom que me assustou.

Então eu afastei o pensamento e observei Sebastian enquanto ele voava para fora do balanço, de barriga para baixo, e batia na água com um estalo de quebrar as costas que fez todo mundo assobiar e estremecer e coletivamente gemer e rir.

Quando ele emergiu, foi para flutuar de costas com a mão na barriga para recuperar o fôlego.

— As coisas que fazemos por amor — disse Daisy com uma risada simpática.

— E coisas de bunda — Poppy acrescentou em uma risada menos simpática.

Mas tudo que eu podia fazer era admirar sua devoção.

Quando voltamos para a casa dele, já estava anoitecendo e estávamos exaustos.

Ele estava hospedado no pequeno bangalô de um quarto na propriedade dos Vargas, e com a pouca luz da entrada, eu não conseguia me orientar. Quando entramos pela porta, quase dei uma cabeçada em uma mesa do corredor.

Sebastian me pegou pela cintura, rindo.

— Você está bem?

Eu esfreguei meu quadril.

— Isso vai deixar uma marca.

Ele acendeu a luz.

— Venha e deixe-me dar uma olhada.

Com um puxão da faixa do meu short jeans, eu estava encostada nele com seus lábios contra os meus.

Quando o beijo acabou, eu disse:

— Não foi aí que fui atingida, sabe.

— Não se preocupe, esse local também passará por uma inspeção completa. — Seu sorriso não desapareceu até que ele me beijou novamente.

E caramba, foi bom.

Quando adolescente, beijar Sebastian era minha coisa favorita em todo o

planeta. Como adulta, sempre olhava para trás com um pouco de condescendência – é claro que beijar um garoto era minha coisa favorita na adolescência. Mas desde que voltei, posso dizer com absoluta confiança que foi, de fato, a melhor coisa do mundo inteiro beijar Sebastian Vargas.

Através do feitiço que seus lábios lançaram, eu considerei o beijo, imaginando o que o tornava tão totalmente satisfatório. A posse, talvez, em cada flexão e lançamento. A certeza de cada movimento de sua língua. Talvez fosse a familiaridade dele, o conforto de segurança que encontrei em seus braços.

Ou talvez fosse apenas sua magia, me atraindo sem falhar. Tudo o que ele tinha que fazer era enganchar o dedo, e eu era dele.

Seus lábios se fecharam e ele se inclinou para trás para me olhar. Então ele pegou minha mão e foi para seu quarto.

— Vamos. Você me deve um desejo sexual.

Eu o segui, rindo.

— Você mereceu. Não quebrou nada, não é?

— Acho que não.

— Bom. Eu teria me sentido terrível.

Ele olhou por cima do ombro para mim com uma sobrancelha levantada.

— Sério?

— Nah, isso foi engraçado o suficiente para sacrificar uma costela ou duas.

— Desde que não sejam as suas.

— Ei, eu não teria feito isso, especialmente não por um desejo sexual.

— Não?

— Não. Porque eu realmente preciso fazer mais do que pedir?

— Não.

— Exatamente. — Coloquei minha bolsa na porta do quarto dele e suspirei.

Seu quarto cheirava tão intensamente como ele, minha boca encheu de água. Eu me espreguicei como um gato preguiçoso, tentando decidir se queria um banho agora ou mais tarde. Quando Sebastian tirou a camisa e se jogou na cama, mais tarde se tornou a única resposta.

Eu subi ao lado dele e encontrei meu caminho em seus braços. Sua pele estava quente e escura do sol, seu cheiro mascarado pelo leve sal de suor e coco do nosso protetor solar. Ele cheirava a verão e dias sem peso, sem amarras.

Eu poderia ter vivido lá para sempre.

Meu coração se dobrou em um aperto doloroso.

— Qual é o problema? — ele perguntou.

— Por que você acha que algo está acontecendo?

— Eu não sei. Apenas um palpite.

Eu o respirei novamente e fechei meus olhos.

— Eu só queria que o verão pudesse durar para sempre. Isso é tudo.

Ele acalmou.

— Talvez possa.

— Sim, talvez — eu disse sem entusiasmo.

Uma pausa longa e plena.

— Você realmente não sabe se quer que eu fique, Pres?

— É mais porque eu não sei te responder.

— É um sim ou um não.

— Não é tão simples assim. Você sabe que não é tão simples.

— Por que não?

Eu me inclinei para trás para que eu pudesse vê-lo.

— Eu não posso simplesmente dizer sim ou não porque nenhum dos dois seria verdade.

Suas sobrancelhas escuras se juntaram.

— Então o que é verdade?

E lá estava, o canto em que eu estava recuando lentamente por semanas. Minhas costas bateram na parede metafórica, e procurei em seus olhos por compreensão quando falei.

— A verdade é que não posso dizer o que quero porque não importa o que eu diga, o que quer que você faça a seguir será um resultado direto. — Ele não parecia convencido. — Diga-me que estou errada.

Seus lábios se separaram com o desenho de uma respiração superficial, mas ele fechou a boca novamente.

— Certo. Então você não pode me fazer essa pergunta, Bas. Você não pode, porque você tem que decidir por conta própria. Não por causa do que eu quero.

— Eu não disse que você estava certa.

— Não, você não disse nada.

— Porque, talvez essa não seja uma pergunta que eu possa responder sem pensar por um segundo.

Eu não tinha um argumento para isso.

— O que você pensa e o que você quer é parte da minha decisão, quer você goste ou não. Parei de pensar por mim mesmo no segundo em que você me contou sobre Priscilla.

O reconhecimento silencioso caiu sobre mim. Eu conhecia esse sentimento muito bem.

— Então eu acho que entendi — ele continuou. — Não é preto e branco para mim também. Mas o que você quer é vital para mim. O que você quer, Pres? Você quer que eu fique ou você quer que eu vá?

— Eu quero o que é melhor para você. Eu quero o que vai fazer você...

— Feliz, sim, eu sei. Mas não é isso que estou perguntando.

— Eu sei.

— Por que você tem medo de me contar? Achei que você não tinha medo de nada.

— Acho que você encontrou minha fraqueza.

Ele me deu um olhar.

Suspirei novamente, desta vez para desabafar a pressão no meu peito. E então eu encontrei seus olhos.

— Eu tenho medo porque se você ficar para mim e Cilla, você vai se ressentir de nós. Seria difícil o suficiente perdê-lo assim. Mas seria um milhão de vezes mais difícil para ela.

Sebastian segurou minha mandíbula, seus olhos escuros.

— Como eu poderia me ressentir de você por uma decisão que tomei?

— E se um dia você perceber o que desistiu para ficar? — Lágrimas ameaçaram meus olhos. Mordi meu lábio inferior para detê-los. — Nós nunca fizemos isso, não realmente. E daí se, depois que todo o brilho passar, Priscilla e eu não formos o suficiente? E se for muito difícil, mais difícil do que você imaginou, e você acabar infeliz e preso?

Eu poderia dizer pelo olhar em seu rosto que ele nem conseguia entender. E era exatamente por isso que isso era tão perigoso.

— Concordamos que este fosse o verão, como sempre. Nós concordamos em ser casuais — eu disse.

— E nós dois sabíamos que isso era besteira.

Tentei olhar para baixo – choraria se não o fizesse. Mas ele segurou meu rosto no lugar, inclinou-o para que eu não pudesse evitar seus olhos. Não havia como parar uma lágrima que deslizou pelo meu rosto.

— E se eu te disser que quero ficar? — Ele perguntou. — E não apenas para você, embora eu provavelmente quisesse com ou sem Priscilla. Mas como eu poderia deixar uma garotinha – minha *garotinha* – para trás? Já perdi quatro anos. Não sei se aguento perder mais dois.

Em meu peito travava uma guerra de esperança e advertência.

— Então eu diria que você precisa ter cem por cento de certeza. Porque se você decidir ficar, não pode mudar de ideia. Você não pode deixar Cilla assim. — *Você não pode me deixar assim*. — Não me faça uma promessa que você não pode cumprir. Pense um pouco mais. Pense nisso até que você esteja absolutamente positivo. Essa é a única promessa que quero de você agora.

Ele não queria concordar, não queria ceder, eu podia ver tudo em seu rosto. Mas ele se educou, suas feições suavizando quando ele cedeu ao meu pedido.

— Então é isso que eu vou te prometer.

Eu balancei a cabeça, aliviada, embora uma corrente de miséria deslizou por baixo, deixando ondulações escuras em cada sensação boa que eu tinha.

Mas então ele me beijou, e depois de um momento, sua magia apagou todos os pensamentos. Quando ele empunhava aquela magia, não havia mais nada no mundo além dele e eu e lábios e mãos. Havia apenas nós. Aqui, as coisas eram simples. Aqui, estávamos livres de tudo, menos de como nos sentíamos um pelo outro.

Aqui, era tudo o que precisávamos.

Eu ansiava pela sensação de sua pele, nua contra a minha. Ele deslizou a camisa aberta sobre os ombros. Admirei as curvas e sombras que seu corpo fazia na luz escura. Observei-o enquanto ele me pegava em seus braços, acariciava meu rosto enquanto eu traçava as linhas dele com meu olhar em adoração.

A passagem de seus dedos ao longo da minha clavícula era adoração. O puxão do cordão do meu maiô era possessão. Quando ele desnudou meu peito para segurá-lo foi com devoção reverente. E quando ele desceu, foi para me devorar.

Meus cílios vibraram, meus braços embalando sua cabeça enquanto ele fechava sua boca quente sobre o bico do meu peito. Meus quadris torceram para pressionar contra seu abdômen, procurando a pressão que ele puxava com cada movimento de sua língua. E seus braços deslizaram ao meu redor, trazendo-nos pele com pele em uma torção, conectados por seus lábios no meu corpo.

Ele me ordenou sem necessidade de palavras, cada toque uma insistência silenciosa de que suas palavras eram verdadeiras. Que ele queria estar aqui, comigo. Que ele poderia me convencer com seu corpo o que eu não poderia aceitar com suas palavras. Eu podia sentir aquela promessa em seus dedos, na forma como ele me segurava, como se eu fosse uma coisa preciosa que ele estava determinado a não perder.

Eu só queria que fosse tão fácil.

Mas se havia uma coisa que eu aprendi amando Sebastian, era que agora era a única vez que eu podia contar. E então eu suspirei para ele e deixei o resto ir.

Minhas mãos percorreram seu torso, mas quando cheguei à barra de seu short, ele pegou meu pulso, me rolou de costas, me prendeu com seus quadris. Tomou minha boca como se fosse dele para possuir. E eu me deleitava com essa pose, com o peso de seu corpo me pressionando na cama, com o calor de sua boca e a profundidade de seu beijo. Eu queria ser dele, assim como eu queria que ele fosse meu. Assim, cada beijo era um dar e receber, uma troca de devoção, um pedido silencioso para sempre em um mundo onde não havia garantias.

Minha blusa tinha sido tirada há algum tempo, e meu short estava na metade das pernas antes que eu percebesse. Com um movimento, ele se foi, e minha

calcinha junto com ele. Mais uma vez, tentei libertá-lo, mas novamente ele me segurou, abandonando meus lábios para uma trilha de beijos pelo meu pescoço, pela minha clavícula, pelos meus seios, onde ele tomou seu tempo novamente, embora desta vez, ele satisfez meus quadris com movimentos longos e experientes que traçaram a carne ondulada entre minhas coxas. Quando tentei mais uma vez tocá-lo, ele agarrou meus dois pulsos em sua mão e os segurou acima da minha cabeça, colocando peso suficiente neles onde eu só poderia me submeter.

Então deixei que ele me levasse, esticando-me embaixo dele como um gato mimado e preguiçoso. Quando ele relaxou seu aperto em meus pulsos, eu pensei que ele se moveria para baixo do meu corpo para ocupar o espaço que ele provocou, mas em vez disso, ele se levantou para me rolar. Eu ofeguei em meu cabelo enquanto ele acariciava a curva da minha cintura, meu quadril, minha bunda nua. Um suspiro de surpresa cega quando seus lábios seguiram, a varredura quente de sua língua na minha bunda. Sua mão deixando meus quadris subirem, abrindo espaço para ele me abrir e encontrar meu calor com o dele.

Meu gemido foi abafado pelos lençóis, minhas mãos se fechando e soltando sem propósito. Cada nervo disparou, correndo para encontrar sua língua enquanto acariciava e traçava o vale do meu corpo. Ele sabia onde pressionar, circulando um dedo indicador lento com a habilidade magistral que eu só tinha experimentado com minha própria mão e com ele. Por conta própria, meus quadris balançavam junto com ele, estabelecendo um ritmo que ele seguiu, sabendo quando meus músculos travaram, quando meus pulmões esvaziaram, que ele não deveria parar, não até que um doce grito de liberação me deixasse, meu corpo flexionando e pulsando em torno de nada, que eu pretendia corrigir.

Sem ver, eu estendi a mão para ele, mas ele já estava tirando sua bermuda, a ponta nua dele acariciando o mergulho ainda dolorido em uma provocação tão intensa que eu me mexi para trás para encaixá-lo dentro de mim. Mas ele voltou comigo, não me dando o que eu queria, não até que eu me contorci e chorei embaixo dele. Uma mão agarrou meu quadril, me segurando ainda. A outra o guiou para me romper, e com um golpe longo e sem fôlego, ele se enterrou dentro de mim.

Por um momento, seus quadris ficaram onde estavam enquanto ele descia para pressionar um beijo trêmulo na minha omoplata. Eu lutei por ar, senti seu nariz roçar meu pescoço, seu hálito quente contra minha pele. Sua mão agarrou a parte de trás do meu pescoço quando ele se levantou. E depois de um lento recuo, ele bateu em mim com força suficiente para provocar um grito agudo de prazer e dor.

Por um momento, fiquei atordoada demais pela sensação para fazer qualquer

coisa além de sentir. Mas com cada movimento de seus quadris, o calor fervia, chegando ao ponto de conexão mais uma vez. Minha mão deslizou por baixo de mim, encontrando minha ponta dolorida para satisfazer meu desejo. Mas quando ele percebeu que eu estava prestes a gozar novamente, ele de alguma forma saiu de mim, nos rolou e me colocou em seu colo no que parecia ser um único movimento. Minhas coxas tremiam, minhas mãos em seus ombros e as dele em sua base enquanto ele se guiava em mim novamente. E nossos corpos se encaixavam tão bem que o menor movimento dos meus quadris trouxe choques de prazer que subiram como brasas contra o céu sem estrelas. E quando eu gozei, foi com ele dentro de mim, satisfazendo todas as necessidades.

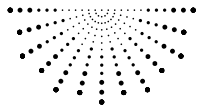
Eu caí contra ele, ofegante, mas não havia descanso – eu estava mais uma vez de costas, ofegante para o teto antes que sua boca estivesse contra a minha, engolindo minha respiração enquanto ele enganchava minhas coxas e bombeava seus quadris, balançando a cama, usando a força para ir mais fundo, mais fundo, até que ele parou, gemeu do oco de sua garganta, e empurrou sua liberação, montando em mim até que ele estivesse exausto, nossos corpos escorregadios e emaranhados juntos.

Aconcheguei-me em seu pescoço, acariciando suas costas, beijando o sal de sua pele com admiração e me perguntando se deveríamos ter a sorte de nos encontrarmos, mesmo que apenas nesses momentos fugazes.

Porque eu o amava o suficiente para continuar deixando-o ir.

17

PROMISED LAND



SEBASTIAN

Eu provavelmente deveria estar em conflito sobre se estava indo embora ou não. Mas eu não estava.

Presley estava.

Enquanto eu a abraçava nas primeiras horas da manhã, quando as sombras eram longas e ainda mantinham um tom roxo, não tive dúvidas de que queria ficar. Mas prometi a ela que iria pensar sobre isso, e então eu iria. Mesmo que eu não pudesse imaginar uma única coisa que pudesse mudar minha mente além de Presley me dizendo que ela não me queria.

Depois de ontem à noite, eu poderia entender isso ainda menos.

Sem sair e dizer isso, ela me disse exatamente o que ela queria – eu. O pequeno gosto da possibilidade alimentou um devaneio poderoso o suficiente para sequestrar todo pensamento racional. Eu queria esse futuro. Eu queria tanto, e eu podia sentir isso ali, na ponta dos meus dedos.

Tudo o que eu achava que sabia sobre meu coração havia sido apagado, e o que encontrei foi mais honesto do que qualquer coisa em que já acreditei. Antes eu me sentia sem raízes, buscando sentido em um mundo sem sentido. Mas agora eu sentia aquelas raízes, e elas estavam emaranhadas com as dela.

Presley se mexeu contra mim, e eu a segurei perto. Poderia ser assim sempre? Eu poderia acordar todos os dias com Presley na minha cama?

Eu poderia tê-la para sempre?

Não era uma coisa que eu jamais acreditei ser possível. Depois de anos e anos mantendo-a à distância – não havia outra maneira de sobreviver sendo despedaçado uma e outra vez – a hora finalmente havia chegado. Nossa chance estava aqui, bem aqui. Tudo o que tínhamos que fazer era não estragar tudo.

Com um suspiro, ela se aproximou, aninhando-se no meu pescoço.

— Que horas são? — ela murmurou.

— Seis.

Um gemido.

— Um dia, esta hora não existirá no meu universo.

— Não?

— Não. Eu me levantarei na hora que diabos eu quiser e farei sabonetes e velas em vez de me levantar antes do sol para fazer bacon e ovos.

— Você vai cheirar melhor no final do seu dia também. Ai! — Eu disse quando ela me beliscou.

— Idiota — disse ela em uma risada.

— Tem certeza que está tudo bem se eu pegar Cilla para sair enquanto você está no trabalho?

— Por que não estaria?

— Não sei.

— Você é o pai dela. Você pode sair com ela sempre que quiser. Mas eu não faço reembolsos ou trocas, então não há devoluções.

— Reembolsos, hein? Você acha que eu não posso me enforcar?

— Você nunca lidou com uma birra por conta própria, então estou apenas dizendo que talvez você devesse sobreviver a isso antes de assumir qualquer compromisso difícil.

— Eu fui chutado no saco outro dia tentando pegá-la depois que ela deixou cair o pirulito na terra e enlouqueceu. Acho que sei no que estou me metendo.

Ela riu e deu um tapinha no meu peito.

— Oh, minha doce criança de verão.

— Isso não foi o pior de tudo?

Ela rolou para longe de mim e tirou as cobertas.

— Nem mesmo perto. Tivemos sorte… ela desmaiou no segundo em que estava na cadeirinha. Imagine se ela tivesse mantido isso durante todo o caminho para casa. No caminhão. Com as janelas abertas.

— Ah, as janelas não estariam abertas. E a música definitivamente estaria muito alta.

Isso me rendeu um olhar de aprovação.

— É ainda melhor se você cantar. Gravar ela também funciona, mas apenas metade do tempo.

— O que acontece na outra metade do tempo?

— Ela entra no modo texugo de mel assim. — Ela estalou. — Arranhe os olhos para limpar.

Eu ajustei meus travesseiros para me sustentar para que eu pudesse vê-la

andar nua pelo meu quarto. Ter um bebê só tinha mudado seu corpo de uma forma sutil, como as listras prateadas e fracas em seus quadris, ou a queda de seus seios, que eram um pouco maiores do que eram antes. Eu não sabia por que minha psique tinha sido treinada para acreditar que ter um bebê envelhecia dez anos o corpo de uma mulher, mas estava errado. Muito, muito errado. Ela estava tão quente como sempre. Talvez mais quente. Porque cada pequena mudança, cada pequena diferença era porque ela teve minha filha. Eu coloquei todas as marcas nela. Eu possuía cada uma.

— Então, o que vocês vão fazer hoje? — ela perguntou, vasculhando sua bolsa em busca de suas roupas.

— Eu não sei. Provavelmente vou alimentá-la com um monte de açúcar e mandá-la de volta para você.

— Se você valoriza sua vida, você vai repensar isso.

Eu ri.

— Provavelmente nadar. Talvez o parque. Acha que ela vai gostar disso?

— Eu acho que ela vai gostar de qualquer coisa que ela faça contanto que seja com você. Ela puxou a mãe dessa maneira. — Ela entrou em sua calcinha e pegou seu sutiã.

— Isso significa que você virá depois do trabalho? Quero dizer, depois do banho. Eu gosto de batatas fritas tanto quanto qualquer outro cara, mas armadilhas de gordura não são minha fragrância preferida. — Peguei o travesseiro que ela jogou em mim e joguei de volta nela com força suficiente para quase derrubá-la.

Ela estava rindo demais para ficar brava.

— Absolutamente! Porra — ela disse, vestindo seu uniforme.

Eu lamentei a perda da minha visão.

Mais tarde, você terá o seu preenchimento. E em breve, isso pode acontecer em todas as manhãs.

— Faça sua mãe me mandar uma mensagem quando for uma boa hora.

— Tudo bem. Minhas primas ficarão felizes por Cilla ter saído um pouco. Elas precisam de todas as mãos que puderem para empacotar malas diretas para o *Mantenha o Local* e fazer cartazes para a marcha na próxima semana.

Meu sorriso desapareceu com a lembrança desse problema em particular.

— Diga a eles para arrumar uma caixa e vamos trabalhar em algumas aqui. Se não dermos algo a Abuela, ela vai nos deixar malucos.

— Ela não está sendo uma boa paciente? — ela perguntou ironicamente. — Eu nunca teria adivinhado.

— Eu a peguei tentando aspirar ontem. Com um andador.

— Oh meu Deus — disse ela com uma risada, abotoando o vestido.

— Ela me xingou em espanhol quando eu o peguei e coloquei na garagem onde ela não podia pegá-lo. — Em seu olhar curioso, eu esclareci: — Escadas. Aquiles da Abuela.

— Bem, se isso vai ajudar, então é claro. Ah, eu também tenho um bálsamo para ela – meio quente com CBD nele. Não diga a ela que há maconha nele.

— O que faz você pensar que isso a impediria?

Presley se virou para mim com um sorriso enquanto ela puxava o cabelo para cima em um coque bagunçado.

— Bem, talvez devêssemos comprar para ela a coisa real. Dê um baseado para Abuela e aposto que ela relaxaria.

— Qualquer coisa vale uma chance. Ela vai ficar tão chateada se ela arrebentar o outro quadril tentando colocar o aspirador de volta.

Ela bocejou e arrumou suas coisas, jogando a bolsa no ombro antes de se virar para mim com um olhar chateado no rosto que combinava com o meu.

— Gostaria de poder ficar.

— Eu também.

— Você parece um maldito modelo deitado na cama com os lençóis na cintura assim. Torna muito difícil ir a um lugar onde eu vou ficar com torta em cima de mim. — Ela deu a volta para o meu lado da cama e pegou minha mão.

Puxei até que ela estava no meu colo com um guincho.

— Eu perguntaria se você se olhou no espelho recentemente, mas você literalmente acabou de olhar.

— Por favor. Eu tenho um corpo de mãe ferrado.

— Nada em você está ferrado, Pres.

— Você tem que dizer isso. Você fez isso comigo, sabe — brincou ela.

Mas eu não ri.

— Eu não tenho que dizer nada. Quando se trata de você, não há uma única coisa que eu não queira.

— Até minha barriga flácida?

Eu ri.

— Nada em você cede.

— Isso é uma mentira descarada, Sebastian Vargas. A bajulação o levará a todos os lugares, mas não minta para mim.

— Você acha que eu espero que você tenha o mesmo corpo que tinha aos dezesseis anos?

— Não seria o pior, seria?

Mudei seu peso no meu colo para que eu pudesse obter um ângulo melhor em seus lábios sorridentes.

— Seria um pouco perturbador foder uma garota de dezesseis anos, você não

acha?

Ela suspirou.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Eu não quero você de outra maneira. Na verdade, sabe o que eu estava pensando enquanto estava sentado aqui vendo você se vestir?

— Não tenho certeza se quero saber.

— Eu estava pensando que cada pequena diferença em seu corpo é apenas mais uma prova de que você pertence a mim. Você tem razão. Eu fiz isso com você. Como eu poderia fazer outra coisa além de amar a prova disso?

Suas bochechas estavam manchadas de cor, suas pupilas dilatadas enquanto ela segurava minha mandíbula.

— Você é demais, você sabe disso?

Inclinei-me, sorrindo.

— Você também é. É por isso que fazemos um par tão bom.

Capturei seus lábios em um beijo cheio de saudade e promessas e possessão, beijei-a até que ela estava enrolada ao meu redor, e o ar estava pesado de desejo.

Ela se separou com os olhos meio fechados.

— Vou chegar atrasada.

— Então é melhor eu ser rápido.

E eu engoli seu riso com um beijo antes de me certificar duplamente de que seu deslize tardio valia a pena.

Um pouco depois, eu estava encostado no poste da varanda com as mãos nos bolsos da minha calça do pijama, assistindo Presley ir embora, sonhando acordado com o futuro. Teríamos uma casinha na cidade grande o suficiente para Cilla e sua mãe. Manhãs preguiçosas que dariam a Presley tempo para fazer o que ela queria – administrar seus negócios, exatamente como ela queria. Expandir o negócio dela. Fazer o que ela amava o dia todo, todos os dias, em vez de nos momentos livres que ela agarrava entre as dezenas de outras responsabilidades que ela tinha.

Eu poderia dar a ela essa vida. Eu poderia dar a ela tudo e qualquer coisa que ela quisesse.

O Corpo da Paz parecia tão distante que eu quase tinha esquecido por que queria ir em primeiro lugar. Como eu poderia sair quando eu tinha *isso*? Quando eu tinha uma família? Quando eu tinha uma garotinha para conhecer e amar e ajudar a criar? Quando eu tinha Presley na minha cama no meu braço e ao meu

lado?

Minha vida foi dividida em duas. Antes e depois. Não houve disputa sobre qual era melhor.

No fundo do meu coração, eu acreditava sem dúvida que ter um filho não seria nada além de preocupação. Que eu passaria todos os dias, todas as noites vivendo com medo de perder o que amava. Eu quase perdi tanto que eu amava, propositalmente assumir outro era demais para entender.

Eu só não contava com a alegria sobrepujando aquele medo.

Talvez fosse porque o que foi feito foi feito. Não havia uma escolha a fazer, nenhuma questão de *e se*. Eu tinha um filho e, graças a Deus, a escolha me foi tirada. Caso contrário, eu nunca teria entendido o que significava viver para outra pessoa.

Então, eu esperava com tudo que eu tinha que minha filha não tivesse o gene. E se ela o fizesse, eu esperava que nunca a machucasse.

Empurrei o poste e me virei, seguindo o cheiro de café da manhã até a cozinha da casa grande.

Mamãe estava no fogão, cantarolando junto com o rádio enquanto trabalhava em um conjunto de panelas.

— Bom dia — eu disse, parando ao lado dela para espiar dentro da panela. — Ooh, chilaquiles?

— Mamãe queria um pouco. — Ela inclinou a bochecha na minha direção em um pedido silencioso de um beijo.

Eu obedeci.

— Onde está Presley? Ela está com fome?

— Ela acabou de sair para o trabalho.

— Ah. — Ela parecia desapontada. — Bem, mais para você, eu acho. Vocês se divertiram no rio ontem?

— Foi bom. Precisávamos desabafar bastante.

— Bom. E ninguém se machucou?

Eu fiz uma careta.

— Apenas Marnie, eu acho.

A sobrancelha da mamãe se ergueu.

— Não é fácil para ela me ver com Pres, só isso.

— Não, imagino que não seja. — Ela balançou a cabeça. — Eu sinto por ela. Eu gostaria que as coisas tivessem sido diferentes, eu realmente queria.

— Você gostaria que tivéssemos ficado juntos?

— Não. Eu só… — Ela suspirou. — Eu amo aquela garota, embora eu odiasse vocês juntos. Eu odiava ver vocês machucando um ao outro. E eu odeio vê-la machucada agora, justamente quando pensamos que as coisas tinham

acabado.

— Eu também. Mas isso é tudo que eu consigo fazer – machucá-la.

— Então talvez tente um pouco mais para não fazê-lo.

Eu fiz uma cara.

— Eu não vou esconder Presley e Priscilla. É uma droga para Marnie, eu sei disso. Mas mãe, esta é a minha filha. E a mãe da minha filha. O que eu deveria fazer?

— Apenas use seu cérebro, Bastian. E pense em como Marnie se sente nessas situações quando você está no mesmo lugar.

— Confie em mim, eu sei. Mas esta cidade não é grande o suficiente para evitar um ao outro. Tenho sorte de ter saído da varanda da frente sem um olho roxo ou nariz sangrando. Pior se Mitchell estivesse em casa. Ele poderia ter me expulsado da propriedade com uma serra.

— Ou você ainda pode estar tirando chumbo grosso do seu traseiro.

Eu ri.

— Eu vou pegar Cilla daqui a pouco e trazê-la. Acho que podemos ir nadar.

Mamãe acendeu como uma lâmpada.

— Ah, bom. Acabei de comprar picolés suficientes para abastecer o distrito escolar, então deixe que ela coma quantos quiser.

— Prometi a Presley que não a adoçaria.

— Bem, apenas use-a na piscina. Tudo se equilibra.

Fiquei quieto por um instante, pensando na outra promessa que fiz a Presley.

— Acho que não quero ir, mãe.

Sua mão parou sobre a panela. Ela olhou para mim.

— Você vai ficar?

Encostei-me no balcão e cruzei os braços, olhando para um ponto no chão.

— Como eu poderia partir? Já perdi demais. Não quero voltar e Cilla já estar na escola. Mas Presley tem medo que eu me arrependa de ficar. Tenho medo de me arrepender de ir. Eu prometi a ela que pensaria sobre isso.

Ela não disse nada.

Eu fiz uma careta.

— O que você acha?

Mamãe respirou fundo e suspirou.

— Acho que não há resposta para a pergunta do que você vai se arrepender. Como você pode saber do que vai se arrepender até que tenha feito uma escolha?

— Foi o que eu disse.

— Mas eu entendo o que ela está dizendo também. Ela não quer ser responsável se não der certo. É admirável que ela queira que você faça a escolha por conta própria. Ela quer que você fique?

— Ela quase disse que não quer que eu vá.

— Isso é admirável também. Outra pessoa poderia ter usado isso para *fazer* você ficar.

Outra pessoa era Marnie, pelo tom de mamãe.

— Presley nunca faria isso.

— Não, ela não faria. Mas há uma coisa que vocês dois vão ter que enfrentar. Não há como saber. Você tem que apenas pular e rezar para cair de pé.

Eu pensei sobre isso por um momento, olhando para aquele ponto no chão novamente.

— No segundo que descobri sobre Priscilla, meu mundo encolheu para um raio de oito quilômetros com ela no meio. Nada mais parece importar mais, não como antes.

— Bem, parece que você já sabe o que quer fazer.

— Ela está certa, no entanto? Estou apenas... estou preso em tudo isso? Ela deu a entender que estou em algum tipo de conto de fadas. Que como eu me sinto não é real.

— Porque ela foi mãe por todo esse tempo sem você. Você está bêbado. E não apenas com Priscilla, mas com Presley também. Você sempre estava quando ela estava na cidade. Ela esteve nas trincheiras e conhece a realidade de ser mãe. É difícil e humilhante, e vai desnudá-lo. E quando isso acontecer, é melhor você amar seu parceiro, porque muitas vezes você não vai gostar muito dele. Ele pode unir você, ou pode destruí-lo.

— Então, qual é o truque? O que você e papai fizeram?

— Nós nos agarramos um ao outro em vez de nos afastarmos. O mundo inteiro poderia estar desmoronando sobre nós, e nós apenas nos abraçávamos mais. O truque é que vocês tem que crescer juntos. E para fazer isso, você tem que ser honesto. Vocês tem que falar um com o outro, ser real um com o outro. Ame o outro mais do que você ama a si mesmo. Assim como você provavelmente já faz com Priscilla.

Meu coração saltou ao perceber que ela estava certa.

— É por isso que eu não quero ir, não é?

Ela assentiu.

— E querido, não consigo pensar em uma razão melhor para ficar.

— Mesmo Presley?

— Bem, eu vou ficar do lado dela nisso, você não pode ficar por ela. Ficar para o seu bebê é uma coisa. Mas Presley não está errada... você não pode tomar essa decisão por ela, ou vai machucar toda a sua pequena família se as coisas não derem certo. — Ela pousou a colher de pau e se virou para mim. — Mas Bastian, você está pronto para ficar aqui, nesta cidade? Tudo o que você sempre quis foi

sair daqui, mas nunca foi muito longe antes que algo o chamasse de volta. Então, se você vai ficar, você precisa encontrar uma maneira de tornar sua vida aqui tão significativa quanto quando você partiu antes. Você tem que encontrar uma maneira de preencher essa parte de você que quer vagar sem sair. E esse, eu acho, é o maior desafio que você enfrentará.

Engoli em seco com a verdade sóbria de suas palavras. Muito da partida foi sobre esta cidade ser pequena demais para fazer a diferença. Eu queria mudar o mundo. Fazer parte de algo maior do que eu.

E isso era algo que eu teria que conciliar, ou Presley poderia pagar o preço.

— Então, tornar-se mãe tornou você e Presley tão inteligentes, ou vocês dois são apenas dois gênios naturais?

Ela riu e me entregou um prato.

— Um pouco dos dois.

Eu a beijei na têmpora.

— Obrigado, mamãe.

— De nada. Mas esse prato é para sua Abuela.

— Não por isso.

Mamãe me deu um sorriso.

— Eu sei.

E ela sabia, e mais do que eu jamais poderia.

— Mais alto, papai!

— Tem certeza? — Dei-lhe um empurrão no balanço. — Eu não quero que você voe. Mamãe pode me matar.

Ela riu e chutou os pés.

— Mais alto!

— Ok. Você pediu por isso. — Eu dei um grunhido para mostrar e empurrei com força o suficiente para que a corrente afrouxasse e depois pegasse, sacudindo o balanço.

E Priscilla gritou de alegria. Os outros pais me deram olhares perspicazes.

Mas eu não conseguia me importar, especialmente em um dia como hoje.

Eu andei até a frente dos balanços enquanto ela perdia o ímpeto, balançando cada vez mais baixo.

— Eu pulo!

— Não, não, espere...

Ela se lançou do balanço como um maldito esquilo voador, gritando e se

debatendo e quase impossível de pegar, mas eu a peguei. Embora eu tenha levado um soco na mandíbula com o cotovelo no caminho.

Meu coração batia cerca de um bilhão de milhas por minuto.

— Meu Deus, Cilla. Da próxima vez, espere até que eu esteja pronto.

Ela riu como o diabo antes de esmagar meu rosto com suas mãozinhas gordas.

— Bom trabalho, papai.

— Obrigado, joaninha. O que você quer fazer? Escorregar um pouco mais?

— Nós podemos ir ver a mamãe? Mamãe tem torta.

— Eu não acho que ela saiu do trabalho ainda, mas podemos ir vê-la se você quiser.

— Eu quero.

— Então você consegue.

Eu a coloquei no chão, e ela pegou minha mão, que na verdade era apenas seus dedinhos enganchados naquele espaço entre meu polegar e o dedo indicador. Minha mão engoliu um terço de seu braço.

Eu não sabia como era possível amar tanto alguém sem conhecê-la. Ela era apenas uma criança – com uma personalidade grande o suficiente para encher uma tenda de circo – nem mesmo uma pessoa totalmente formada. Mas ela não precisava fazer nada além de existir para que eu a amasse o suficiente para levar um tiro por ela.

Seguimos em direção à Main Street ao som de sua conversa. Eu digo dela porque eu mal conseguia falar uma palavra. Eu não conseguia descobrir como ela ainda tinha tanta energia. Eu a joguei na piscina por duas horas inteiras – tempo suficiente para ficar exausto. Concedido, eu tinha feito todo o trabalho. Jogar uma criança de quatro anos encharcada era, sem dúvida, melhor do que o dia do braço. Eu me perguntei como ela iria relaxar – seria uma birra ou uma queda no chão.

Fosse o que fosse, provavelmente aconteceria no segundo em que eu ligasse o motor do meu caminhão. E então eu teria que dirigir por uma hora ou arriscaria que ela acordasse depois de um cochilo de dez minutos e arruinasse seu dia – e todos ao seu redor, se ela pudesse.

— Por que a Abuela não tem cabelo? — ela perguntou, me tirando dos meus pensamentos.

— Bem — eu comecei, escolhendo minhas palavras com cuidado — Abuela estava muito doente, e o remédio fez seu cabelo cair. Está apenas começando a crescer novamente.

— Abuela estava doente? — Sua voz estava calma, preocupada.

— Sim, mas ela está bem agora.

— Você vai ficar doente também?

Engoli o nó na minha garganta.

— Espero que não, joaninha.

— A mamãe vai ficar doente? O cabelo dela vai cair?

Eu parei e me ajoelhei ao seu nível.

— Você não precisa se preocupar com nada disso, ok? Todos estão seguros.

— Eu não quero que você fique doente, papai — ela disse com tanta preocupação que meu coração se partiu.

Porque eu poderia ficar doente. Mamãe pode ficar doente de novo. Até Priscilla tinha uma boa chance disso, graças a mim.

— Eu sei. Mas sabe o que a Abuela sempre me diz?

— O quê?

— Que hoje é o dia mais importante que viveremos. Não podemos passar todos os dias de hoje nos preocupando com o amanhã, ou ficaríamos sempre tristes, como você está agora.

Ela assentiu.

— Não gosto de ficar triste.

— Nem eu. Especialmente nos dias como hoje que passo com você. Estou muito feliz para ficar triste.

Ela se iluminou.

— Eu te faço feliz?

— Você com certeza faz. Como quando você ri, assim. — Eu fiz cócegas nela até que ela se contorceu para longe de mim, então se lançou em mim para fazer cócegas debaixo do meu queixo.

Eu ri de pura surpresa.

— Podemos pegar pitolé? — ela perguntou na mudança brusca de assunto que ela parecia favorecer.

— Pegar o quê?

Ela revirou os olhos e parecia exatamente com Presley quando ela fez isso.

— Um pitolé, papai. Você lambe. — Exceto que lamber soava como pavio. Ela colocou a língua para fora e lambeu um picolé imaginário no caso de eu não ter percebido o que ela estava colocando.

— Ah, entendi. — Levantei-me e ofereci minha mão, que ela pegou. — Eu pensei que você queria torta?

— Eu quero torta e um pitolé.

— Você tomou três picolés no Abuela's. Vamos ficar com a torta.

Ela bufou.

— Eu posso ter um piulito?

— Eu não tenho um pirulito. Não podemos apenas comer torta?

— Eu quelo os *dois* — ela gemeu.

Reconheci os sinais de um surto iminente e a peguei no colo.

Que tal irmos ver a mamãe e depois assistir a um desenho.

Ela se acalmou, me olhando com suspeita.

— No iPad?

— No iPad.

Com um suspiro, ela admitiu, mas acrescentou:

— Abuela vai me dar pitolé.

— Você provavelmente está certa.

Com outro suspiro, ela se inclinou para mim, enfiando a cabeça na curva do meu pescoço. Seu corpo relaxou, e eu me perguntei se ela iria adormecer assim e se sim, como diabos eu iria mantê-la dormindo sem movê-la ou perder um braço por falta de fluxo sanguíneo.

Mas primeiro, Presley.

Sorri enquanto me virava para seguir em direção ao Bettie's, mas quase imediatamente, aquele sorriso deslizou do meu rosto e caiu no chão.

Porque parada na minha frente na calçada estava Marnie.

Nós nos encaramos como idiotas, comigo chocado, estúpido demais para saber como reagir e ela me vendo com Priscilla em meus braços.

Antes que qualquer um de nós encontrasse qualquer palavra, Priscilla se sentou.

— Oi, moça. Você conhece meu pai?

Seu rosto ficou vermelho.

— Eu... sim.

— Portanto, não é estranha! Você tem um piulito?

— Eu... uh... um, não. Mas acho que tenho uma... uma bala dura.

Priscilla se mexeu como um saco de cobras, então ficou mole, eu a coloquei no chão. Ela correu até Marnie, que se ajoelhou para colocar a bolsa no chão para que ela pudesse vasculhá-la.

— Ah! Aqui está. Você gosta de caramelo?

Priscilla assentiu como um bobblehead ganancioso.

Marnie riu.

Eu tive uma experiência fora do corpo.

Ela entregou o doce, rindo quando Priscilla o agarrou e o rasgou como um animal selvagem.

— Aqui, deixe-me ajudá-la — Marnie ofereceu, pegando o doce para que ela pudesse desembrulhar. — Não engula, ok?

— Ok — Priscilla disse descuidadamente ao redor do doce, que tomou a maior parte de sua boca. — Eu sou Cilla. Quem é você?

Os olhos de Marnie cortaram para mim antes de encontrar os de Priscilla novamente. Ela estendeu a mão.

— Eu sou Marnie. Prazer em conhecê-la.

Priscilla apertou a mão como uma campeã.

— Prazer em conhecê-la — ela repetiu, pronunciando cuidadosamente cada palavra. — Obrigada pelo doce.

— De nada.

Durante um silêncio constrangedor, Marnie pegou sua bolsa e se levantou, seu rosto uma mistura de dor, ciúme e tristeza sob um fino verniz de boas maneiras.

— Bem, eu deveria…

Priscila pegou sua mão.

— Nós podemos ir ver a mamãe. Quer comer torta com a gente?

Abri minha boca, mas não falei enquanto me movia para pegar Priscilla novamente.

— Tenho certeza de que Marnie já estava indo para algum lugar.

Priscilla fez beicinho.

Encontrei os olhos de Marnie, lutando para encontrar palavras.

— Eu... eu sinto muito.

Ela tentou sorrir, voltando na direção que estava indo.

— Está tudo bem. Tchau, Cilla.

A mão de Priscilla disparou no ar, e ela a balançou para frente e para trás.

— Tchau, moça!

Nossos olhares se conectaram novamente, e mil palavras se passaram entre nós. E assim que seu queixo flexionou, ela se virou e se apressou.

Então eu caminhei na outra direção, abalado e machucado enquanto Priscilla cantava uma música sobre joaninhas que ela inventou na hora.

Meus mundos colidiram. E, como sempre, Marnie havia recebido toda a força do golpe.

— Papai — Priscilla disse em torno de seu caramelo — podemos comprar uma flor para a mamãe?

— Uma flor, hein?

Ela assentiu enfaticamente.

— Mamãe adora flores, as amarelas. — Lellas era sua pronúncia.

— Boa ideia. Mariel tem boas flores. Quer ir lá?

— Ok!

Andei pela rua, passando pelas portas de correr da mercearia de Mariel. Não parecia grande quando você entrava, mas enquanto você andava pela loja, havia coisas suficientes para encher seu carrinho com o que você precisasse. Mas na

frente havia um canteiro de flores, ironicamente, fornecido pela fazenda Blum.

— Sebastian — Brian Buchanan disse das maçãs. — E como você está, Priscilla?

— Bem! — Ela se mexeu para que eu a deixasse no chão, instruindo-a a ficar perto das flores e não tocar em nada. Achei que tinha pelo menos vinte por cento de chance de que ela ouvisse.

— Como estão as coisas? — ele perguntou. — Acabei de receber as novas placas de Poppy, e mal consigo manter as camisetas *Mantenha o Local* na mesa da frente.

— Isso é promissor.

Ele assentiu, sorrindo.

— Espero que não tenhamos que fazer isso sem você, Sebastian. Acha que a votação virá antes de você partir?

Meu olhar se voltou para Priscilla – ela não sabia nada sobre a minha partida. Ela estava com o nariz literalmente dentro de uma rosa amarela, completamente inconsciente de nós.

— Se tudo correr conforme o planejado. — Porque eu não iria embora, se o plano desse certo.

— África — disse ele com um sorriso melancólico, balançando a cabeça. — Quanto futebol você jogou?

— Muito. Aquelas crianças corriam em círculos ao meu redor.

— Como as crianças vão fazer. Você está ansioso para voltar?

Não havia como responder a ele sem abrir uma conversa para a qual eu não tinha tempo, para não mencionar uma que eu não precisava ter casualmente na casa de Mariel.

— É uma experiência, com certeza. Eu nunca vivi no tipo de espectro que oscilaria de uma espécie de... altos transcendentes para o mais desesperador dos baixos. Estar lá fora, livre da minha vida, sozinho em um lugar tão selvagem e isolado. Você aprende muito sobre si mesmo. E nem tudo é bom. Mas nunca me senti tão empolgado quanto ao ver as aldeias e seu povo prosperar. Nunca aprendi tanto como aprendi com eles.

— Eu não posso nem imaginar — ele respondeu seriamente. — Acho que é meio como o que você está fazendo aqui, mas com esteroides.

Rimos juntos, mas a declaração me impressionou. Porque realmente era o mesmo em sua essência, embora o risco e a recompensa fossem marginais em comparação. Então, novamente, quando você considerou o risco desconhecido e a recompensa de ser pai, eu me perguntei como eles se comportariam.

— Papai, podemos pegar essas?

Olhei para encontrá-la tentando tirar uma braçada de girassóis de seu

recipiente.

— Uau, espera aí, Cilla… é melhor eu ir — eu disse para Brian, há um passo de Priscilla.

— Boa sorte — ele disse, divertido enquanto empurrava seu carrinho para longe.

Cheguei a ela bem a tempo de impedir que o recipiente de água se derramasse sobre ela e no chão de ladrilhos.

— Que tal pegarmos uma para ela? — Eu sugeri, colocando as duas dúzias de volta em seu jarro.

— Cinco.

— Três.

— Cinco.

— Seis?

— Cinco — ela disse com um olhar duro em seu rosto e seus braços cruzados.

Com uma risada, peguei uma embalagem para flores.

— Tudo bem. Escolha cinco.

Então ela fez com uma mão perspicaz, passando-os para mim uma por uma enquanto eu me perguntava como minha vida poderia ter sido o que era então e o que é agora, a diferença tão gritante e nítida, eu não conseguia entender naquele momento que ambos poderiam existir.

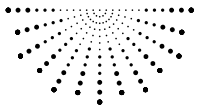
Eu não conseguia entender como eu poderia deixar a vida que eu tinha, não importa quanto tempo eu pensasse sobre isso.

Do jeito que eu vi, havia apenas uma coisa a fazer, e o olhar no rosto da minha garotinha só confirmava isso.

E com isso, eu tinha uma carta de demissão para escrever.

18

BLUE RIVER



SEBASTIAN

O pátio de Abuelita’s estava lotado.

Alguns dias depois, sob a sombra do guarda-chuva da mesa, não fazia tanto calor, graças a uma “frente fria” que fazia baixar a temperatura para uns gélidos vinte e nove graus. Mas qualquer coisa era melhor do que o calor infernal em que estávamos nas últimas semanas.

Nós trabalhamos por duas semanas para firmar tudo para a nossa marcha neste fim de semana, e eu peguei o máximo de tempo que pude com Presley entre os muitos, muitos itens em sua lista diária de tarefas. Tínhamos levado Priscilla quase todos os dias na esperança de que ajudasse Presley, e porque minha mãe e Abuela estavam no paraíso estragando tudo dela.

E cada dia trazia uma nova profundidade de certeza de que era exatamente onde eu precisava estar. O que foi fortuito, já que minha carta informando ao Peace Corps que eu não voltaria estava na caixa de entrada do meu supervisor na manhã seguinte à minha decisão de ficar.

E logo, eu diria a Presley. Ela precisava acreditar que eu tinha feito minha diligência, ou ela não aceitaria minha resposta. Porque de alguma forma, ela não conseguia entender como a resposta poderia ser tão fácil para mim.

Brandon Jennings sentou-se à minha frente, seu sorriso brilhante contra a pele escura. Seus olhos estavam ainda mais brilhantes enquanto contava a história de uma das crianças da aldeia onde morávamos na Zâmbia. Ele ficou para outra turnê de dois anos, da qual ele voltou não muito tempo atrás.

— Kaweme partiu tão rápido naquela bicicleta velha e frágil que você não podia vê-lo por causa da poeira que ele levantou.

— Ele sempre teve medo de gatos. — Eu disse em uma risada.

— Acho que eles também sabem. O passatempo favorito de Peanut Butter é trolá-lo, eu juro.

Tomei um gole do meu Pacifico e me recostei no assento.

— Você vai me dizer o que diabos você está fazendo todo o caminho até aqui?

— Um cara não pode fazer check-in com seu amigo sem ser questionado?

— Fajitas grátis é o que você queria.

— Não faz mal. — Algo em seus olhos mudou. — Ouvi dizer que você apresentou uma renúncia à sua inscrição.

— Quem te contou?

— Chris me ligou assim que recebeu a notícia. Pediu-me para vir e trazer-lhe isto. — Brandon enfiou a mão em sua bolsa de carteiro, sua mão voltando com um pacote de papéis.

Eu os peguei com uma carranca poderosa no meu rosto. A expressão se aprofundou quando tirei o conteúdo. Uma passagem de avião. Um itinerário. Cartas da aldeia, fotos das crianças.

Atordoado em silêncio, Brandon teve espaço para começar sua apresentação.

— Eu não vou enrolar – nós precisamos de você, Bas. O recrutamento está baixo e não temos pessoas suficientes para manter nosso alcance nessa área. Eles estão sofrendo uma seca, e recuperar água é vital para sua sobrevivência. As fazendas de pesca que os ajudamos a cultivar secaram, suas hortas sustentáveis falharam. Algumas aldeias foram abandonadas... simplesmente não havia água suficiente. Mas não podemos ajudá-los sem as mãos, e você é um dos mais capazes e experientes do mercado.

Eu balancei minha cabeça, colocando os papéis de volta na mesa.

— Foi difícil o suficiente ir embora sem tudo isso, Brandon.

— Eu sei. Mas eu não estaria aqui se não fosse tão importante.

Enquanto Brandon falava sobre os planos agressivos de sustentabilidade que Chris e sua equipe haviam elaborado, eu folheava as letras e figuras que as crianças desenharam, parei em uma foto de um grupo deles com os braços pendurados nos ombros uns dos outros, sorrisos em seus rostos.

Era minha outra vida, aquela que às vezes parecia um sonho febril. Essa vida me mudou de maneiras que eu nunca entenderia completamente. Dar tudo o que tinha para dar a essas pessoas e saber que ainda precisavam de ajuda acendeu um fósforo no meu peito. Em questão de segundos, uma fogueira irrompeu.

Presley e Priscilla surgiram em minha mente, e eu fui dividido em dois. Antes e depois. Antes e agora.

Mas o que era certo e errado não era tão claro. Eu poderia salvar vidas, salvar aldeias inteiras. Ou eu poderia ficar aqui e ser um pai para a minha filha.

— Eu... eu não posso voltar. — Deslizei os papéis em sua direção.

Brandon me observou por um momento, confuso e desapontado.

— Por que?

— Porque descobri que tenho uma filhinha e não posso deixá-la.

Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente.

— Ela é a única razão?

— Não. A mãe dela é outra.

— Como é a sua custódia?

— Nós não conversamos sobre isso.

— Então você já pensou em tudo, hein? — ele brincou.

— Ainda não tivemos que fazer isso. E meio que... funcionou.

Mais uma vez, ele ficou quieto.

— Vou arriscar e dizer que você tem muito o que descobrir. O que significa que há uma chance de você ainda vir. A porta está aberta. — Ele empurrou os papéis de volta para mim. — Apenas... pense nisso, ok? Se as coisas não derem certo aqui, Chris vai te levar. Basta dizer a palavra. Com sua experiência em agricultura e trabalho social, você é a melhor pessoa para o trabalho. E precisamos tanto de você que acho que Chris vai quebrar todas as regras que puder para garantir que você esteja onde precisa estar.

Onde você precisa estar.

Um almoço com um velho amigo e, de repente, essa pergunta não era tão fácil de responder.

— Prometa-me que você vai considerar isso — disse ele.

Todo mundo queria que eu pensasse em alguma coisa, como se nenhuma das minhas escolhas fosse mais minha. E percebi que não eram. Talvez nunca foram.

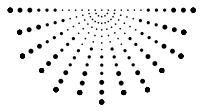
Peguei os papéis e os depositei de volta em sua pasta.

— Vou pensar sobre isso — respondi com a mesma intenção que dei a Presley quando ela perguntou a mesma coisa de mim.

Só que agora, doeu muito mais.

19

DIRTY, DIRTY FEELING



PRESLEY

Eu estava exausta.

A rua principal estava cheia de sons de protestos pacíficos, cheios de moradores vestindo camisetas azul bebê *Mantenha o Local*, bonés, placas, e eu caminhava junto com eles, cantando ao lado de Sebastian e do resto de nossa família, menos Abuela e minha mãe. Cilla montou nos ombros de Sebastian, batendo palmas e cantando com seus impedimentos pré-escolares.

Eu fiz o meu melhor para manter minha energia com um regime que incluía muitas bebidas energéticas e café suficiente para acender o que eu suspeitava ser uma úlcera. Eu a chamei de Larry. Larry e eu não éramos amigas.

Nas últimas semanas, eu vinha queimando a vela física e metafórica em ambas as pontas, meus dias uma rotação interminável de servir mesas, completar um pedido enorme de velas e sabonetes para algumas lojas aqui na cidade, sendo mãe, ajudando na luta da cidade, e Sebastian. Eu estava em um carrossel que girava rápido demais para sair sem quebrar um tornozelo. Sempre havia muito o que fazer e pouco tempo para fazê-lo, já que eu era um ser humano com duas mãos, um cérebro e vinte e quatro horas por dia.

Sebastian e eu não conversamos sobre sua decisão desde que eu pedi a ele para pensar sobre isso. Embora eu apreciasse sua meticulosidade, não pude suprimir o desejo de que ele já fizesse a escolha. Mas foi uma decisão enorme, que mudou a vida. Eu não poderia culpá-lo por tomar seu tempo doce – eu queria que ele tivesse certeza absoluta. E se isso significava sentar em alfinetes e agulhas enquanto ele refletia sobre isso, eu poderia fazer isso.

Eu odiava isso, mas poderia fazê-lo.

Estava cerca de um trilhão de graus enquanto marchamos pela rua – o calor

me arrastou para baixo, deixando-me preguiçosa. Eu poderia estar tirado um cochilo em um quarto frio e escuro. Mesmo o pensamento me fez querer chorar um pouco. Mas nós sairíamos daqui em algumas horas para voltar para a fazenda onde eu tinha um monte de guloseimas para fazer antes de finalmente colocar Priscilla na cama e fugir para a casa de Sebastian por algumas horas.

Amanhã, eu acordaria e faria tudo de novo.

Meu rosto se abriu em um bocejo que escapou de mim. Sebastian sorriu para mim.

— Você precisa de uma soneca — disse ele sobre o barulho.

— Você que está dizendo.

Alguém na nossa frente gritou:

— Espere, o que é isso?

O canto cessou em favor de um murmúrio retumbante. Estávamos nos aproximando do parque, onde planejamos fazer um pequeno comício. Mas, em vez de um parque vazio à nossa frente, estava lotado de moradores de camisa amarela em frente a uma arquibancada. Estranhamente, um Silverado branco estava estacionado ao lado do palco.

Quando saímos da linha de árvores, o palco ficou à vista, e atrás do microfone estava o próprio diabo, o prefeito Mitchell.

Seu rosto estava protegido pela aba de seu chapéu de caubói bronzeado enquanto ele fazia um discurso tão barulhento que fez a multidão aplaudir e acenar com seus cartazes. Atrás dele havia uma faixa que se estendia por toda a extensão da arquibancada com o slogan "*Vamos Crescer*!" e ao seu lado estava sua esposa e Marnie, sorrindo como políticos em suas melhores roupas de domingo.

O humor da nossa multidão deslizou para a escuridão. Os protestos foram mais altos, e desta vez não foram direcionados ao Goody's.

Tudo foi direcionado ao prefeito.

— Ele não pode fazer isso — alguém gritou.

A multidão gritou seu apoio, o grupo de pessoas se apertando e se arrastando em direção ao parque.

Sebastian agarrou Priscilla de seus ombros e a entregou para mim antes de se virar para a multidão.

— Todo mundo, escutem — ele gritou entre as mãos em concha. Quando eles não responderam rápido o suficiente, ele soltou um assobio pelos lábios que chamou a atenção de todos. — Vamos resolver isso, mas temos que manter a calma.

— Como podemos manter a calma quando Mitchell acabou de nos minar, aquele filho da puta? — Brian Buchanan gritou. — Temos que deixá-lo saber

que não vamos tolerar isso.

— Mas se isso se transformar em uma multidão, não conseguiremos nada.

— O que vamos fazer, então? — uma mulher sem rosto perguntou.

— Vamos parar ao redor deles e abafá-los. Mas ninguém vai pra cima deles. Eu preciso da sua promessa. Porque isso vai ficar ruim rápido se não mantivermos a calma. Temos crianças aqui, famílias. E se queremos fazer isso, temos que fazê-lo com diplomacia, não com força. Entendem?

Eles eram um murmúrio de assentimento e cabeças balançando, embora o ar ainda estivesse apertado como a corda de um arco.

Ele se virou para mim, levando Priscilla para depositá-la nos braços de sua mãe.

— Tire ela daqui. Leve-a para Abuela e alimente suas sopapillas até que ela exploda, mas não a deixe aqui até sairmos disso.

Ela assentiu, escondendo o sua preocupação para bancar a feliz Abuela para Priscilla, que não sabia o que estava acontecendo.

— Isso é ruim — eu disse quando partimos para a arquibancada.

— É exatamente o que ele queria — ele respondeu sombriamente, empurrando o queixo em direção a uma barraca que vendia pipoca, pretzels, refrigerantes, sorvete.

E o pior de tudo: cerveja.

— Há quanto tempo você acha que eles estão bebendo? — Eu perguntei.

— O suficiente para começar uma briga, tenho certeza. — Ele olhou através dos rostos do nosso movimento. — Eu não posso pará-los se algo começar.

Minhas primas se aproximaram de nós com Evan em seu rastro. O rosto de Evan estava ainda mais tenso que o de Sebastian.

— O xerife tem todo o seu destacamento alinhado como se estivessem esperando por nós — disse Evan.

Sebastian praguejou e passou a mão pelo cabelo.

— Devo tentar fazê-los retornar?

— Pode ser tarde demais para isso.

— Então é melhor rezar para que todos fiquem calmos.

Evan examinou a multidão sombriamente.

— Pode ser tarde demais para isso também.

De repente, eu estava bem acordada.

Entramos no parque e cercamos os camisas amarelas, cantando alto o suficiente para abafar o discurso de Mitchell, que parecia centrar-se em todo o dinheiro e negócios que a Goody's traria para Lindenbach. O Silverado tinha uma placa na caçamba que dizia: *Entre para ganhar este caminhão novinho em folha, patrocinado pela GOODY'S.* O logotipo deles era maior do que qualquer

outro texto, para o caso de alguém se perguntar quem estava comprando seu voto.

Camisas amarelas viradas no tumulto, cervejas na metade das mãos.

— Nós estávamos aqui primeiro — alguém gritou do lado deles.

— Porque você roubou nosso espaço, Thatcher — veio uma voz nossa. — Não é justo.

— Agora, agora — disse Mitchell de sua caixa de sabão. — Vamos, pessoal. Vamos permanecer civilizados.

— A vida não é justa — rosnou Thatcher, ignorando Mitchell. — Você quer parar o progresso, e para quê?

— Fácil para você dizer, sua pista de boliche não vai doer, vai? Enquanto isso, o resto de nós perderá nossas camisas. — Foi Buchanan quem assumiu o argumento, o ex-jogador de futebol que dirigia a loja de artigos esportivos. Se havia um cara com quem você não queria foder, além do xerife, era Brian Buchanan.

Thatcher aparentemente tinha bebido cerveja suficiente para não perceber seu perigo.

— Você deveria perder essa camisa de qualquer maneira. Você parece um maricas.

Buchanan avançou contra Thatcher, mas um punhado de nossos caras o deteve.

Thatcher parecia satisfeito como um ponche.

— Vocês escolheram o lado errado. — A aprovação rolou através dos camisas amarelas, que começaram a se aglomerar em nossa direção. — Eu não sei se você é louco ou apenas estúpido, mas você não pode lutar contra isso. Vamos conseguir preços mais baratos, mais dinheiro para a cidade, mais tráfego que descerá a Main Street e encherá suas lojas. Que tipo de idiota você é para dizer não a isso?

— É verdade — Mitchell entrou na conversa do microfone. — Goody's não é o bicho-papão, eles vão *ajudar* nossa cidade.

— Isso é exatamente o que o diabo disse para Eva, e veja como isso acabou — Uber Stan gritou.

A tensão no ar era tão espessa que chamou a atenção de todos os pelos do meu corpo, mesmo no calor insuportável. Aproximei-me de Sebastian.

— Pare com isso, Mitchell. Você pode parar com isso antes que fique feio — Evan gritou.

Mitchell colocou as mãos no ar, mas ele estava sorrindo.

— Não vai ficar feio a menos que vocês o tornem feio. Agora sugiro que todos voltem e se reúnam em outro lugar.

— Nós solicitamos as licenças primeiro. Temos todo o direito de estar aqui, assim como você — disse Evan.

— Não, vocês precisam ir. — disse Thatcher. Um punhado de camisas amarelas furiosas abriu caminho para apoiá-lo.

Meu olhar foi para a polícia enquanto eles se aproximavam. Além do capitão, seus olhos mudaram com incerteza.

— Bastian — eu avisei.

— Nós não vamos a lugar nenhum — Buchanan cuspiu. — E Goody's nunca vai pousar nesta cidade.

— Quem vai detê-los? — Thatcher provocou, se aproximando da nossa linha de frente.

Aconteceu muito rápido para saber exatamente quem começou. Em um milésimo de segundo, as camisas azuis e amarelas estavam presas em nós de violência. As mulheres gritavam. Sebastian se colocou entre mim e a briga, agarrando os braços das minhas primas.

— Vai! — ele gritou, empurrando-nos para longe da briga.

De olhos arregalados, pegamos as mãos uma das outras e corremos.

Quando estávamos longe o suficiente, nos viramos para assistir horrorizadas enquanto a multidão explodia. Um tinido e um silvo precederam uma nuvem de fumaça que se espalhou para mais gritos e tosse, e a multidão se afastou da fumaça insidiosa.

Enquanto corriam, os policiais pegaram todas as camisas azuis em que puderam colocar as mãos e amarraram-nas, alinhando-as de joelhos na grama verde perturbadoramente alegre do parque.

Parecia mais uma execução do que a marcha pacífica que planejamos.

Nós demos os braços, ocasionalmente escondendo nossos rostos e ofegantes quando vimos nossos amigos caírem de joelhos. Buchanan, curvado e vomitando na grama. Evan, seu rosto amarelo e inchado, sua tosse incontrolável. Wyatt e Manny e alguns outros, todos machucados e sofrendo.

Então Sebastian foi chutado na parte de trás dos joelhos para cair com força ao lado de Evan.

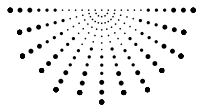
Eu pulei em sua direção sem pensar, mas minhas primas me seguraram. Percebi distantemente que estava chorando, assistindo a cena com horror abjeto. Como isso aconteceu aqui, em nossa cidade, estava além de qualquer compreensão.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, eu estava sendo puxada para a Main Street.

E não havia nada que eu pudesse fazer a não ser ir.

20

ALMOST ALWAYS TRUE



PRESLEY

Deitei ao lado de Sebastian no sol da manhã do dia seguinte, ouvindo sua respiração lenta e ofegante enquanto ele dormia.

Nós o tiramos da prisão apenas algumas horas atrás, junto com a dúzia de homens que os oficiais do xerife Baker prenderam. Nenhuma camisa amarela havia sido acusada.

O jornal já havia pousado em sua garagem quando chegamos, a manchete ameaçadora.

MANIFESTAÇÃO PACÍFICA A FAVOR DE GOODY'S INTERROMPIDA POR MANIFESTANTES VIOLENTOS

O artigo passou a nos pintar sob a luz mais desfavorável, segurando o prefeito Mitchell como um santo cruzado. Sebastian estava certo. Era o que Mitchell queria. Com o editor-chefe do jornal e o xerife no bolso, ele foi capaz de jogar tudo em nós, pintando-nos como um bando de valentões raivosos.

Era o nosso pior cenário.

Mas não houve tempo para planos ou discussões. Sebastian precisava de um banho e dormir, então cuidamos disso primeiro. Seu rosto ainda estava um pouco inchado e vermelho, e a visão torceu minhas entranhas. Como alguém poderia fazer isso com nossos habitantes da cidade – camisas amarelas ou azuis – ferindo os duramente.

Minha única esperança era que houvesse indignação suficiente para que pudéssemos nos manter firmes. Mas essa esperança estava se esvaindo centímetro a centímetro, minuto a minuto. Porque essa façanha desferiu um golpe em nossa causa que eu não sabia que poderíamos sobreviver.

Olhei para o relógio, sabendo que precisava ir, mas sem interesse em sair.

Um suspiro longo e lento não ajudou a me motivar. Mas eu rolei para fora da cama de qualquer maneira, fazendo o meu melhor para não perturbá-lo.

Por um segundo, pensei que tinha conseguido. Mas quando vesti meu jeans, sua voz – grave e crua por causa do gás lacrimogêneo – soou atrás de mim.

— Você está bem?

Eu me virei com um sorriso por ele.

— Sim. E você?

— Estive melhor.

Eu puxei minha camiseta e fiz meu caminho para o lado dele da cama onde eu engatei uma perna. — Eu tenho que ir aliviar a mamãe de Cilla e pegar meu pedido para a butique de Renee. Lamento deixá-lo.

— Sinto muito também.

— Pelo quê?

— Por não fazer todo mundo dar meia volta. Por não fazer nada. Por não… — Ele começou a tossir e, por um minuto, não conseguiu parar. Quando ele terminou, ele se deitou com a respiração ofegante. — Jesus.

— Não se desculpe. Não havia nada que você pudesse ter feito. Mitchell conseguiu o que queria.

— Foda-se esse cara — disse ele com os olhos fechados.

— Foda-se ele. — Inclinei-me para beijá-lo suavemente. — Durma e me ligue mais tarde quando acordar, ok?

Ele assentiu, seus olhos ainda fechados.

— Ok.

— Ok. — Eu ecoei e me levantei, juntando minhas últimas coisas antes de ir para a sala onde meus sapatos estavam.

Vi seu telefone conectado na cozinha e pensei em colocá-lo ao lado de sua cama, caso ele precisasse de alguma coisa. Mas quando o peguei, notei seu passaporte em cima de uma pilha de cartas, fotos de crianças zambianas, presumi.

Minhas sobrancelhas se juntaram e eu parei em um momento de indecisão. Mas quando notei a ponta de uma passagem de avião na pilha, toda a propriedade saiu pela janela. Meu coração parou de bater, subindo pela minha garganta procurando uma saída enquanto eu folheava a pilha. Um itinerário triplo. Uma das muitas cartas pedindo ao Sr. Bastian para voltar e ajudar sua aldeia.

Uma bolsa de papel com bilhetes de avião para a Zâmbia.

E meu mundo parou.

Porque só havia uma coisa que isso poderia significar.

Ele decidiu ir.

Não tire conclusões precipitadas, disse a mim mesma quando meu coração começou a bater novamente. Empilhei os papéis com as mãos trêmulas e os deixei no balcão da cozinha. *Fale com ele mais tarde. Basta perguntar a ele. Vai ficar tudo bem.*

Tão bom quanto o pensamento era, eu não acreditava que ia ficar tudo bem. Mas cara, eu disse a mim mesma que sim.

Atordoada demais para levar o telefone para ele, fui para a porta, tentando encontrar minhas entranhas, que pareciam ter sido espalhadas por todo o chão da cozinha. Mas de alguma forma, eu fiz meu caminho para minha caminhonete e deixei o rancho Vargas com minha mente como um furacão de categoria cinco.

A história se desenrolava em minha mente, rasgando ainda mais o rasgo. Sebastian dando a notícia de que estava indo embora. Ouvir que ele não me escolheu. Que ele não escolheu Priscilla.

Achei que ficaria bem se ele fosse embora. Eu me convenci de que entendi o que isso significava. Talvez se tivesse acontecido no início do verão, antes de nos envolvermos novamente, seria diferente.

Mas estava acontecendo agora, depois de sentir o gostinho de como seria estarmos juntos, ter uma família. Para não fazer mais isso sozinha. E agora ele estava indo embora novamente por dois anos.

Pior: ele decidiu e não me contou.

Engoli minhas lágrimas, lembrando a mim mesma que eu não sabia disso com certeza. Mas minha imaginação já havia me convencido de que a história que eu inventei era real.

Foi o meu pior medo vindo à vida.

Eu tive o tempo que levei para dirigir até a fazenda para me dominar. De alguma forma, embalei todos os meus sentimentos em uma caixa quebrada e abri um sorriso.

Entrei no caos.

A cozinha estava uma bagunça de caixas e papéis e placas de quintal, e minhas primas estavam sentadas à mesa com rostos cansados e insones enquanto Priscilla corria em círculos ao redor da ilha da cozinha cantando a plenos pulmões com Elvis em seus calcanhares.

Poppy quase disparou de seu assento.

— Aí está você. Sebastian está bem?

Priscilla derrapou até parar, seu rosto mortalmente sério em um nanossegundo. Elvis correu para ela, mas ela nem sequer vacilou.

— Tem algo errado com o papai?

Poppy murmurou *Desculpe*.

Eu usava um sorriso cansado.

— Papai está bem.

Seus olhos se estreitaram.

— Prometo.

— Podemos vê-lo mais tarde?

— Talvez bebê.

Isso parecia ser uma confirmação suficiente - ela começou a correr novamente.

— Ela está assim há muito tempo?

— Toda a manhã — mamãe disse da mesa. — Não consigo acompanhar.

— Parece que ela até cansou Elvis.

Sua língua pendeu, e ele parecia ter perdido algum vapor.

— Cilla, quer ir ao parque?

— Sim! — ela gritou e correu para mim, agarrando minhas pernas. Ela apertou e fez sua cara de Hulk como se estivesse tentando me pegar.

Eu ri e alisei seu cabelo.

— Você é louca.

— Eu não sou louca. Eu sou Cilla.

— Erro meu.

Peguei sua mão e suspirei novamente. Eu me perguntei quantas vezes suspiraria hoje e imaginei que o número seria muito alto para me incomodar em contar.

— Achei que você tinha trabalho a fazer — disse Daisy.

— Eu sei, mas não parece que vamos conseguir fazer alguma coisa até que alguém queime sua loucura.

— Mamãe! Eu não sou louca! Eu sou Cilla. — Ela pressionou a mão no peito.

— Está bem, está bem. Vamos, vá pular no caminhão. Você não. — Apontei para Elvis, que se arrastou até a mamãe e se deitou de bruços para um merecido cochilo.

Com isso, eu estava fora da porta novamente, desorientada enquanto Priscilla falava sem respirar. Isso durou todo o caminho até o parque, e só parou porque ela disparou em uma corrida mortal para o escorregador no segundo em que seus chinelos atingiram o chão.

Arrastei-me até um banco e afundei nele. Embora eu não tenha passado a noite na cadeia, só dormi por algumas horas, o que fez tudo parecer impossível. Eu me senti pequena, insignificante enquanto estava sentada naquele banco do parque, pensando em Sebastian nos deixando. Pensando em como Priscilla sentiria falta dele. Pensando em como seria esta cidade sem Sebastian aqui.

Imaginando como eu sobreviveria a perdê-lo desta vez. Eu o perdi antes, mas

nunca foi tão doloroso quanto agora.

Eu estava tão absorta em pensamentos que não notei Marnie até que Priscilla o fez.

— Ei moça! — ela gritou, pulando de uma plataforma que deveria ser muito alta para pular. Mas ela parou no patamar e partiu na direção de Marnie. — Posso ter mais doces?

Meu rosto se contraiu em confusão e consternação, incapaz de colocar como diabos minha filha conhecia Marnie.

Marnie riu, remexendo em sua bolsa.

— Coloquei alguns pirulitos aqui no caso de encontrar você novamente. — Ela estendeu dois em exibição. — Morango ou root beer?

— Sim — Priscilla disse e pegou os dois.

Eu já estava de pé e indo até eles.

— Apenas pegue um, Cilla.

Marnie ficou gelada.

— Não, está tudo bem. Ela pode ter os dois, se estiver tudo bem para você.

— Bigada! — Priscilla disse antes de decolar para os escorregadores novamente.

— Eu... sinto muito por isso — disse eu. — Eu não sabia que vocês já tinham se conhecido.

Algo brilhou atrás de seus olhos, talvez ela soubesse algo que eu não sabia.

— Eu encontrei Bastian e Cilla um tempo atrás. Ele não te contou?

— Acho que escapou de sua mente.

Estranhamente, ela não assobiou como uma víbora ou me deu um insulto sarcástico. Em vez disso, ela parecia preocupada, perguntando seriamente:

— Ele está bem? Eu vi o que aconteceu.

— Ele está bem, não graças ao seu pai.

Sua sobrancelha se achatou.

— Papai não fez nada.

— Exatamente.

Os olhos dela piscaram para o céu.

— Meu Deus, seu povo.

Priscilla gritou de alegria quando voou com as mãos no ar e um pirulito na boca. Imediatamente, minha imaginação bastarda a imaginou caindo sobre o rosto e sufocando até a morte ou perfurando sua laringe.

— Cilla! Devagar com esse pirulito ou ele será meu. — Quando ela fez uma careta, eu acrescentei: — Não quero que você se machuque se ele se soltar.

Ela rolou os olhos como uma idiota.

Eu suspirei. Novamente.

— Juro que lhe ensinei boas maneiras. Ela só tem um problema com a autoridade. É genético, eu acho.

Os olhos de Marnie estavam em Priscilla.

— Ela é linda. Encontramo-nos outro dia... bem, acho que não estou surpresa que a paternidade se adapte tão bem a Bastian.

Eu mal a reconheci e percebi que este era um vislumbre da mulher que ela era quando não estava ocupada com nossa rivalidade. A culpa me engoliu.

— Ela já está ligada a ele — eu disse baixinho.

— O que ela vai fazer quando ele for embora?

— Quem disse que ele vai embora?

— Oh vamos lá. Ele estava sempre indo. Deixando-me. Saindo desta cidade. É o que ele faz.

— Ele faz e não faz. Ele fica quando é importante.

— Certo. E sai no segundo que tem a chance.

Eu não respondi.

— Não é você. Definitivamente não é Priscilla. O homem é um caçador de sonhos, e nada o impedirá disso. Tente não levar para o lado pessoal.

— Como isso funcionou para você?

Quando ela encontrou meus olhos, eles estavam afiados com dor crua e honesta.

— Fazemos o melhor que podemos com o que recebemos, não é? Você fez, e veja onde isso te levou. Você tem tudo o que eu queria, e eu não estou surpresa. Porque ele nunca foi meu. Ele sempre foi seu. Não havia espaço em seu coração para mim, esse espaço foi ocupado por você. E agora, ela. — Ela acenou para minha filha. — Mas ele vai te deixar assim como ele me deixou.

— Espero que você esteja errada.

Ela ofereceu um sorriso cansado.

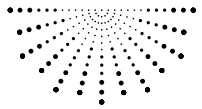
— Acho que veremos. Diga a Cilla que eu disse tchau.

Eu balancei a cabeça para reconhecer sua saída, mas não falei.

Não havia mais nada a dizer.

21

BABY, WHAT YOU WANT ME TO DO



PRESLEY

Eu provavelmente não deveria ter ficado desorientada enquanto usava uma faca tão afiada, mas lá estava eu, lapidando as bordas das barras de sabão como pedras preciosas com uma faca que poderia ter arremessado um dedo, caso eu perdesse o foco.

Mas meu foco estava na lata há dois dias.

Ontem, eu vagava pelo dia em uma névoa de exaustão e pânico, trabalhando no pedido de uma das lojas do centro, um pedido que eu esperava terminar hoje. Ontem à noite, eu tinha ido ao Sebastian com mil perguntas na ponta da língua. Mas ele estava muito cansado, muito cansado, muito fodidamente louco para ter a conversa que precisávamos ter. Assim, a visita foi breve, apenas longa o suficiente para ter certeza de que ele estava bem. Eu não conseguia manter tudo o que precisava dizer, então saí assim que pude sob o disfarce de Priscilla, apenas para acabar na cama, olhando para o teto enquanto história após história se desenrolava em minha mente.

Em algumas histórias, eu estava errada. Na maioria, eu estava certa. Se eu sabia de uma coisa, era que a esperança era sua própria classe especial de veneno – não era bom ou confiável, não quando você pode perder o que deseja em um sopro. A decepção, por outro lado, era tão confiável quanto um relógio nuclear. Havia um tipo de conforto doentio ali, reforçado pela dose de dopamina quando você descobria que suas terríveis suposições estavam corretas o tempo todo. Era o a-ha de um detetive apontando o dedo para o assassino, dizendo *"Viu?" Eu sabia.*

Isso foi, é claro, seguido por uma profunda perda e auto aversão. Eu não queria estar certa. Mas eu estava resignada a ser.

— Merda — eu assobiei quando a faca atingiu a ponta do meu polegar. Na inspeção, era um corte minúsculo, não mais profundo que um corte de papel, graças a Deus.

Levei a faca para a pia comigo e a coloquei no fundo antes de lavar as mãos e pegar um curativo para dedos, com certeza ninguém queria meu DNA em seu sabonete. Achei que poderia ter algumas dessas dedeiras no meu kit e vasculhei através de compressas de gaze de dose única e pacotes individuais de aspirina, procurando por eles.

A música que meu telefone tocava foi cortada pela vibração de um telefonema. Eu desativei o toque anos atrás – alguém ainda usa seus telefones para isso? – então, se não fosse a música parando, eu provavelmente teria perdido a ligação de Olivia.

Eu sorri quando vi nossa foto na minha tela. A doce fada ruiva que era Olivia Brent veio para nossa pequena cidade na Califórnia para assumir a fazenda leiteira de seu avô, e ela reformulou tudo o que ela já tocou para melhor, inclusive eu. Ela vendia meus produtos na loja da fazenda desde que abriu e se tornou uma amiga instantânea. Ela era a melhor amiga que eu tinha em Maravillo, mesmo depois de morar lá toda a minha vida.

Olivia era espetacular assim. Era impossível não amá-la.

— Ei — eu disse ao atender.

— Ei — ela ecoou. Eu podia ouvi-la sorrindo, o que forçou meu próprio sorriso mais amplo. — O que você está fazendo?

— Ah, você sabe, o de sempre. Tenho um grande pedido de uma boutique na cidade que deve ser entregue amanhã. Graças a Deus eu tive o dia de folga da Bettie's. Não consigo encontrar tempo para tudo na minha lista de tarefas.

— Eu conheço o sentimento. Mas de alguma forma, você sempre faz acontecer.

— Por algum milagre. Ou o sacrifício vodu que fiz. Aceito qualquer uma das opções, desde que seja feita.

Ela riu. Cara, eu senti falta desse som.

— Como está Lindenbach?

— Ótimo — eu brinquei. — A Goody's está tentando dominar nossa cidade, nossa marcha foi bombardeada com gás lacrimogêneo e pessoas foram presas, e eu não tenho mãos suficientes para os muitos trabalhos que estou fazendo. Caso contrário, prosperando. — Eu afundei em um banquinho com um suspiro, colocando meu telefone no viva-voz para que eu pudesse continuar aparando sabonetes, faca nova na mão. — Como é possível que não tenhamos conversado durante todo o verão. Lamento não ter entrado em contato.

— Não se preocupe. Nós estivemos debaixo d'água aqui também, e eu

também não entrei em contato, então que tal deixarmos isso pra lá?

— Combinado. O que há de novo por aí?

— Bem, eu gostaria de dizer que não liguei com uma agenda, mas como eu disse, nós andamos mal durante todo o verão. Jake e eu estávamos conversando, e gostaria de fazer uma oferta. Em parte porque sinto sua falta e em parte porque... bem, quero que você tenha tudo o que sonha.

Minha mão parou no meio do corte. Eu coloquei o sabão e a faca para baixo.

— Estou sentada.

— Bom. O que você diria se eu lhe dissesse que posso ajudá-la a começar seu próprio negócio?

— Eu diria que não aceito esmolas, então é melhor que seja bom.

Ela riu.

— Eu te conheço bem o suficiente para saber isso. Mas… — Ela respirou fundo e descarregou tão rápido, que eu não tinha certeza se peguei tudo. — Desde que Jake se mudou para a casa grande comigo, temos uma casa vazia na propriedade. E nós temos o capital agora que eu posso contratar algumas novas mãos por aqui. Então Jake e eu estávamos pensando... e se você voltasse e fizesse suas guloseimas para a loja, com a marca da fazenda?

Eu pisquei. Ela continuou falando.

— Você, sua mãe e Cilla poderiam morar na antiga casa de Jake sem pagar aluguel, e nós poderíamos pagar um salário, fornecer seguro, tudo isso. E esperávamos que você ajudasse nas compras para a loja, adquirisse tudo para nós. Há muito o que fazer por aqui, a loja é a última coisa na minha lista todos os dias. Eu poderia realmente precisar de sua ajuda, e desta forma, você poderia voltar para casa *e* fazer o que você ama. Não terá mais mesas para servir. Não há mais malabarismos com todos os trabalhos. Apenas a única coisa que você quer fazer.

Ela estava tão animada, ela continuou falando sobre tudo o que ela queria que eu fizesse e nomes engraçados que ela inventava para perfumes. Quando ela casualmente falou sobre o meu salário, eu quase caí do meu banco.

Realmente era meu sonho realizado.

Mas eu não compartilhei sua excitação.

Não totalmente, pelo menos. Minha mente já havia trotado, imaginando aquela vida que eu sonhei por tanto tempo. Mas meu coração afundou. Porque estava ancorado aqui.

Com ele.

Ele está indo embora.

Você não sabe disso.

Este é o seu sonho.

Os sonhos mudam.

Percebi tarde demais que Olívia havia parado de falar e estava esperando uma resposta, só que não sabia de quê.

— Bem, diga alguma coisa! — ela disse em uma risada.

— Você conseguiu que Jake concordasse com aquele salário e quarto e comida grátis? Como você convenceu o dragão a sair de sua pilha de ouro para a pequena e velha eu?

— Eu não sei se você sabe disso, mas posso fazer com que ele faça qualquer coisa que eu queira, se eu expressar direito. Todo mundo sabe que a princesa é realmente a única que pode domar o dragão. E de qualquer forma, Jolene e Bowie sentem falta de Elvis e Priscilla.

— Ela realmente interpreta um cachorrinho convincente.

— É estranho.

Fiquei em silêncio por um instante, sem saber o que dizer, além de:

— Obrigada, Olivia. Deus, isso soa tão estúpido para o que você está oferecendo. Eu... acho que você me chocou estupidamente. Eu não sei o que dizer.

— Diga sim. Venha para casa, Presley.

Casa. Que palavra engraçada, uma palavra cujo significado mudou desde que vim para cá. — Posso ter algum tempo para pensar?

— É claro. A oferta permanece, tudo o que você precisa fazer é ligar. — Ela fez uma pausa. — Mas estou um pouco surpresa. Achei que você pularia em cima disso.

— Se você tivesse me perguntado antes de sairmos, eu não teria hesitado, mas as coisas estão... complicadas aqui.

— Um complicado bom?

— Às vezes, mas agora está uma bagunça. Mamãe não é a única pessoa com quem preciso falar. O pai de Priscilla está aqui.

— Oh meu Deus — ela respirou. — Você está brincando.

— Não. Mas tenho certeza de que ele está indo embora de novo.

— Vocês estão juntos?

— Eu não sei o que somos, Livi.

— Jesus, Pres. Então ele não é realmente um astronauta?

— Um filantropo. Ele está partindo para o Corpo da Paz. Encontrei suas passagens de avião e itinerário, mas ele não me disse que decidiu continuar. — Suspirei, caindo sobre a mesa. — Não sei. Eu tenho que descobrir isso hoje.

— Eu não deveria estar torcendo para ele ir, certo?

Eu ri.

— Confie em mim, se você o visse, você estaria torcendo para que ele

ficasse também.

— Tão bom assim?

— Tão bom quanto um Jake sem camisa, mas muito menos chocante.

— Deve facilitar sua vida.

— E como.

Uma risada triste.

— Bem, vá falar com todo mundo e me ligue, ok? Tudo o que eu quero no mundo inteiro é que você seja feliz, e se eu puder ajudá-la a pegar as estrelas que você desejou, eu o farei. Qualquer coisa que você precise. Ok?

— Ok — eu disse, engasgada. — Eu te amo, você sabe disso?

— Eu suspeitei.

— E eu sinto sua falta.

— Maravillo é chato como o inferno sem você. Com quem devo cantar no karaokê, Buffalo Joe?

— Se você já ouviu aquele bastardo peludo cantar, você retiraria isso.

Sua risada morreu depois de um minuto.

Com um sorriso no rosto e meu coração apertado, eu disse:

— Obrigada não é suficiente. Estou honrada e muito grata por ter uma amiga como você.

— Idem, Pres. — Ela também estava engasgada. — Estou aqui, ok? Liga para mim.

— Eu vou.

Nos despedimos e desliguei o telefone. No segundo em que desligou, começou a tocar música novamente como se nada tivesse acontecido. Como se eu não tivesse acabado de receber tudo o que eu queria.

Tudo o que eu tinha que fazer era me afastar deste lugar.

Só que eu não sabia como.

Ele está indo embora. Ele está indo embora. Ele está deixando você, e então o que você terá?

Deixei tudo em cima da mesa e saí correndo do galpão em busca de minhas primas. Eu as encontrei sentadas ao redor da mesa na cozinha comendo batatas fritas e salsa e tomando café.

Texanos.

Elas pararam quando eu entrei, seus rostos curvados de preocupação.

— Qual é o problema? — perguntou Poppy.

— Acabaram de me oferecer um emprego em Maravillo fazendo produtos de marca para a fazenda de uns amigos. Eles têm uma casa para nós morarmos, um salário e eu... não sei o que fazer.

— E Sebastian? — perguntou Daisy.

— Encontrei as passagens de avião dele para a Zâmbia ontem. — Minha respiração engatou – instantaneamente lágrimas ardiam em meus olhos. Eu bati minha mão sobre minha boca enquanto minhas primas saltavam de seus assentos e me cercavam.

— Sinto muito — disse Daisy.

— Eu não posso acreditar — Poppy respirou.

— Eu sabia disso — Jo cuspiu. — Ai! — Ela gritou quando Poppy a chutou. — O quê? Alguma de vocês está realmente surpresa?

— Deus, Jo. Talvez pense antes de abrir a boca — Poppy disparou.

Eu balancei minha cabeça e me endireitei, sinalizando para elas me deixarem ir.

— Está bem. Eu sabia no que estava me metendo. Quero dizer, é possível que eu tenha entendido errado, mas havia todas aquelas cartas e fotos de crianças pequenas e as passagens e um itinerário e... por que ele teria isso se não estava planejando ir? Seu passaporte estava em cima. Eu só... o que devo pensar? E como posso ficar chateada com isso? O que ele está fazendo é muito mais importante do que eu, mas eu... eu só... — Eu nem sabia o que dizer. Suspirei em vez disso em uma tentativa de me equilibrar.

Todas as três tinham olhares de pena que multiplicaram minha miséria exponencialmente.

Jo e Poppy então trocaram um olhar.

— O quê? — Eu perguntei, acenando meu dedo indicador entre elas. — O que é que foi isso?

— Provavelmente não foi nada — Poppy se protegeu.

Jo revirou os olhos.

— Elas não me deixaram contar, mas estávamos na cidade outro dia e Buchanan estava conversando com Sebastian, perguntando sobre sua viagem, quando ele estava indo embora, esse tipo de coisa. E... bem, não parecia que ele tinha qualquer dúvida em sua mente sobre ir. Brian estava perguntando se ele estava ansioso por isso, e Sebastian continuou.

— Eu realmente esperava que ele já tivesse dito a você. Que vocês chegaram a um acordo — disse Daisy. — Sinto muito, Pres. Por favor, por favor, não chore.

Antes que eu percebesse, eu estava envolvida em outro abraço, apertado o suficiente para me manter de pé.

Ele estava indo embora. E ele teria me contado mais cedo se eu não o tivesse pressionado a levar tempo com isso.

— Eu vou matá-lo — Jo retrucou. — Ou pelo menos queimar a casa dele. A maneira como ele te amarrou. Ele nunca lutou por você, não é? Aquele covarde.

É muito fácil ser charmoso em três meses, mas então bum – ele se foi. E depois há Cilla.

— Oh Deus — Daisy sussurrou. — Cilla.

— Ela vai perder o seu papai — Poppy começou, sua voz trêmula.

Eu estava chorando muito para falar ou pensar ou ser racional ou razoável. Tudo que eu podia fazer era sentir, e eu sentia tudo.

Eu não deveria ter deixado isso acontecer. Eu sabia que não deveria me deixar fingir, mas me perdi na indulgência de qualquer maneira.

E agora eu sabia que era porque me agarrei à tola esperança de que ele ficasse.

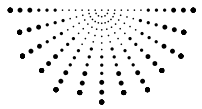
Ele fez o que você pediu. Não é culpa dele ter feito a escolha que você sabia que ele faria.

Você sabia que isso iria acontecer.

Eu só queria estar errada.

22

EASY COME, EASY GO



SEBASTIAN

A cadeira de balanço rangeu enquanto eu balançava na minha varanda da frente, olhando para as colinas ao longe através de uma brecha nas árvores.

Tinha sido um longo par de dias. E eu podia sentir tudo pelo que estava trabalhando se esvaindo, mas não conseguia descobrir como ou por quê.

Perdemos o controle da luta com Goody's. Nenhum de nós tinha nenhum truque na manga, mas Goody's sabia exatamente onde pressionar. Esta não foi sua primeira luta. Suspeitei que eles tivessem um departamento corporativo dedicado a dizimar cidades pequenas – a rapidez e a eficácia de sua campanha nos cortaram de joelhos.

Minha garganta e pulmões ainda estavam em carne viva por causa do gás lacrimogêneo, mas minha pele se acalmou na maior parte do tempo. Eu passei a maior parte do dia de ontem na cama, e hoje eu estava pensando muito. Eu tinha recuperado nosso estudo econômico final, mas era um pouco tarde demais, especialmente depois do fiasco no parque. Alguns de meus amigos na força policial que estavam lá vieram em segredo para expressar sua discordância. Evan estava falando sobre um esforço para que o xerife Baker fosse removido do cargo e substituído por um xerife interino. Mas, a partir de agora, não tínhamos o apoio que precisávamos para fazer essa mudança.

Eu não sabia o que fazer. Mas enrolar não era uma opção.

Afastei o pensamento em favor de Presley. Um sorriso roçou meus lábios – ela estava a caminho agora depois de terminar seu pedido e deixá-lo no centro da cidade. Estava quase anoitecendo, e saber que ela trabalhou a maior parte do dia de ontem nisso também – e quase sem dormir – fez meu estômago revirar. Eu

odiava vê-la trabalhar tão duro, não quando ela não estava gostando.

Mas isso era temporário para ela, se eu tivesse algo a ver com isso.

Eu ouvi o caminhão dela antes de vê-lo roncando pela entrada e me levantei, sorrindo enquanto me encostava no parapeito da varanda para não apressá-la. Ela ofereceu um sorriso cansado, estacionando sua caminhonete. Sua exaustão era visível na queda de seus ombros e no peso de suas pálpebras.

Decidi então que passaríamos o resto da noite na cama.

Ela deslizou para fora de sua caminhonete e fez seu caminho até as escadas e em meus braços, mas algo sobre o abraço estava ansioso, desesperado.

Eu beijei o topo de sua cabeça.

— Qual é o problema?

— Como você está se sentindo?

— Estou bem. Não mude de assunto — eu provoquei.

Ela me segurou por mais um segundo antes de se separar. O olhar em seus olhos enviou um choque de medo através de mim. E então ela pronunciou as três palavras fatais, palavras que ninguém nunca quer ouvir.

— Nós precisamos conversar.

— Sobre?

Uma pausa.

— Você quer entrar?

— Você quer?

— Eu não sei — ela bufou, frustrada, mas não com raiva. Apenas emocional. E então ela encontrou meus olhos novamente e desabafou: — Olivia ligou esta manhã e me ofereceu um emprego na fazenda, para fazer sabonetes e velas para a loja dela. Ela tem uma casa para mim, mamãe e Cilla, um salário. Seguro. Nós poderíamos voltar para a Califórnia, e eu poderia ganhar a vida fazendo exatamente o que eu quero. Não há mais mesas para servir. Chega de se preocupar com dinheiro.

Eu cambaleei.

— Você... isso é tudo o que você queria, Pres.

— Um trabalho, fazendo o que amo. Chega de depender da bondade de nossa família para cuidar de nós. Poderíamos ir para casa.

A palavra soou estranha em seus lábios, e eu não sabia se era por causa de como ela disse isso, ou porque nesse contexto, o lar não era aqui.

— Você vai aceitar o trabalho? — Eu perguntei, agarrando o corrimão da varanda com tanta força que pensei que poderia dobrar.

— Bem, você está indo embora, não é?

Minhas sobrancelhas se juntaram.

— O que você está falando?

— Encontrei as passagens de avião, Bas. Seu itinerário. Por que seu passaporte estava fora, bem em cima de uma pilha de cartas, fotos e passagens de avião?

— Você revirou minhas coisas? — Eu perguntei sombriamente.

— Não faça isso. Eles não estavam escondidos. Você nem estava tentando escondê-los, isso é o quanto você tem certeza. Mas de alguma forma, eu sou a última a saber. Minhas primas não ficaram surpresas, elas ouviram você falando sobre sua viagem para Brian Buchanan.

— Oh, bem, se suas primas disseram isso, por que me perguntar?

— Essa não é a questão.

— Então o que é?

— *Ninguém* está surpreso, exceto eu. Por que parece claro para todos ao seu redor, que você está com um pé fora da porta? — Ela balançou a cabeça. — Marnie me avisou disso. Ela disse que você iria embora, mas eu não queria acreditar nela.

— Marnie? Você conversou com *Marnie*? — Eu atirei. — Há mais alguém com quem você conversou antes de vir até mim? Ou você pesquisou a cidade?

— Você já deveria ter me contado se não estava falando sério sobre ficar.

— Você me disse para pensar sobre isso. *Você* foi a única que não me deixou responder. Jesus, Presley. Você está me dizendo para sair desde que pisei nesta cidade novamente. Já que estamos fazendo suposições, vamos colocar tudo para fora. Você não me quer aqui. Este sempre foi o negócio, não foi? Sempre foi uma coisa de verão, e você não tinha planos para eu ficar. Não estou nem mesmo convencido de que você realmente me quer na vida de Cilla – nossa filha que você manteve longe de mim por *cinco anos* – ou se isso era apenas uma fantasia que você queria jogar antes de me empurrar para fora da porta. E agora você quer que eu vá embora e finja que não sou pai? Nunca uma vez você me pediu para ficar. Nenhuma vez você me disse que me queria aqui.

— E você nunca lutou por nós. Você *não* quer ficar.

— Se você acha que ir embora é o que eu quero, você não está prestando atenção. — Tentei engolir, mas minha garganta não abria.

— Você disse não a eles?

Eu não respondi. As palavras ficaram presas no meu esôfago.

Ela revirou os lábios e assentiu, tentando parar de chorar.

— Então eu estava certa.

— Não. Quero dizer, sim, mas não...

— O que diabos isso significa?

— Meu Deus, Presley. Será que isso ainda importa? Você já decidiu.

— Isso não é justo — ela disse, sua voz vacilando em mágoa e raiva. — *Você*

é o único que não vai decidir…

— Por que eu tenho que ser o único a fazer todas as escolhas? Por que tudo isso está em mim? Você também não lutou por mim. Você não me escolheu. E agora é *você* que está indo embora.

— Porque nosso tempo é uma merda, Bastian — disse ela enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Porque você tem um sonho e eu tenho um sonho, e a única maneira de termos o que queremos é se afastarmos um do outro. Então acho que é isso que temos que fazer.

Eu a observei por um longo e doloroso momento.

— Então é isso que você quer?

— O que eu quero não importa, não é? Porque é isso que eu tenho.

Raiva e rejeição tremeram em minhas veias.

— Parece que você já se decidiu. Vá então. Você encontrou o que estava procurando e não está aqui. — *Não sou eu*. — Este tempo todo você se convenceu de que estou procurando uma saída, mas é *você* quem quer uma saída. Então vá em frente e pegue. Porque se você não vai lutar por nós, eu também não vou.

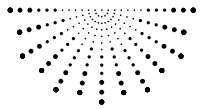
Tremendo, eu me virei para a porta – eu tinha que me afastar dela, encontrar um lugar onde eu pudesse pensar, onde eu pudesse chorar, onde eu pudesse tentar entender.

Se tal lugar existisse.

Contei meus passos, esperando que ela me parasse. Mas ela não o fez.

E aquele golpe final matou a última das minhas esperanças.

23
ALWAYS ON MY MIND



PRESLEY

— Mamãe! Mamãe! *Mamãe mamãe mamãe mamãããee!*

Eu gemi, puxando as cobertas sobre minha cabeça para que eu pudesse me esconder de Priscilla enquanto ela entrava no meu quarto e subia na minha cama para pular como se estivesse em um trampolim.

— Acorde! Acorde! Acorde! — ela disse com cada salto.

— Por que você está assim? — Eu resmunguei, me enrolando em uma bola.

O salto parou. Um pequeno corpo se inclinou sobre mim e puxou as cobertas.

— Mamãe? Você está aí? Acorde, ou eu faço cócegas em você! — Mãos pequenas arranharam o nó confuso do meu corpo, procurando minhas costelas.

— Você quer dizer assim?

Com um grunhido, eu tirei as cobertas e a agarrei, fazendo cócegas nela com a determinação implacável que só uma mãe que foi acordada do sono pode despertar.

Meu coração quebrou um pouco mais com seu tumulto de risadinhas.

Toda alegria parecia falsa. Uma pantomima de fingimento.

Exaustão me pesava – eu tinha passado a maior parte da noite em lágrimas e o resto entrando e saindo de um sono irregular. Eu pensei em muitos cenários, desejando que eu tivesse feito as coisas de forma diferente. Eu poderia ter evitado isso. Eu não deveria ter me permitido, dado o que eu realmente sentia por ele. Talvez se tivesse dito a ele o quão desesperadamente eu o amava, teria sido diferente. Talvez se eu tivesse pedido para ele ficar, ele não teria decidido ir embora.

Mas o argumento girava em torno da dor e do medo. Medo de perder nossos

sonhos. Medo de falhar em nosso relacionamento. Medo de decepcionar Priscilla.

E por nossas próprias mãos, tornamos tudo realidade.

Priscilla atingiu aquele momento crucial demais quando o riso de cócegas se transforma em lágrimas, então eu parei o ataque em favor de uma chuva de beijos em todo o seu rosto e pescoço.

Ela gritou e me empurrou.

— Pare com isso!

Suspirei.

— Bom. Você não é nada divertida. — Eu dei um sopro final em seu pescoço e rolei, me espreguiçando e bocejando. Olhei para o relógio e percebi que eram oito horas. — Merda — eu assobiei, deslizando para fora da cama.

— Palavra ruim, mamãe. Onde está meu dinheiro? — Ela estendeu a mão por um centavo.

— Coloque na minha conta, joaninha. Você acabou de acordar?

— Nonnie disse para não acordar você.

— Ela balançou o dedo com autoridade enquanto imitava minha mãe.

Eu ri.

— Você pegou o iPad?

Ela estava de pé e pulando na minha cama novamente.

— Sim, sim, sim — disse ela, saltando. — Nós vamos ver o papai hoje?

O nó no meu peito apertou.

— Vou ver se ele está ocupado — eu disse com um sorriso falso.

— Podemos nadar! Abuela me dá piulitos e papai é o golfinho e ele me *joga* no ar! — Ela abriu os braços e voou para trás na cama com um baque. Quase instantaneamente, ela saiu da cama e correu para a porta. — Nonnieeeee, onde está minha bolsa de natação?

— Ah, você vai ver o papai? — Mamãe disse da sala de estar.

— Podemos nadar!

— Se ele não estiver ocupado — eu acrescentei, trocando meu short de dormir pela variedade de jeans. Ansiedade estalou sobre minha pele quando peguei meu telefone.

Sem textos. Sem chamadas. Ele não tentou entrar em contato. Mas nem eu.

Abri minhas mensagens, minha garganta apertando ao ver a leveza feliz de nossas mensagens de “antes”. Uma tarde, e eu perdi tudo isso. A verdade era que talvez isso nunca tivesse sido meu.

Por um segundo, minha mente ficou confusa com o que dizer, finalmente pousando na abordagem mais simples e direta.

Cilla queria saber se ela poderia ir vê-lo hoje.

Eu segurei meu telefone, lutando contra o desejo de colocar o tijolo eletrônico de lado e o desejo doentio de ouvi-lo. Eu estava prestes a colocá-lo de lado quando três pontinhos apareceram. Eu não respirei pelos segundos que ele levou para digitar.

Claro. Estou aqui.

Era isso. Ele esteva aqui. Por enquanto, pelo menos.

Vou levá-la em uma hora ou mais, se estiver tudo bem.

Está bem.

Mas não era. Nada estava bem.

Eu não pude responder novamente. Então joguei meu telefone na cama e fiz meu caminho para fora do meu quarto para encontrar mamãe sentada à mesa do café com uma xícara de café e palavras cruzadas na frente dela. Priscilla estava no outro quarto arrumando sua bolsa. E fazendo uma bagunça enorme, pelo som disso.

Mamãe me observou caminhar até a cafeteira e me servir de uma xícara.

— Dormiu um pouco?

— Não.

Uma pausa.

— Você vai falar com ele quando for lá?

— Existe alguma maneira de evitar isso?

— Quero dizer, falar… falar com ele.

Eu não respondi até que eu misturei meu leite.

— Não sei o que resta a dizer.

— Talvez o que vai acontecer com Cilla, para começar.

— Bem, vamos partir para a Califórnia, e ele vai pegar um avião e voar oito mil milhas de distância. O que há para discutir?

Quando me virei para a mesa, ela estava me dando um olhar aguçado.

— O quê? Parece bem simples, mãe.

— E a mãe e a avó dele?

Suspirei e sentei.

— E elas? Estamos partindo, e ele não estará aqui. O que eu deveria fazer? Planejar dividir a custódia com a avó? Cilla tem quatro anos. Eu não posso colocá-la em um avião sozinha. Eu nem posso me dar ao luxo de levá-la para qualquer lugar.

— Não, mas eles podem.

— Vamos descobrir, mas não precisa ser decidido agora.

Seu olhar crítico se aprofundou.

— Não, você não quer decidir nada agora, quer? Você prefere fugir.

— Isso não é justo.

— Nem você fugindo assim. Você está fugindo desde sempre, desde quando descobriu que estava grávida.

— *Mãe…*

— Estou errada?

Eu estava louca demais para responder.

— Não, eu não estou. Você tem fugido de seus sentimentos por ele, e por quê? Porque você quer ser nobre? Francamente? Foda-se isso. Você está com medo e vai perder a chance de ser feliz por causa disso.

— Você não quer ir para casa?

— Não mude de assunto. Claro que sinto saudades de casa, mas também adoro aqui. Eu disse que vou aonde quer que você vá, e eu quis dizer isso. Mas não ouse tomar essa decisão porque tem medo. Você não pode fazer o trabalho daqui? Enviar tudo para Olivia?

— Claro, mas não será o mesmo. — *Eu não posso estar aqui se ele não estiver.* Respirei fundo para me fortalecer e repeti meu mantra. — Isso é tudo o que eu queria, tudo pelo que trabalhei. Podemos ir para casa. Posso trabalhar com Olivia. Podemos ser atendidas em nossos termos. Não entendo o problema.

— O problema é que isso não é *tudo* o que você quer, é?

— É tudo o que eu quero, que eu realmente posso ter.

Ela suspirou um som longo e cansado.

— O quê? O que mais devo fazer? — Eu meio que sussurrei, já que não conseguia levantar a voz sem alertar minha intrometida pré-escolar. — Devo ficar aqui em Lindenbach, onde tudo me lembra ele? Trabalhando em dois empregos, sugando nossa família? Servindo mesas e correndo para o chão tentando começar um negócio? E para quê? Para a Cilla poder nadar na piscina do Vargas e colher flores aqui na fazenda? Não faz sentido ficar, e você sabe disso.

— Presley, não seja dramática.

— Por favor, não faça isso. Não me deixe de lado como se o que eu sentisse não fosse real. O sonho de Sebastian, o sonho de mudar o mundo, é lindo. É significativo, gratificante. Mas se alguma vez formos trabalhar, nosso sonho tem que ser um ao outro. O fato de nenhum de nós estar jogando tudo fora por nós é o maior sinal. Tudo em que pensamos é no que estamos desistindo, e nenhum de nós está disposto a sacrificar tudo por um talvez. Eu me entreguei a todo mundo por muito tempo, mãe — eu disse, incapaz de conter minhas lágrimas. — Eu fiz isso com prazer. Por você, por Cilla. Mas agora é a minha vez. Não quero abrir mão do que quero por mais ninguém, e também não vou pedir para Sebastian fazer isso. Eu não posso viver com isso. Eu simplesmente não consigo.

Limpei minhas bochechas e fiquei de pé enquanto ela observava, seus olhos

brilhando com suas próprias lágrimas.

— Está bem. Tudo vai ficar bem. Vai doer por um minuto até chegarmos aonde estamos indo.

Ela abriu a boca para falar, mas eu a afastei, chamando Priscilla.

— Você encontrou sua toalha?

Priscilla saiu correndo de seu quarto com uma máscara de mergulho e seu maiô virado para trás.

— Não consigo encontrar, mamãe.

Uma risada saiu de mim. Pelo menos havia essa pequena alegria em minha vida.

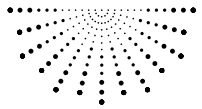
— Vamos, joaninha. Deixe-me ajudá-la. Talvez começando a se vestir do jeito certo.

Ela olhou para si mesma e puxou o decote, que estava mais perto do umbigo do que deveria. Eu a escutei falar enquanto eu a despia e a colocava no lugar certo, me lembrando do que era importante.

Mesmo se eu estivesse perdendo algo, a coisa mais importante.

Ele.

24
DON'T BE CRUEL



SEBASTIAN

Fiquei acordado a noite toda tentando decidir o que fazer.

Já estava quente às nove da manhã enquanto eu tomava meu café na varanda da frente, esperando por Presley e Priscilla com uma dor agridoce no meu peito.

Porque eu queria ficar, mas elas estavam indo embora. E eu não sabia se poderia estar aqui sem elas. Não mais.

Do jeito que eu via, eu tinha duas opções: eu poderia ficar e trabalhar com a custódia com Presley, ou eu poderia ir para o outro lado do mundo onde elas não eram nada além de uma memória.

Este último tinha o maior apelo.

Talvez eu pudesse esquecê-las. Talvez eu pudesse preencher o buraco no meu peito com o que estaria na minha frente. O trabalho consumiria o suficiente para que pudesse funcionar. Eu estaria muito cansado para pensar no final de cada dia, muito ocupado à luz do dia para me perguntar o que elas estavam fazendo sem mim.

Fugir seria fácil. Ficar seria brutal.

Ontem foi o contrário.

De alguma forma, eu perdi o futuro que queria no espaço de uma conversa. Eu não deveria ter deixado os passaportes à mostra. Eu deveria ter contado a ela sobre a visita de Brandon. Eu deveria ter dito a ela que eu já havia dito não e que eu iria dizer não de novo assim que eu pensasse sobre isso como eu tinha prometido. O que eu não tinha feito quando Presley me perguntou, apesar de sua insistência.

Mas talvez ela estivesse certa. Talvez eu quisesse ir o tempo todo. Decidi

ficar, mas não informei o Corpo da Paz. Talvez eu soubesse que terminaria assim. Talvez eu quisesse deixar a porta aberta, só por precaução.

De qualquer forma, a decisão foi tomada por mim. Presley tinha se decidido sem me perguntar, sem falar comigo. Ela pegou a fofoca de suas primas e a pilha de papéis que encontrou e fugiu com ela. E então havia o que Marnie tinha dito – o que não era uma coisa que eu jamais teria levado em consideração na tomada de decisão de Presley.

Eu não deveria precisar explicar a natureza do que ela encontrou. Eu não deveria ter que explicar que eu fingi que estava saindo para as pessoas da cidade que perguntaram – o que eles fizeram, e muitas vezes. Eu não podia dizer exatamente a eles que estava ficando, não antes de contar a Presley.

Deveria saber que isso iria virar contra mim.

Mas achei que ela entenderia. Achei que ela me daria o benefício da dúvida. Eu nunca dei a ela uma razão para acreditar no contrário. Eu nunca imaginei que ela faria qualquer coisa além de acreditar em mim. E agora eu estava muito magoado, com o coração partido demais para entender como era possível que eu me encontrasse onde estava. Talvez ela estivesse certa, talvez eu não a conhecesse como pensei que conhecia. Talvez não fôssemos nada além de uma série de devaneios, entrelaçados com memórias e desejos de contos de fadas.

Era mais fácil engolir do que amá-la, sabendo que estávamos perdidos um para o outro.

Ela me rejeitou. Ela me acusou. Ela tinha feito suposições que me deixaram imaginando se eu a conhecia. Ou se ela me conhecia. Se ela o fizesse, ela nunca teria feito isso.

E isso doeu mais do que tudo.

Meu coração deslizou em minha barriga quando sua caminhonete virou na longa estrada. Nossos olhares presos e pendurados, a corda esticada e dolorosa. Ela parou. Eu a observei sair e soltar Priscilla.

Minha garotinha correu para mim com um sorriso selvagem. Ajoelhei-me e a peguei. Senti seus pequenos braços em volta do meu pescoço. Sentiu o cheiro doce de seu sabonete de bebê.

— Oi Papai.

— Oi, Cilla.

Ela se inclinou para trás.

— Podemos ir nadar agora?

Eu ri.

— Em um minuto. Primeiro, acho que a Abuela tem algo para você.

Seu rosto se iluminou.

— Um pitolé?

— Uma *caixa* inteira de picolés.

Ela gritou quando eu me levantei, pegando sua mão para levá-la até a porta onde minha mãe já estava vindo da cozinha.

— Abuelaaaaa — ela disse, saltando a cada passo enquanto ela corria a todo vapor para mamãe.

— Ei, Cilla — mamãe respondeu, rindo.

— Papai disse que eu posso comer um pitolé.

— Que cor? — Mamãe perguntou quando elas se viraram para a cozinha.

— Vermelho. Não, rosa. Você tem rosa?

— Eu tenho rosa. E se você quiser um vermelho, você pode ter um desses também. Só não conte para o papai.

Priscilla deu uma risadinha, então sussurrou.

— Eu não vou dizer a ele.

Mamãe piscou para mim, mas seu sorriso estava triste com a visão de Presley atrás de mim.

Quando me virei para encarar Presley, meu coração se partiu.

Eu não sabia se era a visão da minha dor em seu rosto ou a saudade que eu sentia ecoando em seus olhos. Mas ela me dividiu em dois, ali mesmo.

— A que horas devo ir buscá-la? — ela perguntou.

Eu balancei minha cabeça.

— Quando você preferir.

Silêncio.

— Então tudo bem.

— Quando você vai embora?

Ela engoliu em seco.

— Eu... eu não sei. Na próxima semana, talvez.

— E depois?

— E então... então você vai embora também, eu acho.

— E se eu não fizer isso? Então o que acontece?

— Por que você ficaria?

Eu ri em descrença e passei a mão pela minha boca.

— Você não pode imaginar que eu poderia querer ficar por ela?

Ela olhou para os sapatos.

— Eu acho que não. Especialmente quando o que você quer não está aqui.

— Não, você se certificou disso. O que eu quero não estará aqui porque você está partindo, e está levando ela com você. — Eu olhei tão duro para ela, meu rosto inteiro estava quente. — Caso houvesse alguma dúvida sobre isso, Pres, eu não iria a lugar nenhum.

Suas sobrancelhas se juntaram.

— O quê? O que você quer dizer? As passagens. A carta. Você disse a Brian...

— O que ele queria ouvir, assim como eu faço meia dúzia de vezes por dia quando alguém me pergunta. Você acha que eu ia explicar para Buchanan porque eu estava planejando ficar no meio da mercearia? Eu disse ao meu supervisor que não voltaria, e eles mandaram um amigo do Corpo para tentar me convencer a mudar de ideia. — Eu balancei minha cabeça. — É claro que eu errei em Buchanan. Você, de todas as pessoas, deveria entender querer guardar algo para si mesmo – você mentiu para todo mundo sobre Priscilla por cinco anos.

Ela balançou a cabeça, confusa.

— Isso não é o mesmo.

— Parece o mesmo de onde estou. A única diferença é que eu não liguei para você.

Ela estava atordoada em silêncio.

— Eu não sei como deixar isso mais claro para você, Presley. Nem uma vez desde que eu descobri sobre Priscilla eu realmente fui capaz de pensar em ir embora. E especialmente não desde que eu tive você de novo. Mas não sei como conciliar isso. Você nem falou comigo, não me perguntou o que aconteceu. Não falou comigo. Decidiu então arranjar um emprego do outro lado do país. Você tinha tanta certeza de que eu iria embora, você cumpriu sua própria profecia.

— Então... você... você vai ficar?

Eu arrastei uma mão pelo meu cabelo.

— Não sei o que estou fazendo. Achei que tinha entendido tudo, mas agora... não sei. Mas parece que você tem seu sonho todo alinhado e esperando por você. Só gostaria de poder dizer o mesmo.

Seus lábios se separaram para falar, mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, pequenos passos bateram contra a entrada de azulejos junto com um alongado *papiii*!

Eu me virei para a porta de tela assim que ela se abriu.

— Eu peguei um para você — Priscilla ofegou, estendendo um picolé roxo em minha direção.

— Meu favorito — eu disse enquanto o pegava.

— Felicidades! — Ela estendeu seu picolé babado, e contra o meu melhor julgamento, eu bati no meu.

— Felicidades.

Priscilla enfiou o picolé na boca e abriu o braço livre em uma indicação de que queria ser pega. Então eu fiz o que ela pediu, virando-me para Presley.

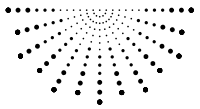
— Envie uma mensagem de texto quando estiver a caminho, e eu me certificarei de que ela esteja pronta para você.

Presley assentiu, incapaz de falar.

Isso aconteceu com nós dois.

Então entrei com Priscilla, prometendo aproveitar ao máximo cada momento que tivesse com ela, rezando para encontrar uma resposta para a pergunta dos meus próprios sonhos, agora que os meus estavam se esvaindo.

25
HARD KNOCKS



SEBASTIAN

A cafeteria do Baron estava escassamente ocupada por camisas azuis e mais ninguém.

Desejei que pelo menos algumas camisas amarelas não tivessem boicotado o lugar por escolher o lado anti-Goody. As câmaras de eco eram muito fortes – nunca venceremos se não pudéssemos recrutar, e alguns invasores poderiam fazer toda a diferença do mundo.

Como de costume, o café não estava cheio como de costume. Mas o outro lado havia feito uma dura campanha para boicotar qualquer empresa que apoiasse nossa causa, e estava funcionando um pouco bem demais. A cidade havia sido dividida tão profundamente que eu não sabia como nos recuperaríamos. E tudo por causa de Mitchell e seu roubo de dinheiro. Ele faria qualquer coisa para conseguir o que queria, mesmo que isso significasse levar a Main Street à falência.

Enfiei meu troco no pote de gorjetas e fui para a frente, desejando poder sentar por um minuto e aproveitar o clima antes que ficasse muito quente para ficar do lado de fora. Mas se eu sentasse, teria que falar com quem parasse, e essa era a última coisa que eu queria fazer.

Fazia alguns dias desde que tudo desmoronou, e eu ainda estava tenso demais para bater papo ou responder a quaisquer perguntas difíceis. Eu provavelmente não deveria ter saído de casa, mas se eu tivesse que sentar lá por mais um minuto, eu iria enlouquecer.

Em vez disso, fui ao restaurante para checar. Mamãe trabalhava lá quase todos os dias enquanto Abuela se recuperava. Claro que, na metade do tempo, Abuela ia com a mamãe, rodando em todos os lugares que ela podia chegar,

insistindo em ter certeza de que tudo estava correndo bem com seus próprios olhos. Enquanto eu estava aqui, pensei em visitar algumas lojas para mostrar meu apoio.

Eu tinha acabado de virar na calçada em frente ao Baron's quando vi Marnie, embora ela estivesse muito ocupada descarregando seu computador em uma mesa de ferro e vasculhando sua bolsa para me ver.

Fiz uma pausa, me perguntando se deveria virar e andar para o outro lado ou falar com ela. Não por mim, mas por ela. Ela teve o suficiente para lidar entre mim e Presley e Priscilla. Eu não queria que ela sofresse mais do que ela já sofria.

Eu quase alcancei sua mesa antes que ela finalmente me visse – sua expressão mudou de neutra para exagerada, surpresa demais para mascarar a miríade de emoções que minha presença havia invocado. Suas mãos pararam sobre seu laptop com um cabo de carregador em seu punho.

— Ei — eu disse estupidamente.

— Ei — ela ecoou. — Posso ajudar?

Uma risada saiu de mim.

— Eu pensei que seria mais estranho se eu simplesmente passasse sem dizer oi. Não seria a primeira vez que eu estava errado.

Ela suavizou. Sorriu. Tive um vislumbre da garota que eu conhecia e da mulher com quem me casei. A mulher com quem eu ainda era tecnicamente casado. A que eu machuquei mais do que ela jamais me machucou. Mesmo quando estávamos brigando todos os dias, mesmo quando não conseguíamos encontrar um terreno comum, mesmo quando as coisas estavam no seu pior, nunca foram tão ruins para ela como quando a deixei.

— Tem certeza que quer ser visto com o inimigo? — ela perguntou com uma sobrancelha arqueada. — Pode prejudicar sua causa.

— Tem certeza que quer ser visto sentado no Baron's? Achei que você sabia que este lugar estava na lista de proibição.

— As pessoas desta cidade podem sobreviver sem cafeína, mas não eu. Eles vão viver.

— A filha do prefeito? Já posso ver a manchete. Bem, exceto que o editor é pró-prefeito. Não sei se ele deixaria passar qualquer coisa que machucasse Mitchell.

Com isso, ela endureceu novamente.

— Por que você sempre faz isso? Você sempre encontra uma maneira de deslizar um insulto.

Eu balancei a cabeça, olhando para o chão.

— Eu sinto muito. Faz muito tempo que não tenho nada de caridoso para

dizer sobre ele. O gás lacrimogêneo não melhorou.

— Bem, confie em mim, o sentimento é mútuo. E isso não foi culpa do papai. O gás lacrimogêneo.

Eu a observei por um momento.

— Por que você sempre o defende? Não importa o que ele faça, não importa o que ele diga, é gospel.

— Além de ele ser meu pai? Talvez seja porque eu o amo e acredito nele. Sou leal assim, ao contrário de outras pessoas que conhecemos. — Ela lançou um olhar aguçado em mim.

Eu não podia discutir o golpe – Marnie sempre ficou comigo, mesmo quando eu não merecia. Aquela mistura curiosa e agitada de culpa e mágoa girou em minhas costelas.

— Às vezes ser leal não é uma coisa boa, Marnie. Veja o que eu te fiz passar, e você ficou comigo, mesmo quando eu não merecia.

De repente, a exaustão a invadiu, a luta saindo de cada membro.

— É muito mais fácil ficar brava com você do que admitir minha parte nisso. Eu não era exatamente fácil de lidar – às vezes parecia que lutar era a única maneira que sabíamos como nos amar. E é verdade... eu te amei no pior de tudo, embora no final tenha sido eu quem partiu. Portanto, não se venda a descoberto. Fui leal a você porque acreditei em você, em nós, até perceber que não mudaria nada. Sou leal ao papai porque confio nele.

— Você não se arrepende de ser leal a mim?

— Não. Aprendi demais para me arrepender. Não faz doer menos, mas não me arrependo. Eu provavelmente teria imaginado toda a minha vida o que teria acontecido se tivéssemos ficado juntos. Não sei se teria seguido em frente de outra forma.

— Você já? Seguiu em frente?

Ela deu de ombro.

— Eu comecei, eu acho. Ver você com sua família ajuda a entender que acabou. Principalmente com um instinto de sair desta cidade. Acho... acho que não queria começar de novo. Mas estou começando a ver que é a única coisa que posso fazer. Parece o mesmo para você. Presley me disse que você está indo embora.

O som do nome dela queimou como ácido no meu peito.

— Não sei o que estou fazendo.

Marnie franziu o cenho.

— Não soou como se você estivesse em cima do muro para mim. Todo mundo está em contagem regressiva para sua partida. É parte do motivo pelo qual Evan queria avançar na votação, se entendi direito.

— Você não fez isso. Deus, esta cidade e suas fofocas. — Eu a olhei. — Você disse algo para Presley?

— Só que eu não estava surpresa que você estava indo embora. É uma coisa sua.

— Eu não deixei você.

— Não, mas você já tinha me deixado quando eu finalmente disse as palavras. Você estava sempre fugindo. Você fez o que tinha que fazer, cumpriu seus deveres, depois partiu para se adequar a si mesmo. Só não sabia que havia algo grande o suficiente para fazer você mudar de ideia. Eu provavelmente deveria ter imaginado que uma criança faria isso, mas eu não acreditava que existisse um universo no qual você teria uma.

— Nem eu.

Um sorriso pálido roçou seus lábios. Ela mudou de assunto.

— Como você está se sentindo depois da marcha? Eu sinto muito. Pelo que aconteceu com você.

— Eu estou bem, apenas bravo. Seu pai conseguiu o que queria, não sei mais como podemos conseguir os votos de que precisamos.

— Goody's vai ser bom para a cidade — ela insistiu. — Você não viu os relatórios?

— Esses relatórios são adulterados. — Quando ela parecia confusa, eu acrescentei: — Você tem que saber disso.

— Eu ouvi todos os discursos, li toda a literatura. Ouvi ligações com Goody's, estive a par de algumas reuniões. Está tudo em cima da mesa.

— Fizemos outro estudo que mostra um quadro muito diferente do da Goody's. E há uma forte suspeita de que seu pai cozinhou os livros para se adequar ao seu preconceito.

— Bem, como seu estudo é imparcial?

— Porque é a verdade. Marnie, olhe para as pequenas cidades do país e veja o que acontece com elas quando Goody's chega à cidade. Imagine só por um segundo que eu estou certo. Que dentro de um ano, a Main Street seria uma cidade fantasma de lojas meio vazias. Imagine por um segundo que seu pai, em seu esforço para levar o Goody's à cidade, projetou tudo para vencer. E se ele planejasse parar nossa marcha com seu próprio comício, um que ele sabia que acabaria em uma briga?

— Ele não faria isso — ela insistiu, mas sua dúvida era inconfundível.

— Tem certeza de que ele não faria o que fosse necessário para conseguir o que queria?

Ela não respondeu.

— Eu não estou tentando virar você contra ele. Eu só quero que você se

pergunte se ele está dizendo a verdade, não apenas para você, mas para a cidade. Ele está fazendo isso por nós ou por ele mesmo?

— Ele ama esta cidade. Ele não faria nada para machucá-la.

Suspirei.

— Eu espero que você esteja certa.

Ficamos por um momento em um silêncio constrangedor antes que ela finalmente falasse.

— Bem, espero que você descubra o que fazer sobre... sobre tudo.

— Eu sinto muito. Lamento que você estivesse aqui para tudo isso, que você teve que ver isso acontecer. Sinto muito por tudo, mesmo quando éramos crianças. Eu gostaria de deixar você ir em vez de voltar para mais, sabendo que continuaríamos machucando um ao outro.

— Não foi só você. Eu te amei. Te amo. E isso me fez estúpida o suficiente para continuar esperando que um dia você mudasse de ideia. Que um dia, você olharia para mim como você olha para ela. E isso foi minha culpa tanto quanto foi sua. Eu poderia muito bem estar esperando a gravidade reverter. — Ela riu tristemente. — Mas essa foi a minha lição a aprender. Qual foi a sua?

Eu pensei por um momento, vasculhando o atoleiro das minhas emoções antes de agarrar um pensamento preocupante.

— Que eu não posso me forçar a um lugar que eu não pertenço.

Mais uma vez, ela estava sorrindo daquele jeito triste e melancólico que doía tanto. Eu me preparei para lamber minhas feridas – eu as merecia.

— Bem, eu tenho algum trabalho a fazer...

— Claro. Desculpe atrapalhar você — eu disse, dando um passo para trás. — Eu te vejo por aí.

— Nesta cidade, provavelmente mais cedo ou mais tarde.

E com acenos e sorrisos educados, eu me afastei.

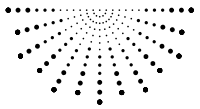
O sol pintou a calçada por entre as árvores, e eu caminhei pela sombra, observando os prédios familiares, rostos e sons.

Não posso me forçar a um lugar ao qual não pertenço.

E esse era o meu problema. Eu não sabia onde eu pertencia.

Não mais.

26
MOODY BLUE



PRESLEY

O sorriso no meu rosto era uma besteira extraordinária.

Abri caminho pelas mesas com uma jarra de café, sorrindo para todos, até mesmo para os idiotas vestindo camisetas do *Vamos Crescer*, que não conseguiam ficar longe do Bettie's mesmo com o boicote em vigor.

Meu último dia na casa de Bettie mal havia começado e, embora eu tivesse tanto para estar feliz, meu sorriso continuaria sendo o último nível de falsidade.

Só porque eu deveria estar feliz não significava que eu estava *realmente* feliz. Na verdade, eu estava infeliz.

Havia centenas de clichês para referência. *Nada na vida vem fácil. Nada se consegue sem trabalho. Tudo tem um preço.* E eles estavam certos. No grande equilíbrio cármico do universo, não existia um evento totalmente bom. Sempre houve um lado sombrio, sempre um custo. Sempre um sacrifício.

Desta vez, eu me perguntei se o preço não era muito alto.

Era a coisa certa a fazer, sair e voltar para a Califórnia. A coisa responsável. Eu poderia sustentar minha família, e isso era realmente a única coisa que importava no final. Se eu ficasse aqui, continuaríamos lutando. Se saíssemos, isso teria fim.

Tudo o que eu tinha que fazer era desistir da minha felicidade pessoal.

A verdade era que aquele navio havia partido de qualquer maneira. Sebastian só havia falado comigo para transmitir o que era necessário para ser pai de nossa filha. Como de costume, evitamos discutir a custódia, que tomei como permissão para sair com Priscilla até segunda ordem. Até onde eu sabia, ele ainda não tinha decidido o que fazer. Mas eu não era exatamente a primeira pessoa que ele contaria. Não mais.

Pela oitava milésima vez, lembrei a mim mesma que era o melhor. Sebastian e eu éramos uma fantasia que tinha seguido seu curso. Mesmo se eu tivesse assumido demais, eu não via como eu tinha outra escolha. Eu não deveria ficar aqui por Sebastian mais do que ele deveria ficar aqui por mim.

Tinha acabado. E eu continuava dizendo a mim mesma que isso era o melhor, até eu acreditar, mesmo que acabasse sendo o epitáfio da minha lápide. *Aqui jaz Presley Hale. Foi para o melhor. Não, sério.*

Partiríamos em apenas alguns dias, após a votação da cidade no Goody's. Nós atualizamos nossas licenças e nos registramos para votar quando nos mudamos para cá – foi apenas alguns meses atrás? Parecia que uma vida inteira havia se passado, então decidimos ficar para que pudéssemos somar nossas vozes à causa. Amanhã de manhã, votaríamos. E dois dias depois disso, acordaríamos e iríamos para o oeste.

Mas eu não queria deixar este lugar para trás, com ou sem emprego. Eu simplesmente não conseguia ver como eu tinha outra escolha. Nem poderia imaginar viver nesta cidade sem Sebastian. Ou pior, com ele aqui, me odiando.

Egoisticamente, eu esperava que ele simplesmente fosse embora, não apenas para justificar tudo o que aconteceu, mas para me poupar de mais arrependimentos por ele. Era mais fácil aguentar o rompimento se ele estivesse a um trilhão de quilômetros de distância. Saber que ele estava aqui na cidade que eu passei a amar era demais para suportar. Especialmente depois de fazer o meu melhor para estragar tudo. Sem mencionar como lidaríamos com a custódia. Eu nunca estive longe de Priscilla por mais de uma noite. Mandá-la para o Texas por um verão inteiro? Para o Natal? Meu estômago revirou com o pensamento.

Talvez eu fosse tão autodestrutiva quanto ele me acusou de ser. Talvez eu quisesse isso o tempo todo. Talvez o pensamento de realmente tentar um relacionamento me aterrorizava depois de uma década fantasiando sobre o que poderia ter sido. Talvez eu estivesse com medo de falhar, e ao tentar evitá-lo, eu o instigava.

— Se você sorrir mais forte, você pode acabar quebrando algo em seu rosto — disse Aggie, olhando para mim enquanto eu andava atrás do balcão para carregar uma bandeja com torta. Às sete da manhã, porque os texanos não tinham regras.

— Finja até conseguir, certo?

Ela me deu um olhar.

— Quem compra esse sorriso precisa acordar.

— É cedo, e — eu me inclinei — não conte a ninguém, mas estou servindo a todos eles descafeinado.

Isso me rendeu uma risada.

— Deus, este lugar vai ser uma droga sem você.

— Cuidado, Aggie — Bettie disse atrás dela. — Você vai dar um complexo a uma velhinha.

— Vou sentir saudades de vocês.

Aggie fez beicinho.

— Vocês tem que parar de dizer isso.

— Não se preocupe. Eu voltarei. — *Eventualmente. Quando não doer tanto.*

— Por favor, você vai estar tão ocupada vivendo sua melhor vida, você nem vai pensar em nós novamente — disse Aggie.

Abri a boca para argumentar quando a porta do restaurante se abriu tão violentamente que metade do restaurante olhou na direção do movimento.

Minhas primas voaram com os braços cheios de papéis e sorrisos loucos em seus rostos.

— Extra, extra, leia tudo sobre isso — Jo chamou, acenando com um papel no ar enquanto suas irmãs andavam pela sala de jantar batendo papéis em todas as mesas.

— O que diabos? — Aggie disse com as sobrancelhas juntas.

Jo nos apressou com aquele sorriso maluco no rosto e ergueu a primeira página.

— Olha quem foi pego mentindo?

A capa do jornal tinha uma manchete que nos deixou de queixo caído.

A VERDADE SOBRE O PREFEITO MITCHELL

Peguei o jornal, e Bettie e Aggie se inclinaram para ler de cada lado meu.

O artigo relatava não apenas o estudo econômico que Mitchell havia usado para influenciar a cidade, mas o estudo real que ele pressionou a empresa a adulterar, de acordo com a série de e-mails que eles imprimiram como prova. Tudo foi fornecido anonimamente, as informações supostamente adquiridas de um hack no e-mail de Mitchell. E o que eles encontraram foi condenatório.

O jornal também havia publicado o estudo que o amigo de Sebastian havia elaborado, que se alinhava perfeitamente com o estudo original que Mitchell havia financiado.

O restaurante murmurou em um tom tenso e sombrio. Mitchell havia mentido para eles. Ele adulterou os dados para distorcê-los quando a verdade era que a infiltração do Goody não ia beneficiar a cidade, iria nos enterrar.

E a votação era amanhã, cedo demais para Mitchell refutar.

O que significava…

— Oh meu Deus. Nós temos uma chance — Aggie respirou.

— Como isso passou por Mitchell? — Perguntei Jô.

— Quem sabe? Quem se importa? Acho que no final das contas, o jornal não

vai ignorar fatos frios e duros, mesmo que gaste tanta energia girando coisas a favor de Mitchell. Isto? Isso é irrefutável. Ele mentiu, e agora todo mundo sabe.

Bettie pegou o papel e aproximou-o do nariz.

— E eles vão ficar chateados. — Uma risada seca e áspera escapou dela. — Oh, queria ver o rosto de Mitchell. Aposto que aquele filho da puta arrebenta um vaso sanguíneo no olho.

Mas Jo sorriu para mim.

— Temos uma chance.

Meu sorriso se alargou.

— Temos uma chance.

Poppy foi até o balcão.

— Se importa se deixarmos essa pilha de papéis aqui, Bettie?

— Seja meu convidado. Garantiremos que cada mesa tenha um.

— Podemos desenhar bigodes na foto dele? — Aggie implorou.

— Não — respondeu Bettie —, mas você tem minha total permissão para rabiscar todos os pintos que quiser. — Quando caímos na risada, ela deu de ombros. — Não adianta fazer pela metade. Se o pastor Coleburn perguntar, nos fingimos de burros. Entendeu, meninas?

— Aye-aye, capitão! — disse Aggie com uma piscadela e uma saudação. E então ela puxou um punhado de canetas de seu avental e as distribuiu para minhas primas. Rindo, eles se debruçaram sobre os jornais e começaram a trabalhar.

Eu balancei minha cabeça, rindo enquanto puxava fatias de torta para minha mesa.

— O que, sem paus para você? — Betty perguntou.

— Alguém tem que trabalhar por aqui, certo?

Ela me observou por uma batida.

— Nós vamos sentir sua falta por aqui, garota.

— Eu vou sentir sua falta também — eu disse com meus olhos nas tortas. Eu teria chorado se eu olhasse para ela.

— Não me refiro apenas aqui no restaurante. Esta cidade vai sentir sua falta, de Cilla também.

— Oh, você fez isso tão bem sem mim. Acho que você vai sobreviver muito bem.

— Claro. Mas sobreviver e ser feliz não são exatamente a mesma coisa, são?

Quando eu engoli o nó na minha garganta, ela continuou.

— Às vezes, erroneamente os consideramos iguais. Olhamos para as coisas de que precisamos – dinheiro, abrigo e coisas do gênero e presumimos que ter essas coisas nos fará felizes. Mas sobreviver e viver não são a mesma coisa.

Acho que esquecemos disso, de vez em quando. Geralmente quando é mais importante.

— Nós não estamos realmente falando sobre servir mesas, estamos?

— Claro que não. — Ela sorriu para mim com lábios rosa-choque. — Apenas saiba que estamos aqui se você mudar de ideia.

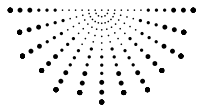
— Meu trabalho?

Ela deu um tapinha na minha mão.

— Isso também.

E com uma piscadela, ela se virou para o grupo de meninas amontoadas sobre o jornal e pediu uma caneta.

27
RETURN TO SENDER



PRESLEY

A cidade compareceu em massa à votação do Goody's no dia seguinte, tantos que, quando as urnas abriram, havia uma fila esperando do lado de fora da escola com cem pessoas. Priscilla e eu havíamos esperado nossa vez – eu desisti de trabalhar na votação como uma galinha para não ter que passar um dia longo, difícil e estranho com Sebastian. Mamãe tinha tomado meu lugar sentada na mesa de processamento na entrada com Daisy e Dottie. Poppy dirigia o tráfego, Jo policiava as cabines, distribuindo adesivos *Eu Votei*. Mas eu não vi Sebastian e me perguntei onde ele foi parar. Talvez ele tenha assumido um cargo diferente sob o mesmo pretexto que eu adotei.

De qualquer forma, eu me senti aliviada. E triste. E uma dúzia de outras emoções que estavam muito emaranhadas para descobrir o que era o quê.

— Ok, agora aperte esse — eu disse a Priscilla, e com muito cuidado, ela apertou o botão na tela final da cédula. — Bom trabalho, joaninha! Obrigado por ajudar a mamãe a votar.

— Posso ter um adesivo agora?

Eu ri e a peguei, beijando sua testa.

— Sim, você mereceu.

Saímos da cabine, e Priscilla se contorceu para fora dos meus braços como um salmão, cobrando de Jo por um adesivo.

Eu o senti antes de vê-lo na fila com sua mãe e Abuela, que tinha um andador novo e brilhante com um assento nele. Seu olhar pesava mil quilos, me enfiando no chão como um prego de ferrovia.

Quando Priscilla o viu, ela gritou *papai!* alto o suficiente para fazer todos no ginásio pularem, e não havia nada que eu pudesse fazer além de correr atrás dela,

pedindo desculpas enquanto eu ia.

Quando cheguei a eles, ela estava mergulhada em uma recontagem de sua experiência de votação que envolvia apontar com frequência para seu adesivo premiado. Ele escutou com uma espécie de êxtase divertido, cuja visão parecia como outro martelo caindo, me batendo na terra.

— Presley — Mercedes disse docemente, abrindo os braços para um abraço que foi longo e quente e um pouco triste.

— Oi, como vocês estão?

— *Vente aquí* — Abuela comandou, um braço para cima e a mão me sinalizando para abraçá-la também.

— Oi, Abuela.

— Olá, *mija* — ela disse, então acrescentou para que só eu pudesse ouvir — *Entiendo, es complicado, pero está bien.* Ok? Nós te amamos *para siempre*. Sempre, sempre.

Minha garganta travou, meu nariz queimando.

— Vou sentir sua falta.

Ela me apertou um pouco mais.

— Não tanto quanto sentiremos sua falta, *cariño*.

Ela não me soltou até que eu o fiz. Se eu tivesse aguentado um segundo a mais, eu teria me perdido bem ali na frente de todo mundo.

Mercedes sorriu daquele jeito que tornava impossível não sorrir de volta.

— Cilla ainda pode passar a noite hoje? Se ela não estiver muito cansada de votar, é claro. — Ela curvou o dedo para fazer cócegas em Priscilla.

— Eu não estou cansada — disse ela rindo. — Podemos brincar na piscina?

— Claro — respondeu Mercedes. — Talvez possamos convencer o papai a brincar também.

— Nasci pronto — disse ele com um sorriso próprio, embora tocado de saudade.

Tudo sobre o momento doeu.

Sebastian e eu ainda não tínhamos feito contato visual.

— Você sai em dois dias? — perguntou Abuela.

Eu balancei a cabeça.

— Você decidiu quando irá voltar? — Mercedes perguntou, tentando mascarar sua esperança.

— Em breve, eu acho. Talvez no natal? Com o meu novo emprego, devemos ter dinheiro para voar. Vou ter férias pagas e tudo. Eu mal posso acreditar — eu disse com uma pequena risada.

— Parece perfeito — disse Mercedes. — Estamos tão felizes por você e Birdie. Você está animada para voltar para a Califórnia?

Honestidade não era uma opção – só deixaria todos desconfortáveis e tristes ao me ouvir dizer que eu não estava nada animada, e exigiria muito mais explicações do que eu tinha energia emocional para ficar na fila de um ginásio.

Então eu coloquei meu sorriso falso de garçonete e disse:

— Eu estou. Vocês todos terão que vir para a fazenda quando Abuela tiver se recuperado. É lindo lá, e há muito o que fazer. Não é, Cilla?

Ela assentiu com um sorriso no rosto.

— Há galinhas, vacas e cabras! De pijama!

Todos riram, menos Sebastian e eu.

— E o irmão e a irmã de Elvis moram lá também! Brincamos com o cachorrinho. E a Lívia me dá piulitos.

— Você é um disco quebrado, garota — eu disse, não querendo mais falar sobre ir embora. Quando estendi minhas mãos para ela, ela agarrou Sebastian pelo pescoço como um macaco com um beicinho magnífico no rosto.

— Eu não quero.

Minha boca se abriu enquanto eu lutava pelo que dizer e não tinha nada.

— Ela pode ficar conosco, se estiver tudo bem para você — disse ele. E pela primeira vez desde que chegamos, nossos olhares se encontraram.

Por um segundo, perdi minha capacidade de lógica ou razão, varrida para o negro profundo de seus olhos e deixei-me afogar. Em momentos como este, tudo era simples. Cada escolha era fácil. Eu fui feita para ele, e ele foi feito para mim. Simples assim.

Mas a verdade é que nós complicamos tudo, estragando tudo com o que parecia ser uma besteira sem sentido. Se eu pedisse para ele ficar, seria tarde demais? Se eu dissesse a ele que não queria ir, ele me aceitaria de volta? Se eu dissesse a ele que o amava, isso resolveria tudo?

O dano que eu fiz rastejou por trás de seus olhos, fechando nossa conexão como uma porta de aço.

Eu respirei o suficiente para dar um tapa no sorriso de volta.

— Claro, ela pode ficar. Que tal eu fazer uma mala e deixá-la mais tarde?

Ela saltou em seu quadril descontroladamente o suficiente para influenciá-lo.

— Yay! Não se esqueça das bóias, mamãe — ela comandou como se fosse minha mãe.

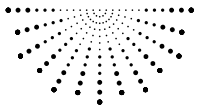
— Sim, senhora — eu respondi com uma piscadela e uma saudação. E, precisando dar o fora dali, me afastei, me despedindo, fazendo Priscilla prometer ser boazinha e obedecer.

Enquanto eu caminhava para minha caminhonete, mentalmente arrumei sua bolsa de natação, listando tudo o que ela precisaria para passar a noite e nadar, bóias incluídas. Não poderia nadar sem isso.

Eu só queria ter algo para me manter à tona também.

28

FOR THE HEART



SEBASTIAN

A fogueira crepitava no meio de um dos pastos abertos de Wyatt, e acima de nós havia um bilhão de estrelas, captando toda a alegria flutuando em sua direção.

Após a votação de hoje, foi anunciado por volta das nove que havíamos vencido.

Metade da cidade estava aqui, e cem por cento deles estavam bêbados, até mesmo o Sr. Advogado Engomado Evan, que raramente era conhecido por participar. Esta noite, ele estava completamente bêbado e tomando sua vez com barris, como um garoto de fraternidade.

Sentei-me no meu porta-malas assistindo a festa das margens. O alívio era palpável – havíamos evitado a derrota na última hora e ninguém sabia quem era o/os informante do jornal. Tudo o que sabíamos era que tínhamos uma dívida de gratidão com eles por nos ajudarem a impor uma decisão que limitaria a capacidade das lojas, mantendo qualquer loja nos limites de nossa pequena cidade. Evan nos avisou que eles provavelmente tentaram ir às cidades vizinhas para fazer campanha por sua loja, mas ele já tinha um plano de divulgação que possivelmente pararia a megaloja antes que eles colocassem seus ganchos em outra cidade.

Houve um chamado para derrubar Mitchell, mas não havia força suficiente para a ação. Ainda não, pelo menos.

Eu deveria estar feliz. Eu deveria estar comemorando. Mas eu não estava bebendo por diversão. Eu estava bebendo para esquecer.

Não estava funcionando.

Não depois de passar o dia com Priscilla, jogando-a na piscina, sabendo que

nosso tempo estava quase acabando. Não a colocando na cama, lendo uma história para ela, gerenciando as meias dúzias de vezes quando ela saía de seu quarto com a roupa trocada.

Não quando cada segundo que passei com Priscilla me deixou com saudades de Presley. Mas o que foi feito foi feito. Ela estava partindo, correndo atrás de seus sonhos. Fugindo daqui. Para longe de mim.

Talvez eu fosse fazer o mesmo. Se eu fosse infeliz, poderia muito bem estar na África, onde eu poderia fazer algum bem de verdade.

Wyatt apareceu com um par de copos descartáveis em suas mãos enormes. Ele estendeu um quando chegou até mim e se sentou ao meu lado.

— Por que você está fazendo beicinho aqui sozinho?

— Fazendo beicinho?

— Eu não sei como você chama isso. — Ele gesticulou para mim com a mão que estava bebendo.

— Um cara não pode observar?

— Bem, claro. Exceto que você está fazendo beicinho enquanto faz isso.

Eu ri e tomei um gole com meus olhos ainda na multidão.

— Você está procurando por ela?

Sim.

— Não.

— As meninas Blum estão aqui. Se ela estivesse vindo, ela estaria com elas.

— Eu sei.

Ele ficou quieto enquanto observamos a fogueira queimar a lenha.

— Você decidiu o que vai fazer?

— Não.

— Acho que se você está tendo tanta dificuldade para decidir, não há resposta errada.

— Sempre há uma resposta errada.

Ele rolou um ombro gigantesco.

— Nah, há apenas o que você escolhe fazer e o que você faz depois. Não pode errar a menos que você não aprenda nada com isso.

— Você tem isso dentro de uma tampa de Snapple?

— Chocolate Dove.

O riso retumbou fora de mim. Mas meu sorriso caiu quase imediatamente.

— Ela está partindo em alguns dias.

— Eu sei. Eu vou à festa dela. Você vai?

— Eu também não sei. Sinto que deveria por Cilla, pelo menos.

Ele bufou e tomou um gole.

— Certo. Ela é a única que você deve procurar.

Eu atirei-lhe um olhar.

— O que você quer que eu faça?

Ele me deu um olhar de volta, um olhar duro e crítico.

— Pare de ser um idiota, para começar. Vocês estão me deixando louco.

— Perdoe-me pelo inconveniente — eu zombei.

— Deixe de ser um bebê. Você realmente vai deixá-la ir sem dizer a ela o que sente por ela? Ou o que você quer?

— Como você sabe o que eu quero? Eu nem sei o que eu quero.

— Eu gostaria de ter preferido mulheres, elas são mais inteligentes que nós.

— E elas cheiram melhor.

— Amém. — Ele ergueu a bebida e tomou outro gole. — E sim, você é tão misterioso quanto a matemática da segunda série neste caso. Você a ama e não quer que ela vá. Eu não entendo o que é tão difícil sobre isso.

— Você está certo, é tão simples. Obrigado, Wyatt. Eu não tinha pensado sobre isso. Vou ligar para ela agora, esclarecer tudo.

— Bom.

— Não, não é nada bom, idiota. É muito complicado. Não posso pedir para ela ficar.

Seu rosto contorceu.

— Claro que você não pode. Mas o que está mantendo você aqui?

Eu pisquei, cambaleando para trás em surpresa. Eu estava preparado para partir até Presley e Priscilla. Sem elas, não havia nada que me prendesse aqui. Quando ela partisse, este lugar seria um buraco negro de lembranças. Eu teria que sair daqui ou correria o risco de desaparecer com todo o resto de minhas esperanças e sonhos.

Porque essas esperanças e sonhos tinham mudado.

Eram agora para Presley e Priscilla.

E, se elas fossem embora, eu poderia segui-las.

— Aí está — disse Wyatt, balançando a cabeça para a lua com uma risada. — Você deveria ver seu rosto estúpido agora.

Eu bati no fundo de seu copo de plástico, e ele virou magnificamente antes de aterrissar na grama.

— Caralho — disse ele sem rodeios.

— Isso vai ensiná-lo a não me chamar de estúpido.

— Ei, eu chamo como eu vejo. Assim como qualquer pessoa com dois olhos e um cérebro entre as orelhas pode ver que vocês idiotas estão apaixonados e ansiando um pelo outro como se não pudessem ter o que querem. Você só precisa se superar e dizer o que quiser em vez de ficar brincando, esperando que o outro leia sua maldita mente. Ela não é psíquica.

— Nem eu. Eu nem sei se ela quer que eu fique.

Mais uma vez, ele colocou um olhar de cara feia em mim.

— Pare de ser estúpido, estúpido.

Fiz menção de socá-lo no braço, mas ele se esquivou e roubou minha cerveja, me empurrando enquanto bebia. Ele então arrotou alto o suficiente para que eu sentisse o estrondo no metal da porta traseira.

— Com licença. — Ele bateu no peito com o punho fechado e arrotou novamente, desta vez com a boca fechada. — A questão é que você a ama, certo?

Um choque quente de dor partiu meu coração.

— Sim — eu admiti.

— E você quer dar uma chance?

Comecei a listar as razões pelas quais eu estava bravo com ela, mas ele me desligou.

— Foda-se tudo isso. Você quer estar com ela. Porque você a ama. E você ama Cilla. Então, seja qual for a porra que você acha que é o problema, não é isso. Seu único problema é ser teimoso demais para se animar e fazer o que precisa ser feito.

— E em sua sábia sabedoria, o que precisa ser feito, oh sábio?

— Diga a ela que você a ama, idiota. E então vá com ela. Quero dizer, se ela não te odeia. Mas ela não odeia.

— Como você sabe?

Ele apontou para os olhos, depois bateu na têmpora.

— Eu tenho estes. Diferente de você.

— Então você não acha que eu deveria ir embora?

— Você não quer ir, você quer fugir e lamber suas feridas em um deserto africano, sendo comido por mosquitos. — Quando eu ri, ele continuou: — Sério – se você precisa de tantas doses para ir a algum lugar, você pode pensar exatamente por que você quer ir para lá. Prefiro ficar em lugares que não estão tentando me matar.

Antes que eu pudesse responder, Manny atravessou a multidão e caminhou em nossa direção com um grande sorriso no rosto.

— Ei, queria saber onde você foi — Manny disse enquanto se aproximava.

Wyatt quase derreteu em gosma ao vê-lo.

— Tive que vir por um pouco de bom senso no cérebro de minhocas aqui.

— Ah — Manny começou. — Presley?

— Quem mais? — Wyatt saltou da porta traseira e pulou em Manny. — Bastian aqui acha que não sabe o que quer.

Manny começou a rir.

— Sério? Eu pensei que ele estava apenas sendo teimoso.

— Eu ainda estou sentado aqui, para sua informação — eu notei.

— Nós vemos você — disse Wyatt sem olhar para mim. — E teimosia tem algo a ver com isso. Em ambos os casos. — Ele se mexeu para me reconhecer com contato visual. — Você é o idiota que não disse a ela que queria ficar. Você deixou toda essa merda na sua cozinha sabendo que ela estaria por perto. O que você achou que ia acontecer? — Comecei a responder, mas ele me interrompeu. — Deixa para lá. Não quero nem saber que bobagem você imaginou. O fato é que você poderia ter evitado tudo isso.

— Então e ela? Ela nunca me disse que queria que eu ficasse.

— Oh, besteira. O que você quer, um convite formal? Não cabe a ela arrastá-lo para um compromisso, cabe a você insistir nisso. Ouça, não estou dizendo que ela também não é uma idiota. Só que você pode ser o único a consertar tudo. Você salvou a cidade, filho da puta. Agora economize um pouco de mágoa e diga a Presley que você a ama antes de perdê-la.

Eu não queria admitir que ele estava certo. Que eu estava errado. Que poderia ser tão fácil. Mas pela primeira vez, realmente me ocorreu que eu poderia *detê-la*. Que eu poderia acabar com minha dor – e dela, se ela me quisesse – com um punhado de palavras.

Eu não quero que você vá.

Eu quero estar onde você está.

Eu te amo. Eu sempre te amei.

Tudo que eu tinha que fazer era perdoá-la, e eu poderia ter tudo o que quisesse.

Eu já a havia perdoado? Eu estava tentando me convencer do contrário para tornar a ideia de sua partida mais palatável? Era mais fácil ficar bravo, vilanizá-la do que enfrentar a perda dela. Assim como ela assumiu que eu estava saindo, eu assumi que ela também estava.

Wyatt estava certo.

Eu era um idiota.

Manny riu, passando o braço pela cintura de Wyatt.

— Ah, olhe para o rosto dele. Ele descobriu.

— Ele continua fazendo isso — observou Wyatt.

Eu estava sem coisas para jogar, então eu o derrubei em vez disso.

— Vá em frente, diga-me que estou certo.

— Você tem razão. Sente-se melhor?

Ele alisou a frente de sua camiseta e estufou o peito.

— Eu realmente sinto. — Ele se virou para Manny. — Vamos, eu preciso de uma bebida. Algum idiota arruinou a minha.

— Bem, você arruinou a noite, então acho que estamos quites — eu disse.

— Você quer dizer resgatou. Agradeça-me mais tarde — ele falou por cima do ombro enquanto eles se afastavam.

Meus pensamentos se voltaram para dentro, meu cérebro disparando eletricidade para lugar nenhum e em todos os lugares. Lutei contra a vontade de dirigir até lá agora mesmo, arrastá-la para fora da cama e contar tudo a ela. Como eu me sentia, o que eu queria.

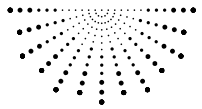
Mas eu poderia fazer melhor.

Então eu pulei do porta-malas e fui para as irmãs Blum.

Porque eu ia precisar da ajuda delas.

29

A LITTLE LESS CONVERSATION



PRESLEY

Eu estava embaixo de uma faixa gigantesca que dizia *Bon Voyage* com uma bebida na mão, meu sorriso de garçonete no rosto e um coração partido no peito.

O tema da festa no iate tinha ido bem – fiquei surpresa com quantas pessoas em Lindenbach possuíam chapéus de capitão de iate. Havia uma tonelada de branco, uma tonelada de trajes de barco e decoração temática suficiente para deixar a Party City com inveja.

Priscilla estava vestida com um vestidinho de marinheiro que aparentemente tinha sido usado por todas as minhas três primas, uma vez. Elas fizeram o cabelo dela em um coque baixo para combinar com o meu, e usaram spray de cabelo suficiente para que eu levasse um mês para lavá-lo do cabelo. Mas até agora, ela estava dando voltas entre os convidados, e nem um único fio de cabelo estava fora do lugar.

Minhas pulseiras de ouro – que combinavam com a reluzente alça dourada do meu top sob o casaco de capitão branco pendurado em meus ombros – tilintavam quando bebi uma taça de champanhe e mudei meu peso, desejando não ter usado saltos. Mas minhas calças brancas de cano longo eram muito longas para qualquer coisa com menos de sete centímetros de salto, e para ser honesta, minhas pernas tinham um quilômetro e meio de comprimento na roupa.

Infelizmente, o único homem que eu gostaria que me visse nelas não estava aqui.

Eu o convidei, em parte por cortesia à nossa filha, mas principalmente porque queria vê-lo. Muito tinha sido deixado sem dizer. Muita dor viveu entre nós. Eu queria outra chance de me desculpar, de sair com uma nota melhor. Mas

ele não respondeu. E à medida que a festa avançava, minha esperança de que ele aparecesse se desvaneceu.

Então eu sorri. Abri o caminho entre os convidados, conversei e fiz piadas e prometi a todos que os veríamos novamente em breve. Priscilla estava alheia – ela sabia que estávamos indo embora, mas não tinha percebido. Eu esperava pelo menos que Sebastian viesse se despedir e sabia que ele viria. Embora eu duvidasse que isso aconteceria aqui, tão publicamente. Ele viria quando pudesse vê-la sozinha.

Meu coração afundou um pouco mais quando verifiquei meu telefone para encontrá-lo sem novas mensagens.

Quando vou vê-lo novamente? Será que algum dia ficaremos bem?

Eu queria acreditar que as respostas seriam o que eu queria ouvir, mas não conseguia reunir energia para ter esperança.

Bettie caminhou até mim, lábios vermelhos sorrindo. Ela usava calças boca de sino brancas de cintura alta e uma camisa de gola canoa listrada em preto e marinho que fazia seus seios parecerem incríveis. Seus grandes óculos eram tão vermelhos quanto seus lábios.

— Saúde, cookie — ela disse, levantando seu copo para tilintar contra o meu.

Tomamos um gole enquanto ela se movia para o meu lado, nós duas observando a multidão.

— Odeio ver você ir — Bettie começou.

— Odeio ir embora.

— Claro que não há nada que possamos fazer para que você fique? Você nunca esteve de olho na gestão do restaurante, não é?

Uma risada.

— Infelizmente não.

— Bom. Esse trabalho é uma merda.

Eu bufei uma risada.

— Estou feliz por você, estou. Mas eu gostaria que as coisas fossem diferentes.

— Então somos duas.

Ela olhou para mim brevemente.

— Ele ainda não ligou?

Eu balancei minha cabeça e tomei um gole.

— Hum. Bem, ainda há tempo.

— Eu nunca tomei você como otimista, Bettie.

— Só quando se trata de amor. Estou desesperada assim. — Quando eu não falei, ela continuou. — Você nunca adivinharia, mas eu estou aqui há muito

tempo.

Quando eu ri, ela sorriu.

— Eu vi o amor ir e vir. Às vezes é fácil, às vezes não. Eu vi você e Sebastian se amarem por dez anos, oh, não olhe para mim assim. Claro que eu sei que você o ama. Todo mundo sabe que vocês dois foram feitos um para o outro.

Silenciosamente, engoli minha surpresa logo após o champanhe.

— Eu vi ele e Marnie também. Na verdade, eu vi esta cidade inteira crescer, se apaixonar, ter bebês, e testemunhei seus bebês crescerem e se apaixonarem. Eu desejei por muito tempo que vocês acabassem aqui, que um dia, o momento funcionasse para vocês dois. E agora aqui está você.

— Exceto que o momento não deu certo. Estamos condenados, Bettie.

— Oh, eu não teria tanta certeza sobre isso.

Minhas sobrancelhas se juntaram, mas antes que eu pudesse responder, os convidados murmuraram, movendo-se em direção à porta da frente. Estiquei o pescoço, mas não consegui ver o que chamou a atenção deles.

Minhas primas abriram caminho até mim, sorrindo como se soubessem de alguma coisa. Uma agarrou cada braço, e uma terceira se moveu atrás de mim para me empurrar.

— Que diabos?

— Não faça perguntas — Jo disse. Daisy deu uma risadinha. Os lábios de Poppy estavam franzidos em uma tentativa de parar o que parecia ser um sorriso imparável.

Poppy roubou meu champanhe e o colocou em uma mesa quando passamos. Na nossa frente, a multidão se separou enquanto eu era puxada em direção à porta da frente aberta. Mas eu não conseguia descobrir o que estava lá fora. Eu vislumbrei um trailer e fibra de vidro branca… um barco?

Confusa, eu fui puxada em direção ao sol, momentaneamente cega. Levantei uma mão para proteger meus olhos.

— Não entendo o que…

Meus olhos se ajustaram, minha mão caiu com meu queixo – não para o iate em frente à casa. Não para a faixa que dizia ‘*Come Sail Away*.’ Mas ao ver Sebastian Vargas com um terno branco de capitão de pé no convés com um sorriso tão brilhante, eu quase tive que proteger meus olhos novamente.

— Papai! — Priscilla gritou do quadril de minha mãe.

— O que... o que você está fazendo? — Eu perguntei a ele com uma risada. Como eu poderia não estar com ele com aquele terno estúpido? Não fazia sentido que ficasse tão bem nele. Não fazia sentido nenhum.

Nada fazia.

Ele foi até a escada e me ofereceu a mão.

Eu pisquei. Olhei à minha volta. Saltei para frente quando Jo me empurrou. Recebi uma mão de Wyatt, que primeiro me ajudou a entrar na caravana, depois me agarrou pela cintura e praticamente me jogou para cima da escada. Meu coração bateu – em parte por medo de que eu estivesse prestes a quebrar meu pescoço tentando subir uma escada de barco de saltos altos – e um momento depois, Sebastian estava me arrastando para o convés.

Um puxão, e eu estava rente a ele.

— Por favor, me diga que você não me comprou um barco — eu brinquei, porque nada disso poderia realmente estar acontecendo.

— Eu tenho caviar e Steely Dan também. — Seu sorriso se inclinou, seus olhos escuros travessos.

Eu balancei minha cabeça para ele, confusa com nossa proximidade, por suas mãos na minha cintura, por aquele olhar em seus olhos.

— O que é isso, Bas?

Uma pausa enquanto ele olhava para mim.

— Há muito que não dissemos, muito que evitamos, e veja onde acabamos? Sem o outro. Não é isso que eu quero. É isso que você quer?

Eu balancei minha cabeça. Minha língua era inútil.

— Então este sou eu lhe dizendo que não quero dizer *bon voyage*. Presley, estive esperando por você toda a minha vida. Eu estava esperando por *isso*. Eu vivi para os tempos em que você era minha, desejando poder ficar com você. E agora finalmente tenho a chance, uma chance que não vou deixar escapar. Uma chance que significa mais do que nunca, porque agora tenho uma chance de tudo o que sempre quis e pensei que não poderia ter. Partir não é uma opção – nunca foi.

— Deixando Lindenbach?

— Deixando *você*. Se você está velejando, eu vou com você. Onde quer que você esteja, é onde eu quero estar. Eu te amo. Eu te amei desde o primeiro segundo em que te vi.

Chocada demais para acreditar que ele estava aqui, me dizendo que me amava bem aqui em um iate que ele teria alugado, continuei fazendo piadas.

— Tem certeza que não foi pelo meu biquíni que você se apaixonou?

Um sorriso inclinado.

— Isso não doeu. Mas foi você. Sempre foi você. Diga-me que não estou atrasado. Diga-me que ainda há uma chance para nós. Desculpe não ter lhe contado desde o início, mas eu... eu não sabia se você me queria para sempre. Mesmo agora, estou jogando. Você ainda pode me dizer que nunca me quis, não vai ser estranho.

Uma risada escapou de mim.

— Estranho? Você percebe que todos estão filmando isso, certo?

Ele olhou por cima da borda.

— Devemos dar a eles um show de verdade? — Quando nossos olhares se encontraram novamente, sua mão segurou minha mandíbula. — Diga-me que você me ama, Presley. Diga-me que posso ter você e te darei tudo. Diga a palavra, e eu te seguirei em qualquer lugar.

— E quanto ao Corpo da Paz? — Eu perguntei, ainda com medo de acreditar. — Que tal salvar o mundo?

— Ajudei a salvar esta cidade e isso salvou as pessoas que amo. Não consigo imaginar nada mais importante do que isso. Do que você e Cilla.

A verdade do momento afundou em mim, em meus membros, em meu coração, aquecendo-o como um pavio quente. Ele estava aqui, bem aqui, me prometendo o que eu sempre sonhei. E não havia escolha a fazer. Porque eu não queria estar em qualquer lugar que ele também não estivesse.

Eu me perdi na escuridão infinita de seus olhos enquanto a última das minhas preocupações balançava ao vento.

— Tem certeza? — Eu perguntei gentilmente, baixinho, com medo de que ele caísse fora.

— Nunca tive tanta certeza de nada, não em toda a minha vida.

Soltei a corda do meu medo e deixei o vento levá-la embora.

— Então você está com sorte, eu também te amei desde aquele dia no rio. Embora minha inclinação fosse *definitivamente* sobre seus calções de banho molhados. — Quando ele riu, eu enrolei meus braços ao redor de seu pescoço. — Desculpe por não ter confiado em você.

— Houve momentos em que eu não te dei um motivo real para isso. Achei que estava fazendo o que você queria, então mantive minha boca fechada quando deveria estar dizendo que não queria ficar sem você. Nem agora, nem nunca. Posso ir com você para a Califórnia?

— Claro, mas...

O medo brilhou atrás de seus olhos.

— Mas…

— Mamãe teve um pensamento que eu gostaria de saber... Será que Olivia me deixaria trabalhar daqui? Porque eu não quero ir embora. Este... este é o nosso lugar, nosso lar. Não parece certo ir a outro lugar, não é?

Seus braços flexionaram em sua surpresa, trazendo-me para mais perto.

— Você acha que ela...

— Eu posso perguntar.

— E nós poderíamos ficar?

Eu balancei a cabeça.

— Nós poderíamos ficar. Mesmo que ela diga não, podemos ficar.

— Mas o seu negócio. Seu sonho.

— Os sonhos mudam. Agora eu sei que o que eu quero mais do que tudo é você.

— *Beije-a, idiota!* — Alguém que soava muito como Bettie disse de baixo.

Rimos na direção deles, depois na direção um do outro.

— Melhor não deixá-los esperando — disse ele contra meus lábios.

— Estive esperando o suficiente.

Seu sorriso bruxuleante desapareceu quando seus lábios se conectaram com os meus. Um sopro, e o que era um roçar de lábios tornou-se uma costura.

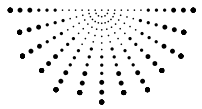
Eu não conseguia ouvir a alegria sobre a batida do meu coração, sobre a marca ardente que aquele beijo deixou em mim.

Mas ele não precisava de uma marca.

Eu tinha sido dele, sempre.

E eu sempre seria.

30
CAN'T HELP FALLING IN LOVE



SEBASTIAN

Os últimos dias pareciam uma festa sem fim.

A festa de despedida de Presley levou a uma grande festa no parque no dia seguinte – que só tinha sido atrapalhada um pouco por camisas amarelas – o que nos trouxe hoje, a festa de nonagésimo aniversário de Abuela.

Ela nos fez prometer não fazer uma festa surpresa para que ela pudesse ter uma chance em um aniversário de noventa e um anos.

No que me dizia respeito, a festa poderia continuar. Porque eu era o homem mais feliz na terra verde de Deus, e comemorar parecia a única coisa a fazer.

Presley e eu nos aconchegamos em um canto à margem da festa, onde ainda podíamos assistir Priscilla, mas não precisávamos conversar com ninguém de passagem. Preferimos conversar um com o outro.

— Eu ainda acho que o vitoriano com a varanda envolvente é o vencedor — eu disse.

— Eu sei, mas e se Sylvia não vender para nós? Ela é uma camisa amarela, e tenho certeza que ela sabe que somos azuis.

— Abuela disse que cuidaria disso.

Uma de suas sobrancelhas se ergueu.

— Eu deveria estar preocupado?

— Só com Sylvia. Ou Abuela tem algo com ela, ou ela vai subornar Sylvia com *carnitas*. De qualquer forma, se Abuela disser que está nisso, provavelmente podemos levar ao banco.

Ela riu, inclinando-se para mim enquanto observamos a festa.

— Você não acha que é muito cedo para morarmos juntos, certo?

— Eu estive esperando por você desde sempre, e não vou esperar mais um

dia. De qualquer forma, do jeito que eu vejo, nós pagamos nossas dívidas. Além disso, já dissemos a Cilla, e acho que ela não aceitará um não como resposta. Ela decidiu que vamos ficar juntos para sempre, então é isso. Está decretado.

— Ainda bem que temos ela para nos dizer o que fazer.

— É bom não ter que tomar decisões, não é?

— Se ao menos pudéssemos fazê-la pagar o aluguel. Leis estúpidas do trabalho infantil.

Eu ri, encontrando Priscilla no meio da multidão. Ela estava arrastando Daisy para falar com todos que quisessem ouvir sobre o tatu-bolinha que ela encontrou perto da morte em uma fenda de concreto do parque.

— Nós sempre poderíamos levá-la para a estrada. Ela é divertida, com certeza — disse Presley.

— Ela puxou a mãe dela.

— Eles vão sentir minha falta no Bettie's. Aggie e eu tivemos um pouco de *'Shake, Rattle, and Roll'* que estava realmente arrecadando dinheiro.

— Acho que você vai ter que guardá-la pro karaoke. — Caímos em um silêncio confortável e contemplativo por um momento, e minha mente vagou pelo verão agora minguante e todas as mudanças que ele trouxe. Chegando em casa. Ser pai. Encontrei meu caminho de volta para Presley. O eixo do meu mundo havia mudado, seu ponto central bem aqui em Lindenbach, onde minha família morava. *Minha* família. Minha filha. Minha Presley.

Algum dia, eu me casaria com essa garota. Algum dia em breve, eu esperava.

Os jornais ficaram furiosos com o escândalo de Goody's de Mitchell, mas só se voltaram contra ele por um segundo antes de ele ter seus ganchos de volta com o dinheiro do doador. A cidade agora estava tão profundamente dividida, que eu não sabia como nos reconciliarmos de volta. A mudança estava chegando, se era um novo prefeito ou um novo conselho da cidade, não sabíamos. Algumas pessoas sugeriram que eu me candidatasse a prefeito, mas não era onde eu queria estar. Eu queria minhas botas no chão, não em um escritório pressionando a legislação. Seria um trabalho mais adequado para Evan, embora ele tenha o mesmo olhar em seu rosto que eu imaginei sempre que alguém sugeria isso.

Todo mundo queria saber quem era o delator – quem havia se voltado contra Mitchell? Ele alegou que foi hackeado, mas eu sabia melhor.

Marnie tinha vindo ontem para entregar o presente de aniversário de Abuela, não querendo ser submetida à multidão na festa. Sentamos um pouco na varanda e ela me contou a verdade – foi ela quem encontrou os documentos e os entregou a uma de suas melhores amigas que trabalhava no jornal. Quando perguntei por que, ela disse que eu a convenci a questioná-lo. E quando o fez, não gostou do que descobriu. Mesmo assim, ela não achou que encontraria nada sobre ele, mas

quando o fez, ela percebeu que tinha uma chance de ajudar a salvar a cidade. Ela não queria ver isso falhar mais do que nós.

Ela também me disse que tinha aceitado um emprego em Austin, um que ela aceitou esta manhã.

Quando eu lhe desejei boa sorte, eu quis dizer isso.

A multidão ficou em silêncio, e pela porta dos fundos saiu minha mãe segurando um bolo de folha em chamas com o que definitivamente eram noventa velas nele. Ficamos parados enquanto todos convergiam em círculo ao redor de mamãe e Abuela enquanto a distância entre elas diminuía. E no rosto de Abuela estava o olhar de alegria pura, chapéu de papel rosa choque na cabeça e Priscilla no colo enquanto cem pessoas cantavam “Parabéns”.

Eu podia sentir Presley assistindo Priscilla, enviando acenos silenciosos de mamãe para nossa filha na esperança de que ela não fizesse algo louco como o olhar em seus olhos indicava que ela estava pensando.

Quando o canto cessou, Abuela disse a Priscilla:

— O que devemos desejar, *mija*?

— Uma irmãzinha!

Todos riram. Presley e eu acenamos quando todos olharam, incapazes de esconder o rubor ardente em nossos rostos.

— Ok, feche os olhos — disse Abuela. Priscila fez. — Pense mais. Você está pensando muito? — O rosto de Priscilla estava todo espremido quando ela assentiu. — Agora me ajude a apagá-las. Preparada?

Priscilla não esperou a contagem, apenas começou a soprar, o que envolveu mais saliva do que deveria e me deixou muito feliz por termos mais dois bolos na cozinha. Abuela acenou para todos entrarem, e aqueles de nós próximos a ela ajudaram a apagar o inferno.

— Nós deveríamos desejar também? — perguntou Presley.

— Eu não. — Virei-a um pouco para poder olhar para seu rosto. — Já tenho tudo o que sempre desejei.

Seus olhos estavam quentes como suas bochechas, mas ela me provocou de qualquer maneira. — Cafona.

— O que você desejou?

Ela deu de ombros, seu sorriso inclinado.

— Nada. Já tenho tudo o que sempre desejei.

Não havia nada a fazer além de beijá-la, e com aquele roçar de nossos lábios, o mundo encolheu para apenas nós dois. Tudo o que eu queria. Tudo que eu precisava.

Gritos e assobios estouraram a bolha, e olhamos para cima, atordoados e envergonhados.

— Parece que uma irmã mais nova pode estar vindo, afinal — alguém gritou da parte de trás, arrancando risadas da multidão.

Novamente acenamos e voltamos para o nosso lugar.

— Sinto muito — disse ela, e eu olhei para ela, confuso.

— Pelo que você está se desculpando?

— Temo que vamos conseguir muito disso. A coisa de criança. Nós ainda nem decidimos o que fazer com Cilla e o gene, não *importa* tudo isso.

— Já decidi. Sobre o gene, pelo menos.

Seu rosto girou para que ela pudesse me olhar nos olhos.

— Você decidiu?

Eu balancei a cabeça.

— Você me disse uma vez que deveria ser a escolha dela. Você ainda se sente daquele jeito?

— Sim.

— Você disse que ela deveria ser uma criança. Saber sobre isso mudaria as coisas. E mudaria. Eu dizia a mim mesmo que queria saber se ela estava segura, para que pudéssemos relaxar. Mas há um tiro de cinquenta e cinquenta que ela não tem. Eu não quero viver com medo e também não quero que ela viva. Descobrir sem a compreensão ou o consentimento dela não seria correto.

— Isso não te assusta?

— Isso me assusta pra caralho, Presley. Mas agora que estou aqui, eu... eu a amo Presley. Eu a amo tanto, e isso é mais forte do que qualquer coisa que eu tenha medo. Algum dia, quando ela tiver idade suficiente, diremos a ela e a deixaremos decidir. Até então, vamos operar sob a suposição de que ela está segura, e não o contrário.

Ela olhou para mim por um momento.

— Eu te amo. Você sabe disso?

— Quero dizer, eu tinha esperança.

Uma risada.

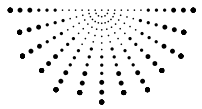
— Depois de todo esse tempo, finalmente estamos aqui.

— E é o único lugar que eu quero estar.

E eu dei um beijo nela para ter certeza que ela sabia o quanto eu quis dizer isso.

EPÍLOGO [BÔNUS]

POCKET FULL OF RAINBOWS



SEBASTIAN

As únicas luzes no quarto de Priscilla eram o abajur na mesa de cabeceira e o projetor de constelação que girava estrelas no teto.

Seu pequeno corpo estava dobrado ao meu lado quando terminei de ler o *Pete O Gato* pela terceira vez esta noite. Quando fiz menção de fechar o livro, ela enfiou a mão entre as páginas.

— De novo, por favor. — Não era uma pergunta.

— Desculpe, joaninha. A terceira vez é o charme.

Seus pés chutaram um pouco sob as cobertas, mas consegui tirar o livro do meu colo e colocá-lo em sua mesa de cabeceira.

— Você não quer dormir bem para sua festa de aniversário amanhã?

— Eu não preciso dormir, papai. Só bolo.

Eu ri.

— Quanto tempo você acha que pode sobreviver com bolo e sem dormir?

Seu rosto enrugou, seus olhos azuis olhando para o teto em pensamento.

— Provavelmente três anos.

— Sabe o que acontece quando você não dorme?

— O quê?

— Você fica louca. — Eu desenhei um círculo ao redor da minha orelha e balancei minha cabeça.

— Mamãe diz que eu já sou louca.

— Às vezes, ela também é.

Priscilla deu uma risadinha, a mudança de assunto me concedeu uma janela para ficar de pé e arrumar suas cobertas ao redor dela.

— Papai?

— Sim?

— Eu fiz muitos desejos em velas e estrelas para o meu presente de aniversário.

— Fez mesmo?

— Humm. Funciona? Desejos?

— Às vezes. — Ajoelhei-me ao lado da cama dela. — Eu desejei para você e mamãe.

— Você desejou velas e estrelas?

Eu balancei a cabeça, satisfazendo-a.

— Bom — disse ela com um sorriso satisfeito. Mas quando outro pensamento cruzou sua mente, seu sorriso virou de cabeça para baixo. — Mas eu não sei como embrulha um bebê.

Em meu choque, o riso saiu do meu nariz por meio de um bufo.

— Eu não acho que é assim que você consegue um bebê.

— Não, os bebês vêm quando o esperma do papai nada até o óvulo da mamãe e...

— Movimenta-se por dentro. Sim, eu me lembro. E onde o bebê cresce?

— Na barriga da mamãe — ela respondeu estudiosamente.

— Certo. Então de onde viria o bebê se não crescesse na barriga da mamãe?

Isso a deixou perplexa.

— Leva muito tempo para crescer um bebê — eu notei. — E como mamãe não tem um na barriga, ela pode não ter um para você amanhã à tarde.

Ela fez beicinho.

Eu sorri.

— O que você quer com um bebê, afinal?

— Bem — ela começou, animando-se. — Posso ajudar a trocar a fralda e empurrar o carrinho. Quando o bebê está triste, eu posso dançar e fazê-lo rir — Ela fez uma pausa para uma pausa dançante — Assim, e eu posso segurar a mamadeira para alimentá-lo.

— Você pensou muito nisso.

Ela assentiu.

— Eu *realmente* quero um, papai. Eu posso ajudar! — ela disse como uma criança pedindo um cachorro por meio da promessa de alimentá-lo e passear com ele.

— Eu posso ver.

— Então eu posso ter um?

Porque a esperança em seu rosto me deu um soco no estômago, eu nunca saberia. Eu pensei muito sobre o assunto ao longo do ano passado quando mergulhei de cabeça na montanha-russa de ser pai.

Tínhamos feito tanto – compramos a casinha amarela no centro da cidade, Presley começou seu próprio negócio, eu estava ajudando a organizar a cidade em um esforço para dar nova vida à nossa rua principal e impedir que Mitchell nos derrubasse em sua tentativa equivocada de nos salvar.

Mas a maior parte dos meus dias era dedicada a ser pai e parceiro, e eu poderia dizer com absoluta certeza que nunca fui tão feliz. Na verdade, eu considerei muitas coisas, incluindo o pedido de Priscilla.

Um ano atrás, eu teria negado sem ter que pensar nisso. Mas depois de um ano vendo minha filha crescer, depois que as raízes de nossa família afundaram na terra para se emaranhar... bem, agora não era tão fácil e limpo. Porque a alegria da minha filha valia o medo de perdê-la. Quando imaginei uma vida sem ela, a vida que imaginei era cinza e sem âncora. E eu estaria disposto a apostar que, se tivesse a escolha, Priscilla optaria por isso em vez da alternativa.

Eu já tinha perdido muito de sua vida. Eu perdi essa experiência com Presley, e eu queria experimentar tudo com ela. Eu tinha lutado ao longo do último ano com a picada egoísta do pensamento. Fui irresponsável em agir de acordo com o desejo? Dadas as estatísticas, uma das duas crianças teria o gene. Isso não significava que elas ficariam doentes, mas o risco era substancial o suficiente para me segurar.

Mas tempos como estes, eu queria ser egoísta. Eu queria alegria.

Minha mãe tinha muito a dizer sobre o assunto – ela acreditava, sem dúvida, que *se* meu filho crescesse e ficasse doente, ele ficaria bem – e Presley colocou a bola no meu campo completamente. Sem surpresa, ela não me disse o que queria, o que eu aprendi significava que ela queria o que eu queria.

A postura de Priscilla era amplamente conhecida.

— Que tal você ir para a cama e eu mantenho-a informada? — eu disse com um sorriso, inclinando-me para beijar sua testa.

Ela suspirou.

— Vou pedir às minhas velas de novo.

— Boa decisão. — Desliguei a luz dela. — Durma bem, joaninha.

— Te amo papai.

— Também te amo, querida.

Saí do quarto dela, acenando do batente da porta, embora não pudesse vê-la, sabendo que ela podia ver minha sombra. E quando a porta dela se fechou com um estalo, eu caminhei pelo corredor até o nosso quarto.

Presley estava apoiada na cama com um livro no colo, o cabelo em um coque selvagem e preto no topo da cabeça. Ela olhou para cima com um sorriso quando entrei no quarto e fechei a porta atrás de mim.

— Quantas vezes ela fez você ler o livro esta noite?

— Eu parei na terceira.

— Estou impressionada.

Estendi a mão por cima do ombro para pegar um punhado de camiseta e puxá-lo.

— O que posso dizer. Eu sou um profissional. — Joguei minha camisa na cadeira ao lado da cama e subi para me deitar diagonalmente de bruços para que eu pudesse vê-la. — Ela pediu um bebê de novo — eu disse enquanto Presley arrumava meu cabelo com a ponta dos dedos.

— Aquela garota.

— Disse que queria um. Me perguntou como você pode embrulhar um para o aniversário dela.

A boca de Presley se abriu pouco antes dela rir.

— Bem, isso é novo.

— Eu estava pensando em comprar um para ela.

Presley congelou seu rosto imóvel em uma expressão ilegível.

— Tem algum traficante do mercado clandestino que eu não conheço?

— Eu conheço um cara — eu disse com um sorriso.

— Você quer adotar? — ela perguntou cautelosamente.

— Poderíamos, mas eu estava pensando mais em fazer à moda antiga.

Sua boca se abriu como se fosse falar, depois fechou novamente.

Peguei sua mão, observando-a enquanto brincava com seus dedos.

— Priscilla sempre será suficiente, não quero dizer que preciso de mais. Esta vida, nossa vida, me fez completo de uma maneira que nada mais fez. Estou viciada em amar você e Priscilla, e quero mais. Isso me torna egoísta?

Uma pausa.

— Se isso acontecer, eu também sou egoísta.

Quando olhei para cima, nossos olhos se encontraram.

— E quanto ao gene?

— Não quero perder a chance porque tenho medo. Uma em cada duas pessoas será diagnosticada com câncer, com gene ou sem gene. Já estamos trabalhando com essas probabilidades. Estou começando a descobrir que podemos fazer o que quisermos. Então, o que você diz, Presley? Quer ter um bebê?

Suas bochechas estavam manchadas de cor, seus olhos brilhavam de emoção. Mas ela disse com um sorriso:

— Puxa, imaginei que você pelo menos faria de mim uma mulher honesta.

Com um sorriso malicioso no rosto, rolei para fora da cama, caminhando para a gaveta da cômoda onde a pequena caixa de veludo estava escondida atrás das minhas meias de Natal.

O olhar em seu rosto quando ela viu o que estava na minha mão foi impagável.

— Ainda bem que você mencionou — eu disse enquanto caminhava para o lado dela da cama. Quando me ajoelhei, ela colocou a mão sobre a boca rápido o suficiente para tirar mechas de cabelo do rosto.

A caixa se abriu com um rangido, exibindo o anel de noivado de diamante mais graúdo que a Vicky's Jewellers carregava, no corte que ela gostava.

— Você me fez um pai. Você me fez mais feliz do que eu tenho o direito de ser. Você me fez um homem melhor, e eu vou te amar até meu último suspiro. Case-se comigo, Presley, e eu...

Ela se moveu rápido demais para rastrear – ela não era nada mais do que um borrão de cobertas voando e uma faixa de braços enquanto ela quase caiu da cama e em meus braços, dizendo *sim* repetidamente.

Eu mal mantive meu equilíbrio o suficiente para cair de bunda com Presley no meu colo. Embora eu não pudesse ver nada, por causa de todos os beijos.

Eu me afastei, rindo.

— Você não me deixou terminar.

— Não precisa. A resposta será sim, não importa o que você diga.

— Para o bebê ou o anel?

Ela sorriu para mim.

— Ambos.

Achei que conhecia a felicidade, pensei que entendia a alegria. Mas até aquele momento, sabendo que ela seria minha até que estivéssemos velhos e grisalhos, eu não tinha entendido.

Porque eu tinha tudo, desde que tivesse ela.

E não havia nada no mundo que pudesse me fazer tão feliz.

SOBRE A AUTORA

Staci foi muitas coisas até agora em sua vida: designer gráfica, empresária, costureira, designer de roupas e bolsas, garçonete. Não se pode esquecer disso. Ela também é mãe de três meninas que certamente crescerão para quebrar vários corações. Ela tem sido uma esposa, embora certamente não seja a mais limpa ou a melhor cozinheira. Ela também é super, super divertida em festas, especialmente se ela estiver bebendo uísque, e sua palavra favorita começa com f, e termina com k.

Das raízes em Houston a um período de sete anos no sul da Califórnia, Staci e sua família acabaram se estabelecendo em algum lugar no meio e igualmente ao norte de Denver. Quando ela não está escrevendo, ela está lendo, jogando ou desenhando gráficos.